



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO  
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA**

**HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE  
DE ENFERMEIRAS PROFESSORAS**

**TERESINA  
2019**

**ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA**

**HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE  
ENFERMEIRAS PROFESSORAS**

**Tese de doutorado submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do título de doutorado em Educação.**

**Orientadora: Dra. Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro**

**TERESINA  
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processos Técnicos

S586h Silva, Anneth Cardoso Basílio da.  
Histórias de vida, formação profissional e identidade de  
enfermeiras professoras / Anneth Cardoso Basílio da Silva. -- 2019.  
226 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de  
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Teresina, 2019.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Borges Ferro.”

1. Enfermagem - Estudo e ensino - História. 2. Memórias.  
3. Enfermeiras - Identidade. I. Ferro, Maria do Amparo Borges.  
II. Título.

CDD 610.730 798 122

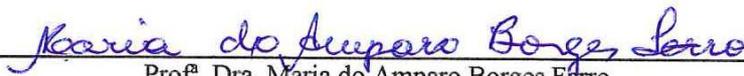
ANNETH CARDOSO BASÍLIO DA SILVA

HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E  
IDENTIDADE DE ENFERMEIRAS PROFESSORAS

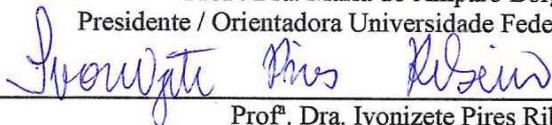
Tese de doutorado submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do título de doutorado em Educação.

Data: 17/10/2019

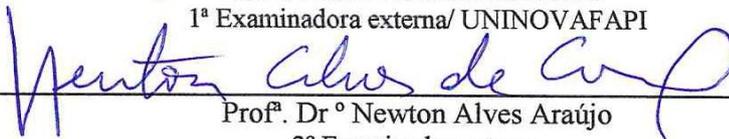
**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

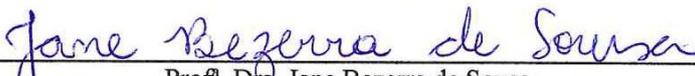
Presidente / Orientadora Universidade Federal do Piauí- UFPI

  
Prof.ª. Dra. Ivonizete Pires Ribeiro

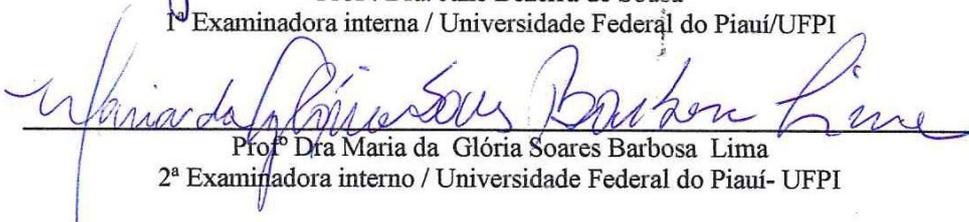
1ª Examinadora externa/ UNINOVAFAPÍ

  
Prof.ª. Dr.º Newton Alves Araújo

2º Examinador externo

  
Prof.ª. Dra. Jane Bezerra de Sousa

1ª Examinadora interna / Universidade Federal do Piauí/UFPI

  
Prof.ª. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima

2ª Examinadora interno / Universidade Federal do Piauí- UFPI

Prof.ª. Dr.ª Maria Antonieta Rubio Tyrrell

1º Membro Suplente / Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Prof.ª. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti

2º Membro Suplente/ Universidade Federal do Piauí- UFPI

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a interpretação de histórias de vida, formação profissional e identidade de enfermeiras professoras e visa a preservação da história e da memória do Ensino de Enfermagem no Piauí. Partimos da tese de que a constituição da identidade profissional da enfermeira docente encontra-se em permanente construção pois está influenciada político, social e culturalmente e decorre das influências geradas por suas histórias de vida, formação universitária e experiências profissionais. Foi possível constatar o papel político, social e pedagógico da influência da Escola de Enfermagem Anna Nery no desenvolvimento do Ensino da Enfermagem Piauiense formando as pioneiras que herdaram seus ritos corroborando para a construção identitária profissional. Trata-se de uma pesquisa de natureza histórica, social, documental, bibliográfica, descritivo-interpretativa apresenta uma abordagem qualitativa e está fundamentada teórico-metodologicamente na História Cultural em autores como Le Goff(2003), Burke ( 1991),Chartier (1994), Pesavento ( 2008); Histórias de vida com Nóvoa (2000) e Michel de Certeau(2000/2002). A base epistemológica dos estudos de memória e história oral encontra-se ancorada em Maurice Halbwachs( 1990), Paul Thompson (1992), Bom Meihy ( 1998). Tem por base obras que abordam a identidade profissional como Dubar (2005), Hall ( 2004), Barthes ( 2005) e a cultura material escolar como Julia ( 2001 ) e Frago ( 1995) . A História da Enfermagem tem sustentáculo em obras como Oguisso (2005), Teixeira (2006), Barreira (1997). Utilizamos também os escritores clássicos da História da Educação Brasileira como Saviani( 2000/2005), assim como obras que contribuem com a formação docente como Morin (2003/2010), Tardif ( 2014), Freire (1970/1974/2011), Zeichner (1987), Giroux (1997), Sacristán (2000), Pimenta (2000), Berhens (2010) assim como as produções historiográficas locais de autores como Ferro (1996) Ramos(2003),Nogueira (1996),Nunes(1998/ 2004). Somadas às fontes bibliográficas, foram utilizadas fontes documentais e iconográficas, além de entrevistas semi-estruturadas. As interlocutoras investigadas foram quinze enfermeiras; seis enfermeiras que cursaram enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery e nove enfermeiras professoras que foram precursoras e atuaram inicialmente no ensino superior no âmbito público. O marco temporal da pesquisa que tem por base a interpretação de histórias de vida, inicia-se em 1949 com a aprovação de piauienses na Escola de Enfermagem Anna Nery e finaliza em 1980 com a formatura de enfermeiras pela Universidade Federal do Piauí que contribuíram para o ensino superior de enfermagem no Estado. A história oral enfatiza a importância do registro e da análise da documentação obtida por depoimentos e testemunhos, dando vazão a diversidades de interpretações próprias, revelando fatos contemporâneos que podem ser elucidados por personagens ainda presentes em nosso convívio. A abordagem da cultura material escolar faz-se através do conhecimento das instituições educacionais a partir de dentro de suas formas de organização e das ações realizadas pelos envolvidos. A identidade profissional da enfermagem docente é um processo histórico, complexo, multidimensional, coletivo constituindo-se de elementos da trajetória biográfica assim como das relações sociais e profissionais originadas no processo de formação. A interpretação da história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições e a contribuição profissional de enfermeiras professoras para a Enfermagem Brasileira, a análise da implantação da enfermagem moderna e a evolução do seu ensino no Piauí , a contribuição das enfermeiras professoras precursoras do ensino superior público de enfermagem assim como a constituição das suas identidades profissionais são construtos indispensáveis para a interpretação da história da profissão e do ensino de enfermagem.

**Descritores:** História e Memória do Ensino de Enfermagem. História de vida e formação. Identidade profissional.

## ABSTRACT

This research aims to interpret life stories, professional education and identity of nurse teachers and aims at preserving the history and memory of Nursing Education in Piauí. We start from the thesis that the constitution of the professional identity of the nurse teacher is under permanent construction because it is influenced politically, socially and culturally and stems from the influences generated by her life stories, university education and professional experiences. This is a research of historical, social, documentary, bibliographic, descriptive-interpretative nature that presents a qualitative approach and is based theoretically-methodologically on Cultural History in authors such as Le Goff (2003), Burke (1991), Chartier (1994), Pesavento (2008); Life stories with Nóvoa (2000) and Michel de Certeau (2000/2002). The epistemological basis of memorial studies and oral history is anchored in Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (1992), Bom Meihy (1998). It is based on works that address professional identity such as Dubar (2005), Hall (2004), Barthes (2005) and school material culture such as Julia (2001) and Frago (1995). The History of Nursing is supported by works such as Oguisso (2005), Teixeira (2006), Barreira (1997). We also include classic writers of the History of Brazilian Education such as Saviani (2000/2005), as well as works that contribute to teacher training such as Morin (2003/2010), Tardif (2014), Freire (1970/1974/2011), Zeichner (1987), Giroux (1997), Sacristán (2000), Pimenta (2000), Berhens (2010) as well as local historiographical productions of authors such as Ferro (1996) Ramos(2003),Nogueira (1996),Nunes(1998/ 2004). In addition to the bibliographic sources, documentary and iconographic sources were used, in addition to semi-structured interviews. The interlocutors investigated were fifteen nurses; six nurses who attended the Anna Nery School of Nursing and nine nurse teachers who were precursors and initially worked in higher education in the public universities. The time frame of the research based on the interpretation of life stories began in 1949 with the approval of Piauienses in the Anna Nery School of Nursing and ended in 1980 with the graduation of nurses from the Federal University of Piauí who contributed to the higher education of nursing in the State. The oral history emphasizes the importance of recording and analyzing the documentation obtained by statements and testimonies, giving rise to diversity of interpretations, revealing contemporary facts that can be elucidated by characters still present in our conviviality. The material school culture is made through the knowledge of educational institutions from within their forms of organization and the actions performed by those involved. The professional identity of teaching nursing is a historical, complex, multidimensional, collective process consisting of elements of the biographical trajectory as well as of the social and professional relationships originated in the training process. The interpretation of the history of nursing education in the first institutions and the professional contribution of nurse teachers to Brazilian Nursing, the analysis of the implementation of modern nursing and the evolution of its teaching in Piauí, the contribution of nurse teachers as precursors of public higher education as well as the constitution of their professional identity are indispensable constructs for the interpretation of the history of the profession and nursing education.

Descriptors: History and Memory of Nursing Education. Life History and training. Professional Identity.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo interpretar las historias de vida, la educación laboral y la identidad de las enfermeras docentes a fin de preservar la historia y la memoria de la Educación de Enfermería en Piauí. De conformidad con la tesis que la identidad profesional de la enfermeira docente está en permanente construcción porque se encuentra abarcada políticamente, socialmente y culturalmente y deriva de las influencias generadas por sus historias de vida, educación universitaria y experiencias laborales. Se trata de un estudio histórico, social, documental, bibliográfico, descriptivo-interpretativo que presenta un enfoque cualitativo y se basa teórico y metodológicamente en Historia Cultural de los autores Le Goff (2003), Burke (1991), Chartier (1994), Pesavento (2008); Historias de vida con Nóvoa (2000) y Michel de Certeau (2000/2002). El seguimiento epistemológico de los estudios de memoria e historia oral están ancladas en Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (1992), Bom Meihy (1998). Se basa en trabajos que abordan la identidad laboral como Dubar (2005), Hall (2004), Barthes (2005) y la cultura del material escolar como Julia (2001) y Frago (1995). La historia de la enfermería está respaldada por obras como Oguisso (2005), Teixeira (2006) y Barreira (1997). Además, utilizamos los escritores clásicos de la Historia de la Educación Brasileña como Saviani (2000/2005), así como trabajos que contribuyen a la formación del profesorado como Morin (2003/2010), Tardif (2014), Freire (1970/1974/2011), Zeichner (1987), Giroux (1997), Sacristán (2000), Pimenta (2000), Berhens (2010), así como las producciones historiográficas locales de autores como Ferro (1996), Ramos (2003), Nogueira (1996) y Nunes (1998/2004). Además de las fuentes bibliográficas se utilizaron fuentes documentales e iconográficas, a través de guiones semiestructurados. Los interlocutores investigados suman quince enfermeras que estudiaron a enfermería en la Escuela de Enfermería Anna Nery y nueve enfermeiras maestras que fueron pioneras en el trabajo en educación superior en la esfera pública. La delimitación del estudio basado en la interpretación de historias de vida empieza en 1949 con la aprobación de piauienses en la Escuela de Enfermería Anna Nery y termina en 1980 con la graduación de enfermeras de la Universidad Federal de Piauí que contribuyeron para la enseñanza de enfermería en Piauí. La historia oral enfatiza la importancia de registrar y analizar la documentación obtenida a través de testigos, dando lugar a diferentes interpretaciones, revelando hechos contemporáneos que pueden ser aclarados por personajes aún presentes en nuestro cotidiano. La cultura material escolar se realiza a través del conocimiento de las instituciones educativas dentro de sus formas de organización y las acciones realizadas por los involucrados. La identidad profesional de la enseñanza de enfermería es un proceso histórico, complejo, multidimensional y colectivo, lleno de elementos de la trayectoria biográfica, así como de las relaciones sociales y profesionales originadas en el proceso de formación. La interpretación de la historia de la educación en enfermería en las primeras instituciones y la contribución profesional de las enfermeras docentes a la Enfermería brasileña, el análisis de la implementación de la enfermería moderna y la evolución de su enseñanza en Piauí, la contribución de las enfermeras pioneras de la enseñanza superior pública de la enfermería, así como la constitución de su identidad profesional, son constructos indispensables para la interpretación de la historia de la profesión y de la educación en enfermería.

**Descriptor:** Historia y Memoria de la Educación en Enfermería, Historia de vida y formación. Identidad profesional.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>SEÇÃO I</b>	
<b>O ENSINO DE ENFERMAGEM NAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS E AS PROFESSORAS PRECURSORAS. .....</b>	<b>22</b>
1.1 Enfermagem Brasileira: Evolução do Ensino.....	22
1.2 O ensino da Enfermagem Moderna no Piauí: Escola de Enfermagem Anna Nery.....	28
1.3 Escola de Enfermagem Anna Nery: Formando a Enfermagem Piauiense .....	35
<b>SEÇÃO II</b>	
<b>INSERÇÃO, DESENVOLTURA E CONSOLIDAÇÃO DA ENFERMAGEM MODERNA NO PIAUÍ.....</b>	<b>104</b>
2.1 Evolução do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil: Avanços e desafios .....	104
2.2 Instituições Hospitalares Pioneiras no Piauí: Progressos e Retrocessos.....	106
2.3 O ensino da Enfermagem Moderna no Piauí: Desafios na implantação e singularidades na formação .....	110
2.4 Do ideário à criação: Instituições Públicas de Ensino Superior de Enfermagem no Piauí. ....	116
<b>SEÇÃO III</b>	
<b>HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS PROFESSORAS DE ENSINO SUPERIOR NO ÂMBITO PÚBLICO .....</b>	<b>123</b>
3.1 O Ensino e o impacto da globalização e da modernização .....	123
3.2 Da Enfermagem Piauiense emergem professoras precursoras .....	126
<b>SEÇÃO IV</b>	
<b>A CONSTITUIÇÃO DO ENFERMEIRO DOCENTE: IDENTIDADE PROFISSIONAL .....</b>	<b>193</b>
4.1 Memórias de família: Reminiscências e vozes marcantes .....	196
4.2 Influências formativas: Memórias e histórias escolares .....	198
4.3 Construção do ser professor: Um diálogo com a formação pedagógica .....	201
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>210</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>226</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>237</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### SEÇÃO I

#### FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA SAVINA MARQUES DE SOUZA

Figura 01 Turma pioneira da Escola de Enfermagem Anna Nery.....	30
Figura 02 Escola de Enfermagem Anna Nery. ....	36
Figura 03 Savina Marques em sua primeira eucaristia .....	38
Figura 04 Formatura de Savina Marques na Escola Normal. ....	40
Figura 05 Savina Marques em estudos para a seleção Anna Nery .....	41
Figura 06 Turma Anna Nery em curso preliminar.....	44
Figura 07 Savina Marques em estágio na Maternidade de Laranjeiras .....	47
Figura 08 Alunas da Anna Nery nas escadarias.....	49
Figura 09 Turma Anna Nery em 1949.....	49
Figura 10 Savina Marques em Congresso em Petrópolis .....	50
Figura 11 Savina Marques professora de Enfermagem em Parnaíba.....	51
Figura 12 Capa da partitura do Hino Ana Nery .....	53
Figura 13 Fotografia da partitura do Hino das Enfermeiras.....	53

#### FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA VIEIRA DE MORAES

Figura 14 Insígnias da Escola de Enfermagem Anna Nery .....	57
Figura 15 Solenidade de formatura com a entrega do broche .....	58
Figura 16 Professora Piauiense Vilma de Carvalho na EEAN. ....	59
Figura 17 Recebimento do diploma por Maria Vieira.....	60
Figura 18 Formatura de Maria Thereza Cortelazzi .....	61
Figura 19 Diploma de formatura da EEAN.....	61
Figura 20 Comemoração da Formatura: Maria Vieira com amigos.....	62
Figura 21 Enfermeira Maria Vieira graduada.....	62
Figura 22 Congresso em Curitiba de tuberculose .....	64
Figura 23 Congresso na Venezuela.....	65

#### FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES

Figura 24 Enfermeira Maria da Conceição Santos em sua formatura/ EEAN .....	67
Figura 25 Recebimento do broche. ....	68
Figura 26 Formatura EEAN no salão nacional de música .....	69
Figura 27 Formanda com traje de gala no salão de honras .....	70
Figura 28 Missa de formatura na Santa Sé.....	71
Figura 29 Aluna da EEAN na frente da praia de Botafogo.....	71
Figura 30 Turma de Enfermagem –EEAN em 1972.....	72

#### FOTOS CEDIDA PELA ENFERMEIRA LÍGIA SEPÚLVEDA E ALMENDRA

Figura 31 Família dos avós paternos de Lígia Almendra .....	73
Figura 32 Aluna Dinalva Almendra na EEAN.....	75
Figura 33 Formatura de Enfermagem em 1963 Dinalva Almendra.....	76
Figura 34 A normalista Lígia .....	77
Figura 35 Prédio da EEAN.....	79
Figura 36 Salão de festas/honras da EEAN. ....	80
Figura 37 Biblioteca da EEAN.....	81
Figura 38 Escadaria de Mármore da EEAN.....	83
Figura 39 Cerimônia do recebimento da touca de Lígia Almendra .....	84
Figura 40 Convite de formatura de 1973 .....	86
Figura 41 Formatura de Lígia Almendra. ....	87
Figura 42 Concludentes Anna Nery .....	88
Figura 43 Formatura de Lígia Almendra na UNATI .....	89
Figura 44 Formatura de Maria de Fátima Emérito EEAN.....	90

#### FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA HELENA BARROS LUZ

Figura 45 Solenidade de formatura na Escola Anna Nery .....	93
Figura 46 Formatura de Enfermagem Anna Nery de Maria Helena Luz .....	94

Figura 47 Maria Helena luz em sua formatura .....	95
Figura 48 Evento de formatura: símbolo da lâmpada .....	96
Figura 49 Evento do Conselho Federal de Enfermagem .....	100
Figura 50 Plenário do Conselho Federal de Enfermagem.....	101
Figura 51 Solenidade dos cem anos do Hospital Alfredo Pinto.....	102
<b>SEÇÃO II</b>	
Figura 52 Enfermeira Haydee Guanaes.....	112
Figura 53 Hospital Getúlio Vargas .....	113
Figura 54 Primeira Turma de Enfermagem da UFPI .....	117
Figura 55 Faculdade de Ciências Médicas – FACIME.....	120
Figura 56 Primeira turma formada pela UESPI /FACIME em 2013.....	121
<b>SEÇÃO III</b>	
<b>FOTO CEDIDA PELA ENFERMEIRA AMÉLIA COSTA</b>	
Figura 57 Enfermeira Amélia Costa na solenidade de sua formatura. ....	128
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA CÉLIA COSTA FERREIRA</b>	
Figura 58 Célia Ferreira em evento no SENAC .....	134
Figura 59 Professora Cleonice Ribeiro e alunas .....	136
Figura 60 Isabel Dantas, piauiense, lecionando na EEAN .....	137
Figura 61 Solenidade de Formatura na Escola Nacional de Música .....	138
Figura 62 Solenidade de Formatura /Juramento .....	139
Figura 63 Ritual da cerimônia da lâmpada .....	140
Figura 64 Célia com as professoras da EEAN.....	141
Figura 65 Formatura na EEAN em 1968 .....	141
Figura 67 Célia com amigas graduandas .....	142
Figura 68 A graduanda com traje de gala .....	142
Figura 69 Homenagem do COREN a Célia Costa Ferreira .....	144
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA TRINDADE LEITE</b>	
Figura 70 A primeira turma de Enfermagem formada pela UFPI.....	148
Figura 71 Festa de formatura do curso de Enfermagem.....	148
Figura 72 Encontro da turma vinte e cinco anos depois.....	149
Figura 73 Trindade Leite com Dr. Noé Mendes .....	150
Figura 74 Trindade Leite com a coordenadora de enfermagem Maria José Moraes .....	154
<b>FOTO CEDIDA PELA ENFERMEIRA MARIA JOSÉ MORAES</b>	
Figura 75 Maria José Moraes .....	155
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA DE FÁTIMA SAMPAIO</b>	
Figura 76 Escola de Enfermagem de nível Médio Maria Antoinette Blanchot .....	158
Figura 77 Professora Fátima Sampaio com alunos no Colégio Dom Severino.....	159
Figura 78 Acadêmica Fátima Sampaio no laboratório de parasitologia.....	161
Figura 79 Enfermeira Fátima em missa de formatura com a família .....	162
Figura 80 Convite de Enfermagem -FUFPI.....	163
Figura 81 Convite de Enfermagem- Graduandas.-FUFPI em 1980 .....	164
Figura 82 Enfermeira Fátima em Congresso de Psiquiatria.....	165
Figura 83 Docentes de Enfermagem em formatura – UFPI.....	166
Figura 84 Fátima Sampaio com docentes UFPI .....	168
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA FILOMENA ETELVINA NOGUEIRA</b>	
Figura 85 Professora Filomena com a docente da Escola paulista Ruth Elizabeth .....	171
Figura 86 Professora Filomena e sua equipe de mestrado na Escola Paulista .....	172
Figura 87 Professora Maria Aparecida antes de sua formatura .....	176
<b>FOTOS CEDIDAS PELA PESQUISADORA ANNETH CARDOSO BASÍLIO</b>	
Figura 88 Anneth Cardoso Basílio recebendo o diploma com o pai Armando Basílio .....	177
Figura 89 Anneth Cardoso Basílio em baile de formatura.....	178
Figura 90 Anneth Basilio e graduandas em Formatura de Enfermagem em 1985 .....	178
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA DE FÁTIMA FRANCO</b>	
Figura 91 Enfermeira Fátima Franco em almoço de formatura .....	180
Figura 92 Festa de formatura- Jantar .....	181

<b>Figura 93</b>	<b>Recebimento de Medalha/prêmio.....</b>	<b>183</b>
<b>Figura 94</b>	<b>Professora Fátima Franco em Congresso em Brasília.....</b>	<b>184</b>
<b>FOTOS CEDIDAS PELA ENFERMEIRA MARIA DO AMPARO BARBOSA</b>		
<b>Figura 95</b>	<b>Maria do Amparo Barbosa em sua primeira Eucaristia.....</b>	<b>185</b>
<b>Figura 96</b>	<b>Primário na Escola das Missionarias Capuchinhas .....</b>	<b>186</b>
<b>Figura 97</b>	<b>Concludentes de 1955 do Colégio Sagrado Coração de Jesus.....</b>	<b>187</b>
<b>Figura 98</b>	<b>Recebimento do diploma de Enfermagem da Escola São Francisco .....</b>	<b>188</b>
<b>Figura 99</b>	<b>Professora Maria do Amparo Barbosa em Congresso em Salvador .....</b>	<b>190</b>
<b>Figura 100</b>	<b>Missa de formatura da Enfermeira Maria do Amparo Barbosa .....</b>	<b>191</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de inserção e evolução da assistência e do ensino de Enfermagem, assim como a sua estruturação, caracterizam a essência e a relevância desta profissão. A desenvoltura das práticas de saúde encontra-se articulada aos aspectos sociais dos diferentes lugares, em épocas diversas. No paradigma da construção do conhecimento destacamos uma forte tendência no contexto educacional de superação da prática reprodutora por uma prática educativa embasada na produção do conhecimento com uma visão holística, sistêmica e reflexiva. O desafio historiográfico é aberto, abrangente, flexível e fascinante.

No contexto atual, a formação docente é caracterizada pela sua importância na ambiência da produção de saberes e aprendizagens e é determinada histórica, política, social e economicamente, assim como pela evolução epistemológica. Partimos da tese de que a constituição da identidade profissional da enfermeira docente encontra-se em permanente construção pois está influenciada político, social e cultural e decorre das influências geradas por suas histórias de vida, formação universitária e experiências profissionais.

Esta pesquisa propõe-se a contribuir para a ampliação do conhecimento acadêmico através da história de vida, formação profissional e identidade da enfermagem docente, na ambiência da história do ensino de enfermagem e para a interpretação do passado educacional, assim como dar ênfase à memória cidadã haja vista o alcance social do mesmo. As leituras assíduas e reflexivas acerca da história do ensino de enfermagem assim como as reflexões sobre a evolução das instituições e o ensino médio e superior de enfermagem no Piauí desenvolvidas no curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal perspectivou desvelar a história e a memória do ensino de enfermagem e os significados atribuídos pelos enfermeiros professores à atividade profissional.

O tipo de pesquisa é de natureza histórica, social, documental, bibliográfica, descritivo-interpretativa e tem uma abordagem qualitativa pois a intenção foi ir ao encontro das professoras enfermeiras para a oportuna interpretação de suas histórias de vida e formação profissional. O trabalho está fundamentado teórico-metodologicamente na História Cultural em autores como Le Goff(2003), Burke (1991), Chartier (1994), Pesavento (2008); Histórias de vida com Nóvoa (2000) e Michel de Certeau(2000/2002). A base epistemológica dos estudos de memória e história oral encontra-se ancorada em Maurice Halbwachs(1990), Paul Thompson (1992), Bom Meihy (1996/1998). Tem por base obras que abordam a identidade profissional como Dubar(2005), Hall (2004), Barthes (2005) e a cultura material escolar

como Julia ( 2001 ) e Frago ( 1995) . A História da Enfermagem tem sustentáculo em obras como Oguisso (2005), Teixeira (2006), Barreira (1997). Utilizamos também os escritores clássicos da História da Educação Brasileira como Saviani (2000/2005), assim como obras que contribuem com a formação docente como Morin (2003/2010), Tardif ( 2014), Freire (1970/1974/2011), Zeichner (1987), Giroux (1997), Sacristán (2000), Pimenta (2000), Berhens (2010) assim como as produções historiográficas locais de autores como Ferro (1996) Ramos(2003),Nogueira (1996),Nunes(1998/ 2004). Somadas às fontes bibliográficas, foram utilizadas fontes documentais e iconográficas, além de entrevistas, coletadas por meio de entrevistas semi-estruturadas. As interlocutoras investigadas foram quinze enfermeiras; seis enfermeiras que cursaram enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery e nove enfermeiras professoras que foram precursoras e atuaram inicialmente no ensino superior no âmbito público. O marco temporal da pesquisa que tem por base a interpretação de histórias de vida, inicia-se em 1949 com a aprovação de piauienses para cursar a Escola de Enfermagem Anna Nery e finaliza em 1980 com a formatura de enfermeiras pela Universidade Federal do Piauí que contribuíram para o ensino superior de enfermagem no Estado. Pela importância dos recuos e avanços no tempo para a compreensão da inserção da história do ensino de enfermagem no Brasil retomamos ao ano de 1923 com o estabelecimento do Decreto nº16. 300 de 31 de dezembro que criou oficialmente a Escola Ana Néri -então Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública- já inaugurada em 19 de fevereiro do mesmo ano, com 15 alunas internas.

A Escola Anna Nery (EEAN) foi um marco fundamental na Enfermagem Brasileira. A profissão de enfermagem passa a ter um reconhecimento importante caracterizando o valor e a essência da Enfermagem profissional ou Enfermagem moderna sendo organizada por parâmetros próprios produzindo e sistematizando os conhecimentos necessários para as suas atividades práticas e estabelecendo as normas que regulam o seu exercício profissional.

As relações da EEAN com a identidade profissional e social da enfermagem brasileira foram sustentadas em pesquisas trataram de sua criação, implantação e desenvoltura, tanto que profissionais por ela formados ganharam o codinome de Enfermeiras PAN – Padrão Anna Nery, referência que se perpetua atualmente como herança histórica da forte identidade de profissionais formados pela Instituição.

A identidade profissional da enfermagem docente é um processo histórico, complexo, multidimensional, coletivo constituindo-se de elementos da trajetória biográfica assim como das relações sociais e profissionais originadas no processo de formação. Segundo Dubar (2005) a construção das identidades é um processo sempre em desenvolvimento e mutável, as instituições de ensino são locus desta construção que sofre múltiplas influências.

A cultura material escolar faz-se através do conhecimento das instituições educacionais a partir de dentro de suas formas de organização e das ações realizadas pelos envolvidos.

A cultura escolar é um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas, uma vez que, no interior delas, são produzidas maneiras de pensar e agir que propiciam aos envolvidos nas práticas escolares estratégias para desenvolvimento tanto nas aulas como fora delas, atitudes, modos de vida e pensar, materialidade física, hábitos, objetos e ritos escolares. (FRAGO, 2000, p. 23)

Os trabalhos de investigação na área da cultura material escolar caracterizam-se pelo enfoque interdisciplinar e complexo com realce ao esforço de interpretação historiográfica, antropológica, sociológica pois que na ambiência das Instituições educativas:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente e com pleno conhecimento de causa. O documento que tinha o significado de prova para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, passa a ser considerado monumento quando utilizado pelo historiador uma vez que representa um legado da memória coletiva pois perpetua ou evoca o passado. (LE GOFF, 1996, p. 545)

Nos primeiros trinta anos do século XX apenas os documentos oficiais eram tidos como confiáveis. Após discussões dos fundadores da revista “*Annales da histoire économique et sociale*”(1929), o termo documento adquiriu um sentido mais amplo, o seu conceito foi ampliado, passando a ser interpretado como “ tudo que sendo do homem, depende do homem, serve para o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade , os gostos e as maneiras de ser do homem” e neste sentido, contribui para fazer história. Le Goff (1990) relata que “A nova história diferencia-se da tradicional pois o paradigma tradicional diz respeito somente a história política, porém, a nova história preocupa-se com a história total. A

história tradicional pensa na história como narração dos grandes fatos e não em analisar as estruturas” A história tradicional evidencia a história vista de cima e a nova história direciona o olhar visto de baixo e de outros ângulos possíveis.

Segundo Barros (2004) “o oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e fauna particulares, com um vasto universo de informações percorridas por inúmeras redes”

O historiador escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui e reconhece que não há história sem pressupostos teóricos. Reis (2010) aduz que “sem problemas, não há histórias, mas narrações e compilações. A história conduzida por problemas e por construções teóricas elaboradas e explícitas é, indubitavelmente, uma nova história”.

A interpretação da história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições e a contribuição profissional de enfermeiras professoras para a Enfermagem Brasileira, a análise da implantação da enfermagem moderna e a evolução do seu ensino no Piauí, a contribuição das enfermeiras professoras precursoras do ensino superior público de enfermagem assim como a constituição da identidade profissional destas são construtos indispensáveis para a interpretação da história da profissão e do ensino de enfermagem.

A construção do conhecimento científico a partir da investigação do cenário educacional e da realidade da vida cotidiana dos seus profissionais torna evidente que as pesquisas em educação estão fundamentadas em uma nova abordagem qualitativa que propõem a superação das limitações das pesquisas realizadas nesta área, e também pelo interesse dos pesquisadores no uso das metodologias qualitativas diferentes das usadas nas pesquisas tradicionais.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças, valores e que permite captar as singularidades do estudo.

Na pesquisa qualitativa os dados produzidos são descritivos, e a produção desses dados evidencia-se no contato direto do pesquisador com a situação pesquisada e focaliza a perspectiva dos participantes do estudo. Esta pesquisa preocupa-se, segundo Guerra (2014) com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos somente serão possíveis com a descrição da experiência humana.

A pesquisa qualitativa responde a opções muito particulares. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis (MINAYO, 2003, p 21)

Neste sentido, Chizzotti (2008) ressalta que a pesquisa qualitativa reconhece “ a relevância do sujeito, dos valores dos significados e intenções das pesquisas, do contexto de dados e da inclusão da voz dos atores sociais” A abordagem qualitativa no tratamento dos dados será utilizada dada a necessidade de significar as informações coletadas.

Esta pesquisa tem aportes teóricos na Nova História Cultural, que segundo Chartier (1994) “tem por principal objecto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” Na noção de cultura enfatizaram-se os mecanismos interpretativos e valores que muitos, hodiernamente, passaram a crer que a cultura não é mera função do material, do social uma vez que as crenças e atividades rituais das pessoas interagem com as perspectivas sociais e econômicas e os efeitos destas interações conduzem a explicação das condutas e da origem das relações sociais.

A cultura não é um mero reflexo, mas sim uma instância em si mesma a ser considerada além de ser dinâmica. Enxerga-se a necessidade de se levar em conta tanto a realidade social quanto a percepção dela, as visões de mundo fazem parte da realidade e participam de sua construção pois é preciso estudar historicamente e não deduzir estruturalmente (CARDOSO, 2012, p 34)

O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas e outras não, mas que em conjunto puseram em causas os seus objetos desviando a atenção das hierarquias para as relações e das posições para as representações. Destarte, a emergência de novos objetos no seio das questões históricas:

As atitudes perante a vida e a morte, os rituais e as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações de família, os rituais e as formas de sociabilidade, as modalidades do funcionamento escolar- o que representava a constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros, o estudo das utensílagens mentais que o domínio de uma história dirigida que se delimitava a um novo campo distinto da antiga história intelectual literária como da hegemônica história econômica e social vigorando sob a designação de história das mentalidades ( CHARTIER, 1990, p.65 )

O estudo da História proporciona, como cita Lopes (2010) “uma experiência semelhante àquela que obtemos quando viajamos para um lugar que ainda não conhecemos pois nos deparamos com o outro, algo distante de nós no tempo e no espaço”

A renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, assim como a utilização de multiplicidade de novas fontes são aspectos que na contemporaneidade mais dão visibilidade à História Cultural.

Como questiona Pesavento (2008) “quais seriam as novas correntes trilhadas pela História Cultural a partir daquele patamar epistemológico e metodológico anteriormente enunciado? A compreensão da História como narrativa que constrói uma representação sobre o passado?”

A História Cultural, debruce-se ela sobre a escrita do texto, sobre a edição do livro ou sobre a leitura, permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tentar atingir a percepção dos indivíduos no tempo, quais são os seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores. Permite pensar a descontinuidade da história e a diferença, pondo tanto o historiador como o leitor diante de uma alteridade de sentidos diante do mundo (PESAVENTO,2008, p. 32)

Os historiadores sociais têm demorado a reconhecer “a desintegração geral de crença em uma interdisciplinaridade coerentemente unificada”, empenharam-se em ampliar as suas pesquisas para além da análise demográfica, social e econômica explorando também a percepção cultural da população, conferindo voz às memórias. Houve ênfase à problemática da construção das identidades sociais e das relações que a engendraram sobre as abordagens que privilegiavam as posições sociais e estruturas hierárquicas como as estratificações sociais e profissionais em uma perspectiva sociológica privilegiando progressivamente as abordagens sociais e culturais sobre os enfoques econômicos até então predominantes.

A ênfase na cultura e a predominância de perspectivas antropológicas em relação às tendências sociais fez-se devido a crise dos estruturalismos umbilicalmente ligada à avassaladora consciência de que os comportamentos e realidades sociais definitivamente não se conformavam a ficar confinados a modelos preestabelecidos. É a cultura compartilhada que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e dá inteligibilidade aos comportamentos sociais (CASTRO, 2011, p. 22)

A pesquisa está fundamentada no método da história oral, pois alguns fatos relativamente contemporâneos podem ser elucidados por personagens ainda presentes em nosso convívio. Os entrevistados colaboradores quando ensejam a construção de suas histórias de vida o fazem com liberdade, e às vezes, não se prendem à organização cronológica. Como relata Thompson (1992): “A história faz-se com documentos escritos,

quando existem, porém, ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador. Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos”

Os pressupostos metodológicos da história oral permitem a condução do trabalho do pesquisador em qualquer área do conhecimento :

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p. 40)

A história oral utilizada na sua vertente história de vida e narrativas de formação. “A história oral é uma expressão polissêmica e abrange as seguintes modalidades: autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática e as narrativas de formação” (SOUZA, 2006).

Depois de um novo olhar para a história oral, minorias culturais e discriminadas, têm obtido espaço para que as suas palavras sejam estruturadas e alcancem um lugar diferente através das experiências vivenciadas, além de adquirirem maior sentido social, caracterizando lugares para aspectos ocultos em determinadas manifestações. (BOM MEIHY, 1998, p. 32)

Na história oral evidenciamos uma alternativa à história oficial sendo auxiliada pela documentação escrita e cartorial. A análise interpretativa contribui com particularidades importantes para a desenvoltura que o contato direto introduz no conteúdo dos depoentes e oralistas. Ao descrever acerca da importância da nova história, Burke (1992) cita que “a história social tornou-se independente da história econômica para se fragmentar em história do trabalho, urbana, rural” Tudo passa a ter um conteúdo histórico, com interpretações subjetivas concernentes às contextualizações.

A infância, a morte, a loucura, os odores, a sujeira, a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade (...) tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história. A fala, o silêncio, a lágrima. O antes imutável, é agora encarado como uma construção cultural (BURKE, 1992, p. 44 )

A história encontra-se em um envoltório de reflexões, criações, surpresas, construções, vitórias, derrotas, lutas, conquistas dos espaços, onde são observadas novas análises e reflexões do passado, enfatizando a evolução de importantes concepções teóricas, práticas de ensino e cuidados assistenciais de Enfermagem. A história oral, segundo Bom Meihy(1998) veio “servir aos anônimos como abrigo de suas vozes, dando sentido às suas experiências vividas, fazendo com que se sintam sujeitos sociais” A história oral híbrida segundo Meihy e Ribeiro (2011) “promove a mescla de análises derivadas das entrevistas documentos”. Este método justifica-se pela necessidade de associar os laboradores com as fontes documentais existentes.

O diálogo com as memórias como fonte de pesquisa histórica envolve reflexões sobre atitudes humanas presentes nas lembranças, na história e nas condições socioculturais dos seres existentes, em um dado momento e tempo histórico. Segundo Souza (1997) “ a memória deixou de ser palco de experiências, raramente modelares, mas sempre exemplares, capazes de trazer a sabedoria ao presente e fornecer matéria de reflexão ao futuro”.

O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, como evidencia Le Goff (2003) mas também a sua releitura pois a memória continua a ser a guardiã da dialética constitutiva do passado sendo considerada fundamental para os povos antigos porque através dela o homem se reconheceria e se identificava com os seus semelhantes.

Podemos reconhecer a preocupação atual da historiografia educacional na produção e na revalorização de documentos existentes sobre memórias de professores. A experiência de vida de professores era analisada em função de parâmetros de fontes oficiais, reflexos de políticas educacionais; a experiência de professores era esquecida porque o papel dos professores enquanto sujeitos históricos era minimizado. O tempo de vida profissional do professor era tornado invisível e a experiência docente registrada era irrelevante. Esta revalorização da memória, nesta perspectiva em que a fala e o silêncio contam igualmente, pode propiciar o reexame da bibliografia que trata dos professores enquanto agentes educacionais (SOUZA, 1997, p. 285-287)

Desde os nossos ancestrais percebia-se a necessidade de preservação dos saberes, ideias, pensamentos, ações e expressões, tendo em vista transmiti-los para os seus descendentes. Para eles a memória era um patrimônio para a civilização, considerando que sem ela o homem não possuía identidade. Neste âmbito, compreende-se que a memória é de fundamental importância para os indivíduos e que está extremamente relacionada ao seu acervo pessoal e coletivo, que juntos irão constituir a cultura de um povo.

Ela se configura como uma representação seletiva do passado de um indivíduo inserido em um contexto de vida social em constante relação com os outros, assim, toda memória é coletiva. Para que se possa recordar de um evento passado, não basta que ele seja evocado por outros para que possamos lembrá-lo. É preciso que o indivíduo traga consigo uma espécie de semente de rememoração para que todos estes conjuntos de testemunhos exteriores se transformem em uma massa consistente de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 36)

A memória individual está eixada à memória coletiva e qualquer que seja a forma assumida pela fonte oral baseia-se na memória e a memória é sempre uma reconstrução evocando o passado e segundo o autor supracitado “ marcado pelo social, presente a questão da memória individual e coletiva” A memória não é neutra e está sustentada por significados construídos a partir das experiências vivenciadas. A emoção, as lembranças, a percepção do conteúdo, a interpretação, solidificam as histórias e tais memórias passam a construir os aspectos vivenciados, e esta análise posterior pode implicar na redescoberta de detalhes esquecidos, não visualizados e que devem participar do presente, através do passado rememorado. A pesquisa historiográfica, segundo Reis( 2010) possibilita ao historiador “vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo”

Na realização da pesquisa utilizamos fontes oral, documentais e iconográficas. Iniciando o trabalho das fontes, encontramos alguns livros que disponibilizaram dados sobre a evolução da história de Enfermagem no Brasil, o seu início e estruturação no país, assim como algumas outras obras que abordaram a história de Enfermagem no Estado do Piauí. Na análise documental levou-se em consideração como enfatiza Le Goff (1990) que “o documento não fala por si mesmo, mas precisa ser problematizado, questionado e responder às perguntas propostas pelo pesquisador”.

A fotografia revela a imagem de si que o passado queria visualizar perenizada no futuro- um ícone, um símbolo ou uma representação. Além disso, a imagem/documento revela aspectos da vida material que poucas crônicas ou narrativas poderiam oferecer. A imagem, no âmbito de uma pesquisa, como explicita Le Goff (1990) torna-se, assim, uma fonte e um indutor de leituras potencializadas.

As fontes iconográficas foram também imprescindíveis nesta incansável busca. As fotografias são essenciais como instrumentos da memória, pois de certa forma capturam a imagem daquele instante que atualmente é passado, porém, desencadeia em quem as visualizam memórias até então esquecidas, elucidando e contribuindo para a interpretação de

fatos e acontecimentos importantes. A fotografia captura o momento exato da intensidade do presente e faz-se passado no instante seguinte.

Fotografar o instante do tempo apreende o teor e a beleza do espaço fotografado. Os arcaísmos mnemônicos nos surpreendem quando visualizamos as fontes iconográficas. As fotografias do acervo pessoal das colaboradoras foram utilizadas para ajudar a restaurar a memória. Desde o momento em que as colaboradoras consentiram em participar da entrevista, solicitamos que levassem fotografias de suas histórias de vida e formação e todas fizeram um esforço no sentido de encontrá-las, buscando tornar mais vivas as lembranças que, uma vez estimuladas pela imagem, ajudaram na descrição de traços singulares do tempo experienciado. Todas as participantes assinaram o termo de concessão de direitos autorais. Conforme afirmam Santos e Barreira (1999), a utilização da fotografia como fonte de informação possibilita a apreensão de outros significados além dos aspectos estéticos e ideológicos nela representados.

O arquivamento deste material em mídias digitais após registros de imagens por scanner, foi relevante, a fim de facilitar a consulta em cópia digitalizada do documento original. Tal medida assegura que as fontes possam ser consultadas e revistas pela pesquisadora ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no Município de Teresina (PI). As interlocutoras investigadas foram quinze enfermeiras; seis enfermeiras que cursaram enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery e nove enfermeiras professoras que foram precursoras e atuaram inicialmente no ensino superior no âmbito público. A pesquisa teve como instrumentos de coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas.

Os critérios de inclusão: Serem enfermeiras professoras precursoras no âmbito público do Estado, a aceitação voluntária, disponibilidade e condições físicas e psicológicas de participarem da pesquisa e aceitarem a sua gravação. Os critérios de exclusão as que não aceitaram participar da pesquisa e/ou não foram encontradas em tempo hábil assim como as que não se encontravam em condições clínicas para participarem do estudo.

Antes da realização das entrevistas, a comunicação inicial com as participantes foi realizada por meio de ligação telefônica ou presencial, momento em que foi esclarecido o projeto e realizou-se o convite à participação. Posteriormente, marcamos as entrevistas que foram gravadas, respeitando a disponibilidade de cada uma das participantes no que se refere ao horário, dia e local designado. Para a realização da entrevista construímos um roteiro específico para ser respondido pelas colaboradoras. Durante a gravação utilizamos um diário de campo para auxiliar no dimensionamento do que foi falado, registrando as informações

mais relevantes que vão além da captação do áudio como emoções, expressão de sentimentos, interferências.

Seguindo as orientações de Meyhi e Ribeiro(2011), realizamos a transcrição que ocorreu o mais próximo possível da gravação para que dados relevantes não fossem perdidos. Foram transcritas na íntegra sendo retirados os vícios de linguagem. Após a transcrição, a fase de textualização na qual as perguntas são fundidas às narrativas, seguida da fase de transcrição na qual há tentativa de inserção no texto já formado de sentimentos aflorados durante a entrevista.

Na transcrição das entrevistas gravadas, priorizamos a conservação das falas, os esquecimentos, a ênfase às palavras, os silêncios e as emoções (risos, lágrimas, amargura, rancor, dentre outras) que fluíram no decorrer da entrevista.

Por último, a fase de validação quando do envio ao entrevistado para que o documento seja validado. Após a realização do estudo, as entrevistas foram gravadas em DVD e serão entregues ao departamento de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para servirem de fontes para posteriores estudos.

O estudo foi direcionado pelos princípios da Resolução 466/2012, e resolução nº 510/2016 sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde foi apreciado e aprovado sob Parecer de número 3054022 - CAAE: 03493818.30000.5214, assim como foi registrado na plataforma Brasil. Estas profissionais foram orientadas quanto ao direito de participar ou não do estudo e, após leitura e concordância, assinaram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO A) e o Termo de Transferência de Direitos Autorais (TTDA) (ANEXO B). Por se tratar de uma pesquisa histórica foram utilizados os nomes ou sobrenomes reais dos participantes, fato este que é autorizado no TTDA.

Os riscos potenciais desta pesquisa estavam atrelados ao risco mínimo individual, como constrangimento e desconforto durante a entrevista. Para minimizá-los fez -se escuta atenta e sensível durante a realização da entrevista sendo consideradas as dimensões psíquicas, física, moral, intelectual, social, cultural e espiritual das participantes. Os benefícios da pesquisa relacionam-se com a contribuição e informações históricas sobre o tema da pesquisa, para a ampliação do acervo da história oral e para o desenvolvimento científico na área da enfermagem e da história da enfermagem brasileira e piauiense. No que tange ao anonimato das colaboradoras, por tratar-se de pesquisa histórica e não experimental, solicitou-se às entrevistadas a autorização para identificá-las no relatório de pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido ( TCLE)

Toda entrevista individual traz à luz, direta ou indiretamente, uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. O sujeito não relata simplesmente sua vida, destarte, reflete sobre ela enquanto a descreve e o método história de vida ressalta o momento histórico experienciado pelo sujeito.

A temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico, sendo dinâmico pois apreende as estruturas das relações sociais e os processos de mudanças e é sobretudo dialético pois a teoria e a prática são constantemente colocadas em confronto durante a investigação. Na narrativa de vida o sujeito preenche-se de si mesmo, obrigando-se a organizar as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas e esta reflexão do si faz emergir em suas narrações todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana e dentro da experiência individual contribuem para a construção social da realidade.

Na primeira seção realizamos a descrição e análise da história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições, assim como a contribuição profissional de enfermeiras professoras precursoras para a Enfermagem Brasileira abordando uma retrospectiva histórica da profissão de Enfermagem assim como a estruturação e aperfeiçoamento do ensino superior da profissão no Brasil. Na segunda seção, abordamos a inserção, o desenvolvimento e a consolidação da enfermagem moderna e o ensino superior no Piauí, enfatizando a importância da trajetória histórica das instituições de ensino superior público de enfermagem. Na terceira seção historiamos a contribuição das enfermeiras professoras precursoras no ensino superior público. Na quarta, delineamos o processo de constituição do enfermeiro docente gerados por sua história de vida, formação e experiências profissionais, assim como por suas interações com outros docentes no exercício da profissão.

## SEÇÃO I

### **1 O ENSINO DE ENFERMAGEM NAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS E AS PROFESSORAS PRECURSORAS**

Na primeira seção realizamos a descrição e análise da história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições, assim como a contribuição profissional de enfermeiras professoras precursoras para a Enfermagem Brasileira relatando a trajetória da profissão e do ensino superior de Enfermagem no Brasil.

#### **1.1 ENFERMAGEM BRASILEIRA: EVOLUÇÃO DO ENSINO**

O ensino de Enfermagem no país passou por várias fases de desenvolvimento ao longo dos anos, tendo como reflexo de cada mudança o contexto histórico da enfermagem e da sociedade brasileira. Considera-se que o ensino oficial sistematizado da Enfermagem Moderna no Brasil foi introduzido em 1923 pelo decreto nº16300/23 no Rio de Janeiro mediante a organização do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública(DNSP)então dirigida por Carlos Chagas e posteriormente denominada Escola Anna Nery. Em todas as mudanças curriculares no Ensino de Enfermagem no Brasil, evidencia-se a predominância do modelo médico hospitalar no ensino de graduação e a formação do enfermeiro era centrada no âmbito indivíduo, doença e cura e na assistência hospitalar.

Vasconcelos(2001) caracteriza o tempo como “cíclico, mnemônico, comemorativo, instantâneo, coercitivo ou voraz e analisa que são múltiplos os tempos que participam do Tempo e múltiplas as histórias que participam da História” O autor aduz ainda que “a memória exalta e destaca a oralidade e que marcam pontos que se fixam em volumes de lembranças prontas para emergir dos escaninhos mais profundos da alma”

Considera-se ter sido o período de 1890 a 1950 bastante enriquecedor em acontecimentos que evidenciaram as diretrizes da enfermagem brasileira na atualidade. Fatos históricos não acontecem de maneira isolada e linear, porém, contextualizados na ambiência social, econômica e política. O conteúdo mnemônico são experiências vividas anteriormente, componentes que fazem parte do passado. Quando encontramos as lembranças somos capazes de articulá-las à história de vida. Os vínculos que os enlaces com o passado apregoam para o futuro, precisam ser interpretados dependendo do momento histórico, quando percebemos

valiosas e imprescindíveis contribuições para a construção desta história. Assim, a profissão de enfermagem em sua trajetória histórica sofreu várias influências e tais transformações modificaram a constituição de seu perfil identitário.

A História da Enfermagem e do seu ensino está enraizada nas práticas de observação, planejamento, adequação e ações sistematizadas que se relacionam com os cuidados assistenciais e o conforto da alma, traduzindo com isto a importante inserção da humanização na assistência de Enfermagem. A memória também deixou, portanto, como cita Halbwachs (2006) de ser considerada como “fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas”

A aproximação entre a História e a Enfermagem possibilita problematizar o passado profissional analisando e descrevendo a História da Enfermagem em seus contextos múltiplos e diversos percursos, assim como em diferentes instituições e personagens. Estudar a história da enfermagem leva o profissional a adquirir conhecimentos, habilidades e competências que lhe garantirão maior desenvolvimento e avanços na profissão.

Do ato instintivo do cuidado à sua institucionalização, realizada por Florence Nightingale<sup>1</sup>, que iniciou a modernização da profissão e caracterizou a importância do cuidado e da assistência, na Inglaterra, no século XIX, observam-se transformações no caráter evolutivo da profissão.

Enfermeiras pioneiras com histórias de vida destinadas à assistência de enfermagem e ao seu ensino foram referenciadas em várias partes do mundo como Ethel Bedford Fenwick, na Inglaterra; Anna-Emilie Hamilton, na França, Mary Adelaide Nutting e Lavinia L. Dock, na América do Norte, imbuíram suas funções seguidoras do modelo Nightingeliano com um sentido de missão e de busca da identidade (CARVALHO, 2013).

A importância da Escola de Enfermeiros fundada por Florence Nightingale é exaltada pela ruptura da prática empírica, exercida por leigos, e pela emergência de uma prática sistematizada e racional, alicerçada em conhecimento científico. Autores atribuem a Nightingale a ruptura de uma identidade decadente e uma substituição pelo valor e caráter de honestidade, sobriedade, devoção e, sobretudo, de religiosidade, e apontam que ela contribuiu

---

<sup>1</sup> Enfermeira britânica, nasceu em Florença em 1820, ficou conhecida como a dama da lâmpada, publicou o livro *Notes on Nursing* (Notas de Enfermagem) que foi um marco histórico político na História da Enfermagem. Fundou a Escola de Enfermagem no Hospital Saint Thomas e foi a precursora da enfermagem Moderna.

para a inserção de uma nova identidade profissional assim como consideram ser a mesma a fundadora da Enfermagem Moderna em todo o mundo.

O historiador tem interesse pela vida humana e ao valorizar o passado, faz uma inversão em seu conceito, pois o passado não é o que “não é mais”, pelo contrário, é o que há de mais sólido na estrutura do tempo, uma passagem ao ser (...), o objetivo do historiador como reflete Saviani( 2000) seria mediar um diálogo entre os vivos e os vivos ainda.

A história é um conhecimento possível? O que faz um historiador? Seria possível fazer uma descrição objetiva do passado, referindo-se de fato a ele? Qual a identidade epistemológica da história? Estas questões que envolvem a epistemologia revelam o desafio historiográfico pois como aduz Reis (2010) “elas põem em dúvida a possibilidade do reconhecimento histórico e ao reformular as questões, o interesse não é lançar a história em crise, não se deseja dissolver o pensamento, mas mantê-lo como problema.” Não é possível ser historiador sem tomar o conhecimento histórico como problema e sem avaliar o tamanho das dificuldades do empreendimento historiográfico.

O movimento dos Annales exerceu influência sobre a produção do conhecimento histórico e um dos tópicos mais abordados foi a propositura da interdisciplinaridade. A integração e a análise de diversas disciplinas oportunizam uma aliança entre estas e várias formas de olhar sobre a história. Torna-se tão importante quão essencial a interdisciplinaridade com ênfase no homem social.

As interferências de fenômenos sociais, econômicos, políticos e religiosos, a evolução humana, assim como suas ações e reações recíprocas, a determinação dos acontecimentos e sua incidência sobre os homens, a complexidade do caráter evolutivo evidenciam quão importantes são as buscas de detalhes, materiais indispensáveis, fragmentários, mas instrutivos para a elucidação de fatos que demarcaram as fases de nossa evolução histórica e cultural. ( REIS, 2010, p. 30 )

O século XIX caracterizou-se por transformações políticas e econômicas que marcaram mundialmente todos os âmbitos sociais, inclusive a saúde e em particular a profissão de medicina. Neste contexto, organiza-se na ambiência Brasileira a estrutura hospitalar, já ocorrida na Europa no século XVIII. O hospital passa a ser também, espaço de formação e aprimoramento técnico científico, transformando as relações no seu interior.

A identidade do conhecimento histórico dependeu das alianças que a história estabeleceu ao longo dos séculos. A proposta de uma metodologia da história única e linear por um caminho controlável e seguro é quase inexistente. Assim sendo, a maioria dos historiadores são sempre parricidas pois são portadores de uma verdade histórica nova e estão sempre

contestando e desvalorizando as teses históricas anteriores. ( REIS, 2010, p. 21 )

A prática de saúde vislumbrada anteriormente como mística e sacerdotal, após a evolução científica, alçou novas formas e saberes, porém, tais práticas permaneceram limitadas pela ausência de conhecimentos. A Enfermagem trazia consigo uma imagem circundada por resquícios de uma desqualificação e práticas não padronizadas, com ausência de normatizações procedimentais, tornando-se essencial a reconstrução da identidade profissional com um novo olhar sobre a abrangência do ser humano e do meio ambiente, uma visão holística, relevâncias consideradas revolucionárias para a época mais com consonância com os princípios humanísticos.

Quando as primeiras Santas Casas de Misericórdia Brasileiras foram fundadas, destinavam-se a pessoas pobres e aos órfãos e, logo que chegaram as ordens religiosas assumiram a sua administração. A enfermagem exercida tinha um cunho essencialmente prático, sem nenhum nível de escolarização. Esta ambiência perdurou até o início do século XX embora nesse período não fosse exigido qualquer nível de escolarização para aqueles que exerciam a profissão e a prática era estruturada em conhecimentos puramente empíricos (SANTOS; BARREIRA,1999, p. 34)

No Brasil, no início do século XX, a assistência e o ensino foram planejados, organizados, direcionados e sistematizados originando a Enfermagem Moderna. Importante e necessária, portanto, é a reconstrução histórica através de uma análise criteriosa de fatos que propiciaram a fundamentação desta profissão e os direcionamentos do seu ensino.

Com o ensejo da modernização na ambiência da saúde, a Enfermagem Brasileira vive ainda o conflito de identificação com dois paradigmas distintos e contraditórios: o da enfermagem tradicional sob o domínio religioso, configurando perante a sociedade, a imagem caritativa; e o da enfermagem laica que busca consolidar a sua profissionalização como um dos processos essenciais do mundo moderno. Pode-se afirmar que nesse período começa a desconstrução de uma identidade legitimadora, imposta pelas instituições religiosas, que a manteve em condição de desvalorização social e se inicia a formação e construção de um novo perfil identitário profissional para a enfermagem, quando Florence Nightingale inaugura um movimento de consolidação da enfermagem como uma profissão. ( RIBEIRO, 2006, p. 12 )

O projeto moderno, articulado pelo iluminismo, visualiza a história como um centro-consciência -interioridade em avanço, um núcleo subjetivo e lógico que se exterioriza e retorna a si integrando-se e concentrando-se progressivamente. A civilização é a construção

de um sujeito singular-coletivo e consciente, a humanidade em busca da liberdade. A história é considerada uma construção e realização da subjetividade, um processo racional, inteligível.

A identidade é um produto social, de certa maneira sempre em devir no quadro de uma relação dialógica e temporal entre o eu e o outro, é preciso dar forma às predisposições que condicionam os indivíduos a selecionarem as marcas do seu pretérito, as recordações são acompanhadas do que se olvida, escolher implica esquecer, silenciar e excluir. Cada indivíduo ao recordar a sua própria vida, une os instantes do seu iter existencial em uma espécie de linguagem contínua e finalística. (CATROGA, 2015, p. 12 )

A saúde passou a constituir-se como uma problemática econômica e social e, o governo brasileiro, direcionado por pressões externas, assume a assistência à saúde com a criação de serviços públicos diversos. No contexto social, a imagem da mulher passou por um processo de transformação, ocupando um espaço melhor e diferenciado com uma maior visibilidade.

A emergência do ensino de Enfermagem moderna no país coincide com o momento em que a questão da saúde caracteriza um novo aspecto dimensional, passando a ser uma das atribuições do Estado, pois havia o reconhecimento por parte da sociedade Brasileira da necessidade de formação de Enfermeiros nas primeiras décadas do século XX e não havia pessoal qualificado na área. (SANTOS; BARREIRA, 1999, p. 16 )

Inúmeros cursos foram criados como tentativa de atendimento às necessidades emergenciais de cada momento histórico, os problemas evidenciados na área da Saúde Pública que suscitaram diretrizes que culminaram em algumas resoluções e implantações de serviços que tinham como objetivo uma reorganização na área da saúde.

A Reforma Carlos Chagas promoveu tentativas de reorganização dos serviços de saúde com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, que exerceu ação normativa e também executiva das atividades de saúde pública no Brasil.

O ensino de Enfermagem no Brasil apesar de ter sido institucionalizado devido à influência sanitária, apenas tem a sua consolidação após a modernização. Na década de 1930, a saúde ganhou novos aspectos dimensionais quando passou a ser uma das atribuições do Estado sustentada nas evidências da necessária força de trabalho qualificado na área de saúde. Com a industrialização, inúmeras transformações foram necessárias inclusive nas áreas profissionais.

A Enfermagem Moderna somente inicia-se em 1922, sob a influência do Serviço Internacional de Saúde da Fundação Rockfeller que, por força de um convênio com o

Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), na pessoa do seu diretor Carlos Chagas, proporcionou a vinda ao Brasil de uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil.

À frente desta Missão estava a enfermeira Ethel Parsons<sup>2</sup>, que, ao fazer o diagnóstico da situação da enfermagem na cidade do Rio de Janeiro, trouxe um grupo de enfermeiras norte-americanas da área de Saúde Pública, com a intenção de organizar a criação da Escola de Enfermeiros do DNSP, na cidade do Rio de Janeiro (SANTOS; BARREIRA, 2002; BARREIRA et al., 2011, p. 22).

Os sujeitos históricos dominados pela visão iluminista concebiam o passado e o presente como entraves, limites à civilização e à liberdade. A história não pode ter sentido, não pode ser mudança sem direção e sem significado. Direcionada pela racionalidade ela deveria produzir a moralidade, a liberdade, a justiça, a igualdade. Quais os futuros do passado?

Foi com a modernidade que o ritualismo memorial ganhou a sua mais pública expressão sustentando que se viveu no século XIX, “O século da memória” mas também foi o século da História. As transformações sociais, culturais e simbólicas impeliam os indivíduos a procurarem no passado a sua legitimação. Se o que defendemos não estivesse ameaçado não haveria necessidade de construirmos “os lugares de memória” e de desnaturalizar o esquecimento.

Como refere Nora (1993) “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notificar atas porque estas operações não são naturais”. O que permite utilizar as memórias como fonte é a possibilidade de poder articulá-las.

---

<sup>2</sup> Atuou na criação e implantação da Escola de Enfermagem Anna Nery tendo a primeira chefia do Serviço de Enfermagem do DNSP e integrou a missão chamada “Missão Parsons”.

## 1.2 O ENSINO DA ENFERMAGEM MODERNA NO BRASIL : ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

O ensino sistematizado da enfermagem brasileira tem início em 1923, quando se organiza, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Escola de Enfermeiros do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), anexa ao Hospital Geral de Assistência daquele departamento, atualmente Escola Anna Nery.

No entanto, a literatura mostra que a primeira iniciativa da sistematização deste ensino ocorreu em 1890, quando foi criada, no Rio de Janeiro pelo Decreto nº 791 de vinte e sete de setembro aprovado por Marechal Deodoro da Fonseca, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, conforme o modelo francês de saúde. Apesar de três tentativas de viabilizar seu funcionamento, a escola não obteve o êxito esperado. Até a criação da Escola, a assistência de enfermagem era feita por religiosas e estava vinculada à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Inicialmente, a Escola<sup>3</sup> funcionou de forma precária e o ensino dos discentes estava voltado para o atendimento do paciente psiquiátrico.

Hodiernamente, existe certa polêmica entre a Escola Alfredo Pinto e a Escola Anna Nery a respeito da origem do ensino de enfermagem no Brasil. Destarte, a instauração da enfermagem moderna no Brasil é reconhecida a partir do paradigma Nightingale e das diretrizes hospitalares transportadas por enfermeiras norte-americanas. Os valores morais associados à ciência, arte, disciplina e poder estatal configuraram a Escola Anna Nery<sup>4</sup> como modelo padrão para a formação técnica do profissional enfermeiro no Brasil.

---

<sup>3</sup> O Decreto 791/1890 fixava os objetivos da Escola, currículo, duração do curso, condições de inscrição e matrícula mas o Decreto não contemplava recursos para a viabilização e concretização desta Instituição de Ensino. Com a reinauguração em 1905, a Escola foi estruturada com transformações no quadro de docentes e âmbito administrativo. Em 1921 ela passou a ser denominada Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto. Em 1979, pela Lei nº6655 de 5 de junho transformou-se em uma Instituição Federal, constituída como Fundação e vinculada ao Ministério da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> A Escola Anna Nery foi um marco fundamental na Enfermagem Brasileira. A enfermagem passa a ser reconhecida como um ramo do saber e do trabalho na Saúde. Nasce, verdadeiramente, a Enfermagem profissional ou Enfermagem moderna sendo organizada por parâmetros próprios produzindo e sistematizando os conhecimentos necessários para as suas atividades práticas e estabelecendo as normas que regulam o seu exercício profissional. (GOMES; ALMEIDA; BAPTISTA 2005).

O primeiro curso de enfermagem na Escola Anna Nery<sup>5</sup> teve a sua inauguração em 19 de fevereiro de 1923, com quinze alunas em regime de internato. (OGUISSO, 2005). A personagem que dá nome à Escola desde 1926, destacou-se nacionalmente pela sua participação como voluntária na Guerra do Paraguai, atuação que lhe rendeu os títulos de “Mãe dos Brasileiros” e “Heróina da Caridade.” Segundo Padilha (2015) além desta homenagem esta personagem possui uma estátua e um retrato no hall de entrada do Pavilhão de aulas da Instituição o que lhe confere honras e notoriedade perante a sociedade.

A primeira diretora da Escola foi Miss Clara Louise Kienninger que a direcionou entre os anos (1922-1925), e instituiu a Associação do Governo Interno das Alunas, que tinha como objetivo desenvolver a responsabilidade individual e a elevação do nível social da Instituição. A primeira formatura de enfermeiras brasileiras designadas como as precursoras, em 1925, foi celebrada por meio de eventos religiosos, profissionais e sociais que tiveram a duração de três dias.

No dia 19 de junho houve a celebração de uma missa na matriz da candelária pelo arcebispo do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme e realizada a cerimônia de recebimento de diplomas, juramento profissional e baile de formatura. Na solenidade de diplomação das pioneiras houve a abertura do evento com a execução do hino nacional das enfermeiras, houve o discurso de Carlos Chagas, os diplomas e os distintivos foram bantos, e logo após o discurso da oradora da turma, o hino nacional brasileiro foi cantado. (PORTO,2004, p. 33)

No dia seguinte à formatura , um evento extremamente importante ocorreu com uma solenidade de inauguração dos bustos de Carlos Chagas e de Claire Louise Kleninger, assim como uma placa de homenagem à superintendente do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública , Ethel Parsons.

A fonte iconográfica seguinte, data de novembro de 1923, ocasião em que interpretamos o simbolismo da época como os trajes das precursoras, uma fotografia do passado que nos remete à lembrança da turma pioneira da Escola de Enfermagem Anna Nery,

---

<sup>5</sup> A Escola recebeu este nome em homenagem a uma das raras mulheres, caracterizada como heroína, que mereceu menção honrosa na historiografia oficial foi Anna Neri (1814-1880), uma mulher anônima que se ofereceu como voluntária para participar da guerra do Paraguai (1865-1870), consagrou-se sendo mencionada de forma heroica como uma das mais ilustres mulheres da história do Brasil e da Enfermagem. Com a reorganização da prática hospitalar e o surgimento da Enfermagem moderna, aliados aos interesses políticos, caracterizou-se uma reordenação no caráter disciplinar da assistência de Enfermagem e consequentemente do seu ensino.

com a presença de algumas professoras e representante da cruz vermelha. A oportunidade em reconstituir e historiar fatos pretéritos com a observância dos detalhes.

**Figura 1** Primeira turma da Escola de Enfermagem Anna Nery



**Fonte:** Acervo pessoal da Enfermeira Almendra

Posteriormente assumiu a direção a enfermeira americana Loraine G. Denhardt (1925-1928) seguida por Bertha Pullen (1928-1931). Em 1923, quando se deu a implantação do Sistema Nightingale de ensino de Enfermagem no Brasil com a criação da EEAN, muitas personagens adquiriram notoriedade por terem prestado serviços de enfermagem e tiveram as suas vidas apresentadas como referência para a formação de nova identidade profissional.

A primeira turma de Enfermeiras diplomou-se em 19 de junho de 1925. De acordo com os arquivos da Escola Anna Nery iniciaram o curso 15 alunas, porém, finalizaram 13. As seguintes formandas: Dulce Duarte Macedo Soares, Heloísa Carvalho Velloso, Isaura Barbosa Lima, Isolina Saldanha de Lóssio, Laís Moura Neto dos Reys, Lucinda Coutinho de Araújo, Luisa Theuw de Araújo, Maria do Carmo Ribeiro Prado, Maria de Castro Phamphiro, Maria

Josephina Rocha, Noelia de Almeida Costa, Olga de Campos Salinas, Zulema de Lima Castro<sup>6</sup>.

Destacaram-se nesta turma as pioneiras Laís Netto dos Reys, a oradora da turma; Olga Salinas Lacôrte e Maria de Castro Pamphiro que obtiveram bolsas de estudos nos Estados Unidos. A primeira diretora brasileira da Escola Anna Nery foi Rachel Haddock Lobo<sup>7</sup>.(1931-1933).

Com o decreto 20.109 de 1931, foi fixado por lei que o perfil exigido para a enfermeira brasileira passou a ser elaborado segundo os critérios da Escola Anna Nery, considerada modelo. As Escolas de Enfermagem deveriam equiparar-se ao seu criterioso padrão, para a viabilização de expedição legal de diplomas. Na época, o presidente Getúlio Vargas recebeu apoio religioso porque a proximidade entre a Igreja e o Estado era significativa, aumentando o número de religiosas que objetivavam a obtenção de diplomas de enfermagem.

A partir deste período, várias enfermeiras diplomadas destacaram -se no Brasil e atualmente são consideradas precursoras na profissão e no ensino superior da enfermagem brasileira, Laís Neto dos Reis, Edith de Magalhães Fraenkel<sup>8</sup>, Clarice Della Torre Ferrarini<sup>9</sup>, Wanda de Aguiar Horta<sup>10</sup>, foram profissionais que muito contribuíram para a evolução da profissão de enfermagem. A formação destas profissionais ocorreram em Escolas de Enfermagem renomadas no país e no exterior e na maioria dos casos incentivadas pela

---

<sup>6</sup> Documento da Escola Anna Nery constando as formandas da turma de 1925, está contido nos anexos desta pesquisa

<sup>7</sup> Rachel Lobo nasceu no Rio de Janeiro em 1891, sua rígida formação educacional teve forte influência religiosa sustentada nos valores dominantes da Igreja Católica e teve como construto o cenário conceituado na sociedade da época. Em 1922, viajou para a França para estudar enfermagem na École des Infirmières de L'assistance Publique e se formou 1924. Após o seu retorno ao Brasil foi convidada pela Superintendente de Serviços de Enfermagem, Ethel Parsons, para ingressar no corpo docente da Escola de Enfermagem Anna Nery.

<sup>8</sup> Edith Magalhães Fraenkel obteve a sua formação em 1925, nos Estados Unidos, frequentou escolas e serviços de enfermagem no Canadá, foi chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública e Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo e auxiliou na criação dos conselhos de enfermagem.

<sup>9</sup> Clarice Della Torre finalizou o curso em 1944, pela Escola de Enfermagem Anna Nery, cursou pós-graduação na Universidade de Columbia. Olga Verderese graduou-se em 1947, pela Escola de Enfermagem da USP, fez mestrado em artes e foi vice-diretora da Universidade Federal da Bahia, realizou a primeira pesquisa de enfermagem no Brasil.

<sup>10</sup> Wanda de Aguiar Horta, formou-se em 1948 pela USP, foi docente livre na Escola Anna Nery e professora titular da Universidade de São Paulo, assim como membro da ABEn durante anos, além de ter elaborado a teoria e metodologia do processo de enfermagem inspirada na Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Maslow.

Fundação Rockefeller<sup>11</sup> que introduziu um modelo que pretendia formar enfermeiras com capacitância e controle exercidos pelas enfermeiras norte-americanas.

O acesso às escolas e a inserção das alunas por processo seletivo, a ascensão meritocrática, a preparação para os cargos de direção ratificam o destaque e a dedicação destas personalidades, desde o início de suas trajetórias profissionais. A Escola de Enfermagem Carlos Chagas foi inaugurada em julho de 1933. A organização e a direção desta Escola foram realizadas pela Enfermeira Laís Netto dos Reis<sup>12</sup>. Foi a primeira Escola a diplomar religiosas no Brasil.

Com a desenvoltura da profissão, várias enfermeiras adquiriam espaços de destaque no âmbito da educação, assistência e entidades representativas de enfermagem tornando-se ícones a serem lembrados e reverenciados. As personagens permanecem presentes nas reminiscências e na memória da enfermagem brasileira.

A História, entretanto, obteve grande avanço com a busca em se promover o registro e o exame social de realidades anteriores, significativas para o crescimento profissional, assim como, com a preocupação de reflexões e elucidações de histórias locais. A memória enaltece as experiências de vida e enfatiza o aperfeiçoamento da formação, como constatamos a seguir:

O trabalho de rememoração que reúne as recordações à escala de uma vida apresenta-se como uma tentativa de articular-se às experiências contadas (...) e é feito sob o percurso de formação ao longo da vida e de sua dinâmica, evidenciando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional e a outras aprendizagens organizadas, incluindo aí as experiências de vida que deixaram a sua marca formadora. (JOSSO, 2004, p.45)

As localizações espacial e temporal das lembranças constituem-se a essência da memória. Para Halbwachs (1990) “no ato de lembrar nos servimos de campos de significados, pois as noções de tempo e espaço são estruturantes dos quadros sociais da memória e também são fundamentais para a rememoração do passado” A grande contribuição do autor foram as análises frente às diferenças entre a história e a memória, assim como a ênfase no caráter social da ambiência mnemônica. A memória e a história não são a mesma coisa.

---

<sup>11</sup> Fundação criada em 1913 nos Estados Unidos com função de promover no exterior o estímulo à saúde pública, ensino, pesquisa e a filantropia. Associação Beneficente e não governamental.

<sup>12</sup> Laís Neto dos Reis finalizou a sua graduação em 1925 pela Escola de Enfermagem Anna Nery, frequentou o serviço de doenças contagiosas do Hospital Philadelfia nos Estados Unidos e foi a responsável pela criação do primeiro curso de pós-graduação para Enfermeiros.

A memória liga-se à lembrança das vivências e esta somente existe quando existem laços afetivos que criam o pertencimento ao grupo. Portanto, “não é o físico e o territorial que permite a existência do grupo mas a dimensão do pertencimento social que mantêm vivas as lembranças comuns geradoras de uma memória social”

Estas precursoras estruturaram escolas de enfermagem e organizaram serviços de saúde em diversos Estados Brasileiros e muitas foram sucessoras umas das outras nos cargos de direção de Escolas de Enfermagem, serviços de saúde e na Associação Brasileira de Enfermagem -ABEn. Estas enfermeiras professoras perceberam a necessidade de união para superação de desafios profissionais e no intuito de maximizar a valorização da profissão. Pelos trabalhos inovadores que desenvolveram e imenso legado que deixaram para as gerações futurísticas na enfermagem todas estas enfermeiras professoras mereceram destaque e valorosas homenagens.

A necessidade de pessoas qualificadas, aptas e treinadas profissionalmente para a realização destas funções oportunizou e viabilizou à profissão de Enfermagem um crescimento gradual, um crescer pautado em visões questionadoras, críticas, visando uma abordagem assistencial vinculada a um processo de sistematização que aos poucos foi surgindo. Vários sujeitos fizeram e fazem parte desta história, muitos a construíram, em tentativas árduas para edificá-la com uma estrutura organizada.

Em 1930, é criado o Ministério da Educação e Saúde, a constituição de 1934 estabeleceu a necessidade de elaboração de um Plano Nacional de Educação que coordenasse e supervisionasse as atividades de ensino em todos os níveis do país e, na constituição de 1937, é introduzido o ensino profissionalizante.

As políticas educacionais de Saúde obtiveram reflexos contundentes deste momento histórico da industrialização e a expansão do ensino de Enfermagem nas décadas de 1930 a 1950 aconteceu a partir desta realidade social definida. Até 1956, existiam 33 escolas de enfermagem, vale a participação da Igreja neste processo pois até 1954 eram 12 escolas de enfermagem e 11 de auxiliares de enfermagem mantidas por Instituições religiosas. (ABEn, 1980).

A moral religiosa faz com que a enfermagem seja considerada sob o foco da abnegação e da vocação. Estas escolas incorporam em sua organização e diretrizes os padrões definidos pelo Conselho Internacional de Enfermeiros (CIE) enfatizando o direcionamento e gestão destas por enfermeiros diplomados e com curso de especialização e experiência em

administração e em ensino, seleção criteriosa para a inserção de discentes, duração dos cursos, programas e locais de estágios.

O Estado realizou a propositura de aumentar o número de escolas, fato este que tornou obrigatória, através da lei nº 775 de 6 de agosto de 1949, a existência do ensino de Enfermagem voltado para a área hospitalar, em toda universidade ou sedes de faculdades de Medicina. Tal lei exigia que as candidatas tivessem o curso secundário, mas estas exigências não foram atendidas, devido ao reduzido número de alunas na época que tinham o mesmo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024 de 1961 estabeleceu como exigência para qualquer carreira de nível superior, o curso secundário. (NUNES, 2004, p. 32)

A Lei de número 775/1949 (Brasil, 1974) estruturou um ensino centrado no modelo clínico, com uma prática médica extremamente fragmentada e subdividida em especialização corroborando com a necessidade da assistência de enfermagem como instrumento de trabalho.

A Associação Brasileira de Enfermagem exerceu importante papel neste movimento de expansão das Escolas de Enfermagem, adotando medidas que constituíam e evidenciavam a qualificação do ensino. As práticas humanas têm uma configuração histórico-social e não há como negá-las. A educação é uma prática mediada e mediadora no existir e ser humano, não se tratando apenas de uma prática mecanizada, tecnicista, merecendo, portanto, estar estruturada em orientações e pensamentos direcionados, assim como também estar vinculada a fins intencionais para que a interdisciplinaridade exigida tenha uma íntima e forte colaboração nos diversos campos do saber.

A educação surge como o cerne do desenvolvimento humano e um meio de desenvoltura dos cidadãos para as diversas ocupações que são exigidas pelos processos de urbanização e industrialização. Com o constante aumento da demanda pela nova categoria profissional impulsionado pela industrialização e urbanização além da organização hospitalar, o ensino de enfermagem expandiu-se, incorporando padrões internacionais, critérios rigorosos de seleção de discentes e estágios estruturados e sistematizados.

### 1.3 ESCOLA ANNA NERY: FORMANDO A ENFERMAGEM PIAUIENSE

A Escola Anna Nery foi um marco fundamental na Enfermagem Brasileira. A profissão de enfermagem passa a ter um reconhecimento importante caracterizando o valor e a essência da Enfermagem profissional ou Enfermagem moderna sendo organizada por parâmetros próprios produzindo e sistematizando os conhecimentos necessários para as suas atividades práticas e estabelecendo as normas que regulam o seu exercício profissional.

O Decreto nº16. 300 de 31 de dezembro de 1923 criou oficialmente a Escola Ana Néri -então Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública- já inaugurada em 19 de fevereiro do mesmo ano, com 15 alunas internas. O internato foi instalado à Rua Visconde de Itaúna, 399, junto ao Hospital São Francisco de Assis, principal campo de prática da nova escola. Em pouco tempo, excedeu a capacidade da pequena casa alugada ao lado do hospital, tornando-se necessário uma outra, localizada a Rua Valparaíso, 40.<sup>13</sup>

Pelo Decreto nº 14268 de 31 de março de 1926, a escola com três anos de existência passou a chamar-se Ana Nery em homenagem a heroína da guerra do Paraguai. Em 7 de abril do mesmo ano o internato mudou-se para a Avenida Rui Barbosa, 762, ex-hotel sete de setembro, pertencente ao governo. No ano seguinte, em 28 de setembro de 1927 inaugurou-se o Pavilhão de aulas<sup>14</sup>, à rua Afonso Cavalcanti, 275 doado pela Fundação Rockefeller que também se comprometeu com o governo brasileiro a realizar as adaptações necessárias ao prédio para a residência das alunas.<sup>15</sup>

O pavilhão de aulas da EEAN teve a sua pedra fundamental lançada no dia 27 de novembro de 1922, o mesmo ano da criação da escola, então denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, uma vez que pertencia a este órgão governamental, cujo diretor era

---

<sup>13</sup> Informações contidas nos documentos de arquivos da Escola de Enfermagem Ana Néri da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em anexo nesta pesquisa.

<sup>14</sup> A sua planta física constituída de três andares que abrigavam o gabinete da diretora, sala do administrador, secretaria, sala de refeições, vestiário das enfermeiras chefes, sala de aprendizagem de enfermagem de Saúde Pública, lavatórios de alunas, cozinha em seu primeiro andar. O segundo andar era composto por duas salas de aulas teóricas, sala de professores, laboratórios de pesquisa, laboratório de dietética e sala de aprendizagem de arte de Enfermagem. O terceiro andar possuía o quarto da mordoma, quarto de plantão das enfermeiras noturnas, vestiário das enfermeiras assistentes, vestiário geral das alunas, instalações sanitárias e dois terraços.

<sup>15</sup> Informações contidas nos documentos de arquivos da Escola de Enfermagem Ana Néri da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Enciclopédia Britânica-volume 16-edição de 1962.

o médico sanitaria Carlos Chagas. Inaugurado em setembro de 1927 recebeu a denominação de Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, o pavilhão de aulas passou a funcionar como local de ensino. Hoje, o prédio é tombado e se caracteriza como patrimônio histórico sendo monumento que permite a manutenção e compreensão da história da profissão de enfermagem. O tombamento deu-se em 14 de agosto de 1987 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. (WERNECK, 1977, p.437)

**Figura 2 Internato da Escola Anna Nery**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Santos**

Na figura 2, o prédio do internato da Escola Anna Nery. Algumas moças Piauienses foram cursar Enfermagem fora do Estado na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, pois a inserção do curso superior dar-se-ia apenas em 1973, na Universidade Federal do Piauí. Dentre elas, destacamos seis piauienses, Maria Savina Marques de Sousa, Maria Vieira de Moraes, Maria Ligia Sepúlveda de Almendra, Maria de Fátima Emérito, Maria da Conceição Rodrigues Santos, Maria Helena Barros Araújo Luz.

**Maria Savina Marques de Sousa** nasceu em Parnaíba em 20 de julho de 1929, filha de João Marques de Melo, cearense, e Francisca das Chagas Marques, de Buriti dos Lopes, piauiense. O avô paterno tinha muitas fazendas e queria apenas lidar com terras e animais e não se interessou em colocar os filhos na escola, queria que os herdeiros seguissem os seus passos. O pai de Savina, João Marques, nunca havia frequentado a escola mas tinha conhecimentos empíricos valiosos e uma experiência exímia. Não teve instrução institucional e quem o ensinou a ler foi a sua primeira esposa Ana Belém, que morreu de parto ainda muito jovem deixando-o viúvo aos 30 anos de idade. Antigamente muitas mulheres morriam de parto pois não havia uma assistência criteriosa às gestantes. Posteriormente, João Marques conheceu Francisca das Chagas, casou-se com ela e tiveram seis filhos. Conviveram mais de setenta anos. A mãe de Savina faleceu aos 97 anos e o pai, aos 95.

Meu pai era um engenheiro nato, sem instrução, porém, muito caridoso, bonito, humilde, tinha uma condição financeira muito boa, empregou muita gente em construções, dedicou a sua vida também a ajudar os outros. Ainda hoje, encontro pessoas que agradecem pelo apoio e direcionamento que meus pais deram a muitas crianças e jovens. Meu pai foi convidado para fazer a estrada de ferro que liga Luís Correia a Piracuruca, também construiu a ponte metálica em Parnaíba e em Piracuruca. Ele era inteligentíssimo, foi ele quem fez os cálculos para a construção das pontes, embora muitos engenheiros estivessem lá. Armava as barracas na beira da estrada, minha mãe ficava em Parnaíba. O meu pai foi o primeiro morador de Cocal (nesta época a localidade pertencia a Parnaíba) apenas tinha mata de coco babaçu, meu pai era o dono de Cocal. (Depoimento oral da enfermeira Marques, 2018)

O pai de Savina foi um dos primeiros habitantes da localidade Cocal, próximo à cidade de Parnaíba, proprietário de muitas terras, fez inúmeras doações para a construção da Igreja matriz, para o mercado, para a praça, enfim, colaborou para que a cidade se estruturasse. A mãe tinha um hotel e fornecia alimentos para os viajantes do trem que se deslocavam de Teresina para Piri-piri e passavam em Cocal no horário do almoço, um cardápio diferente, um almoço com muitas opções, um tempero inigualável, como cita a interlocutora em seu relato.

Minha mãe era uma mulher maravilhosa e dinâmica e nunca precisou do dinheiro do meu pai, mesmo o meu pai sendo muito bem remunerado, respeitado pelos engenheiros; minha mãezinha era caridosa, acolhia as crianças pobres, as mulheres que estavam gestantes, criava meninos, criou um menino ao qual batizou de Antônio Marques. Fui criada com muita humildade. Meu pai era o dono de Cocal. Minha mãe era a mãe de Cocal e cuidava de doentes. Meu apelido era Maroquinha (sempre tive um grande amor por este nome) e tinha uma senhora chamada Dudu que minha mãe

cuidava e eu também a ajudava muito, varria a casa dela. Eu amava cuidar e ajudar. Desde pequena sempre tive instinto cuidador. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

As memórias que temos das nossas reminiscências da infância, da escola que estudamos, de todas as práticas vividas têm uma validade histórica pois que são construídas socialmente. As emoções são sociais e fazem parte de um vasto repertório de experiências, pois que o pessoal é social.

Savina Marques começou a estudar aos sete anos de idade em escola pública, o primário fez em Cocal, no Grupo José Basson e com dez anos a mãe a matriculou em regime de internato no colégio das Irmãs. Fez a primeira eucaristia em Cocal, em 1935, com 7 anos de idade como evidencia a figura 3, fotografia da época.

**Figura 3 Savina em sua eucaristia**



**Fonte: Arquivo pessoal de Savina Marques**

Savina relata que a origem do seu nome evidencia uma história importante a ser contada. A mãe, muito católica, tinha um vínculo muito forte com as irmãs de caridade e recebeu um pedido de uma das Irmãs que solicitou que a sua primeira filha fosse chamada de

Savina, homenageando uma grande Madre<sup>16</sup> que dedicou a sua existência à assistência humana e ao ensino.

A freira Ana Boson era amiga da minha mãe de infância. E pediu que quando a sua filha nascesse a chamasse de Savina em homenagem a Savina Petrilli. O corpo de Savina Petrili está hoje em Siena. A mãe Savina do Brasil e do mundo é piauiense chamava-se Madre Fortes e nasceu no Piauí. As mães superiores responsáveis pelas escolas tinham que ser italianas. Abelina Ducti, mãe que veio da Itália foi quem me ensinou a tocar piano e acordeão. Ganhei um acordeão de presente do meu marido. Eu tinha uma voz linda. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

Maria Savina terminou o ginasial em 1945 e ingressou para cursar a Escola Normal. Na época, a formatura na Escola Normal<sup>17</sup> era um evento único. O curso normal criado em 1835 tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário.

Os conhecimentos adquiridos no curso aperfeiçoavam as professoras e as estimulavam em buscar novos rumos de aprendizagem. Savina desde criança foi muito estimulada pelos seus pais a ser professora, porém, a docente queria cursar a área da saúde por ter um imenso desejo de cuidar das pessoas. Como evidencia Dubar (2005) a construção da identidade profissional não se limita a escolha de um ofício, ela é coletiva e se articula com a identidade individual, nas relações estabelecidas entre os indivíduos, a família e com as instituições com as quais interage.

Segundo a mesma, após a sua formação como professora na Escola Normal, tornou-se convicta em dar continuidade e ênfase a sua vida profissional. A sua festa de formatura foi o primeiro sonho realizado de Savina. Tornou-se professora. Ela lembra de seu vestido lindo de cor rosa confeccionado e bordado à mão por sua madrinha de batismo.

---

<sup>16</sup> Savina Petrilli, nasceu em 29 de agosto de 1851 em Siena, era italiana e fundou em seu país a Congregação das Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Siena, que hoje está funcionando em diferentes países e continentes. Faleceu em abril de 1923. Foi beatificada em 1988, pelo Papa João Paulo II.

<sup>17</sup> No Piauí, a Escola Normal oficial foi criada em 1910, por um governador do Estado empossado e em 1915, denominou-se Escola Normal Antonino Freire. As moças eram imbuídas pelo desejo de serem normalistas.

**Figura 4 Formatura na Escola Normal de Savina**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Marques**

Quando eu terminei o curso ginásio em 1945, minha mãe comprou uma casa em Parnaíba para os filhos estudarem. Sou professora e fiz o curso Normal. Ingressei no curso em 1947, no Ginásio Lima Rebelo onde funciona hoje a Faculdade de Direito e terminei em 1948. Em 1949, eu fui fazer o vestibular na Anna Nery. A escola contratou o professor Verneck, renomado docente, para dar aula de química e física e as moças normalistas de todos os lugares do Brasil (nordeste, então, de Parnaíba, Alagoas, Fortaleza) foram orientadas nestas disciplinas para que pudessem realizar e passar no processo seletivo da Escola de Enfermagem Anna Nery. Eu passei em terceiro lugar. Parnaíba tinha um avião que saía cinco horas da manhã e chegava cinco horas da tarde no Rio de Janeiro pela empresa Aerovias. Avião pequeno com 35 passageiros. O avião fazia conexão em muitos estados do Brasil. Chegávamos no Aeroporto Santos Dumont no Rio de Janeiro. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

A Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) iniciou o seu funcionamento no ano de 1923, durante a missão de Cooperação técnica para o desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, conhecida como missão Parsons, tendo sustentáculo no sistema de ensino nightingaleano. Este sistema era baseado no aprendizado técnico e científico, no treinamento prático e na formação moral de enfermeiras e era voltado para a profissionalização feminina. (BARREIRA et al, 2011, p.22).

Nos idos de 1949, a professora Savina foi selecionada para a Escola Anna Nery, logrando êxito em terceiro lugar. Chegou bem antes do processo seletivo pois precisava se

preparar para as avaliações. Para prestar os exames, moças da maioria dos Estados estavam presentes.

A Escola era em regime de internado e ficava localizada na Avenida Rui Barbosa, 839, em Botafogo. Savina assistiu aulas das disciplinas de Química e Física pois os conhecimentos ministrados na Escola Normal em Parnaíba não a prepararam para estas matérias específicas elencadas para o processo seletivo na época. Segundo a enfermeira precisava estudar as disciplinas exigidas para a seleção para galgar êxito. Dedicou-se muito e estudava de madrugada, logrando aprovação em terceiro lugar. Ela lembra que a sua família ficou muito orgulhosa e que todos comentaram na vizinhança que ela seria Enfermeira Anna Nery.

Era exigido o diploma de curso normal e as candidatas deveriam apresentar um documento expedido por médico de saúde pública atestando sólida constituição, boa resistência, mentalidade perfeita e ausência de defeitos orgânicos e doenças contagiosas. A figura 5 evidencia a aluna assistindo às aulas preparatórias para o vestibular na Escola Anna Neri, no Rio de Janeiro em 1949.

**Figura 5 Maria Savina em estudos para a seleção**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Marques**

Inicialmente as internas realizavam um curso preliminar para aquisição dos conhecimentos da matriz básica e posteriormente mudavam de uniforme pois iniciavam estudos mais aprofundados e especializados.

Durante o curso preliminar as acadêmicas usavam um uniforme específico azul, com avental branco e uma boina, o “habitus da enfermeira”:

Somos um verdadeiro laboratório vivo de cruzamentos culturais, ainda não considerados analiticamente – com largo índice de experiências multiétnicas, religiosas, de trabalho- e como espaço cultural (...). O habitus é essencial para a construção da identidade. Não podemos esquecer da essência de possibilidades e pontes que suscitam as trajetórias experienciais individuais e coletivas. (BURKE, 1992, p. 14)

Desde a sua criação, a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), instituiu a uniformização como elemento essencial de identificação das estudantes no cotidiano de seu espaço social utilizado nas diversas ocasiões. As alunas quando ingressavam na Instituição tinham por obrigação identificar todas as roupas conforme as instruções elaboradas pela primeira diretora da Escola Miss Claire Louise Kieninger:

Os uniformes serão fornecidos pelo Hospital Geral da Assistência mas cada aluna deverá trazer uma quantidade suficiente de roupas brancas e meias. A roupa branca deve ser simples, sem rendas, pregas, bordados ou enfeite algum e todas as peças têm que ser identificadas com nome por extenso- o calçado branco, sapato comum, fechado (KIENINGER, 1923 apud COELHO, 1997, p. 11)

Na década de 1920 até 1970 existiam três uniformes, o uniforme do preliminar, o hospitalar e o de saúde pública. O uniforme hospitalar era constituído pela mesma roupa do preliminar, porém, com acréscimo de alguns acessórios diferenciados como a insígnia, avental e touca. Estes possuíam as versões de inverno e de gala para uso nos dias frios e em solenidades. (PERES, BARREIRA, 2003; PERES, PADILHA, 2014)

O significado social que o traje adquire se expressa por meio de sua estética. Isto revela a ligação intelectual e afetiva que se estabelece entre ele e o seu usuário, considerando os aspectos plásticos do corpo em movimento, bem como a estrutura corporal e o referencial social da moda aplicado para a confecção da vestimenta. O poder e a influência que o uniforme pode ter para a imagem da enfermeira. (NACIF, 2013, p. 22)

A Escola Anna Nery sempre normatizada com disciplina hierárquica e militar e como aborda Julia (1995) “ a cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar assim como um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes conhecimentos e a incorporação destes comportamentos” A

cultura escolar precisa ser analisada através das Instituições escolares, por meio de seus documentos e isso implica em considerar as relações culturais abordando as ambiências sociais.

As discentes da Escola cantavam sempre o hino da enfermeira no auditório da Escola Anna Nery, e era um momento lindo e cheio de emoção como relata a enfermeira Marques.

Quando passei no vestibular, fiz um curso preliminar de seis meses com conhecimentos que se adquire para cuidar do paciente, aprendia a realizar procedimentos como a administração medicamentosa, as patologias. A nossa primeira aula de anatomia foi no cadáver, aulas minuciosas. Era um dos melhores professores. Mostrava vasos, veias, músculos, nervos. O cadáver era conservado no formol. Durante o curso preliminar era um uniforme de acadêmica, uniforme azul, avental branco e uma boina. Na nossa Escola havia uma nitidez imensa. Tudo era disciplinado. Ficávamos internas na parte de cima e quando descíamos as escadas éramos fiscalizadas totalmente, do uniforme às meias. O cabelo deveria ser protegido por uma tarrafa. Se caso o uniforme não estivesse em ordem não poderíamos ir para as aulas e nem para os estágios. Eu paguei um dia depois de formada por que eu não estava adequada em determinado dia. Se houvesse uma aluna que se sobressaísse ela receberia uma homenagem como a dama da lâmpada no auditório. O hino nacional da enfermeira da escola Anna Neri era belíssimo. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

Nas formaturas, a lâmpada permanece integrando o ritual: ela é acesa sempre por uma enfermeira, cujas qualidades superiores a dignificam a personificar estes ideais. A transferência desta chama às lâmpadas de todas as graduandas simboliza o compromisso compartilhado na manutenção do valor profissional e do voto tendo sustentáculo na dedicação, na doação, no compromisso e fidelidade à instituição. Na trajetória profissional os rituais e emblemas utilizados pelas Escolas de Enfermagem têm significados importantes com aporte simbólico exercido pelo discurso científico consagrado na luta pela consecução de espaços sociais de significativa relevância configurando a importância da cultura material escolar.

Pesquisas contemporâneas realizadas o campo dos estudos da História da Educação têm frequentemente se preocupado em conhecer e reconhecer o cerne das instituições educativas não a partir de uma abordagem direcionada a uma visão macro e generalizada, focada nas diretrizes legalistas estatais. Pelo contrário, as investigações têm se inquietado com o interior escolar, com as suas práticas e culturas e de que forma foram sendo apropriadas em face de mecanismos de controle menores, materializados ou não dentro das próprias instituições. (CASTRO, 2011, p. 363)

A inserção da enfermeira no âmbito da saúde, seu reconhecimento e valorização pela elite da sociedade brasileira originaram-se da dedicação, doação e da competência das enfermeiras precursoras e de suas seguidoras que foi o constructo de uma imagem profissional preparada, através de ensino rígido, formalizado e normatizado representados por rituais e emblemas que, repetidos anualmente, em solenidades, congregavam representantes de diferentes setores sociais. A normatização da vida das estudantes de enfermagem fazia-se por uma série de dispositivos, como os exames públicos e as premiações, pela conduta nas solenidades e rituais, pela obediência a superiores, pela observância da pontualidade, da assiduidade, da regularidade e da ordem.

Tendo como centro difusor de emblemas e rituais a Escola Anna Nery, tendo como inspiração a ambiência religiosa e militar adaptados do paradigma inglês eram usados como modo de inculcação da hierarquia e da disciplina e favoreciam a construção da identidade da enfermagem brasileira. Um traço marcante das gestões das enfermeiras americanas foi a institucionalização de emblemas representados por broches, uniformes, toucas, lâmpadas, bustos, hinos, houve a implantação de práticas consagradas por normas. (SANTOS E BARREIRA, 2002, p. 33)

**Figura 6 Turma Anna Nery em curso preliminar**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Marques**

A Figura 6 demonstra a turma de enfermagem da Escola em que a acadêmica Savina estava inserida. O uso dos uniformes nas Escolas de Enfermagem era uma estratégia na construção da imagem da enfermeira e de sua identidade profissional pois que vários elementos tinham significados simbólicos importantes como a touca, o avental, o broche e

braçadeira. Savina cursou enfermagem e fez amizades com moças de quase todos os Estados, principalmente do Nordeste. Discentes de origens de vários Estados estavam cursando Enfermagem na Escola Anna Nery, como evidencia:

Eu lembro da Afle Furtado Dematheí de Belo Horizonte (mineira), Maria Aparecida de Barros Lima de Maceió (Alagoas), Maria Cacilda Ramalho Siqueira e da Diva Pessoa de Brito, de João Pessoa (Paraíba), Maria Stella Teixeira de Oliveira do Rio de Janeiro. Tenho lembranças de quase todas. Alzira Mangueira Lima, Carmen Siqueira de Aguiar, Laura Sabóia Bandeira de Melo, Louise Augustine Roeh, Ângela Freitas, Judite Pereira, Marta Faria, Margarida Silva, Maria Heroína Amaral, Tereza Lopes de Paula, Edna Veras de Carvalho<sup>18</sup>. Éramos 47 alunas. Lembro dos sorrisos e da felicidade da minha turma. Uma turma cheia de sonhos e um futuro pela frente. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

As lembranças fomentam as histórias de vida, o lembrar semeia a construção dos fatos que vão surgindo com as reminiscências. Os nomes afloram, os lugares são revisitados, a alma é iluminada pelo passado, pelos instantes em que o passado retorna. Segundo Souza (1997) “o tempo escolar é um tempo no qual a noção de progresso inscreveu profundamente: a seriação, os níveis de ensino, traduzem uma concepção de tempo linear, contínuo, dirigido a um objetivo situado no futuro, que condensa a um só tempo, vários tempos”

As disciplinas eram inúmeras. Os estudos iniciavam nas primeiras horas da manhã e o dia era repleto de atividades. Com critérios e normas, as alunas tinham que andar com as vestes impecáveis e o cabelo arrumado. Ausência de acessórios e sem pinturas no rosto. A Escola tinha uma rigidez intensa, o controle de voz, o silêncio, as vestes impecáveis eram essenciais. Após as disciplinas preliminares, as discentes ingressavam para as matérias mais específicas do curso.

Havia nos estágios hospitalares um controle extremo e rigoroso com as administrações medicamentosas e com a assistência ao paciente. O curso era ministrado em quatro anos. Os locais de Estágio eram Hospitais-Escola, Hospital São Francisco de Assis onde funcionavam todas as clínicas e a Maternidade escola que ficava em Laranjeiras, o Hospital para tratamento de doentes mentais era fora da cidade e a interna e a sua turma se

---

<sup>18</sup> Todos os nomes das discentes estão elencados no documento da Escola Anna Nery em anexo nesta pesquisa.

dirigiam a estes locais para a realização dos mesmos. As aulas teóricas aconteciam no Pavilhão de aulas<sup>19</sup>, assim como as práticas laboratoriais.

Inaugurado em 1922, o antigo Hotel Sete de Setembro tornou-se alojamento para as estudantes e professoras da Escola de Enfermagem a partir de 1926, onde elas moraram até 1973, quando foi inaugurado o alojamento de estudantes da Ilha do Fundão e o prédio foi desativado e cedido para a reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A diretora na época da transferência era a professora Cecília Pecêgo Coelho.

Uma das internas que estudava com Savina Marques, Valmira Soares, piauiense, contraiu ainda estudante uma hepatite infecciosa e faleceu no Rio de Janeiro. Ficou internada durante algum tempo no Hospital São Francisco de Assis, mas não resistiu e foi velada no salão de honra da Escola e enterrada na capital.

Fomos fazer uma visita para ela um dia antes dela morrer e ela estava bem, recebeu o nosso grupo com alegria e pensávamos que ela ficaria curada. No outro dia recebemos a notícia de seu falecimento. O médico nos disse que ela tinha recebido a “visita da saúde” para se despedir. Ficamos todos desolados com a sua partida, ela tinha um sorriso puro e lindo e todos ficaram lembrando de seus gestos e de sua voz por muito tempo. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

A acadêmica Savina referenciou também um momento inesquecível enquanto interna na Escola, em 1952, citando que todas as alunas, professoras, colaboradoras foram assistir no cais do porto, o traslado dos ossos de Anna Neri para a sua terra natal, Cachoeiro da Bahia onde seriam enterrados, conforme o seu desejo antes de morrer. Na época, a diretora da Escola era Laís Neto dos Reis.

A fotografia fala, sussurra, tem voz. Pois que nos relata detalhes sobre o passado informando à luz da subjetividade traços esquecidos, emoções perdidas, algo que foi silenciado durante anos e que retorna trazendo essenciais revelações.

A postura, as emoções e os sentimentos evidenciados, o espaço ocupado à luz da fonte imagética nos fornecem dados para a interpretação pretérita. As relações da EEAN com a identidade profissional e social da enfermagem brasileira foram evidenciadas em estudos que trataram de sua criação, implantação e desenvolvimento, tanto que profissionais por ela

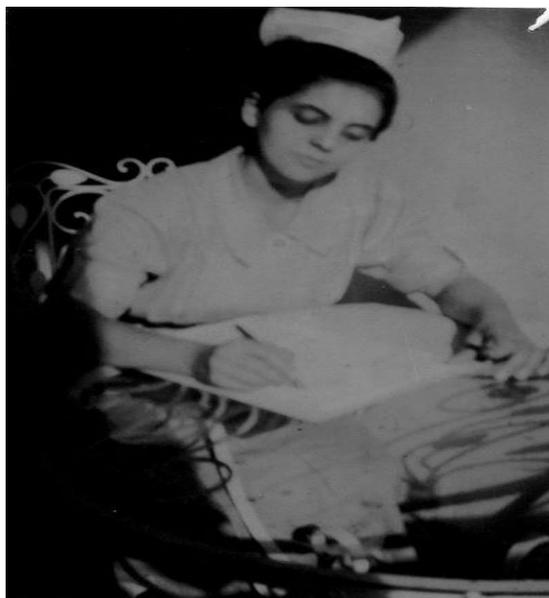
---

<sup>19</sup> Atualmente, o Pavilhão de aulas da EEAN abriga o Gabinete da direção, os departamentos de enfermagem, os núcleos de pesquisa, a coordenação geral da pós-graduação, pesquisa e pós doutorado, a biblioteca setorial de pós graduação em enfermagem, o centro de documentação.

formados ganharam o codinome de Enfermeiras PAN – Padrão Anna Nery, referência que se perpetua hodiernamente como herança histórica da forte identidade de profissionais formados pela Instituição.

O brilho no olhar da enfermeira encanta os que a ouvem por que ao recordar os momentos de sua formação e de sua relação com as outras alunas, assim como as lembranças da Instituição de Ensino são indubitáveis a sua emoção, e com lágrimas nos olhos revive as suas reminiscências. Na figura 7, a acadêmica em seu estágio na Maternidade em Laranjeiras, com plantões assíduos, uniforme impecável e trazia consigo a certeza do sonho profissional.

**Figura 7 Savina em estágio na maternidade em Laranjeiras**



**Fonte: Foto cedida pela enfermeira Marques**

Depois dos seis meses do curso preliminar aprendíamos as posições de enfermagem, decúbito lateral esquerdo, direito, trendelemburg, a administração de oxigênio e também a de medicamentos. E era outro uniforme. Em 1949, eu tinha 19 anos, eu estava encantada e feliz. O curso eram quatro anos intensivos. Os estudos iniciavam sete horas da manhã e terminavam no final da tarde. Devíamos estar impecáveis. Nada de adornos, o relógio era no bolso, nada de maquiagem. Havia um livro de medicamentos tudo escrito com letra de forma, quando o médico prescrevia, pegava-se o livro e se colocava paciente por paciente, quais as injeções, os medicamentos, os curativos, os horários. Nós tínhamos o cuidado de olhar o rótulo do medicamento três vezes, não havia como errar, o critério era grande e quando administrava, checava de caneta azul durante o dia e vermelha, a noite. (Depoimento oral da Enfermeira Savina Marques)

Na EEAN o uniforme era parte dos emblemas utilizados como parte da estratégia de construção identitária, institucional e profissional. As professoras eram muito competentes e rígidas. A maioria delas saíam do país para fazer especialização nos Estados Unidos. Elas falavam inglês com fluência e dominavam a maioria das áreas e disciplinas a serem ministradas às alunas. A Escola exigia das alunas um empenho e uma dedicação exímios pois se houvesse qualquer intercorrência eram elas que arcavam com as despesas.

A dedicação deveria ser integral e a doação exímia. Nos plantões noturnos não se admitia o descanso e era necessária imensa responsabilidade e atenção no período da noite.

Não podíamos dormir. Ficávamos a noite inteira acordada. Eu passava a noite trabalhando. Ganhei distinção nos meus relatórios pelo meu trabalho intenso. As seringas não eram descartáveis fazíamos a esterilização com a ebulição. Se quebrasse qualquer instrumento tinha que arcar com o conserto. No Rio, existia a Casa Artur local onde se consertavam objetos e instrumental cirúrgico. Há 60 anos, as enfermeiras da Anna Nery tinham todas especializações nos Estados Unidos. Os professores todos eram da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola Anna Nery tinha sustentáculo em disciplina e regime militar. Se chegasse atrasada no refeitório, não comia. Lembro da Ana Nava, era diretora da Escola Anna Nery, Laís Neto dos Reis, Elvira de Fellici, Olga Salina Lacorte (casada com um cientista). (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

No intervalo entre as aulas as acadêmicas ficavam no pátio da escola. Ocasão em que aproveitavam para conversarem sobre as aulas e sobre assuntos pessoais. Falavam sobre as belezas do Rio de Janeiro e sobre as saudades que sentiam de sua família.

Conforme o relato da enfermeira havia uma escadaria linda que dava acesso à entrada da escola, e nos intervalos entre as aulas muitas ficavam sentadas, em diálogos, falando sobre as suas vivências e experiências adquiridas durante o curso. Conversavam sobre os professores, as experiências dos estudos, a importância da teoria e de suas práticas. As vozes da memória propiciam uma reconstituição deste passado educacional corroborando para a história. Tais vozes permitem aprofundar e sustentar processos sociais ativos que são essenciais para a produção de novas fontes históricas e também para a preservação das mesmas.

A voz do passado retorna ao presente reconstruindo o elo mnemônico, as imagens vivenciadas à época semeiam os pensamentos presentes. A figura 8 evidencia Savina, em frente à EEAN, com outras discentes de sua turma, sentada no quarto degrau, à direita, da escada da escola.

**Figura 8 Alunas da Escola Anna Neri nas escadarias**



**Fonte: Foto cedida pela enfermeira Marques**

**Figura 9 Turma Anna Neri 1949**



**Fonte: Arquivo pessoal da enfermeira Marques**

A finalização do curso deu-se em 1952, a recém-formada encantada com a profissão, ganhou uma bolsa para trabalhar em Colatina, no Espírito Santo, ocasião em que trabalhou no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) retornando após um ano de trabalho para Parnaíba, quando casou e mudou-se para Parnaíba, sua terra natal.

Era a terra do crime, Colatina era uma cidade muito violenta. Mas trabalhei um ano na cidade. Lá foi fundado o Serviço especial de Saúde Pública (SESP) uma fusão do governo Brasileiro com o Americano com a presença de equipe multidisciplinar (médico, enfermeira, técnico de enfermagem, dietista e engenheiro), não aceitavam nenhuma profissional que não tivesse o

curso de enfermagem. Quando eu saí de Colatina, fui de férias para Parnaíba e me casei, depois de 13 dias que eu cheguei, com um antigo noivo, Bernardo, farmacêutico. Ele era muito ciumento e ele não me deixava trabalhar. Casei na Catedral de Parnaíba de portas fechadas. Eu, ele e o Padre, no dia 21 de novembro de 1953. Eu não tive convidados. Mas nós nos amávamos muito. Na época, era um príncipe (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

A enfermeira Savina participou de alguns Congressos, dentre eles, um do qual tem lembranças inesquecíveis que foi realizado em 1953, na cidade de Petrópolis em ambiência da Saúde Pública, com a participação de quarenta (40) países. A cidade a encantou imensamente. A profissional à direita acompanhando uma de suas professoras da Escola Anna Nery. Como é evidenciado pelo registro fotográfico evidenciado pela figura 10:

**Figura 10 Congresso em Petrópolis**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Marques**

Após a sua formatura e casamento, Maria Savina, foi morar no interior do Piauí, por ocasião do falecimento de seu sogro, na Localidade de Buriti dos Lopes, época em que se dedicou totalmente a assistência e cuidado humano, atividades caritativas e sem remuneração.

Realizava algumas intervenções devido ao seu conhecimento e experiência teórica e prática adquiridos na Escola de Enfermagem e fazia este trabalho com amor, doação e dedicação. A enfermeira foi professora da primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Parnaíba, em 1945, fundada pela doutora Mirócles Campos Veras. Ministrava, nesta época, na Escola de Enfermagem, as disciplinas de anatomia e fisiologia. Foi um momento de intensa

realização profissional pois a docência, assim como a enfermagem sempre foram para ela o motivo pelo qual aperfeiçoou-se e lutou para galgar.

A figura 11 demonstra Maria Savina ao centro, ao lado das enfermeiras Teresinha Brito e Laetitia Pedrosa, piauiense (Oriunda da Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte). As vestes impecáveis simbolizando a figura valorosa da enfermeira da época. A professora refere-se ao dia em que foram fotografadas como uma data importantíssima em sua vida profissional.

**Figura 11 Savina professora de Enfermagem em Parnaíba**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Marques**

Posteriormente, o seu envolvimento com este cuidado assistencial deu ênfase a um movimento político na cidade e então, após um parente assumir a gestão política da cidade, ela começou a trabalhar como enfermeira.

O pai do meu marido morreu em 1958 e ele foi morar em Buriti dos Lopes e eu fui com ele e passei 15 anos morando e trabalhando lá, trabalhando para o povo, eu era enfermeira, parteira, fazia administração de medicamentos, verificava pressão, cuidava de todos e não cobrava nada. Eu lembro que tinha muitos casos de eclampsia e crises convulsivas. Meu cunhado era diretor da Santa casa e nós encaminhávamos a paciente para Parnaíba. Ganhei um grande nome. Pouco tempo depois se candidatou a política um sobrinho do meu esposo, João da Cruz e devido ao meu trabalho de caridade e ligação com o povo ele me pediu para ajudá-lo e ele foi eleito e muito bem eleito. Fui à Igreja agradecer tamanho feito. As pessoas falaram que era eu que tinha ganho a eleição e fui nominada para ser a diretora do Hospital de Buriti dos Lopes. Meu marido deixou desta vez, depois de 35 anos. Organizei o Hospital de acordo com as normas que aprendi na Escola Anna Nery. (Depoimento oral da enfermeira Marques, 2018)

A enfermeira trabalhou muito tempo na assistência de Enfermagem Hospitalar e também no âmbito da Estratégia da Saúde da Família, na Atenção Básica, no espaço da Saúde Pública e foi inserida no âmbito do ensino. Orientou inúmeros Agentes Comunitários de Saúde, ensinando-os a atuarem em domicílio em zonas urbanas e rurais. Era experiente na área de imunização e pré-natal, trabalhava nos programas de hanseníase e tuberculose.

A cultura material escolar tem uma relação direta com a construção da memória histórica e é pressuposto para a garantia da cidadania cultural dos sujeitos sociais. O significado de se entoar hinos é o de atribuir um tom solene ao momento vivido por meio da exaltação às instituições evocada nessas canções. Uma vida dedicada à Assistência e ao Ensino de Enfermagem. Em um dos momentos mais lindos, com seus 89 anos recitou e cantou com nítida lucidez o Hino Nacional da Enfermeira da Escola Anna Nery:

Servos irmãos do que padecem, sem ver a quem, seja a quem for, basta sofrer quem os merece, auxílio e amparo o sofredor; Em nossas mãos a vosso mando. O sofrimento a morte até, a pouco e pouco se abrandando. Faz o remido de um galé. E todo enfermeiro, nos votos seus, será mensageiro do amor de Deus. Pois dispensar guarita consolação é lema de nossa vida e glória de nossa profissão. Diante da touca da enfermeira, branca de altruísmo e compaixão. É quem mais sente a verdadeira fraternidade, o coração. De nossas mãos, piedosamente alívio dar, fez-se o mister tornando em nós, a todo o doente um pouco de mãe, cada mulher.  
(Hino da Escola Anna Nery)

O Hino da Escola Anna Nery foi escrito por Maria Eugênia Celso<sup>20</sup> e musicado por Eduardo Souto<sup>21</sup>. Na partitura está registrado como “Anna Nery- Hino da Enfermeira”.

O hino faz uma abordagem à doação, abnegação, caridade, humanidade, simplicidade, com sustentáculo em valores afetivos, humanitários, religiosos. Destaca a importância do altruísmo e da compaixão, assim como da caridade e humildade. Cita a indumentária da enfermeira e faz referência a touca como símbolo.

---

<sup>20</sup> Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça nasceu em São João Del Rey em Minas Gerais em 1886, neta do Visconde de Ouro Preto. Jornalista, Literata, foi autora de hinos e poesias. Participou ativamente do Movimento Feminista. (Academia Petropolitana de Letras, 2015)

<sup>21</sup> Eduardo José Alves Souto foi um importante compositor da música nacional na década de 1920. (Instituto Piano Brasileiro, 2016)

**Figura 12** Capa da partitura da música Anna Nery – Hino da Enfermeira



**Fonte:** Instituto Piano Brasileiro, 2016

**Figura 13** Fotografia da partitura do Hino da Enfermeira



**Fonte:** Escola de Enfermagem Anna Nery- Rio de Janeiro

Os vestígios encontrados dentro das instituições educacionais oferecem um espaço fértil para a materialidade das relações que são construídas, historicamente, no cotidiano da instituição, pois como enfatiza Castro (2011) a classificação da materialidade escolar pode ser caracterizada em hinos, indumentárias, organização e escrituração escolar, prédios escolares.

A enfermeira da Escola Anna Nery, Maria Savina Marques de Sousa, foi homenageada pela Câmara Federal, recebeu várias homenagens no decorrer de sua vida profissional, assim como pelo Conselho Regional de Enfermagem (COREN) do Estado do Piauí. Tinha uma memória intrigante, fato percebido pela riqueza dos detalhes contados sobre a sua existência. O brilho no seu olhar esclareceu a felicidade do encontro e elo com a profissão. Dedicada à família, teve 3 filhos, um homem e duas mulheres. Quatro netos. Quatro bisnetos.

Em dezesseis de janeiro de 2019, faleceu Savina Marques, três meses após a concessão da entrevista sobre a sua história de vida deixando toda a ambiência da Enfermagem consternada.

**Maria Vieira de Moraes** nasceu em Teresina, em 14 de julho de 1936. A mãe ficou viúva quatro vezes e Maria é oriunda de uma família com seis irmãos. A irmã mais velha de Maria Vieira, Francisca Vieira foi criada por tios. A mãe adquiriu impaludismo e Maria com apenas um ano e seis meses foi encaminhada aos cuidados da irmã de sua mãe. Com o tempo passou a chamá-los de pai e mãe. Fez o primário em Teresina e o ginásio em Caxias, no Maranhão. Retornou à Teresina para estudar em 1958 e aos 17 anos de idade foi para o Rio de Janeiro pois foi privilegiada com uma bolsa de estudos para cursar enfermagem na Escola Anna Nery, por intermédio do Deputado Marcos Parente.

Viagei durante cinco dias de ônibus e cheguei na cidade do Rio de Janeiro em pleno carnaval, em fevereiro. Eu iria me hospedar com uma tia. Mas fui recomendada a um senhor amigo do meu pai na Rodoviária de Teresina que na época ficava na Praça Saraiva, e quando cheguei ao Rio de Janeiro eu permaneci na casa deste senhor com sua esposa e filhos. (Depoimento oral da Enfermeira Vieira, 2018)

A estudante não conseguiu participar do processo seletivo pois não conseguiu chegar em tempo para a realização do certame. Não tinha experiência na cidade e quando chegou ao destino as avaliações já tinham sido iniciadas, a professora que estava na sala não a deixou participar, conforme relata:

A seleção seria feita na própria Escola Anna Nery que se localizava próxima ao Hospital São Francisco de Assis, e todos da família onde eu estava hospedada haviam me orientado a pegar o ônibus e chegar ao local da minha prova, mas eu me perdi. Era tudo novo e eu não sabia andar no Rio de Janeiro. E quando eu cheguei finalmente à Escola as provas já estavam sendo distribuídas e uma das professoras da alta sociedade e da diretoria chamada Olga Salinas Lacorte não me permitiu realizá-las. (Depoimento oral da Enfermeira e professora Vieira, 2018)

O pai da estudante quando soube o que havia ocorrido, enviou o dinheiro para a sua passagem de retorno a Teresina, porém, Maria Vieira posicionou-se e disse que apenas retornaria ao Estado do Piauí formada. Ficou morando com a sua tia e decidiu trabalhar durante o ano para sustentar-se, pois somente faria novamente a seleção para a Escola Anna Nery, em fevereiro de 1959.

Eu soube no prédio em que eu morava com a minha tia através de um porteiro que também era protético que um dentista renomado chamado Milton estava precisando de uma técnica em odontologia. O consultório deste odontólogo localizava-se em Copacabana. E quando fui falar com ele, perguntou-me de onde eu era e eu respondi que era piauiense e em seguida ele disse-me que estava contratada. Segunda feira cedo eu estava lá com as devidas vestimentas, uma bata e sapatos fechados. Esta experiência foi a minha primeira escola, aprendi a conhecer o Rio, a andar pela cidade, conhecendo as ruas e os bairros cariocas. Eu tinha que realizar pagamentos, comprar instrumentos odontológicos e o Doutor Milton fazia mapas da cidade para mim. Depois eu soube que ele me havia contratado porque a sua governanta era do Piauí e que ele tinha um apreço enorme por ela. Sua esposa havia ficado doente e tinha sido cuidada por muito tempo por uma governanta piauiense. (Depoimento oral da Enfermeira Vieira, 2018)

Em fevereiro de 1959, a aluna fez a seleção para a Escola de Enfermagem Anna Nery e obteve êxito. A EEAN tinha uma estrutura suntuosa, com salão nobre, refeitório, pavilhão de aulas, residência para docentes e discentes. Funcionava em regime de internato. A formatura deu-se em 1961, com coquetel realizado no salão nobre.

No início do curso éramos catorze (14) mas apenas finalizaram sete (7). Na época, podíamos escolher a nossa madrinha de broche e escolhi uma grande amiga, auxiliar de enfermagem. Quem tinha faltas durante o curso, compensava no final. Eram normas rígidas. Meu uniforme de formatura, lembro-me bem, branco impecável com mangas compridas, luvas, meias e touca. (Depoimento oral da Enfermeira Vieira, 2018)

Na formação deste habitus<sup>22</sup> a valorização do uniforme de enfermeira tinha papel decisivo sempre ressaltado nas aulas de Ética da diretora Laís Netto dos Reis “A enfermeira no exercício de sua profissão, deve ser diferenciada em suas vestes pois os que precisarem de sua assistência a identificarão, em qualquer lugar”

---

<sup>22</sup> A incorporação do habitus implica na construção da identidade social instituída por meio de disposição dos corpos para sentir, pensar e agir, caracterizando uma forma de comunicação que marcam e deliberam as relações entre os grupos. (BOURDIEU, 2012)

Sabe-se que o vestuário é uma forma de manifestação de identidades, sendo que o uniforme representa uma identidade coletiva (DUBAR, 2005; LURIE, 1997). O vestuário constitui um todo genérico formado pela relação entre indumentária e traje. No sentido pleno, é um modelo social, uma imagem mais ou menos padronizada de condutas coletivas previsíveis. (BARTHES, 2005).

O traje constitui-se no modo pessoal como o usuário adota a indumentária que lhe é proposta por seu grupo. A indumentária é uma realidade institucional, essencialmente social, que independe do indivíduo. Vive em estreita simbiose com o seu meio histórico. Segundo Aulete (2016) “A indumentária ultrapassa a ideia de ser apenas o vestuário. Insígnia é um sinal ou signo que indica posição, poder, dignidade, classe, nobreza, é uma designação emblemática e é adotada para individualizar e distinguir uma Instituição”

A utilização de uniformização no Brasil tinha o objetivo inicial de identificar estudantes de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina. Por meio da organização estética dos estudantes a Escola poderia firmar-se como instituição disciplinar. (LONZA, 2005).

Pesquisas recentes no âmbito da História da Educação direcionam a reconhecer as Instituições Educacionais como reflete Abreu (2005) “a partir de dentro de suas formas de organização e das ações dos sujeitos envolvidos naquilo que é conhecido como cultura escolar como os valores, práticas, saberes que constituem o repertório de atividades sociais.

Observa-se, na bandeira da Escola Anna Nery, nos broches de estudantes e de enfermeiras, a figura da cruz de malta<sup>23</sup>, conclui-se que foi este o símbolo escolhido como insígnia da Escola desde a sua inauguração.

---

<sup>23</sup> A cruz de malta, também conhecida como cruz de Amalfi, é o símbolo associado com a ordem dos cavaleiros de malta que eram os cavaleiros hospitalários. Uma organização de cavaleiros cristãos que surgiu durante as cruzadas.

**Figura 14- Insígnias da EEAN**



**Fonte: Acervo da Escola Anna Nery**

Além da touca e da braçadeira, era colocado um broche contendo a insígnia de estudante da Escola, que passaria a ser utilizado como acessório dos uniformes, destaca-se também a utilização de luvas. A intenção do ritual é “marcar o instante privilegiado e único na visão de quem o viveu” (DAMATTA, 1997).

O ano de 1961 representou um marco para a enfermagem pois colocou-a efetiva e definitivamente no nível superior, com a cessação do prazo legal que possibilitava ingresso nas escolas de enfermagem de concluintes de curso ginasial. Foi também o ano da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. De acordo com as atribuições conferidas por esta Lei, o Conselho Federal de Educação fixou para o curso de enfermagem, o currículo mínimo e a sua duração em três anos letivos com um quarto ano optativo em saúde pública ou obstetrícia<sup>24</sup>.

No cerimonial da formatura eram tocados o hino nacional e o hino da enfermeira<sup>25</sup> e procedia-se ao ritual do acender da lâmpada e a troca do broche. A escolha deste símbolo exterior, o seu uniforme, caracteriza a obediência a um princípio normativo que rege a vida da enfermeira e a sua formação profissional. Na figura 15 a enfermeira Maria Vieira recebendo o broche e sua formatura de sua madrinha.

<sup>24</sup> Parecer 271, de 4 de dezembro de 1962.

<sup>25</sup> A autora do Hino da enfermeira foi Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça nasceu em São João Del Rey em Minas Gerais em 1886, neta do Visconde de Ouro Preto. Jornalista, Literata, foi autora de hinos e poesias. Participou ativamente do Movimento Feminista. (Academia Petropolitana de Letras, 2015)

**Figura 15 Cerimônia de Formatura - Entrega do Broche**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Vieira**

A enfermeira também relata que uma das componentes da mesa de honra era a professora de fundamentos de enfermagem Vilma de Carvalho, piauiense. Na figura 16, a professora Vilma do Estado do Piauí, ministrando aulas na Escola Ana Nery.

**Figura 16 Professora Piauiense na EEAN**



**Fonte: CEDOC/EEAN/ Banco de fotos- Nº Identificador 3.15.0809.**

A professora Vilma de Carvalho<sup>26</sup> egressa da Escola Anna Nery, da classe do ano de 1954, ingressou como professora e também além das suas aulas era responsável por supervisionar o rigor dos uniformes. Na figura 16 ministrando aula teórica no pavilhão de aulas, as discentes usando o uniforme, touca branca, meias brancas e sapato fechado branco, exceto uma delas, na frente, com vestes religiosas.

O evento da formatura era a coroação do esforço vivenciado durante os anos da graduação. Era um momento de extrema felicidade para a sociedade, o corpo social da escola e para a família das estudantes que compareciam mesmo aqueles que eram domiciliados em outros Estados. Era um momento de alegria para os familiares que participavam das solenidades da formatura no Rio de Janeiro.

Naquela época, para a mulher, havia a significância de mudança de status.

Foi uma solenidade inesquecível, recebeu o diploma das mãos da diretora de enfermagem da Escola Anna Nery na época, Waleska Paixão<sup>27</sup>. Waleska já tinha conhecimentos técnicos de enfermagem quando ingressou na Escola como professora da disciplina de drogas e soluções, em 1933, pela sua experiência.

Maria Vieira, com o seu padrinho de formatura, Dr. Israel Meirelles (à direita) no evento de sua colação de grau, em 1961, recebendo o diploma de sua diretora como é evidenciado em fonte iconográfica na figura 17.

---

<sup>26</sup> Vilma de Carvalho nasceu em 11 de outubro de 1931, em Teresina, em um dia de domingo ensolarado. Filha primogênita de doze filhos de Antonio Carvalho e de Maria do Socorro Carvalho. Fez a seleção para a EEAN em 19 fevereiro de 1951, aos 19 anos, no “Dia das Bem-Vindas”<sup>26</sup> A solenidade de Colação de Grau de Vilma foi realizada no Auditório do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. Após quinze anos de atuação efetiva, assumiu o cargo de professora auxiliar em regime dedicação exclusiva na UFRJ em 1971, passou para professor assistente em 1973, assumiu a coordenação de Enfermagem da EEAN em 1988 e passou para professora titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública, em 1994.

<sup>27</sup> Waleska Paixão diplomou-se enfermeira com 35 anos e posteriormente foi especializar-se em Nova Iorque. Foi durante muito tempo professora da disciplina de ética profissional e história e legislação da enfermagem, sendo autora de vários livros nesta área. Foi diretora da Escola Anna Nery da 1950 a 1966, após o falecimento de Laís Netto dos Reis.

**Figura 17** Recebimento do diploma



**Fonte:** Fotografia disponibilizada pela Enfermeira Vieira

À mesa um arranjo belo de flores brancas, os diplomas para serem entregues, e de posse de suas lâmpadas, as graduandas todas de branco, com sua touca<sup>28</sup> e seus padrinhos de formatura vivenciaram este momento tão solene.

As seguintes cerimônias eram realizadas na EEAN: recepção de touca, imposição de insígnias, Cerimônia da Lâmpada, Cerimônia do acender da lâmpada, premiação de dignidade acadêmica, Prêmio Florence Nightingale (APERIBENSE, 2009)

A enfermeira Maria Vieira formou-se na mesma turma em que foi diplomada Maria Thereza Cortellazzi, filha de Carmelindo e Laura Jorge Cortelazzi. Maria Thereza é irmã do médico Davi Cortelazzi proprietário do Hospital São Paulo, em Teresina.

Na figura 18, Maria Thereza, na solenidade de formatura, recebendo o broche da madrinha, sua mãe, Laura Jorge e na figura 19, o seu diploma da Universidade do Brasil da Escola de Enfermeiras Ana Néri. Em sua homenagem, o setor de hemodinâmica do Hospital São Paulo recebeu o seu nome.

<sup>28</sup> A touca era o símbolo máximo da figura da enfermeira fazendo parte da uniformização da escola desde a primeira turma. A touca era recebida em cerimonial após a aprovação das discentes nas avaliações preliminares e provas. O significado da touca era o domínio de si mesma e de devoção à enfermagem. (Sauthier, 1996)

**Figura 18 Formatura de Maria Thereza Cortellazzi**



**Fonte: Acervo pessoal de David Cortellazzi**

**Figura 19 Diploma de Formação**



**Fonte: Acervo pessoal de David Cortellazzi**

Após a solenidade de formatura da Enfermeira Maria Vieira, foi realizado um jantar para as graduandas, um momento de descontração e alegria. As enfermeiras recém-formadas realizando o sonho de se terem formado por uma das Escolas mais nobres da época. A enfermeira Vieira, na figura 20, primeira à esquerda.

**Figura 20 Comemoração da formatura**



**Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Maria Vieira**

**Figura 21 Enfermeira Maria Vieira recém-formada**



*Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Vieira*

A enfermeira Maria Vieira ainda permaneceu um semestre no Rio de Janeiro e foi convidada a trabalhar na Divisão Nacional de tuberculose e quem coordenava a instituição na época era uma piauiense, Maria de Jesus Vale.

Maria fez um curso intensivo na área de tuberculose por um período de quatro meses e foi encaminhada para trabalhar no Estado do Piauí. Em 1941, foi criado o Serviço

Nacional de Tuberculose. Em 1949, com a participação da Divisão Nacional tiveram início efetivamente ações contra a tuberculose no Estado do Piauí com a construção do pavilhão, mantido pelo Ministério da Educação e Saúde.

No final da década de 1950, começaram a chegar ao Piauí as primeiras enfermeiras formadas em outros Estados que tiveram uma função essencial na implementação de medidas profiláticas e no tratamento da patologia.

A Enfermeira veio para Teresina integrar uma equipe multidisciplinar composta por médicos, Assistente social, bioquímicos e visitadoras sanitárias. Em 1958, foi criado o dispensário, localizado no centro da cidade, em espaço próximo à Secretaria Estadual de Saúde, desenvolvia ações de prevenção, diagnóstico e tratamento da doença possibilitando a inserção e difusão de nova terapêutica. As ações foram ampliadas como o acompanhamento criterioso dos comunicantes e a visita domiciliária

Fui apresentada ao doutor Lucídio Portela e comecei a trabalhar no pavilhão de tuberculose, onde localiza-se hoje o Hospital Infantil Lucídio Portela, também trabalhei no dispensário que atendia o Piauí e Maranhão. Reorganizei toda a estrutura, entrevistava inúmeros pacientes e capacitei muitos atendentes quando cheguei. Participei ativamente da interiorização da tuberculose. Ministrei inúmeros cursos com o intuito de capacitar profissionais que iriam divulgar estas ações no interior do Piauí. Foi um trabalho árduo em que me dediquei imensamente. (Depoimento oral da Enfermeira Vieira, 2018)

A enfermeira Vieira participou de vários congressos na área inteirando-se das mudanças que aconteciam, principalmente relacionadas aos fármacos utilizados no tratamento da patologia. Como era responsável pela proliferação deste conhecimento precisava estar sempre participando de eventos que ressignificassem os aspectos teóricos e práticos de sua profissão.

A seguir, uma demonstração iconográfica de participação da mesma em Congresso (IV Congresso Nacional de Tuberculose e I Congresso Brasileiro de doenças torácicas) realizado em Curitiba em novembro/dezembro de 1970. Um Congresso considerado de grande significância para a época e que contou com a participação da enfermeira e professora piauiense. **Na figura 22, segunda fila da esquerda para a direita, na quarta posição, a enfermeira destaca-se, por ocasião do evento:**

**Figura 22** Maria Vieira em Congresso de Tuberculose em Curitiba



**Fonte:** Acervo pessoal da Enfermeira Maria Vieira

Em 1978 fez uma atualização em Tuberculose na Venezuela, ocasião em que muito aprendeu e trouxe para o Estado do Piauí informações atualizadas, culminando na realização de vários cursos de aperfeiçoamento na Capital e no interior do Estado e formando muitos agentes proliferadores deste conhecimento. Posteriormente cursou especialização em Saúde Pública para aprofundar a sua episteme na área.

Na Venezuela, o agravamento da crise econômica, devido à queda dos preços do petróleo no mercado internacional, persistiu durante o governo do socialista Luís Campins, eleito em 1978, e gerou inquietação social. Na época, o país enfrentava, na área da saúde uma incidência significativa de casos de tuberculose, motivo que culminou em várias pesquisas e eventos na época sobre a patologia.

**Figura 23 A enfermeira Maria Vieira na Venezuela**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Vieira**

Em 1979, no governo de Lucídio Portela (governou o Piauí de 1979-1983), médico, especialista em pneumologia e fisiologia, formado no Rio de Janeiro, foi supervisora de tuberculose, o secretário de saúde neste período foi Abner Brasil e inúmeras ações foram realizadas, época caracterizada como “período de ouro na ambiência da saúde” Maria Vieira trabalhou muito tempo no Centro Formador Carlyle Guerra de Macedo, onde hoje funciona a Faculdade de Ciências Médicas (FACIME)

Maria Vieira fez 58 anos de formada. Implantou e estruturou o Programa de Saúde da Família no Estado e foi gerente de ações programáticas na área de saúde mental, materno-infantil, participando ativamente da implantação e implementação do Programa Nacional de Humanização. Atualmente, trabalha no Núcleo de Controle de Doenças não Transmissíveis, na Vigilância de Saúde e na Gerência de Epidemiologia.

**Maria da Conceição Rodrigues Santos** nasceu em 6 de abril de 1944, no Maranhão, no Município de Matões, filha de Raimundo de Moura Santos e de Zulmira Rodrigues Santos. Criança ainda veio morar em Teresina na casa de uma tia para estudar e cursou o primário na Escola modelo da Prefeitura. O ginásio foi realizado no Instituto de Educação Antonino Freire, finalizando o científico no anexo do Liceu na praça Saraiva.

Eu comecei a trabalhar muito cedo devido ao falecimento do meu pai. Trabalhei no Centro de Saúde na área administrativa. Minha mãe, desde cedo, queria muito que eu fizesse enfermagem e ela costurava para uma senhora que morava no Rio de Janeiro. E então, ela conversou com ela sobre a possibilidade de eu ir morar lá e cursar a Escola de Enfermagem Ana Nery. E assim aconteceu, eu fui morar com a minha prima Janete Oliveira, estudei para o vestibular e passei na seleção de 1969. (Depoimento da enfermeira Santos, 2019)

O ensino de Enfermagem, em 1968, foi atingido pelas alterações introduzidas pela Reforma Universitária, através da Lei nº 5540/68 que alterou o dispositivo da Lei de Diretrizes e Bases no que se refere a duração e currículo mínimo e estabeleceu que o Conselho Federal de Educação fixaria o currículo e a duração mínima dos cursos superiores. O currículo mínimo dos cursos de enfermagem foi aprovado, em 1972, com o parecer de número 163/72.

O conjunto de dimensões da vida dos discentes ajudou a entender seus habitus e as suas formas de comunicação e seus processos de socialização. O relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo, a história de vida trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo e por tratar destas dimensões pode ser compreendida, segundo Queiroz (1988) como “uma ciência e arte do indivíduo embora esteja referida a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos”.

A aluna piauiense ingressou na Escola Ana Nery em 1969 e finalizou o curso em 1972 pois optou por fazer a habilitação em Saúde Pública. O curso tinha a duração de quatro anos. Eram três anos e um ano de habilitação. Na figura 24 a graduanda no dia do recebimento do diploma.

**Figura 24 Enfermeira Maria da Conceição Santos**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Santos**

A enfermeira relata que o dia de sua formatura foi muito importante pois recebeu com orgulho a presença de sua querida mãe que tanto sonhara com este momento. A enfermeira rememora que foram anos de dedicação e estudos contínuos, porém, que naquele momento inesquecível tudo fazia sentido recebendo a diplomação e com oportunidades privilegiadas de adentrar no campo de trabalho que tanto desejara.

Neste sentido, as narrativas embora realizadas pelos indivíduos evidenciam mais que elementos da existência individual pois é possível captar as relações do narrador com os membros de seu grupo social, sua profissão, sua sociedade. A história de vida atinge a coletividade da qual o narrador faz parte, é um informante que representa a comunidade.

No habitus, o coletivo encontra-se dentro de cada indivíduo estruturando as suas formas de ser e de fazer. O habitus adquirido e incorporado pelo indivíduo nos diferentes espaços em que transitou constituirá uma matriz de percepção, apreciação e ação pela qual ele se guiará. Compreendendo que o habitus é produto da posição e trajetória social dos indivíduos (BONNEWITZ, 2003, p. 17).

Na figura 25, Maria da Conceição Santos (à direita) recebendo o broche de sua madrinha, a sua mãe, Zulmira Santos (à esquerda) por ocasião do evento. Entre elas, a professora da Escola Ana Nery, Elvira de Felici de Sousa.

**Figura 25 A formanda recebendo o broche**



**Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Santos**

A forma emocionada como a ex-aluna relata seus sentimentos em relação ao término do curso remete não apenas à consecução da formatura mas gratidão por ter tido a oportunidade de graduar-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma instituição renomada e que a faz sentir-se muito orgulhosa por ter tido este privilégio. O evento do cerimonial encantava as alunas pois o local do mesmo, à época, era uma estrutura requintada, bela e de exímio esplendor.

A cultura material na Instituição Educacional manifesta-se pela concretude dos objetos mas também pelas práticas realizadas que precisam ser investigadas a partir deste suporte material, como o espaço escolhido para o evento da formatura, a indumentária, os hinos apresentados, a simbologia da profissão.

Na figura 26, observa-se a solenidade de formatura de Maria da Conceição Santos na Escola Nacional de Música<sup>29</sup>. O local era escolhido para a solenidade devido ser um

---

<sup>29</sup> Fundada em 1841 é a Instituição de Ensino musical mais antiga em atividade no Brasil.

espaço deslumbrante, inclusive, pela presença *do órgão tamburini*<sup>30</sup> construído pela *fábrica Dorgâni Comim* na Itália, na cidade de Crema pelo organeiro Giovanni Tamburini em 1893.

**Figura 26** Formatura na Escola Nacional de Música no Rio de Janeiro



*Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Santos*

Na figura 26, através da fonte iconográfica, o evento da cerimônia da dama da lâmpada sendo realizado durante a formatura na Escola Nacional de Música, em 1972. A dama da lâmpada foi a graduanda Vilma Pierroni. Maria da Conceição usava na ocasião o seu uniforme de gala que era composto do vestido branco de mangas compridas, sapato fechado branco, rede no cabelo, pelerine (capa branca presa apenas pela gola) por cima do vestido, luvas, touca branca com frisos e broche com a insígnia.

Conforme podemos observar na figura 27 a formanda na escadaria que dava acesso ao salão de honras da Escola após o cerimonial na Escola de Música.

---

<sup>30</sup> Este órgão foi encomendado pela Diretora da Escola Nacional de Música, Joanídia Sodré. O instrumento foi inaugurado em 13 de agosto de 1954 (UFRJ, 2016)

**Figura 27** A formanda com seu traje de gala no salão de honras da EEAN



*Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Santos*

Acima a enfermeira formada segurando o símbolo de sua profissão: a lâmpada. O cenário deste Brasil dos anos de 1970 foi definido pelo AI-5 quando estava em pleno rigor do regime político militar e posteriormente demarcada a sua extinção como para dar uma trégua ao excessivo rigor engendrado pela ditadura militar reinante o que culminou em propostas e possibilidades democratizantes na educação com a ampliação de vagas de cursos e providências para fomentar mais qualidade no ensino superior, nas diversas áreas profissionais da Saúde.

A missa foi um evento marcante para as graduandas (à direita), foi celebrada na Igreja da antiga Sé<sup>31</sup> na Avenida Presidente Vargas. Segundo a enfermeira foi uma cerimônia linda com um sermão direcionado aos cuidados e doação da profissão de enfermagem e cânticos belíssimos. Estavam presentes os familiares, as professoras da Escola e os amigos.

---

<sup>31</sup> A Igreja do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé é um templo católico de importância Histórica e artística da cidade do Rio de Janeiro. Foi tombado o patrimônio com todo o seu acervo em 1938

**Figura 28** Missa de formatura



**Fonte:** Acervo pessoal da Enfermeira Santos

A enfermeira Santos lembra com imenso carinho da cidade maravilhosa (Rio de Janeiro) e relata como foram intensas as experiências vivenciadas na época do internato. Ao lembrar das aulas teóricas, práticas e da convivência com as outras alunas é indiscutível a sua emoção. Aduz que a visão que tinha, enquanto estudante e interna, da frente da Escola, do jardim da frente, do pão de açúcar na praia de Botafogo sempre será inesquecível.

**Figura 29** A aluna em frente a praia de Botafogo (EEAN)



**Fonte:** Acervo pessoal da Enfermeira Santos

Jamais esquecerei o período de internato da Escola. Foi uma experiência única onde tive muitas oportunidades de aprendizado. Estudei muito. Eu fiquei no quarto com uma Haitiana que falava exclusivamente a língua francesa e u tinha que auxiliá-la na língua Portuguesa. Aprendíamos juntas e aos poucos fomos constatando a importância desta convivência. Eu casei em 1979 depois de formada. Tive dois filhos maravilhosos. Um é formado em Medicina, formou-se pela UFPI e hoje mora em Recife, Ginecologista e obstetra, Diógenes Fernando Fontão. O Outro é da área jurídica, Diogo Fontão. Tenho dois netos, uma neta e um neto que hoje são a razão do meu viver. (Depoimento da Enfermeira Santos, 2019)

Ao finalizar o curso fez concurso público para o Hospital Central do Exército e foi aprovada. Neste Hospital, trabalhou 25 anos e posteriormente se aposentou retornando ao Piauí em 1998. Em 1999, a enfermeira dirigiu-se à Secretaria de Saúde e colocou-se à disposição após falar de sua experiência e formação profissional.

Logo em seguida foi contratada para trabalhar na Estratégia de Saúde da Família em Santo Antônio dos Milagres e lá permaneceu por 15 anos. A profissional completou 75 anos. Dedicou 47 anos ao exercício da profissão de Enfermagem. Na figura 30, a sua turma de formatura com a presença de alguns docentes da EEAN.

**Figura 30 Turma de Enfermagem de 1972 Escola de Enfermagem Ana Nery**



*Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Santos*

***Maria Lígia Almendra*** nasceu em nove de julho na Fazenda Cruzeiro no Município de Alto Longá, hoje cidade de Coivaras. Primeira filha do casal Oscar Sepúlveda Almendra e Maria Rodrigues Almendra. Neta de Francisco de Assis Almendra ( à direita) e Cesária Sepúlveda Almendra ( à esquerda), origem paterna. Os avós moravam em Teresina, na Rua Taumaturgo de Azevedo, 2286, esquina com primeiro de Maio, ao lado do atual Hospital Santa Maria. Conforme fonte iconográfica, a figura 31, o casal com seus filhos Domiciano, Antonio, Aldenora ,João Pedro e Oscar ( Pai de Lígia).

O primeiro centenário da independência do Brasil foi em 7 de setembro de 1922. O presidente na época era Epitácio Pessoa. Oscar Almendra, pai de Lígia, na época com 9 meses de idade, como é evidenciado na imagem abaixo.

**Figura 31 Família dos Avós paternos**



Fonte: Acervo pessoal de Lígia Amendra

Maria Lígia teve uma infância feliz na fazenda Cruzeiro e aos seis anos de idade começou a estudar em Escola Basílio de Abreu Sepúlveda construída em terreno doado por seu bisavô materno o Coronel Basílio (nascido em 19 de fevereiro de 1858 e falecido em 3 de outubro de 1942 aos 84 anos de idade, foi casado com Joana Romana de Deus, tiveram oito filhos).

Lígia foi a primeira neta, nasceu de parto normal com a ajuda de parteira prática “Dona Águida”. Teve como sua primeira professora a sua mãe Maria Rodrigues Almendra. Atualmente a Escola não está funcionando e no seu lugar, em 2005, a prefeitura inaugurou uma Unidade de Saúde chamada Oscar Sepúlveda Almendra em homenagem ao seu pai.

Aos oito anos de idade foi estudar em Altos, em 1957, no Grupo Escolar Afonso Mafrense, na casa dos padrinhos ( Antonio e Joana Rosa) que eram recém casados e não tinham filhos e posteriormente mudou-se para Teresina para dar continuidade aos estudos quando hospedou-se na residência do casal Nilo Correia Lima e Amanda Almendra Correia Lima, seus tios, para estudar no Grupo Escolar Domingos Jorge Velho concluindo a seguir o pedagógico na Escola Normal Antonino Freire e simultaneamente o científico no Liceu Piauiense Zacarias de Góis.

Eu tinha uma visão do cuidar na infância e adolescente, eu procurava grupos como o bandeirantismo para me dedicar desenvolvendo habilidades para testes de sobrevivências em acampamentos em florestas no movimento de bandeirantes. Eu fiquei muito entusiasmada com a disciplina do cuidado humano. Eu participava das campanhas para a construção de lenções feitos com sacos e tecidos de embalagem de açucare eu fazia também enxoval para bebês e depois distribuíamos na região do alagado Poty Velho (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

A prima de Lígia, Dinalva Sepúlveda Almendra, saiu de Teresina em 1958, para cursar enfermagem na Escola de Enfermagem Ana Nery, no Rio de Janeiro, finalizando o curso em 1963, juntamente com outra enfermeira piauiense Alzira Monteiro Castelo Branco. Quando adolescente, sua tia Amanda, irmã de seu pai Oscar Sepúlveda, treinada em administração medicamentosa, conhecedora em práticas de higiene e puericultura, assim como técnicas de Saúde Pública foi grande incentivadora de Dinalva para que cursasse a EEAN.

Na Figura 32, Dinalva Almendra (à direita) na Escola de Enfermagem Ana Nery com a aluna piauiense Alzira Castelo Branco, ambas decidiram ir cursar enfermagem no Rio de Janeiro.

**Figura 32 Prima de Lúgia, Dinalva Sepúlveda**



**Fonte: Arquivo pessoal de Lúgia Almendra**

Na época eu era escoteira, gostava imensamente de ajudar as pessoas e o cuidado e a doação estavam inseridas em minha personalidade. Tia Amanda me incentivou a realizar um curso com prima Maria do Socorro Almendra Correia Lima, sua filha, um curso intensivo para formação de professores de emergência em Teresina e eu fiz este curso concomitante ao científico e ao Liceu. Minha prima Dinalva já era enfermeira e eu estava muito tendenciosa a ir para o Rio cursar Ana Nery, mas meu pai não estava convicto de que seria o correto a fazer. O estimado Doutor Heli de Rocha Nunes, pai do poeta e músico Torquato Neto e amigo de minha família me aconselhou a não ir, ele disse que o ensino era muito rígido na Escola e que eu era muito frágil. Eu tinha 18 anos e estava me formando na Escola Normal. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

A cerimônia de formatura de Dinalva Sepúlveda Almendra que ocorreu no ano de 1963, na Reitoria da Universidade do Rio de Janeiro, no campus Praia Vermelha em que as estudantes uma a uma acenderam as suas lâmpadas na lâmpada mestre.

As graduandas usavam o seu traje de gala que conferia elegância e sofisticação ao uniforme de formatura, principalmente pelo uso do pelerine que era uma capa branca, sem manga, presa apenas pela gola, local onde se fixava o broche com a insígnia da enfermeira.

**Figura 33 Formatura de Dinalva Turma de 1963**



**Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Almendra**

A cerimônia da Lâmpada é um legado recebido das enfermeiras da missão Parsons e vem sendo transformado na atualidade embora tenha o mesmo simbolismo: a evocação da memória de Florence Nightingale, fundadora da Enfermagem moderna. O símbolo da profissão é a lamparina grega.

A adolescente Lígia Almendra, prima de Dinalva, não desistiu de sonhar. Sabia do indiscutível valor profissional e ético da Enfermagem e decidiu realizar a sua escolha, seguir a sua vocação e cumprir a sua almejada missão: ser enfermeira. Queria dedicar-se ao cuidar. Segundo a interlocutora já tinha certeza de sua vocação. A profissão escolhida era a área da saúde. Era a profissão de Enfermeira.

Nesta perspectiva, cada indivíduo tem muito a dizer não somente sobre as suas experiências pessoais mas também sobre o contexto em que estas ocorreram. As histórias de vida se colocam justamente no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz em seu íntimo possibilitando como reflete Queiroz (1988) captar o que se sucede na encruzilhada da vida individual com o social.

Quando finalizou o curso normal e o científico foi para o Rio de Janeiro seguir o seu sonho. Na figura 34, Lúcia Almendra por ocasião de um evento com as normalistas em 1969, antes de cursar enfermagem na Escola Ana Nery.

**Figura 34 A Normalista Lúcia**



Fonte: Acervo da enfermeira Ligia Almendra

Saí de Teresina em 29 de janeiro de 1969. No Rio de Janeiro, fui recebida pela minha prima Dinalva Sepúlveda Almendra que já tinha finalizado o curso de Enfermagem na Escola e também trabalhava na ambiência de Saúde Pública em Manguinhos. Antes da seleção frequentei um período de pré-vestibular e nos finais de semana estudava com minhas amigas no Colégio Sion em Laranjeiras. Fui aprovada no vestibular em 1969 e fiquei em regime de internato na Avenida Rui Barbosa, 762 em Botafogo. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

Com a fotografia inicia-se um percurso diferente em direção a novos modos de descrever o mundo. Assim como a escrita sistematizou as manifestações subjetivas sobre a cultura humana, a fotografia é usada como ativadora da memória autobiográfica pois como evidencia Bachelard (2006) “as imagens -lembança são forças subjetivas profundas, advindas de percepções individuais e coletivas vividas, guardadas e ressignificadas como lembranças que estão sempre em movimento”.

As fotografias seguintes mostram um pouco da estrutura da escola e das alunas de enfermagem Ana Nery por ocasião de suas permanências no regime de internato. O Decreto nº 16.300 de 31 de dezembro de 1923 criou oficialmente a Escola Ana Nery- então Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública- já inaugurada em 19 de fevereiro do mesmo ano, com 13 alunas internas.

De acordo com o Decreto de número 14268 de 31 de março de 1926, a Escola com três anos de existência passou a chamar-se Ana Nery em homenagem a heroína da Guerra do Paraguai. Em 7 de abril do mesmo ano o internato mudou-se para a Avenida Rui Barbosa, 768, ex hotel sete de setembro pertencente ao governo.<sup>32</sup>

No ano seguinte em 28 de setembro de 1927, inaugurou-se o pavilhão de aulas, localizado a rua Afonso Cavalcanti, 275, doado pela Fundação Rockfeller que também se comprometeu com o governo brasileiro a realizar as adaptações necessárias ao prédio para a residência das alunas. Em contexto mais amplo. A promulgação da Lei 5540/68 (Reforma Universitária) determinou profundas modificações tanto no espaço físico como social da EEAN. (BRASIL, 1968).

A conservação do patrimônio possui a função pedagógica no que se refere à caracterização das construções, no estímulo à interpretação e leituras dos valores estéticos e funcionais. Atualmente existe a preocupação social com a manutenção dos monumentos pois estes permitem a compreensão histórica de uma sociedade.

Na figura 35, observamos uma parte do prédio da Escola Anna Nery, estrutura mais recente, a entrada do refeitório à direita, com um acesso por escada de madeira à direita para a capela, um prédio grande com arquitetura antiga.

---

<sup>32</sup> Estes dados encontram-se na Enciclopédia Britânica- volume 16- Edição 1962, página 643 que consagra historicamente a Fundação da Escola Ana Neri. As primeiras das Escolas assistidas pela fundação Rockfeller foram as do Pekin Union Medical College, na China e a Escola de Enfermagem Ana Nery no Rio de Janeiro, no Brasil em 1922.

**Figura 35 Prédio Escola Anna Nery**



**Fonte: Acervo da enfermeira Lígia Almendra**

No internato tive boas influências no sentido de socialização, com acesso a uma estrutura completa com refeitório, biblioteca, lavanderia, costuraria, administração e camareiras. Havia o refeitório, local em que eram servidas as refeições, existia uma hierarquia. Inicialmente, as professoras se serviam e depois as alunas. As discentes se serviam e depois sentávamos às mesas por afinidade e conversávamos muito sobre o nosso curso. Nos finais de semanas também éramos observadas pois aos domingos as professoras Elvira de Felici Souza e Maria Dolores Lins de Andrade e suas famílias costumavam ir almoçar no refeitório da Escola Ana Nery em uma mesa especial (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

A Escola Ana Nery recebia as alunas e propiciava, o regime de internato, que as mesmas tivessem seus domicílios na escola, com direito a quartos, refeitório, lavanderia, salão de honras (com piano e sofás para recepção de pessoas da família) com janelas que evidenciavam a praia de botafogo com vistas para o pão de açúcar. Ao lado do salão de honras ficava a biblioteca com inúmeros livros para pesquisas teóricas e práticas no primeiro andar.

Do salão de honras podíamos ver a enseada de Botafogo com figueiras antigas, seculares, belíssimas, embaixo daquelas figueiras antigas ficavam os enamorados que ali conversavam antes do último toque do sino às 22h. Cada uma de nós alunas tínhamos um prontuário com nossas fichas de identificação, registros que eram anotados sobre as nossas condutas, a pontualidade, entradas e saídas, a obediência às normas, as governantas e

administradoras eram extremamente rigorosas. Cada aluna tinha que ter um responsável na cidade. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

O salão de festas também era uma extensão da ante-sala para a recepção dos familiares e dos visitantes. As famílias após as solenidades de formatura eram recepcionadas com um coquetel no salão de honras ao lado do auditório e também havia a missa na capela. O salão de honra com vistas para a praia de Botafogo e para o Pão de Açúcar e na frente umas figueiras imensas e ancestrais. À direita ficava o Instituto Fernandes Figueira local em que funcionava uma maternidade. Neste espaço, demonstrado pela fotografia seguinte aconteciam os bailes da primavera, em setembro. O baile começava às 20 h e terminava por volta das 24h. As músicas eram lindas e era a época do tropicalismo.

**Figura 36 Salão de Festas do Internato da Escola Ana Nery**



**Fonte : Acervo pessoal da enfermeira Lígia Almendra**

Eu me casei em 29 de maio de 1970 com um namorado que conheci no baile da primavera que era promovido pela Escola Ana Nery, eu o conheci através de uma amiga de internato Kuniko Yanaguizawa (Enfermeira formada em 1970 pela EEAN) Havia uma decoração linda com muitas flores e as músicas eram belíssimas, instrumentais, orquestradas e a linda valsa da primavera, também música popular brasileira e era um evento muito romântico. No Hall entre as portarias do refeitório e a entrada para o salão de festas colocavam vendas de água e refrigerantes, bombons e muitos chicletes. Nas laterais da entrada principal do salão na avenida, junto às figueiras os rapazes comparavam as famosas cocas-colas. Os rapazes convidados eram os pretendentes, paqueras, namorados, os cadetes residentes na cidade. Usávamos muito chiclete. Era puro e belo. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

A fotografia é uma imagem que aciona o ausente, torna presente as memórias que nos fundem como sujeitos, baseadas nas lembranças dos fatos, nas vivências, são instigantes os desafios interpretativos que as imagens fotográficas constituem. Segundo Peres (1999) “as relações que se constituem entre o passado e o presente resultam de inter-relações entre as imagens visuais e as imagens mentais acionadas pelos elos emocionais e históricos do observador com o representado”

A biblioteca da Escola era composta por várias estantes em volta da sala. Mesas com algumas máquinas de escrever. Na entrada, à esquerda, um balcão para o controle de saída e devolução dos livros para as discentes. Estes livros eram catalogados em fichários específicos. Os acervos eram inúmeros e o atendimento era feito por uma biblioteconomista. As normas eram bastante rigorosas para a apresentação bibliográfica dos trabalhos.

**Figura 37 Biblioteca da Escola Ana Nery com alunas de enfermagem**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Lígia Almendra**

Na figura 37, a presença das discentes da escola pesquisando na biblioteca que era um espaço destinado aos encontros das alunas para debaterem as aulas teóricas e para pesquisarem sobre o conteúdo estudado contextualizando o aprendizado.

Tínhamos uma biblioteconomista que se chamava Ângela e ela era da UFRJ. Era chique e culta. E era ela que nos dava aulas uma vez por semana no pavilhão das aulas. Era uma disciplina extremamente rigorosa. Tínhamos que aprender as técnicas de apresentação das referências bibliográficas.

Funcionava manhãs e tardes em horários alternados de segundas às sextas feiras. Havia muitos termos em latim. Estudávamos muitos nos quartos. Além de guarda roupas, também escrivainhas estruturavam o espaço. As professoras, todas muito preparadas, Elvira de Felici Souza, Maria Dolores Lins de Andrade, Olga Salinas Lacorte, Maria do Carmo Dantas (enfermeira Piauiense), Isabel Dantas ( Piauiense), Vilma de Carvalho ( Piauiense ), Waleska Paixão. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

Nos dormitórios, no segundo andar, tinham duas a quatro camas, os quartos eram ocupados por alunas mas também existia uma ala de dormitórios para as professoras pois algumas residiam na própria Escola e no terceiro andar a capela (aconteciam as missas aos domingos celebrada na Capela São Miguel Arcanjo) e a costuraria aonde havia a confecção da uniformização da escola e das toucas.

Na lavagem e passada dos uniformes que era um vestido em tergal azul claro, também tínhamos o avental branco em tecido de algodão, assim como a touca que deveriam ser engomados de forma exímia. Engomávamos com o uso de goma solúvel na água do enxague. Na minha época, cuidávamos do nosso uniforme. Passávamos com o ferro no próprio quarto ou pagávamos a Dona Alexandrina (Camareira da UFRJ) para cuidar. O avental era de alças largas cruzado nas costas e afixados por dois botões. Havia filas nos salões de banhos e na lavanderia para passar roupas. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

As supervisoras faziam as vistorias dos andares e supervisionavam as camareiras com relação a higienização dos quartos, o recolhimento e a reposição de rouparia junto a lavanderia que funcionava no térreo. As chaves dos dormitórios das alunas ficavam na portaria no setor em que estava a mesa de telefonia que funcionava 24 horas com plantões diurnos e noturnos.

Havia o manual da aluna onde estavam contidas as normas que deveriam ser cumpridas. Segundo enfatiza Pollak (1992) “É perfeitamente possível que por meio da socialização política ou histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar em uma memória quase que herdada”

As alunas eram avaliadas através de relatórios que avaliavam itens pontuais referentes à presença destas na prática. No manual, estavam inseridos os tópicos que normatizavam a postura e os laços de convivência.

Havia um relatório na minha época e existia como uma espécie de avaliação nos estágios. A aluna tomava conhecimento e assinava de que estava consciente. Era discutido, com concordância ou não. Lembro-me que havia critérios como assiduidade, pontualidade capacidade de lidar com os pacientes, aparência física, uniformização, cabelos alinhados, presos e uso de

touca e avental para a parte prática. Meias finas e sapatos fechados. Nada de brincos, colar, pulseiras e anéis. Unhas naturais. Maquiavam, se houvesse, leve. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

As alunas de vários Estados, no período noturno, reuniam-se na Escola (Internato) para registrarem os momentos importantes de suas vivências e experiências. Um elevador e também uma escadaria de mármore como é demonstrado na figura 38, com corrimão dourado dava acesso ao segundo andar em que ficavam os dormitórios.

**Figura 38 Escadaria de mármore da Escola**



**Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira Lígia Almendra**

As responsáveis pela administração tinham a função de acolhimento das alunas, papel fiscalizador, abertura e fechamento do refeitório nos horários do café, almoço, lanches e jantar. Faziam reserva para lanches das alunas internas que estavam nos plantões noturnos. As chamadas eram com o toque do sino. Tínhamos que estar impecáveis nas aulas teóricas e práticas. O ônibus saía do internato com as alunas internas às seis e meia da manhã e retornava às dezessete horas. Havia um túnel que ligava a Escola Ana Nery ao Hospital São Francisco de Assis localizado na Rua Afonso Cavalcante (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

Entendidas como emanções de experiências passadas, as imagens fotográficas inscrevem significações para além das aparências. Estes suportes simbólicos constituem-se em uma tentativa de evitar o silêncio das experiências, como aduzia Walter Benjamin (1994), das vivências e descobertas que possibilitam, além da construção, as desconstruções para novas reconstruções. As imagens absorvem e incorporam as vivências históricas coletivas.

A discente Lígia Sepúlveda Almendra, no final de 1969, recebendo a touca (símbolo da responsabilidade) da professora Lourdes Moreira, preceptora de enfermagem, que culminava na mudança do uniforme e tal cerimônia caracterizava a aquisição de uma habilitação para passar para outra etapa. Era um momento de muita emoção pois as discentes sentiam-se preparadas para a aquisição de conhecimentos mais específicos na área da enfermagem.

**Figura 39** Recebimento simbólico da touca



**Fonte:** Acervo Pessoal da Enfermeira Lígia Almendra

Estudávamos muito no início do curso e para passar de uma etapa para outra recebíamos uma touca em um evento característico da época. Era um cerimonial importantíssimo para nós alunas pois significava aptidão para as novas etapas que viriam. Nós já íamos para a cerimônia de uniforme e broche. A cerimônia realizava-se na capela da escola, acontecia um discurso sobre o seu significado. As professoras eram consideradas madrinhas no momento da colocação da touca. As toucas eram dispostas em um balcão todas engomadas e arrumadas. As toucas tinham dois alfinetes longos com uma pérola aos lados superiores, presos em uma rede, os cabelos deveriam estar presos. Tínhamos uma plaquinha retangular de acrílico transparente com o nome completo em letras de imprensa na cor azul marinho, na lateral à esquerda de nossa roupa. Depois, recebíamos o broche redondo e verde escuro escrito EENERY em dourado e a cruz malta ao centro em vermelho. Era lindo demais. Recebíamos uma rosa. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

O uniforme estava inserido nos emblemas utilizados como construção de uma identidade institucional e profissional moldada sob rigorosa disciplina, cerimônias ritualísticas, juramentos, eventos comemorativos e sociais (SANTOS;BARREIRA, 2002).

A touca sempre teve um lugar de destaque na Escola Anna Nery. Era recebida após a discente ser aprovada na etapa preliminar do curso em um evento chamado inicialmente de “Cerimônia da Recepção de Toucas”, no qual a touca era branca e lisa que era colocada na aluna que iniciaria a segunda etapa, a hospitalar.

Neste ritual os discursos enalteciam o acessório e neste momento incorporado ao uniforme hospitalar como símbolo sagrado da profissão de enfermeiro, por remeter à pureza e à vocação para o cuidado. (PERES; BARREIRA, 2003)

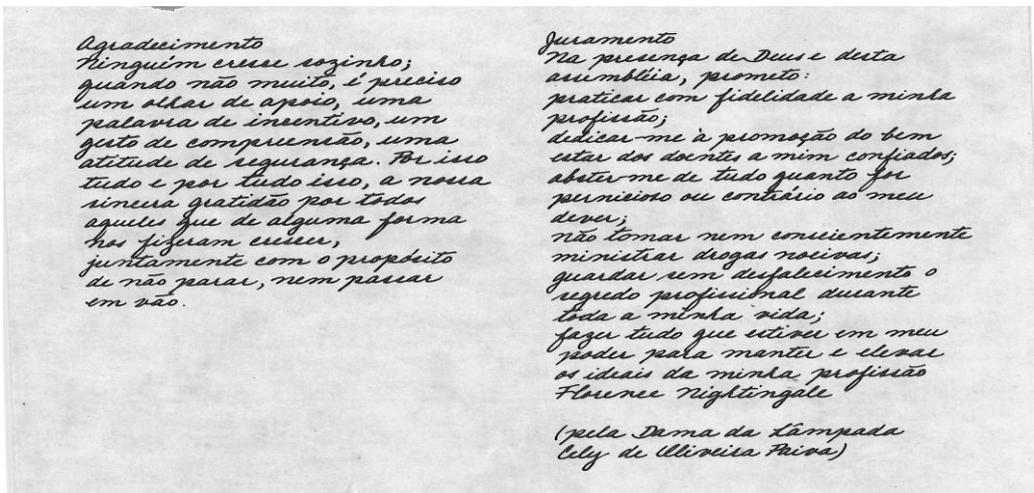
O internato das estudantes não caracterizava apenas uma habitação. O espaço era destinado a formação moral e profissional direcionando ao desenvolvimento e aquisição de qualidades indispensáveis à profissão. A mudança do Internato da Escola Ana Nery ocorreu em 1972 para o novo alojamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Cidade Universitária, na Ilha do Fundão. Sendo a turma de Lígia Almendra a última turma a residir na avenida Rui Barbosa 763- Praia de Botafogo.

Os diversos tipos de documentos bem como as Instituições que abrigam a memória da enfermagem brasileira tem a função de certificar mas também de consagrar a identidade profissional. Esta concepção ratifica a importância da preservação da memória para as futuras gerações de enfermeiros para que possa haver uma maior compreensão da relação entre memória e identidade profissional através da aquisição de capital cultural que lhe possibilite a condição de herdeiro da memória da enfermagem brasileira.( SANTOS;BARREIRA;GOMES, 2011, p. 34)

Momento de imensa alegria foi a Colação de Grau em Enfermagem que aconteceu no Auditório do Centro de Ciências Médicas na Cidade Universitária na Ilha do Fundão no dia 4 de agosto de 1973. Tendo como o magnífico Reitor o Professor Djacir Lima Menezes e Diretora da Escola a professora Elvira de Felici de Souza, Vice-Diretora Professora Maria Dolores Lima de Andrade e como Coordenadora do Curso de Graduação a Prof<sup>a</sup> Cecília Coelho.

A patrona foi a prof<sup>a</sup> Sonô Taira e a oradora Liany da Silveira. O juramento foi realizado pela dama da lâmpada, Cely de Oliveira Paiva. Conforme a demonstração em convite de formatura de 1973 o juramento foi uma mensagem de Florence Nightingale e estimulava a fazer tudo o que estivesse no poder para manter e elevar os ideais da profissão.

**Figura 40** Convite de formatura com agradecimento e juramento



**Fonte :** Convite de formatura da Enfermeira Lígia Almendra, cedido pela mesma

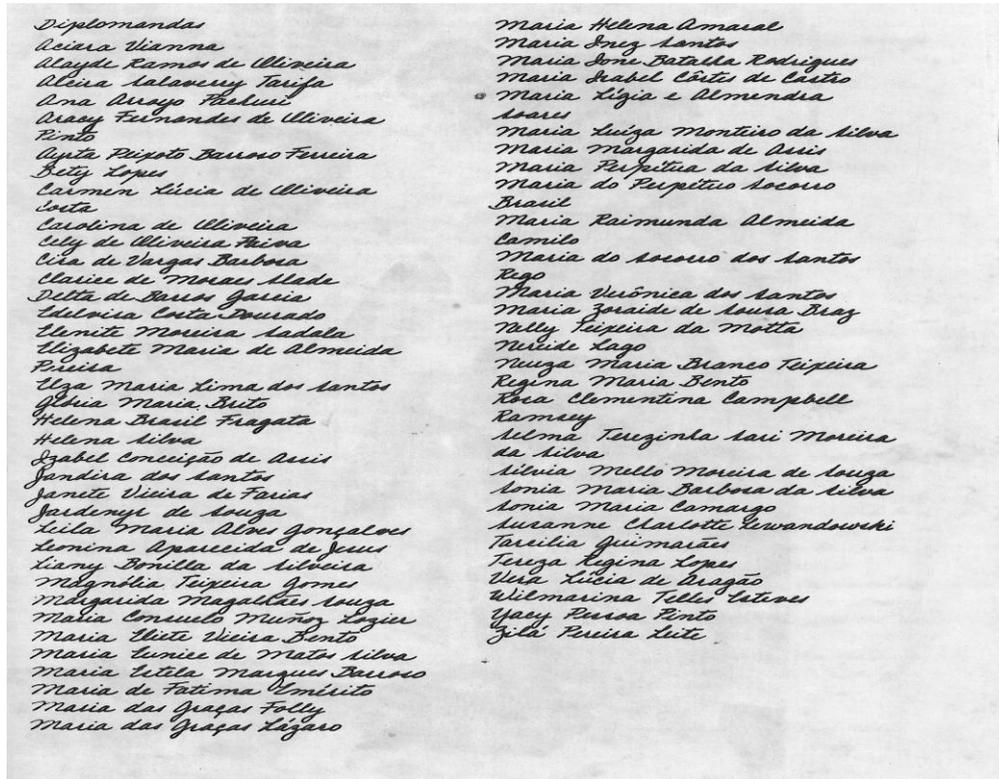
Foram diplomadas sessenta e cinco enfermeiras na minha turma. Com a túnica, o broche, o anel de formatura e a lâmpada eu me sentia perfeita para iniciar a minha profissão. Para mim, estes símbolos representavam um elo de ligação com o meu sonho que estava a tornar-se realidade. Gostei muito do convite de formatura que foi feito tipo um pergaminho. A nossa Dama da Lâmpada, a Cely de Oliveira Paiva nos representou de forma magnífica, era admirada por todas nós. Era casada, muito estudiosa, tranquila, abnegada e era a primeira aluna da turma. O juramento foi em coro. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

**Figura 41** Formatura de Lígia Almendra



**Fonte:** Fotografia cedida pela enfermeira Lígia Almendra

Figura 42 As concludentes do curso de enfermagem em 1973



Fonte: Convite de formatura da Enfermeira Lígia Almendra

Habilitada em materno infantil em um dos meus primeiros plantões, após a minha formatura, ocorreu o óbito de uma linda criança de nome Érica com apenas sete meses de idade com diagnóstico de meningite meningococcica. Tive que cuidar por algumas horas do corpo e demonstrar para a equipe técnica recém admitidos os cuidados no preparo do corpo após o óbito e encaminhamento ao necrotério. Lembro de tudo como se estivesse lá, vivenciando tudo. Também lembro que atendi uma criança de seis anos de idade que fazia greve de fala e após ler a sua história observei que a sua origem era interiorana e comecei a desenhar para ela uma fazenda com animais e plantas e aos poucos ela foi se comunicando. Mais uma linguagem não verbal. Pediu uma rede para dormir pois não gostava de cama. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

Lígia trabalhou no Rio de Janeiro, de 1974 a 1976, no Hospital Eduardo Rabello no Centro de Geriatria e Gerontologia, depois no Ambulatório Geral da Penha na supervisão geral, foi gerente e supervisora de serviços de lavanderia hospitalar, trabalhou também no Hospital de Bonsucesso como enfermeira chefe na pediatria geral, cirurgia infantil,

neonatologia e obstetrícia. Dedicou-se muito à Assistência e ao cuidado, fez especialização e sempre foi encantada com a profissão.

Retornou a Teresina, para cuidar dos pais já idosos e como tinha experiência com a área gerontológica assistiu a ambos de forma criteriosa e sistêmica. Ingressou em 2014 para a UNATI -UESPI<sup>33</sup>, formando-se em 2018. O curso na época era coordenado por Solange Maria Ribeiro Nunes Lajes e Aurenice Sampaio Monte. Lígia foi oradora da aula da saúde.

**Figura 43** Formatura de Lígia na UNATI



**Fonte:** Acervo pessoal da enfermeira Almendra

---

<sup>33</sup> É um projeto de extensão da UESPI que atende pessoas a partir de 55 anos de idade, desenvolvendo atividades intelectuais, considerando as perspectivas da educação continuada e estimulando o resgate da cidadania. O projeto foi implantado em abril de 2007 e oferece disciplinas de diversas áreas, distribuídas em cinco módulos, com quatro disciplinas por semestre. As aulas são ministradas em dois dias da semana, no turno da manhã. O projeto tem carga horária total de 400 horas, com duração de dois anos e meio e funciona no Campus Poeta Torquato Neto em Teresina (PI). As aulas da UNATI são ministradas por professores da UESPI, como complemento de carga horária; ex-alunos da UESPI ou professores convidados da comunidade. Os docentes são voluntários, não recebem, portanto, remuneração. Também fazem parte da programação da UNATI as atividades sociais, como comemorações de datas, palestras, passeios e participação em eventos científicos e culturais em todo o Brasil.

Eu queria me tornar sempre uma pessoa melhor e não parar este crescimento profissional pois os idosos tem dispositivos que possibilitam cada vez mais seu processo integrativo com mais saúde e qualidade de vida. Vencendo desafios e desenvolvendo a sua melhor sustentabilidade no planeta. Agir com a mente sábia é desenvoltura. E de forma equilibrada. A minha missão foi ser útil cuidando da saúde preventiva e promovendo a cura dos males causados aos doentes físicos e emocionais e sendo luz para uns para com os outros, aliviando sofrimentos e abraçando a sua dor, com amorosidade, fraternidade e compaixão, desenvolvendo resiliência com a mente leve agindo com sabedoria divina. O amor e a oração são importantes, ensinam a essência da doação e da dedicação . Sou enfermeira por tudo isso. Depois de tudo o que vivenciei aprendi a amar incondicionalmente. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

*Maria de Fátima Emérito*, piauiense, filha de Pedro Emérito de Araújo e de Maria do Amparo Pereira ( parteira durante muitos anos em Teresina) , formou-se na turma de 1973, com Maria Lígia Almendra. Após cursar a Escola Normal Antonino Freire fez a seleção para Escola Ana Nery, em 1969, quando foi aprovada e foi admitida em regime de internato aos 20 anos.

A mãe , dona Maria do Amparo Pereira, foi entrevistada e relatou que tinha o sonho de ver a filha formada na Escola e o teve realizado. Maria de Fátima finalizou o curso de Enfermagem na Escola Anna Nery como sempre sonhara, segundo Lígia Almendra era uma jovem feliz e com muitos planos a serem seguidos. Estava apaixonada e casou-se com um grande amor que encontrara no Rio de Janeiro.

A aluna formou-se em agosto de 1973 , casou no mesmo ano com o engenheiro químico Horácio Marucci, começou a trabalhar no Hospital de traumatologia e ortopedia no Rio de Janeiro, engravidou aos 24 anos, em 1974 , e faleceu vítima de um abortamento nos primeiros meses de gestação. A mãe que estivera com ela por ocasião da formatura não conseguiu ir ao enterro e somente fez-se presente na missa de sétimo dia.

Na abertura da copa de 1974 ela estava assistindo ao jogo do Brasil com o esposo e as colegas de turma, quando iniciaram as dores e a hemorragia intensa, perdeu o bebê, em casa. Foi levada para o Hospital pelo marido e um casal , foi levada ao Hspital São Sebastião do Catete e foi submetida ao procedimento de curetagem . A tia dela, Judite Araújo, enfermeira piauiense também formada pela escola Ana Nery, foi contactada e se dirigiu ao Hospital. Disseram que a Fátima acordou, conversou com as pessoas a sua volta e no outro dia teve um problema seríssimo de coagulação sanguínea o que a levou a morrer rapidamente. A mãe dela , dona Maria do Amparo

Pereira , foi embarcar no voo da VASP para o enterro e o avião deu uma pane e ela somente fez-se presente na missa de sétimo dia. (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

Maria de Fátima Emérito, na figura 44, após a cerimônia de sua formatura na Escola com a sua mãe à esquerda e seu esposo à direita. Na Escola Anna Nery todos ficaram consternados com o seu falecimento tão prematuro. Ela era muito querida na Escola pelo seu comportamento alegre, alma iluminada e por ser uma discente competente e de grande responsabilidade.

**Figura 44 Fátima Emérito após a sua formatura na EEAN**



**Fonte: Acervo de Maria do Amparo Emérito**

**Maria Helena Barros Luz**, nasceu em Picos, interior do Piauí, ficou órfã de pai com sete anos de idade, a mãe ficou viúva com oito filhos, ela a caçula. O Irmão mais velho, à época, Antônio de Barros Araújo, estava concluindo o curso de direito na capital. A aluna estudou durante toda a infância e adolescência na cidade supracitada e teve influência na adolescência para a área da saúde devido ao irmão que cursava medicina e de uma prima que havia cursado enfermagem no Rio de Janeiro.

Eu estudei em Picos, na minha infância e adolescência, queria ficar perto de minha mãe, fiz o primário, cursei escola normal e também o científico nesta cidade. Eu tinha uma prima que foi muito jovem cursar enfermagem no Rio de Janeiro e casou com um diretor do Hospital da Marinha. Ela fez o curso na Pontifícia Universidade Católica- PUC, a família muito religiosa, católica foi um incentivo para a escolha profissional. Neste período eu fui de férias para o Rio pois o meu noivo (atual esposo) estava fazendo engenharia no Rio de Janeiro e meu irmão também estava cursando medicina lá. Eu queria muito cursar enfermagem e hoje sei que foi a profissão certa a que escolhi. (Depoimento da Enfermeira Luz, 2018)

A estudante decidiu ir para o Rio estudar e se formar. Tinha em mente cursar a área da Saúde, pensou em cursar medicina pois um irmão já era acadêmico, porém, ela decidiu que queria ser enfermeira. De início, frequentou um cursinho específico durante três meses e na década de 1970 havia muitas oportunidades de realização da formação em nível superior pois várias Universidades disponibilizavam o curso de enfermagem.

Diversos fatos históricos contextualizaram mudanças na identidade da Instituição e da profissão de enfermagem que influenciaram os discentes da EEAN como a reforma universitária de 1968 que definiu uma nova forma de seleção de candidatos ao curso de enfermagem e uma nova disposição curricular. O vestibular unificado, pois começaram a ter as provas objetivas como critério de seleção e não deveriam mais ter outros critérios como aparência, comportamento, antecedentes, cartas de referências, as etapas de seleção não mais era pela vocação direcionada e por indicação de antecedentes e sim por vestibular unificado, dava-se mediante concurso vestibular unificado na área de ciência médicas.

Fiz seleção no Estádio, no maracanã. Fiquei impressionada com a quantidade de inscritos. Coloquei para a primeira opção a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), a segunda a UNIRIO e também a Universidade Federal Fluminense. Fui aprovada na seleção da Escola Anna Nery e fiquei extremamente contente. A escola ainda era internato mas não fiquei de imediato interna. (Depoimento da Enfermeira Maria Helena Luz, 2018)

A discente passou no vestibular para a Escola Anna Nery em 1972, a Escola ainda funcionava em regime de internato. Foi um período bastante inovador, pois a mesma nunca havia saído do interior do Estado do Piauí e as transformações no seu cotidiano forma surpreendentes e significativas. Aprendeu muito naquela época além do crescimento profissional, o desenvolvimento pessoal foi imenso, conforme relata a depoente.

Para mim, tão jovem na época, foi impactante sair do interior do Piauí para o Rio, fiquei encantada com a beleza da cidade, o clima agradabilíssimo, cidade com praia. Quando entrei e conheci a Escola internamente, com a sua estrutura bela, antiga, porém, extremamente conservada, quando eu vi os anfiteatros, tínhamos as aulas integradas com o curso de medicina, fiquei muito entusiasmada. Inicialmente fiquei em um pensionato, residência de uma piauiense, e depois fiquei interna na Escola, uma a experiência maravilhosa que tive, tudo era novidade e foram momentos surpreendentes. Estudávamos piano, tínhamos bailes de formatura, festas de final de ano creio que eram para propiciar casamentos, pois os cadetes da escola militar eram convidados. (Depoimento de Maria Helena Luz, 2018)

O fechamento do internato da EEAN em 1973 levou a transferência dos discentes de enfermagem para o alojamento da ilha do fundão. O internato funcionou de 1926 a 1973, no Bairro de Botafogo, quando foi cedido pela Escola para a reitoria da UFRJ, tornando-se Casa do Estudante Universitário (CEU) .

Na época, a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) teve que entregar o prédio em que se situava pois havia sido criada a cidade universitária na ilha do fundão e todos os cursos passariam a funcionar nesta estrutura. Os internos foram direcionados para morar em uma residência de três (3) andares em espaços diferenciados, com divisões, em ambiência feminina e masculina, que reuniam estudantes de todos os Estados e cursos diversos. (Aperibense, 2009)

O curso de Enfermagem durava quatro (4) anos mas a acadêmica decidiu não fazer a habilitação (especialização em saúde pública) pois era opcional. Aprendeu música e educação doméstica e lembra-se do rigor das vestes e da caracterização religiosa e simbólica do cotidiano.

Tive oportunidade de aprender música, educação para o lar, como sentar à mesa. Havia uma professora de disciplina, mecânica corporal. Na residência tinha um capelão que todos os domingos rezava a missa. Lembro-me com nitidez das vestimentas, rede tarrafa nos cabelos, uma farda uniforme com meia branca transparente que distinguia o início do curso (alunas júnior) e o final específico (alunas sênior). Tinha a cerimônia da lâmpada por ocasião das formaturas. As músicas lindas e emocionantes devido às solenidades. (Depoimento da Enfermeira Luz, 2018)

A formação na Escola não se resumia apenas ao curso preliminar e ao curso de aprofundamento posterior, as alunas adquiriam conhecimentos vários desde a postura, ética, mecânica corporal, aulas de música, aulas de canto, e outros saberes importantes e essenciais para a matriz de formação. Maria Helena finalizou o curso em tempo mínimo pois apenas estudava e ao máximo se dedicava, terminando as aulas teóricas das disciplinas da matriz curricular e a realização dos estágios em locais específicos.

Eu terminei em julho de 1975 em 3 anos e meio. Os Estágios eram feitos no Hospital da Lagoa e no Hospital São Francisco. Minha formatura foi bem simples. Tivemos missa, éramos 80 alunas quando passamos no vestibular e iniciamos os estudos, porém, alguns desistiram no percurso, finalizaram o curso aproximadamente cinquenta. Na minha turma frequentaram alunos do sexo masculino. (Depoimento da Enfermeira Luz, 2018)

**Figura 45 Solenidade de Formatura na Escola Anna Nery**



**Fonte: Acervo pessoal da professora Luz**

Na figura 45, percebemos a inserção e a presença do sexo masculino na profissão. A maioria da turma era composta por mulheres, porém, a fonte iconográfica evidencia uma mudança de identidade na formação de enfermagem. Na segunda fila, identificamos a enfermeira Maria Helena, a quinta graduanda da esquerda para a direita com o seu uniforme de formatura. Com a Reforma Universitária de 1972, pela força da lei, os primeiros homens ingressaram na EEAN e o uniforme passou a ser uma questão polêmica, os principais motivos estavam relacionados com a cor da roupa dos estudantes (azul) e ao uso da touca.

As modificações que se seguiram estão associadas a dois eventos que alteraram a forma de ensino na Escola que foi a inauguração do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), na ilha do Fundão e a implantação do currículo com novas metodologias.

Apesar das resistências sociais à instrução da mulher, o alargamento dos horizontes culturais da mulher urbana e o processo legal da separação conjugal constituíram aspectos reveladores de que a posição social da mulher sofria uma redefinição neste período. A imagem feminina na sociedade brasileira transforma-se e neste contexto, como evidencia Barreira (1999) instala-se o desenvolvimento das profissões e em particular, da enfermagem.

A obtenção do voto pelas mulheres incitou a formação de organizações pelos direitos femininos no Brasil. As mulheres envolvidas nestes movimentos sofreram grandes pressões na área da educação, no legislativo e na imprensa.

Na figura 46, sentadas na primeira fila, algumas das professoras da Instituição, Haydee Guanais Dourado (segunda da esquerda para a direita), Elvira Felici de Souza (quarta da esquerda para a direita) e Maria Dolores Lins de Andrade, a última sentada do lado direito.

**Figura 46 Formatura na Escola de Enfermagem Anna Nery**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Luz**

A touca de uso obrigatório, anteriormente, era o símbolo da identidade da enfermeira-padrão e expressava o domínio que a enfermeira tinha de si mesma e ato

devocional à causa da enfermagem. A touca é originada de mulheres diaconisas, freiras da ordem religiosa.

A Florence Nightingale School of nursing do St Thomas Hospital, de Londres, foi creditada como a Escola de Enfermagem pioneira na introdução do broche na turma de formatura do Hospital Bellevue, em Nova York. (SAUTHIER; BARREIRA 1999).

Na figura 47, a enfermeira Maria Helena por ocasião de sua formatura na Escola Anna Nery após a cerimônia da entrega do broche simbolizando a solenidade de Enfermagem. Geralmente o broche era colocado sobre a gola do uniforme ou na região central do pescoço. Nos rituais de formatura uma junção de símbolos e ações que retratavam os acontecimentos como o broche, a touca, o uniforme, a lâmpada, o diploma. Segundo a enfermeira era uma data inesquecível e emocionante pois as graduandas esperavam anos pela cerimônia. Era um evento único.

**Figura 47 Maria Helena em sua formatura**



**Fonte: Acervo pessoal da professora Luz**

O olhar historiográfico através desta fonte caracteriza a importância do passado e dos detalhes essenciais: Uma discente (geralmente quem mais se sobressaia na classe) era

escolhida para a realização do ritual da entrega da lâmpada para a turma seguinte, simbologia esta que foi realizada durante muitos anos nas Escolas de Enfermagem em todo o país e que permanece sendo feito por algumas Instituições Brasileiras e Piauienses. No Piauí, várias solenidades são realizadas com o objetivo de reconstituir e interpretar esta simbologia.

Atualmente, em algumas Universidades e faculdades ocorrem ainda o evento ritualístico da entrega da lâmpada assim como a cerimônia do jaleco. Tais rituais corroboram para a continuidade histórica e constituição da identidade da profissão.

Observamos nesta representação imagética, evidenciada pela figura 48, a enfermeira Maria Helena com a sua lâmpada, a simbologia histórica inserida na profissão de Enfermagem com o ritual da entrega da lâmpada nas solenidades de formatura. O sorriso demonstra a felicidade da concretude e a realização de um sonho de formação.

**Figura 48 Evento de Formatura com o símbolo da lâmpada**



**Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Luz**

Quando retornou ao Piauí, a enfermeira começou a trabalhar em Picos, sua cidade natal, no Hospital São Vicente de Paula, por apenas 6 meses. Chegou em agosto na cidade, trabalhou até fevereiro e decidiu voltar para Teresina, ocasião em que foi transferida para a

Maternidade São Vicente e teve a oportunidade de trabalhar com as enfermeiras Inez Nery e Maria Íris.

A Maternidade São Vicente funcionou no espaço onde hoje está localizado o Ambulatório Lineu Araújo. Antes da inauguração da Maternidade, havia uma estrutura na qual estava situado o Departamento Nacional da Criança, local em que se planejava instalar um Hospital para tratamento de crianças. Dr. Ursulino Martins<sup>34</sup> estava convencido de que o serviço de obstetrícia deste hospital necessitava de ampliação e não havia espaço para que isso ocorresse e conseguiu junto ao governador em exercício na época que fosse fundada a Maternidade São Vicente no dia 2 de fevereiro de 1954, após as reformas apropriadas, direcionando o serviço nesta ocasião. (RAMOS, 2003).

A enfermeira também participou do processo de transição da Maternidade São Vicente para a Maternidade Dona Evangelina Rosa. Foi inserida na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 1976, a convite da Coordenadora do curso de Enfermagem professora Lidya Tolstenko Nogueira,

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) estava fiscalizando as Universidades e realizando o reconhecimento do curso quando foram definidas as disciplinas, de acordo com o currículo profissional que as docentes poderiam lecionar. A professora de Enfermagem Maria Helena ministrou várias disciplinas dentre elas história da enfermagem, ética e exercício profissional, fundamentos de enfermagem.

Em 1977, eu fiz um curso promovido pelo MEC (pólo sul, sudeste e nordeste) fomos (eu e Maria Íris) para João Pessoa, realizar uma Especialização em metodologia do ensino, da assistência e da pesquisa de Enfermagem em três meses. Este mesmo curso Lidya Tolstenko e Inez Nery fizeram no Rio de Janeiro e permaneceram para fazer mestrado. (Depoimento oral da Enfermeira Luz, 2018)

As novas exigências de formação docente postas pelas realidades contemporâneas estão em crescentes transformações, assim como a ênfase na qualidade de ensino com sustentáculo em uma perspectiva emancipadora. Existe um novo paradigma civilizacional e precisamos admiti-lo devido a presença de fortes manifestações de sua emergência. Essa nova racionalidade é observada no modo como os profissionais atuam na profissão e como as organizações são reestruturadas e definidas.

---

<sup>34</sup> Médico obstetra e professor da Universidade Federal do Piauí, fundador da Maternidade São Vicente, presidente do Instituto de Assistência Hospitalar do Estado e foi diretor do Hospital Getúlio Vargas na época.

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade mundo composta por cidadãos protagonistas, consciente e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária. O desenvolvimento científico, técnico e econômico propicia um devir comum para toda a humanidade. A urgência vital de educar para a era planetária requer esforços interdependentes: uma reforma do modo de conhecimento, uma reforma do pensamento e uma reforma de ensino (MORIN, 2003, p .55)

A discussão sobre a necessidade de profissionalismo do professor universitário brasileiro, em sua ação docente a partir de transformações ocorridas no ensino, valorizando-se não apenas os aspectos cognitivos mas valores, capacidade de adaptação, reflexão coletiva e de convívio em grupo, assim como a inserção na pesquisa e extensão tornou-se de essencial importância.

As disciplinas ministradas pela docente eram inúmeras e ela sentiu a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos na área de Saúde Pública. Estava grávida quando o seu esposo foi para Minas Gerais, ocasião em que a docente aproveitou para realizar um curso de especialização nesta ambiência como a mesma aduz a seguir.

Em 1979, eu estava de licença gestante e meu esposo foi fazer um curso em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte e eu estava de licença gestante e fui fazer a especialização em Saúde Pública na UFMG, um ganho imenso pois ensinávamos saúde pública e achei o nível avançado nesta área, participei de inúmeras atividades na ambiência da atenção básica, colhíamos Papanicolau, fazíamos uma consulta de enfermagem plena. Fiz habilitação em Saúde Pública, achei um curso excelente foi maravilhoso para minha formação. Foi muito oportuno. Foram seis meses. Comecei em março e finalizei em julho. Foi uma experiência única e enriquecedora. Voltei para lecionar em 1979 na UFPI. (Depoimento oral da Enfermeira Luz, 2018)

O conhecimento não se reduz à informação pois conhecer significa trabalhar com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as. Os saberes da docência têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. Trata-se da necessidade de reinventar os saberes pedagógicos a partir da prática social da educação. A superação da tradicional fragmentação dos saberes da docência e considerar a prática social possibilitará uma ressignificação de saberes na formação de professores. (MORIN, 2003)

Em 1980, eu fui para a EEAN cursar mestrado, foram selecionadas apenas oito enfermeiras de inúmeros inscritos. Eu fui uma das escolhidas. Fiquei feliz demais. Pedi afastamento da UFPI e fiquei dois anos cursando, cursei as disciplinas obrigatórias e finalizei a pós-graduação, em 1982. O meu

tema foi em cardiologia e pesquisei a assistência de enfermagem em pacientes em uso de digitálicos. Eu ficava extremamente preocupada com estes pacientes cardíacos que estavam utilizando estes medicamentos, o cuidado com este fármaco, os efeitos colaterais, as repercussões hemodinâmicas e o preparo para a alta. Eu ficava muito sensibilizada com estas questões. Principalmente, as intoxicações digitálicas. Então, com a oportunidade de estudar esta temática pude realizar algumas intervenções. Tive a oportunidade de refletir sobre a minha prática profissional quando estava cursando o mestrado. (Depoimento oral da Enfermeira Luz, 2018)

O curso de Mestrado da EEAN recebeu aprovação para a sua implantação e abertura por meio do processo nº 34.247/70 expedido pelo Centro de Pesquisa e Ensino para Graduados da UFRJ. Devido a intensa preocupação da EEAN em atender à urgente necessidade de preparo e qualificação do seu corpo docente, o curso de mestrado iniciou as suas atividades no dia 7 de agosto de 1972.

Quando o curso de mestrado foi implantado na EEAN a diretora era Elvira de Felici Souza e a coordenadora do mestrado, Maria Dolores Lins de Andrade. As coordenadoras da área de concentração de Enfermagem Fundamental eram as professoras Vilma de Carvalho (Piauiense) e Cilei Chaves Rhodus. As docentes enfermeiras do curso de Mestrado da EEAN eram Elvira de Felici de Souza, Maria Dolores Lins de Andrade, Cilei Chaves Rhodus, Vilma de Carvalho, Izabel da Cunha Dantas (Piauienses), Haydée Guanais Dourado e Wanda de Aguiar Horta. (ROCHA; VIEIRA, 1989)

O profissional reflexivo percebe que faz parte da situação e busca desenvolver soluções por meio de tentativas para superar seus limites frente às situações de instabilidade.

A concepção do professor como intelectual crítico e cuja reflexão é coletiva no sentido de incorporar a análise de contextos escolares faz-se pela transição e técnicas reprodutoras e reflexivas individuais para intelectuais, críticas e transformadoras. Como fazê-lo? É neste contexto que temas como gestão, tempo de ensinar, currículos, projeto político pedagógico, trabalho coletivo, a identidade dos professores e sua autonomia relativa são colocadas em pauta.

Depois da experiência do mestrado, os professores do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí demoraram para seguir na formação do doutorado. A professora Doutora Lidya Tolstenko foi a primeira mestre a ir para o Rio de Janeiro para a realização do mesmo. Fez na Escola de Enfermagem Anna Nery e posteriormente houve a consecução de realizá-los no Estado, o Mestrado Institucional (MINTER) e o Doutorado (DINTER). Foi um momento muito importante de desenvolvimento profissional.

Demoramos a tomar a decisão de cursar o doutorado e foi a professora Lidya que se posicionou e foi também pioneira e ela foi para a EEAN cursar o doutorado. E então fomos fazer o DINTER, doutorado institucional pois nos capacitávamos sem sair do trabalho. Terminei em 2001. E no meu doutorado eu estudei a ostomia, o cotidiano do paciente ostomizado. Os professores que se deslocavam. Nesta época foi MINTER e DINTER. Foram seis vagas. Eu fiz, Benevina Vilar, Inez Nery. A docência oportunizou-me valorização profissional e qualificação, eu me preparei desde a graduação eu senti também a problematização do ostomizado. A importância da prática com os saberes teóricos. Eu tive oportunidade de refletir criticamente e de forma autônoma. (Depoimento oral da Enfermeira Maria Helena Luz, 2018)

A epistemologia da prática indica que a chegada do movimento intelectual do professor deve conduzi-lo a autonomia emancipadora da crítica. Para isto, a epistemologia da prática limita a autonomia que só se torna possível com a emancipação da crítica. A reflexão crítica emana da participação em contexto social e político. A prática da epistemologia crítica é essencial entendendo-a como modelo explicativo e compreensivo do trabalho docente como um profissional que direciona o seu fazer em um contexto histórico. A professora decidiu investir na aquisição de conhecimentos na área da estomatoterapia e tornou-se a pioneira nestas pesquisas.

A enfermeira e docente Maria Helena foi conselheira durante três anos no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), tempo em que muito se dedicou ao conselho. Na figura 49, Maria Helena (ao meio) toma posse ao lado de uma de suas professoras da Escola Anna Nery, Waleska Paixão, ao seu lado direito. Segundo a depoente, um momento de extrema emoção e ápice de ascensão profissional.

**Figura 49** Evento do Conselho Federal de Enfermagem



**Fonte:** Cessão da fotografia pela enfermeira Luz

**Figura 50 Plenário do COFEN**



**Fonte: Fotografia disponibilizada pela professora Maria Helena Luz**

Nesta figura 50, a professora participando do evento por ocasião da sua posse no Conselho Federal de Enfermagem, com os outros membros.

A primeira iniciativa da sistematização do Ensino de Enfermagem no Brasil ensino ocorreu em 1890, quando foi criada, no Rio de Janeiro, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, conforme o modelo francês de saúde.

O Decreto 791//1890 fixava os objetivos da Escola, currículo, duração do curso, condições de inscrição e matrícula. Reinaugurada em 1905, a Escola foi estruturada com transformações no quadro de docentes e âmbito administrativo. Em 1921 ela passou a ser denominada Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto.

Em 1979, pela Lei nº6655 de 5 de junho transformou-se em uma Instituição Federal, constituída como Fundação e vinculada ao Ministério da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na figura 51, a professora Maria Helena participando dos cem (100 anos) da inauguração da Escola Profissional com os demais membros do Conselho Federal de Enfermagem. (Centenário da Escola Alfredo Pinto).

**Figura 51 Solenidade de 100 anos do Hospital Alfredo Pinto**



**Fonte: Fotografia cedida pela Enfermeira Luz**

A professora também foi surpreendida em 2013, com uma homenagem às antigas professoras e alunas, elaborada pela Escola de Enfermagem Anna Nery, pois houve a recuperação do prédio anterior em que se estruturara a Escola e decidiram realizar uma cerimônia.

Eu fui convidada a participar e encontrei várias professoras do meu tempo, dentre elas Dona Elvira de Felici em cadeira de rodas e ganhei uma homenagem trinta (30) anos depois de minha formatura. Foi uma das maiores emoções que senti. A possibilidade de rememorar todo aquele meu período de formação que tanto me dignou em evoluir profissionalmente. Este evento foi algo lindo e que valeu ter participado. Foi um dos momentos de minha vida mais surpreendente. Hoje sou feliz por ter vivenciado tudo. Ter lembrado um passado tão presente em minha existência. (Depoimento oral da Enfermeira Luz, 2018)

No ano de 2013, a Escola de Enfermagem completou 90 anos de existência, constitui-se como um monumento da Enfermagem Brasileira, por onde passaram ilustres mulheres que se dedicaram à Enfermagem e os seus propósitos de luta voltaram-se ao desenvolvimento da saúde no país. Neste nonagésimo aniversário, a EEAN, guarda uma inesgotável memória documental preservada em seu pavilhão de aulas em grande acervo que permite a realização de pesquisas sobre a História da Enfermagem Brasileira. A EEAN merece reconhecimento pela participação na construção de uma identidade de Educação Superior de Enfermagem, no âmbito da graduação e de pós-graduação.

A modernidade com o evoluir da urbanização e da industrialização promoveu o enfraquecimento do modelo de família patriarcal, a emancipação da mulher adquiriu um significado amplo e a classe não exigia apenas respeito, mas direito à educação e a desenvoltura em várias ambiências. Na extensão da esfera da vida privada para a pública, houve a caracterização do processo de profissionalização feminina e a configuração de sua presença no mundo do trabalho. Foi possível constatar o papel político, social e pedagógico da influência da EEAN no desenvolvimento do Ensino da Enfermagem Piauiense formando as pioneiras que herdaram ritos, assim como obter evidências de que as histórias de vida, formação universitária, experiências profissionais vivenciadas na Escola e as interações com os demais corroboraram para a construção do processo de constituição da identidade profissional.

## SEÇÃO II

### **INSERÇÃO, DESENVOLVURA E CONSOLIDAÇÃO DA ENFERMAGEM MODERNA E O ENSINO NO PIAUÍ**

Nesta seção abordaremos a importância da evolução do ensino superior , os avanços e desafios , assim como a inserção, o desenvolvimento e a consolidação da enfermagem moderna e o ensino superior no Piauí, a evolução e os obstáculos das primeiras estruturas hospitalares assim como a trajetória das instituições de ensino superior público de enfermagem.

#### **2.1 EVOLUÇÃO NO ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO BRASIL: AVANÇOS E DESAFIOS**

Na década de 1960, ocorreram mudanças importantes no ensino superior estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação( LDB) nº 4024 de 1961, entre as inovações instituídas destaca-se a inserção da pós graduação na educação brasileira. O regime militar investiu intensamente na economia do país, havendo expansão econômica com acentuado desenvolvimento industrial, aumentando o número de multinacionais no país que iriam precisar de mão de obra qualificada maximizando a demanda por educação. Em 1962, com o processo do Conselho Federal da Educação (CFE), nº 271/62, o currículo no curso de Enfermagem passou por significativas transformações sendo priorizado o caráter curativo. Os hospitais foram considerados como centros hegemônicos da assistência à saúde.

É um novo olhar que se inicia individual tornando-se disseminado através do tempo, do decorrer dos processos de aprendizados, que culminam também no ensino e se transformam em práticas coletivas produtoras de conhecimentos. Entendemos, portanto, como Morin (2004) “A História tende a tornar-se a ciência da complexidade humana.”

Posteriormente, os enfermeiros passaram a assumir a execução do trabalho de gestão priorizando em suas atividades funcionais o planejamento e a organização e também direcionando-se às dimensões intelectuais do ensino ainda tecnicista e mecanicista,

tradicionalista e com sustentáculo na reprodução do conhecimento delegando aos técnicos e auxiliares de enfermagem as ações do cuidado.

Os professores de Enfermagem não participavam ativamente de um processo coletivo de reflexão crítica, emancipatória e autônoma. A aprovação da Lei de número 7498/junho/1986 que contemplou o exercício profissional aliada à promulgação da “constituição cidadã” que evidenciou a Saúde com dever do Estado e direito de todos e a criação do SUS ( Sistema único de Saúde)/1990 caracterizou importante avanço para a área de enfermagem.

Com o processo de Redemocratização do país, precisamos citar dois marcos , a VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986 e a Promulgação da Constituição de 1988 que se caracterizaram por processos de lutas e consecuições de direitos sociais.

A ABEn em 1994, vale ressaltar , criou os SENADEns ( Seminários Nacionais de Diretrizes para a Educação em Enfermagem) que contribuíram significativamente para as Diretrizes Curriculares Nacionais. (TEIXEIRA, 2006). Em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996), flexibilizando os currículos, para a extensão de cursos e a abertura de vagas na Educação Superior. Houve acréscimo em carga horária curricular, e hoje com o currículo III, há a obrigatoriedade do trabalho de conclusão de curso.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394 de dezembro de 1996, foi ancorada nos princípios constitucionais que sustentam a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família e ajustou-se ao movimento político-governamental vigente. Nesta lei observam-se inovações e mudanças na educação nacional, onde é prevista uma reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes específicas para cada curso, dentre eles o curso de enfermagem.

A profissão docente requer competências que não são inatas e que precisam ser construídas e aperfeiçoadas haja vista a necessária fundamentação na reflexão crítica com sustentáculo na prática profissional contextualizada no âmbito histórico, social, político e cultural.

A nova organização do sistema nacional de ensino, com a implantação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394 de dezembro de 1996, implicou e resultou em grandes transformações na formação profissional no Brasil e em especial, na formação dos profissionais de Enfermagem, e apesar das limitações, a lei contém avanços

ponderáveis e que permitem sobretudo em seu senso de flexibilidade legal, rumos para renovações importantes.

Tornou-se necessária uma interconexão de dimensões, onde os valores, os aspectos cognitivos, a sensibilidade, o caráter, a cultura, a história e a educação entrelaçaram-se e culminaram na interdisciplinaridade.

A modernidade foi questionada por uma reflexão pós moderna. No século XX , o movimento estruturalista suscitou inúmeros questionamentos sobre o evolucionismo, progresso, racionalidade técnica. As ciências sociais produzem uma desaceleração contra a aceleração revolucionária da modernidade. Para elas, o tempo não é linear, uniforme, homogêneo e convergente. A história deveria se interessar mais pelo lado cíclico e estrutural da vida dos homens e deveria aspirar à inteligibilidade empírica da realidade social. ( REIS, 2010). A pós- modernidade desconstrói, deslembra, deslegitima o discurso da razão que governa o mundo. O conhecimento histórico pós-estruturalista aborda um mundo parcial, limitado, descentralizado, assistemático, curioso de fatos e indivíduos.

O ensino de enfermagem tem sido marcado ao longo dos anos pela constante implementação de mudanças curriculares nos cursos de graduação e por discussões de propostas pedagógicas influenciado pela evolução do contexto histórico e social da sociedade brasileira. O perfil dos enfermeiros transformou-se no quadro político, econômico e social da educação e da saúde no Brasil e no mundo.

## **2.2 INSTITUIÇÕES HOSPITALARES NO PIAUÍ: PROGRESSOS E RETROCESSOS**

As misericórdias foram práticas assistencialistas fundadas pelo princípio religioso da caridade aos pobres assim também como uma economia política de salvação direcionada aos necessitados. As Santas Casas de Misericórdia no Brasil eram estruturadas com uma administração central formada por um Conselho Administrativo.

Os primeiros Estatutos das Instituições até o final do século XIX pertenciam à Ordem Religiosa Nossa Senhora das Dores e a partir da República passou para a Jurisdição do Estado. A Instituição hospitalar, negligenciada e associada com o baixo nível de qualidade das práticas de saúde, durante muito tempo preocupou-se apenas em separar indivíduos doentes e perigosos da coletividade com o intuito de preservar a saúde geral da população, considerando a internação como uma forma de isolamento e precaução na disseminação de doenças (RAMOS, 2003, p. 41 )

O interesse por pesquisas históricas revela a necessária busca pelos acontecimentos e como estes direcionaram o caráter evolutivo das práticas assistenciais e do ensino de Enfermagem. Desde o movimento dos Annales, tem-se insistido na necessidade de uma “história problema” pois é o problema que nos faz optar por certas fontes e não o contrário pois através da problematização do objeto podemos definir a relevância da pesquisa. “A história problema” veio opor-se ao caráter narrativo da história tradicional.

A história da Enfermagem Piauiense surgiu associada ao processo de cuidar caritativo por cuidadores leigos e fora do ambiente hospitalar. O primeiro registro consta do Hospital de Milícia, datado de 1803 em Oeiras, capital do Piauí na época, funcionava em precárias condições, estrutura inadequada, instalada em duas casas, em péssimas construções aonde os enfermos eram tratados sem nenhuma qualidade assistencial. Nestas enfermarias improvisadas eram assistidos os pobres, escravos, e ainda soldados, atendendo as forças armadas devido a inexistência das Santas Casas de Misericórdia. (NOGUEIRA, 1996; RAMOS, 2003);

O Hospital de Caridade funcionou em Oeiras, por pouco tempo, até a transferência para Teresina onde ficou funcionando em uma enfermaria que foi posteriormente desativada por decisão do governo da província, em 1860. Em Teresina, nova capital, foi criado o Hospital de Caridade, instalado inicialmente em um espaço no quartel da polícia militar, ocorrendo a sua inauguração em 1854 e se destinava ao atendimento de funcionários públicos e militares. O Hospital de Caridade de Teresina passou a coexistir com o Hospital de Caridade de Oeiras, porém, o Estado apresentava condições financeiras extremamente desfavoráveis para subsidiar dois hospitais concomitantemente.

O presidente da província era Antônio Francisco Pereira de Carvalho e o Hospital era dirigido por Miguel Henrique de Paiva com o apoio e a participação assistencial do Médico Simplício de Sousa Mendes, assim era a gestão do Hospital de Caridade à época seguido pela inauguração da Santa Casa de Misericórdia, em 1860, hospital filantrópico, que apenas a partir de 1890 passa a atender a toda a população.

Em 8 de dezembro de 1860 inaugura-se a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores. Era governador da província Manuel Antônio Duarte de Azevedo. Os atendimentos iniciais prestados pela Santa Casa eram procedimentos de ação humanística, os atendimentos à população eram prestados pelo Hospital de caridade, posteriormente, com aprovação da lei orçamentária de subvenção mensal, ficou disponível a verba de socorro público e a Santa Casa de Misericórdia estendeu os cuidados médicos para a população. (RAMOS, 2003, p 43)

A Santa Casa de Misericórdia de Teresina<sup>35</sup>, inaugurada no ano de 1860, estruturou-se no mesmo espaço que ocupava o Hospital de Caridade, foi mantida por longos anos por subvenções, indulgências e voluntárias doações. Funcionava na Praça Campo de Marte, Praça Cond'eu. Atualmente, praça João Gayoso, próximo ao Ginásio Lindolfo Monteiro, conhecido como Verdão.

O único hospital que servia a população pobre de Teresina encontrava-se de modo desapropriado, desestruturado e sem condições de funcionamento adequado. Como relata Freitas (1988) “O edifício em que está situado o hospital a cargo da respectiva irmandade acha-se muito deteriorado. Era impossível qualquer conserto pois que tocando em parte do edifício, podia resultar em seu desabamento total” Posteriormente, ocupou novo prédio aonde ficou funcionando até o ano de 1941 quando foi desativada e sua administração foi transferida para o Instituto de Assistência Hospitalar do Estado do Piauí.

A cidade de Teresina, no final do século XIX, apresentava problemas estruturais principalmente no que se refere à higiene e salubridade. Em consequência desta desestrutura era comum a proliferação de epidemias constituindo-se as principais causas da mortalidade no Estado durante este período. Teresina possuía ares de uma cidade desejada, idealizada e que os espaços eram reconstruídos tendo como sustentáculo os aspectos sanitários. As ressonâncias do âmbito nacional chegavam ao perfil local sob a forma de exclusão da classe mais pobre<sup>36</sup> e com o intento de priorizar a estética e as normas de higienização na cidade. Os enfermos de classe social mais privilegiada eram assistidos e tratados em domicílio, fato observado em todo o país, apenas aqueles que não tinham recursos financeiros eram levados para a Santa Casa de Misericórdia, que atendia conforme as especificidades da classe social.

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais) em permanente construção, devido à

---

<sup>35</sup> A Instituição dependia de quermesses, esmolas, doações e subvenções do governo para a sua subsistência, a Santa Casa de Misericórdia ficou funcionando durante a maior parte de sua existência oferecendo uma assistência precária e de forma paupérrima à população de Teresina. A instituição era mantida pela caridade pública, os serviços da instituição eram enfatizados como trabalho humanitário não como um bem público ou uma responsabilidade do Estado mas como um ato de beneficência aos mais vulneráveis.

<sup>36</sup> Em sua obra, “Imagens de Teresina no século XIX”, Araújo (1995), aduz que os pobres eram proibidos de morar nos limites da “décima urbana”, ou seja, do centro da cidade. A inserção da iluminação pública (1882) e o início da telefonia (1884) caracterizavam transformações na capital.

incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das representações do pretérito. A ipseidade, a identidade do eu, unifica os diversos tempos sociais em que comparticipa. ( CATROGA, 2015).

Até a primeira República, a Santa Casa de Misericórdia não era um local de atendimento médico, eram realizadas ações que perpassavam pela minimização do sofrimento do doente, local de acolhimento, hospedaria e preparo para a morte .

A institucionalização dos serviços de saúde ocorreu também no Piauí nas cidades de Parnaíba e Floriano. Em 1896, foi fundada a Santa Casa de Misericórdia em Parnaíba, funcionava em situação desestruturada e sem profissionais competentes para a assistência , em 1905, a instituição entrou em crise e foi apenas a partir de 1917 com a contratação de médicos e com a presença das irmãs de caridade que houve algumas reformas de estruturação. ( KHOURY, 2004, p 26 ).

Raras são as obras memorialísticas que inter-relacionam o desenvolvimento histórico, social e as relações de gênero e ao analisarmos como as memórias de algumas pessoas que estiveram presentes nos contagiam, podemos observar quão importantes são os acontecimentos passados e como podemos interpretá-los em contato com a nossa realidade presente. Compreendemos como Bosi (1994) “O passado é revisitado em um arrebatamento, em um devaneio que não pode deixar de lembrar o sonho ou a memória verdadeira” É preciso atribuir valor ao sonho, é preciso querer sonhar. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. “A memória não é sonho, é trabalho”.

O registro mais antigo encontra-se no documento “Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Teresina” no qual é definida a sua estrutura gerencial. As primeiras religiosas a trabalhar no Piauí pertenciam à Congregação das filhas do Coração Imaculado de Maria, as Irmãs Cordimarianas que também desempenhavam funções de Enfermagem. Os trabalhadores leigos eram submetidos às normas religiosas, sendo o confinamento, submissão e reclusão impostas de maneira autoritária com a exigência da humildade, obediência, devotamento e respeito aos superiores hierárquicos. (NOGUEIRA, 1996, p. 29 ).

Os profissionais que não se adequassem às normalizações religiosas eram afastados de sua função e foram estas normatizações que direcionaram a implantação da enfermagem moderna, que surgiu no contexto piauiense a partir da reorganização sanitária do Estado composta pela Reforma Sanitária do Estado Novo. O Ministério de Educação e Saúde em ação conjunta com o Departamento Nacional de Saúde iniciaram a implantação de ações curativas e preventivas.

### 2.3 O ENSINO DA ENFERMAGEM MODERNA NO PIAUÍ: DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO E SINGULARIDADES DA FORMAÇÃO

O Departamento de Saúde Pública do Piauí ( 1938)<sup>37</sup> previu a criação de uma escola de enfermeiras, porém, nesta época não havia um conhecimento mais aprofundado acerca da Escola de Enfermagem Anna Nery e a profissão de enfermagem surgia como submissa, desarticulada, tendo como aspecto funcional apenas o caráter de auxiliar, fato transformado após uma determinação do Ministério de Educação e Saúde para a expansão da área de atuação de enfermeiras diplomadas para as diversas regiões do país.

Na década de 1940, com o processo crescente de industrialização do Brasil, o governo do presidente Getúlio Vargas desenvolveu uma política de proteção ao trabalhador que incentivou a abertura de hospitais públicos e privados. No entanto, faltavam recursos humanos de enfermagem qualificados para assumir as vagas oferecidas e o pessoal disponível não possuía qualificação profissional adequada haja vista que, no Estado do Piauí, ainda não existiam Escolas de Enfermagem, pois as que funcionavam localizavam-se, principalmente, na região sudeste do país ( VILAR, 2008, p. 12)

A enfermeira Nair Sousa<sup>38</sup>, veio para o Piauí para a realização de um curso, tinha características pessoais que a diferenciavam, tinha uma reputação ilibada e estava cercada de exemplos altruístas permitindo a observância destas figuras antecessoras e predecessoras e a possibilidade de compreensão sobre as histórias de vida e experiências geracionais.

Para a formação da primeira turma, alunas exemplares concludentes da Escola Normal foram convocadas pelo interventor federal, porém, algumas candidatas encontraram barreiras para iniciarem o curso que não era conhecido no Estado devido a concepções preconceituosas por parte dos familiares pois a chancela do interventor não se mostrava suficiente para apagar do imaginário coletivo a representação social da enfermeira. ( NOGUEIRA, 1996).

---

<sup>37</sup> No contexto político e social do Estado do Piauí um importante momento para o seu desenvolvimento na área da saúde ocorreu com a fundação do Departamento o qual inseria o Estado na Política Nacional de Saúde Pública. Havia a orientação das medidas sanitárias relativas à profilaxia de doenças transmissíveis e agudas, com o tipo de tratamento, além de normas de saneamento. (BATISTA, 2011)

<sup>38</sup> Formou-se pela EEAN em 1936 um ano após a formatura de Haydée Guanaes Dourado (EEAN). Foi a primeira enfermeira que veio para o Estado do Piauí para realizar um curso de Enfermeira Visitadora para mulheres que desejasse exercer o ofício da enfermagem técnica (NOGUEIRA, 1996).

Pollack (1989) , ao abordar o sentido social presente na memória dos grupos sociais reforça a consciência de fronteiras sociais e culturais estabelecidas através dos sentimentos de pertencimento que são criadores da identidade e aduz “ a memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais da identidade, já que seu suporte é o grupo social.”

Mesmo diante de preconceitos, adversidades e dificuldades a primeira turma de Enfermeiras Visitadoras logrou êxito nos estudos sistematizados e finalizou em setembro de 1939 com quinze graduadas e a professora bastante elogiada pelos seus sábios e exímios conhecimentos repassados. Posteriormente, foram realizados mais dois cursos nesta mesma ambiência.

A enfermeira Nair de Sousa solicitou remanejamento do Piauí e foi substituída pela enfermeira Haydée Guanais Dourado<sup>39</sup>, formada pela Escola Anna Nery mas que não permaneceu três meses no Piauí tendo que retornar para a Bahia para assumir outro compromisso profissional.

Na figura 52, Haydée presente na formatura da enfermeira piauiense Maria Helena Luz figurando como docente, a segunda da esquerda para a direita, próxima à Elvira de Felici (quarta da esquerda para a direita) e por último Maria Dolores Lins de Andrade.

---

<sup>39</sup> Haydée Dourado nasceu na Bahia em 1915, iniciou a sua vida profissional em 1935 após ser diplomada pela Escola de Enfermagem Anna Nery, como enfermeira de Saúde Pública no Departamento Nacional de Saúde. Antes de formar-se enfermeira foi professora primária e sua formação teve sustentáculo na literatura e Ciências Sociais pleiteando uma formação multidisciplinar. Tornou-se a primeira diretora da Escola de Enfermagem da Bahia em 1946.

**Figura 52 Professora Haydee Guanais**

**Fonte: Fotografia cedida pela Enfermeira Luz**

O cuidar de pessoas doentes significava um grande inconveniente e desgaste à sociedade, devido aos problemas apresentados em sua maioria pelos portadores de doenças infecciosas e contagiosas existentes à época. A prestação de cuidados era realizada, na sua maioria, em domicílio, sem a assistência específica e necessária. Inúmeras pessoas atuavam na área, mas não se encontravam devidamente preparadas e aptas para a realização de determinados procedimentos assistenciais. Para a prática de algumas funções eram necessários conhecimentos específicos, ensejando a necessidade de aperfeiçoamento e qualificação profissional.

Em 14 de julho de 1937 é sancionada lei para a construção do Hospital do Estado, posteriormente denominado de Hospital Getúlio Vargas. Neste período o governador do Estado em exercício era o médico e professor Leônidas de Castro Melo e em seu governo houve a promulgação da nova constituição do Estado, assim como o acontecimento do golpe de Estado de Getúlio Vargas em 1937, com a criação do Estado Novo. Diversas obras de saúde pública foram realizadas neste período no Estado do Piauí.

No curso dos anos de 1937 e 1938, o então interventor Federal do Estado do Piauí, o médico Leônidas de Castro Melo, concebeu e idealizou a construção de um Hospital para substituir a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, um hospital moderno com feição de Instituição de Ensino e Pesquisa (...) planejou também construir Escolas, reformar as existentes, criar e instalar postos de Saúde, proporcionar substancial desempenho no processo educacional, fomentar e melhorar o atendimento médico –assistencial e sanitário do Estado. (RAMOS, 2003, p. 47)

A inauguração do HGV aconteceu em 6 de abril de 1941 quando o governo do Piauí assume a assistência médica da população, mas o seu real funcionamento somente teve início em setembro deste ano, quando a assistência médica e hospitalar foi transferida da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital recém construído.

**Figura 53 Hospital Getúlio Vargas recém - construído**



**Fonte: Arquivo pessoal da Enfermeira Miranda**

O primeiro diretor do HGV, o médico ginecologista Agenor Almeida, confrontou-se com inúmeros problemas relacionados a aspectos administrativos, culturais e políticos no planejamento organizacional da estrutura Hospitalar que dirigia. Dentre eles um problema exerceu grande influência na assistência de Enfermagem desenvolvida à época pelas Irmãs de Caridade que foram transferidas da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital Getúlio Vargas. (RAMOS, 2003).

A diretoria do Hospital Getúlio Vargas (HGV) empreendeu inúmeras tentativas para atrair enfermeiras formadas em outras regiões do país como também enviou jovens da sociedade local, sob custeio do governo, para estudar no Rio de Janeiro na Escola de Enfermagem Anna Nery.

No campo da saúde o espaço não ocupado pela enfermagem de nível superior no Hospital Getúlio Vargas foi preenchido pelas irmãs de caridade que durante a década de 1950 estiveram à frente do serviço da enfermagem. Inicialmente, vieram trabalhar no Hospital de Alienados e na Santa Casa de Misericórdia de Teresina chamadas Irmãs Cordimarianas, as quais faziam

parte da Congregação das filhas do Coração Imaculado de Maria, desenvolvida no Estado do Pará, por um padre de nacionalidade belga (RAMOS, 2003, p. 25 )

Por ocasião da inauguração e início das atividades no Hospital Getúlio Vargas, as superiores responsáveis pelo serviço, programaram normas que deveriam ser rigorosamente cumpridas relacionadas aos procedimentos de Enfermagem, padrões estes que seriam diferentes do que era realizado na Santa Casa de Misericórdia. O diretor do Hospital Getúlio Vargas contratou uma Enfermeira de nível superior, Dagmar Rodrigues de Oliveira, natural de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais, formada na EEAN, no Rio de Janeiro.

Le Goff (1990) em sua obra *História e Memória* enfatiza que “A memória, onde cresce a história, procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro. A memória coletiva deve servir para a libertação e não para a servidão dos homens” Essencial aprender com o passado, ouvi-lo em seus diferentes sons e torná-lo presente em contínuo processo de aprendizado

A Enfermeira Oliveira não resistiu às questões conflitantes e depois de inúmeros desentendimentos, ela decidiu por não permanecer no serviço e optou por retornar ao Rio de Janeiro, passando a chefia de Enfermagem do Hospital Getúlio Vargas a ficar sem coordenação por determinado tempo. Em seguida, a ocupação do cargo foi feita e desta vez por uma Enfermeira genuinamente Piauiense, Maria Otávia Poty, com formação superior na Escola Anna Nery. O Estado do Piauí era pouco desenvolvido e distanciado da capital federal e não era uma tarefa fácil manter e trazer de volta estas enfermeiras. (NOGUEIRA, 1992, p 32).

A Enfermeira Maria Otávia de Andrade Poty, formou-se na EEAN , na turma de 1943 em uma turma de 44 alunas<sup>40</sup>, procurou dar seguimento às mesmas rotinas e normas seguidas anteriormente pela Enfermeira Oliveira, entretanto, com maior flexibilidade. Todos gostavam muito dela, era bonita, educada, expressiva e com grande capacidade de trabalho, sua presença era notada e sentida em todos os pontos do Hospital por meio de sua fotografia, de dedo em riste pedindo silêncio. (NOGUEIRA, 1992).

Infelizmente não permaneceu muito tempo na Chefia de Enfermagem do Hospital Getúlio Vargas, pois morreu jovem, deixando uma lacuna importante haja vista a importância das atividades que estava realizando em nível assistencial no Hospital.

---

<sup>40</sup> Dados colhidos do Livro de Assembleia da Universidade de Ex-alunas da Escola Anna Nery desde 1942 até a presente data. Neste material em anexo ao trabalho constam as turmas de Enfermagem formadas de 1925 a 1970 com todos os nomes das enfermeiras graduadas pela EEAN. As enfermeiras piauienses formadas pela Escola Anna Nery estão no acervo.

A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, encontra-se em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social. “A memória permite revisitar situações, para compreender como elas acontecem eixadas às teias de poder, as intrigas, as tramas, os conflitos, as condições sociais, econômicas, políticas e culturais” A memória, segundo Nora (1993), “ enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história liga-se nas continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas”

Os profissionais existentes na época eram escassos e precisavam de aperfeiçoamento em nível assistencial. Existiam poucos Enfermeiros no Estado na década de 1960, pois o curso de Enfermagem na UFPI apenas seria instalado em 1973, vinculado ao Departamento de Medicina Comunitária. A implantação da Universidade Federal do Piauí<sup>41</sup> (UFPI) tornou-se possível com a Lei Federal 5.528 de 11 de novembro de 1968.

No contexto da Reforma Universitária constatamos o aumento no número de vagas e a transformação do Ensino Superior decorrente da modernização tornando-se necessária a realização de uma revisão curricular nos cursos de graduação. O ensino de Enfermagem estava direcionado para a formação de um maior número de profissionais e também para uma reestruturação curricular mais voltada para o modelo biologicista, individualista e hospitalar.

A história, como conhecimento de mudança, propicia lugar e época, nomes, datas, evolução de saberes. Ela desintegra a ambição de verdade universal, global, total, absoluta, final. A história revela o processo evolutivo mas também os fracassos, decepções, frustrações. Evidencia o transcurso do seu ser para o novo ser. Como relata Reis (2010) “ela própria sofre esta passagem e a assume. Ela já foi registro, crônica, compilação, genealogia, filosofia, teologia, imagens. O próprio termo história é polissêmico.”

## **2.4 DO IDEAL À CRIAÇÃO: INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DO ENSINO SUPERIOR DE ENFERMAGEM NO PIAUÍ**

---

<sup>41</sup> Universidade Federal do Piauí foi instituída pela lei 5528/68, assinada pelo presidente Costa e Silva em que autorizava o seu funcionamento sob forma de fundação. Integravam inicialmente a universidade: o Instituto de Ciências Exatas e Naturais; o Instituto de Filosofia, Ciências humanas e Letras; a Faculdade de direito, a Faculdade de Odontologia; Faculdade de Medicina e a Faculdade de Administração, em Parnaíba. Essa lei foi resultado de lutas de políticos e de vários segmentos da sociedade que acalentaram um sonho por décadas de se instalar no Piauí uma universidade.

O curso de graduação em Enfermagem da UFPI<sup>42</sup> foi criado em 1973, subordinado ao Departamento de Medicina Comunitária, ocorrendo o primeiro vestibular em Janeiro de 1973 com a oferta de 20 vagas. (NUNES, 2004)

Simultâneo ao desenvolvimento do Sistema de Saúde, com a criação do Sistema Nacional de Previdência Social (SINPAS), organizado em Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), iniciou-se um movimento intelectual e político que foi desencadeado no país a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, tornando-se um movimento pela redemocratização da saúde que ficou conhecido como movimento da Reforma Sanitária. Neste momento, o país enfrentava uma profunda crise econômica, repressão, aumento da pobreza, provenientes de um período de governos militares, nos quais o processo decisório era altamente centralizador (BRASIL, 2007).

O Curso de Enfermagem ficou vinculado ao Departamento de Medicina porque não implicaria em custos para a Universidade, fator este que, desencadeou uma série de problemáticas no funcionamento e evolução do curso e principalmente, no que se refere à formação da primeira turma que ficou um período sem ter disciplinas específicas do curso de Enfermagem para serem cursadas, assim como professores habilitados que pudessem lecionar as disciplinas.

Para coordenar o curso de Enfermagem foi contratada a enfermeira Lydia Tolstenko Nogueira que iniciou a implantação do ciclo profissional. Conforme relatam as fontes historiográficas piauienses, a primeira turma da UFPI foi composta de quinze (15) enfermeiras e desta turma foram contratadas seis como docentes para atuarem na Universidade Federal: Francinete Paula Silva Dantas Avelino, Maria Bruno de Carvalho, Maria de Jesus Lima, Maria da Trindade Ferreira Leite, Margarida Maria Rodrigues Sales para o Centro de Ciências da Saúde (NUNES; BAPTISTA, 2004)

---

<sup>42</sup> A Universidade Federal do Piauí (UFPI) foi instituída nos termos Lei nº 5.528, de 11 de novembro de 1968 e oficialmente instalada em 12 de março de 1971, com o objetivo de criação e manutenção da UFPI. A UFPI é constituída por um Conselho Diretor, composto por sete membros efetivos, nomeados pelo Presidente da República. A Universidade Federal do Piauí possui cinco campi: Campus Ministro Petrônio Portella (CMPP), em Teresina - funcionando juntamente com o Campus da Socopo, que abriga o CCA; Campus Universitário de Parnaíba (Campus Ministro Reis Veloso; Campus Professora Cinobelina Elvas, em Bom Jesus; Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) em Picos, e Campus Amílcar Ferreira Sobral, em Floriano. A Universidade dispõe ainda de três Colégios Técnicos: em Teresina, Floriano e Bom Jesus.

**Figura 54 Primeira turma de Enfermagem da UFPI**



**Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira e professora Leite**

A primeira turma iniciou em 1973 e formou-se em 1977. Finalizaram 15 alunas. A colação de grau foi no Centro de Convenções e o baile no Jockey Clube de Teresina. O patrono foi Nathan Portela e o Reitor à época era Camilo da Silveira Filho. Da esquerda para a direita (em pé) observamos na fonte iconográfica acima Lenira, Marlene, Hilda, Maria da Penha, Ana Maria Leite (In memoriam), Francinete Paula Avelino, Maria José Neves. Inez Bandeira Coelho, Maria de Jesus Lima e Margarida Maria Rodrigues Sales. Sentadas, da esquerda para a direita, Maria Trindade Ferreira Leite, Raimunda Alves da Silva (In memoriam), Maria Bruno de Carvalho, Maria do Carmo Messias, Rosa Campos Fernandes (In memoriam).

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sediada em Teresina-Piauí, funciona como Instituição de Ensino Superior desde 1985, foi criada inicialmente como Centro de Ensino Superior do Piauí (CESP), durante 09 (nove) anos permaneceu na condição de Instituição autorizada a formar recursos humanos em nível superior, e só em 1993, através de Decreto Federal de 25 de fevereiro de 1993, passou à condição de Universidade. O primeiro vestibular desta IES foi realizado no ano de 1986.

A UESPI começou a ser idealizada com o objetivo principal de qualificar os professores da rede pública estadual, principalmente do interior visto que a única universidade pública, a UFPI estava localizada na capital do Estado. Em 1984, pelo decreto n

3967 de 16 de novembro de 1984 foi criada a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí. (FADEP; UESPI, 2016; NOGUEIRA, FERRO, 2013)

No ano de 1993, com o crescimento e a expansão da UESPI, a nível quantitativo e qualitativo. No Brasil, a lei n 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) veio para avaliar e organizar o ensino superior para que fossem oferecidos cursos de qualidade. (ROCHA, NUNES, 2013).

A UESPI, em 2015, teve seu estatuto reformulado, aprovado e implantado, o que garantiu a realização de eleições diretas para a escolha do reitor e vice-reitor.

Neste contexto, é importante mencionar a evolução do crescimento do número de cursos de Enfermagem no Brasil que estão entre os que mais se expandiram neste período. A partir de 1997, vários cursos na área da saúde foram abertos no Estado.

O curso de Enfermagem, no âmbito Estadual, foi o primeiro na área da saúde criado no interior do Estado. Em 1998, a UESPI criou dois cursos de Enfermagem no interior do Estado, em Parnaíba e Floriano e em 2002 e 2003, em várias outras cidades do interior.

Muitos cursos de Enfermagem no interior não tinham uma estruturação adequada o que levou à transferência de alunos para a Faculdade de Ciências da Saúde (FACIME), em Teresina. Foi o que aconteceu com os cursos das cidades de Água Branca, Bom Jesus, Campo Maior, Barras. A FACIME constitui-se como o Centro de Ciências da Saúde (CCS) e seu prédio tem localização privilegiada na área hospitalar de Teresina.

O ensino superior de enfermagem na Facime (âmbito público) foi implantado tardiamente e posteriormente à inserção no interior do Piauí, a formatura da primeira turma da UESPI, em 2013, deu-se quarenta anos após o vestibular para Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, em 1973.

O primeiro vestibular<sup>43</sup> para o curso de enfermagem, em Teresina, somente ocorreu em 2008. A primeira coordenadora foi a professora Roseane dos Santos Sousa e para coordenar o curso e organizá-lo inicialmente foi nomeada a professora Maria Amélia de Oliveira Costa, que passou a responder pelo curso de Bacharelado em Enfermagem da FACIME/UESPI do Campus Poeta Torquato Neto (UESPI, 2007).

Na definição de seus princípios e objetivos, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) considerou o cenário onde se insere, observando as transformações ocasionadas pelo desenvolvimento local, bem como as demandas educacionais resultantes desse momento.

---

<sup>43</sup> O primeiro certame ofertando vagas para o curso de enfermagem em Teresina ocorreu em 2008, após a aprovação pelo CONSUN da Resolução de número 025/2007 de agosto de 2007 com o início das aulas em agosto de 2007. O curso foi reconhecido em 2007 através do Decreto Estadual número 12754 de 04 de setembro /2007 publicado no Diário Oficial do Estado (PIAUI, 2007)

Para atender às novas exigências de qualificação profissional impostas pelo modelo econômico vigente, definiu como seus objetivos principais: estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar profissionais nas diferentes áreas de conhecimentos; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de socialização do conhecimento.

A criação do curso de Enfermagem da FACIME propiciou a realização de concurso público para a contratação de docentes para o quadro efetivo, segundo o primeiro edital de 2005. Foram contratados treze professores efetivos com carga horária de 40 horas (UESPI, 2007).

A Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot (fundada pela Irmã Abrahíde Alvarenga<sup>44</sup> em 1958, funcionou inicialmente nas dependências do HGV, foi transformada em 1975 na Escola Técnica de Saúde Maria Antoinette Blanchot. Após a desativação da escola, o espaço foi cedido para abrigar o Centro Formador de Recursos Humanos Carlyle Guerra de Macedo<sup>45</sup> e finalmente recebeu a Faculdade de Ciências Médicas - FACIME/CCS com os cursos superiores da saúde. Na figura 56 o prédio em que funciona, atualmente, a Universidade.

---

<sup>44</sup> Enfermeira formada pela Escola Anna Nery em 1942, planejou e organizou a primeira escola de nível médio do Estado Escola de Enfermagem Antoinette Blanchot na década de 1960.

<sup>45</sup> Carlyle Guerra de Macedo nasceu no Estado do Piauí em 15 de abril de 1937. Graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco no ano de 1961. Recém-formado, foi para o Chile, onde realizou curso de Planificação de Saúde no Instituto Latino-americano de Planificação Econômica e Social. Em 1967, Carlyle frequentou o curso e o seminário sobre Administração de Saúde e Comunicações na Universidade da Carolina do Norte e na Universidade de Pittsburgh, ambas nos Estados Unidos. Em 1968, o médico complementou sua formação com a licenciatura em Saúde Pública na Universidade do Chile.

**Figura 55** Faculdades de Ciências Médicas



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

O Curso de Enfermagem da UESPI, em Teresina, foi reconhecido em setembro de 2007 (Portaria / Decreto Estadual nº 12.754, de 04 de setembro de 2007), pois embora seu primeiro vestibular tenha ocorrido em 2008, o curso já funcionava com cinco turmas oriundas de cidades do interior do estado que foram transferidas para Teresina por necessidade de melhoria na qualidade do curso. O ano de início do curso com turmas oriundas de vestibular realizado na capital Teresina, foi 2008.

A formatura da primeira turma aconteceu em fevereiro de 2013, com rituais como descerramento da placa, missa, culto, colação de grau e aula da saudade. A solenidade de formatura constitui rito simbólico com o qual promove a distinção entre os sujeitos de modo que os graduandos mantenham um comportamento coerente ao que se espera dele, por adentrarem no segmento dominante no campo científico e na sociedade. A cerimônia da colação de grau é o momento mais aguardado por discentes e familiares pois simboliza a passagem e o reconhecimento da aquisição do capital simbólico, representado pelo diploma. (SILVA, 2018, p. 32)

O Grau de Bacharel em Enfermagem foi conferido pelo Pró-Reitor de Ensino e Graduação o Professor Doutor Marcelo de Sousa Neto que representou o magnífico reitor o Professor Doutor Carlos Alberto Pereira d Silva. A mesa de honra foi formada pelo Pró-Reitor e docentes do quadro efetivo, conforme evidenciado em fonte iconográfica, figura 57:

**Figura 56** Formatura da primeira turma de enfermagem da Facime



**Fonte:** Acervo pessoal da Enfermeira Denise Lima da Silva

A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) oferta à comunidade o curso de Bacharelado em Enfermagem objetivando a formação de enfermeiros que contemplem a especificidade institucional e regional, propiciando competências e habilidades para um perfil profissional construindo a formação de um enfermeiro crítico, reflexivo, participativo, atuante e com visão política e humanista.

O curso de graduação em enfermagem funciona nas cidades de Parnaíba, Picos, Floriano e Teresina. Foi implantado inicialmente em cidades do interior do Estado do Piauí e posteriormente na capital Teresina. A oferta do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas (FACIME) do Centro de Ciências da Saúde (CCS), Campus Poeta Torquato Neto, surge em função da crescente demanda e necessidade da atuação do profissional enfermeiro na sociedade piauiense, bem como para atender as demandas exigidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), programas do Ministério da Saúde (MS) e rede hospitalar, tanto no âmbito público quanto privado tendo em vista as demandas do mercado de trabalho e crescente necessidade de enfermeiros na capital.

O Curso de Enfermagem da UESPI mantém uma organização curricular com objetivo de promover um ensino de acordo com o contexto geral exigido, mas também com a realidade de cada curso em seus quatro Campi. O currículo de Enfermagem foi unificado e teve sua implantação a partir de 2011. A carga horária total do currículo atual de 4.785 h/a, integráveis em

5(cinco) anos, incluindo atividades teóricas e práticas, pesquisa e extensão. Com objetivo de atender aos preceitos da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (1996), das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (2001) e da Resolução CNE/CES nº 4 (06/04/2009) o Curso de Graduação em Enfermagem da UESPI propõe em seu conteúdo curricular disciplinas que propiciam o aluno a atender de maneira integrada todo o processo saúde-doença do indivíduo, sua família, grupos e comunidade, dentro da realidade epidemiológica e profissional, preocupando-se com a integralidade das ações assistenciais de enfermagem (UESPI, 2016)

Uma formação profissional que aperfeiçoe o docente a atuar em diferentes níveis de saúde, nos contextos da administração, gerência, pesquisa, educação e prestação da assistência de enfermagem, com conhecimentos técnicos e científicos, habilidades e atitudes, que poderão influenciar nas decisões políticas e organizacionais na área de saúde, nas mudanças de atitude do cliente, família e comunidade com vistas aos princípios do Sistema Único de Saúde do Brasil. Atualmente o curso consta com vinte e cinco docentes do quadro permanente todos com regime de trabalho quarenta (40) horas.

Os Cursos de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) ensejam a formação de um profissional Enfermeiro generalista, humanista, crítico e reflexivo, capaz de intervir sobre as situações encontradas no processo saúde-doença considerando o perfil epidemiológico do Brasil, em especial aquele pertinente ao Estado do Piauí, tendo como premissa uma visão abrangente voltada para as múltiplas dimensões dos seus determinantes. Profissionais qualificados para o exercício da enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos.

### SEÇÃO III

## HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS PROFESSORAS DO ENSINO SUPERIOR NO ÂMBITO PÚBLICO

Nesta seção buscamos historiar e interpretar a vida e a formação de professoras enfermeiras precursoras que contribuíam para o ensino superior de enfermagem no âmbito público do Estado.

### 3.1 O ENSINO E O IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO E DA MODERNIZAÇÃO

Neste contexto de profunda mudança ideológica, cultural, social e profissional aponta-se a educação como o cerne do desenvolvimento da pessoa humana e de sua vivência na sociedade. O impacto das transformações científicas e tecnológicas, o fenômeno da globalização, da modernização e a crescente urbanização sinalizaram inúmeros desafios, pois a educação superior passou a ser observada com maior critério pelos formuladores das políticas públicas e pela sociedade.

As novas tecnologias possibilitam uma acessibilidade significativa aos meios de comunicação. Uma nova matriz de pensamento penetra em todos os domínios de atividades da sociedade. Na área da educação, surgem dilemas importantes haja vista a crescente mudança nas dimensões epistemológicas, políticas e histórico-culturais.

Fala-se e contextualiza-se acerca de uma revolução tecnológica da informação e neste contexto o ser humano sente-se quase obrigado a consumir a informação de forma acrítica, como um ser receptáculo, sem questionar, sem a percepção necessária e sem capacidade de selecionar, deixando escapar uma das mais essenciais funções mnemônicas - a capacidade seletiva - o poder de escolher aquilo que deve ser preservado como lembrança importante, e aqueles fatos, vivências e experiências que podem e devem ser descartados.

A história de vida trabalha com o relato de vida, ou seja, a história por quem a vivenciou. No relato de vida, o que interessa ao pesquisador é o ponto de vista do sujeito e o objetivo deste tipo de estudo é justamente apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator. Por meio de relato de histórias de vida individuais, podemos caracterizar a prática social de um grupo.

Como enfatiza Freire (2013) “o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência, a lembrança de algo distante que se destaca límpido diante de nós, em nós .”

Na pesquisa educacional, estudos baseados na história de vida, vêm adquirindo visibilidade, e conquistando espaço e credibilidade nos diversos campos do conhecimento. Tem sido ressaltada por focalizar a vida e a pessoa do professor, tendo como prioridade “recolocar os professores nos centros dos debates educativos e das problemáticas da investigação” (NÓVOA, 2000).

Ao refletir criticamente os educadores passam a ser entendidos como intelectuais transformadores responsáveis por formar cidadão ativos e críticos. Que condições têm os professores de refletirem? Que tipo de reflexão tem sido realizada pelos professores, estas incorporam um processo de consciência das implicações sociais, econômicas e políticas das atividades de ensino?

A reflexão sobre a ação deve ser ressaltada como elemento essencial do processo de aprendizagem inicial e contínua na formação do professor. Esta reflexão deve ser crítica e coletiva.

O conhecimento pelo próprio professor do conhecimento que utiliza para enfrentar situações inéditas a cada dia vai exigir dele uma análise da própria prática, uma reflexão que faça emergir os recursos intelectuais implícitos nas ações que executa, no diagnóstico das situações, na escolha das estratégias e na previsão das conseqüências. (GIROUX, 1997, p. 45)

A pedagogia crítica foi inicialmente proposta por Freire (1970), Zeichner (1987) e Giroux (1997) dentre outros que desenvolveram propostas de trabalho sobre o entendimento do processo reflexivo crítico.

Para os tradicionalistas as escolas são simplesmente locais de instrução, ignora-se que estes espaços são também locais políticos e culturais e para que a pedagogia radical se torne um projeto político viável precisa desenvolver um discurso que combine como prioriza Giroux (1997) “a linguagem da análise crítica com a linguagem das possibilidades definindo as escolas como esferas públicas democráticas e os professores como intelectuais, críticos e transformadores”

A escola e os processos de formação docente passam por processo de ressignificações, implicando com o compromisso de assegurar aos sujeitos o desenvolvimento de saberes, competências, habilidades. O ato educativo é multifacetado, complexo e relacional, educamos para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a

integração social. As tarefas mais visíveis do agir pedagógico estão no provimento de mediações culturais para o desenvolvimento da razão crítica, o desenvolvimento da subjetividade e formação para a cidadania.

Alguns traços caracterizam a condição pós-moderna como a mudança no perfil da força de trabalho, novas tecnologias de comunicação e informação e mudanças nos paradigmas do conhecimento. As contribuições do pensamento pós-moderno para uma pedagogia crítica enfatizam a emergência de novos sujeitos sociais e a superação da fragmentação com a busca da totalidade. (MCLAREN, 1993)

A instituição educativa reflexiva sabe o que quer e para onde vai, interroga-se sobre si mesma, pensa-se no presente para se projetar no futuro, aberta à comunidade exterior dialoga com ela, atenta à comunidade interior envolve a todos na sua construção consciente da sua diversidade cultural integra espaços de liberdade.

A visão da enfermagem como trabalho desperta na categoria a consciência política da enfermagem como produto do processo histórico, com concepções de mundo e contradições que passam a ser reveladoras quanto a um grande contingente de enfermeiros atuantes sem uma clara consciência teórica de suas ações, com a fundamental e necessária inserção da concepção crítica, oportunizando a construção de uma nova consciência intelectual e moral da enfermagem.

Para a representação do novo papel que o professor deve desempenhar como profissional confrontado com situações conflitantes, complexas, mutantes, incertas segue um necessário processo evolutivo: O docente como investigador na aula (Stenhouse,1984), o ensino como arte (Eisner,1985), o ensino como uma profissão de planejamento (Yunger,1986), o ensino como processo de planejamento e tomada de decisão (Clark e Peterson,1986), o ensino como processo interativo (Hormes,1986), o professor como profissional prático e reflexivo(Schon,1983). Embora tais autores possuam matizes distintas e ênfase diferente, em todas elas encontra-se subjacente o desejo de superar a relação linear e mecânica entre o conhecimento científico-técnico e prático nas aulas e partem da necessidade de analisar o que realmente fazem os professores, quais os problemas mais complexos e como recriam estratégias e inventam procedimentos, tarefas e recursos.A identidade profissional constrói-se pelo significado que cada professor confere à atividade docente, a sua história de vida, representações, saberes e anseios e o sentido de ser professor.

### 3.2 DA ENFERMAGEM PIAUIENSE EMERGEM PROFESSORAS PRECURSORAS

O ato do sujeito, reconstruir e paradoxalmente, desconstruir trajetórias, vivências e práticas por meio de narrativas orais representa um exercício de auto-análise o que lhe faculta a criação de novas bases de compreensão da própria prática docente. Faz-se necessária a propositura de uma formação em uma perspectiva crítico-reflexiva que forneça aos professores os meios para um pensamento autônomo, considerando três processos na formação docente: produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal); produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional) e produzir a escola (desenvolvimento na Instituição).

Atualmente, a prática pedagógica do enfermeiro professor vem sendo objeto de reflexão haja vista as mudanças curriculares e metodológicas observadas na formação do profissional de enfermagem conforme estabelecido nas novas diretrizes curriculares.

Os saberes dos professores estão em permanente construção e decorrem, em maioria, das influências oriundas de sua história de vida, de sua matriz cultural, pelas experiências de formação, além das interações entre si no exercício profissional corroborando para o entendimento de que estes processos direcionam para a constituição da identidade.

Entendemos como Queiróz (1998) “O método da história de vida proporciona a possibilidade de analisar e interpretar as experiências vividas e inseridas no contexto social. As protagonistas destas histórias vivenciaram experiências únicas no âmbito pessoal, profissional e instituição e concluem que a sua identidade profissional foi constituída ao longo de suas histórias de vida, formação profissional e das experiências vivenciadas.

*Maria Amélia de Oliveira Costa* nasceu em José de Freitas, no dia 28 de dezembro de 1956. Foi criada pelas irmãs maiores pois os pais faleceram precocemente. Um exemplo de vida em uma família órfã com nove irmãos. Trabalhou desde a infância. O ensinar brotou na alma desde cedo pois começou a se sobressair na Escola desde os primeiros anos e desenvolveu um fecundo elo com os livros que estavam sempre presentes em sua vida. Os estudos e a leitura frequentes desde cedo em sua existência, a dedicação e os valores morais conferiram à estudante uma imensa responsabilidade. Foi aluna brilhante e desde pequena, sobressaiu-se no dom e arte de ensinar pois aos sete anos de idade, por ser a melhor aluna do Colégio, os colegas de turmas se reuniam para que ela pudesse ensiná-los e ganhava por isso.

Iniciou a sua vida acadêmica no Grupo Escolar Padre Sampaio, em José de Freitas e posteriormente no Ginásio local. GANHOU VÁRIOS PRÊMIOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM QUE CURSOU OS PRIMEIROS ANOS E SEMPRE FOI A PRIMEIRA DE SUA CLASSE. VEIO PARA TERESINA cedo pois a irmã começou a trabalhar como secretária do Colégio das Irmãs e foi trazendo aos poucos os irmãos para estudarem na capital.

Quando chegou em Teresina ingressou na Escola Normal e no vestibular da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para o curso de pedagogia e antes de finalizar o curso e por influência da irmã que cursava enfermagem em São Luís, percebeu a sua real vocação. Gostava muito de cuidar, de prestar assistência, de alimentar quem tinha fome, de dedicar-se àqueles que estavam em situações de fragilidade e vulnerabilidade.

Quando terminou o pedagógico foi aprovada, com apenas 16 anos, para um concurso de magistério. Passou a trabalhar a tarde na Unidade Escolar Matias Olímpio e a noite estudava para alcançar o sonho de passar no vestibular, na Universidade Federal do Piauí (UFPI) para o curso superior de enfermagem.

Maria Amélia finalizou o curso de pedagogia e ingressou no curso superior de enfermagem. O sonho tornou-se possível e ingressou na Universidade. Recebeu influências positiva, estímulo e apoio de várias docentes do curso e em especial da professora Lydia Tolstenko Nogueira que foi a primeira coordenadora do curso de enfermagem da UFPI.

As memórias de formação buscam apreender na constituição do sujeito que as formula, as precariedades e singularidades que deslocam as explicações normatizadoras sobre a formação docente, abrindo espaço à expressão de experiências determinadas, as teorias e as práticas de constituição de professores e que provocam o reencontro dos indivíduos com a história coletiva com as possibilidades de pensar, sentir, querer e agir. (NUNES, 1987, P. 36)

Após cursar com exímia competência as disciplinas biomédicas foi selecionada para um estágio no HDIC (Hospital de doenças infecto contagiosas), hoje, Natan Portela, onde se dedicou com significativo afincamento e esta doação e dedicação foram sustentáculos para a evolução profissional e desenvoltura na ambiência do ensino.

Foi contemplada com a oportunidade de dar plantões nos finais de semana, obteve estrutural experiência com na área de centro cirúrgico e era convidada sempre para participar de procedimentos na área cirúrgica. Principalmente, por cirurgiões de extrema competência como era o caso do Dr. Antônio Dib Tajra, um dos diretores e proprietários do Hospital Santa Maria à época, exímio cirurgião e médico talentoso com uma visão futurística rara. A

acadêmica de Enfermagem Amélia cumpria rigorosamente todos estes compromissos e assumia todos com competência e excelente desempenho, fato este que a oportunizou apreender conhecimentos em várias áreas.

Segundo Delors (1998) a educação deve organizar-se em torno de aprendizagens fundamentais e que são pilares do conhecimento: aprender a conhecer (compreender o mundo e não apenas adquirir saberes codificados), aprender a aprender, aprender a fazer colocando em prática os seus conhecimentos e aprender a viver juntos. A educação deve transmitir cada vez mais saberes e saber fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva pois que são a bases das competências do futuro.

Com a finalização do curso de graduação em Enfermagem, a festa de formatura foi realizada no 25º (vigésimo quinto) BC (Batalhão de Comando).

Houve missa para os formandos e na ocasião, finalizaram o curso vinte (20) graduandos. Na fonte iconográfica seguinte, Maria Amélia Costa em sua formatura de enfermagem após recebimento de diploma.

**Figura 57 Enfermeira Amélia em sua formatura**



**Fonte: Arquivo pessoal da Professora Costa**

Como sempre teve êxito em suas realizações quando se formou, em dezembro de 1982, foi indicada pela enfermeira Maria Vieira para trabalhar na Secretaria de Saúde do Piauí (SESAPI). Foi enviada para qualificar-se em nível de especialização para a aquisição de conhecimentos na área de vigilância. Foi encaminhada para realizar um curso de pneumologia sanitária, em módulos. O primeiro módulo foi realizado em Belém, Pará e posteriormente, dirigiu-se ao Rio de Janeiro e Brasília para a realização da complementação do curso de pós-graduação. Esta formação propiciou-lhe conhecimentos importantes sobre a área e ressignificação de seus saberes assim como habilidades e aptidão para a atuação profissional.

Quando retornou à Teresina, enfermeira Amélia foi convidada a trabalhar no pavilhão de tuberculose onde funciona atualmente o Hospital Infantil Lucídio Portela. Trabalhou neste período prestando uma assistência na admissão e no ambulatório. A doação e a dedicação com os cuidados aos pacientes é um fato presente na história de vida e formação de enfermagem. Tanto as Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo, que prestavam assistência aos doentes nos Hospitais como aquelas que estavam envolvidas com o ensino eram imbuídas e permaneciam unidas no intuito de colaborar com a minimização do sofrimento de pessoas carentes e que precisavam de auxílio por ocasião de suas doenças.

A enfermeira Edna Nogueira que trabalhava na SESAPI afastou-se e a enfermeira Amélia foi convidada a assumir o seu cargo. Como não se sentiu, preparada para arcar de imediato com tamanha responsabilidade solicitou um aperfeiçoamento na área e foi encaminhada para fazer um curso no Instituto Emílio Ribas, em Brasília, e quando retornou, assumiu a direção da vigilância.

As novas exigências de formação docente postas pelas realidades contemporâneas estão em crescentes transformações, assim como a ênfase na qualidade de ensino com sustentáculo em uma perspectiva emancipadora. Existe um novo paradigma civilizacional e precisamos admiti-lo devido a presença de fortes manifestações de sua emergência. Essa nova racionalidade é observada no modo como os profissionais atuam na profissão e como as organizações são reestruturadas e definidas.

Como docente, a Enfermeira adentrou na Faculdade de Ciências Médicas FACIME /UESPI como professora substituta e depois firmou-se como efetiva, trabalhando no ensino superior de enfermagem na área pública e sendo coordenadora e professora da Instituição:

A coordenação do curso de enfermagem da Universidade Estadual do Piauí teve como pioneira a professora Ivonizete Pires Ribeiro depois a Roseane Santos Sousa, a Adriana Parentes muito ajudou neste processo de construção e depois eu atuei vários anos como coordenadora responsável e permaneci durante oito na coordenação da Instituição sendo substituída pela professora Eliane Martins Oliveira e Erlane Brito da Silva. Enfrentamos inúmeros problemas inúmeros com ensalamento, matrizes curriculares e cursos de Enfermagem que estavam funcionando fora da capital sem condições favoráveis e sem estrutura. (Depoimento oral da enfermeira Costa, 2018)

Estas considerações são pertinentes, pois as Instituições de Ensino irão metamorfosear-se ou permanecerão imutáveis e estáticas no modo hierárquico em que se estruturam, na estrutura curricular de base disciplinar, na vivência individualista e tecnicista do seu cotidiano? É indiscutível a contribuição da perspectiva da reflexão no exercício da docência para a valorização da profissão docente, dos saberes dos professores, do trabalho coletivo destes e das escolas enquanto espaço de formação contínua pois o professor pode produzir conhecimento a partir da prática, desde que a investigação reflita sobre ela, problematizando os resultados obtidos com o suporte da teoria e como pesquisador de sua própria prática.

A professora mestre ensina as disciplinas de epidemiologia, saúde pública, saúde do trabalhador, dentre outras áreas importantes na Enfermagem. Atualmente, tem dado especial atenção à saúde mental, trabalhando assiduamente na prevenção do suicídio, participando de cursos e ministrando aulas na área, tendo participado recentemente de congresso Pan-americano relatando sua experiência como direcionadora de primeira reunião no Piauí contextualizando o tema em nível multiprofissional.

Emocionou-se imensamente por ter apresentado neste evento o seu trabalho junto com o Estado de Santa Catarina. Neste evento foi muito elogiada por sua participação e colaboração. Além de sua colaboração profissional na Secretaria de Saúde do Piauí (SESAPI) presta assessoria na Secretaria de Educação (SEDUC). A professora cursou o mestrado em Enfermagem na UFPI sob a orientação da professora doutora Telma Vieira, também epidemiologista. Pretende fazer doutorado em Educação pois se encontra a cada dia mais apta na ambiência da produção de conhecimentos.

A discussão sobre a necessidade de profissionalismo, em sua ação docente a partir de transformações ocorridas no ensino, valorizando-se não apenas os aspectos cognitivos mas os valores, capacidade de adaptação e de convívio em grupo, assim como na pesquisa e extensão tornou-se de essencial importância.

Maria Amélia casou -se em 27 de dezembro de 1983 e refere-se a sua vida pessoal:

Quando namorávamos, eu e meu esposo, não tínhamos dinheiro para pagar taxi e quando chovia voltávamos para casa, abraçados, juntinhos de guarda-chuva e às vezes ficávamos esperando a chuva passar, somos unidos, temos o mesmo amor, o mesmo carinho, sou realizada e muito amada, o maior sentimento que temos é a ternura de convivermos durante tantos anos. Desde a minha infância, a influência de minha família, as oportunidades que me foram proporcionadas, minhas experiências na profissão, tudo foi me transformando em quem eu sou hoje. Fui transformada. A minha história foi se constituindo. (Depoimento oral da enfermeira Costa, 2018)

A enfermeira é o sustentáculo do seu equilíbrio familiar. “ Não se toma um fármaco na minha família sem que me perguntem. Sinto-me valorizada e querida e hoje, tenho certeza que a minha escolha profissional foi a certa”

*Célia Costa Ferreira* nasceu em 24 de dezembro de 1944, em São Luís do Maranhão. A família paterna de classe média e a família materna presente durante a infância e adolescência influenciaram a sua existência de forma digna e honrada propiciando-lhes valores e crescimento pontual. Teve a adolescência marcada pela ausência materna que faleceu precocemente tendo o apoio e a assistência de familiares, madrinhas e professores afetivos e cuidadosos sempre presentes.

Orgulho-me pela postura honrosa de meus pais diante da vida e pelo exemplo de dignidade e a herança transferida. Meus tios habilidosos nos ofícios e tias, nas prendas domésticas. A minha infância foi inesquecível vivenciada na companhia de primos no quintal da avó paterna no meio de plantas frutíferas e flores. Tenho lembranças das orações ao anjo da guarda, do jardim de infância e escola primária. Lembro-me das viagens em barcos à vela, Maria fumaça, cinemas e participação em teatro infantil. (Depoimento oral de Ferreira ,2019)

Célia foi inserida em Internato em Caxias, no Ginásio São José, gestão das Irmãs Capuchinhas, no período de 1958 a 1960, concluindo o curso ginásial. As irmãs se revezavam aos pares na supervisão das alunas acompanhando-as durante as refeições, recreio, passeios externos e nos dormitórios. O conteúdo programático do curso ginásial abordava disciplinas como latim, francês, língua portuguesa, inglês e conhecimentos gerais. O colégio oferecia também o curso para normalistas. A dedicação aos estudos esteve presente desde cedo e pelo

esforço intenso a família a enviou para São Luís para que tivesse mais oportunidades nesta ambiência.

Fui estudar no Colégio São José dirigido pelas Irmãs terceiras capuchinhas. Em regime de internato abrigava cerca de sessenta alunas entre bolsistas e pagantes. Em um clima de cunho educativo auxiliávamos na limpeza das salas de aula, biblioteca e capela, nos finais de semana. Aos domingos tínhamos aulas de civilidade. Assistíamos a missa todos os dias. Tal cerimônia era feita em latim ou em português e tínhamos um coral do qual fiz parte. Ao concluir o curso ginásial, retornei a São Luís ingressando no curso científico no Colégio Santa Teresa dirigido pelas irmãs dorotéias e cursei apenas o primeiro ano do segundo grau, posteriormente fui para o Rio de Janeiro e finalizei o científico no Colégio da Imaculada Conceição, em Botafogo, dirigido pelas Irmãs de Caridade. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

A discente foi estudar no Rio de Janeiro para finalizar o científico e como desde criança pensava em fazer um curso na área de saúde, encontrou na cidade maravilhosa uma oportunidade para realizar seu objetivo. No Rio de Janeiro, uma das melhores Escolas de nível superior figurava como padrão. A Escola de Enfermagem Ana Nery.

Meu percurso de vida foi alterado pela mudança da cidade de São Luís para o Rio de Janeiro, em fevereiro de 1962, foi uma mudança significativa. Eu já tinha uma influência para cursar enfermagem oriunda de minha madrinha de batismo que assistiu ao meu parto e trabalhava na área da enfermagem e eu quase sempre contemplava a figura de uma enfermeira junto ao leito de um paciente como se o protegesse da morte, a morte sendo simbolizada como um esqueleto portando uma foice e a enfermeira como símbolo de doação e proteção. Desde criança, eu sempre soube o que eu seria. A minha história de vida e a minha formação foram constituindo quem eu sou! (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Após a conclusão do ensino médio submeteu-se a seleção para ingresso ao curso de enfermagem da Escola Ana Nery, em fevereiro de 1966. Foi aprovada e recebeu apoio dos familiares e amigos, com exceção de alguns que consideravam a profissão inadequada para uma moça de família. Segundo Nunes (1987) “as trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção do entendimento. São experiências intensas de exposição e autoconhecimento de descoberta de laços entre a memória pessoal e social”.

A Escola Ana Nery já tinha um sustentáculo de valores ilibados com normas e padrão rigoroso ainda desconhecido em alguns Estados. O uniforme, enquanto indumentária, era essencial na apresentação dos hábitos e costumes de um determinado grupo social em relação ao uso do uniforme em diversos momentos históricos. A EEAN mantinha formas de

vigilância e controle do vestuário por meio da inspeção dos uniformes e a partir do momento em que os recebiam as discentes se responsabilizavam em conservá-los.

Nitidez era o nome dado ao quesito que avaliava o uniforme e que caracterizava itens como a apresentação, aparência, limpeza, higiene e conservação. Por meio deste processo do cuidar do uniforme as discentes experimentavam tipificações identitárias na qual se evidenciavam relações simbólicas como a forma de engomar e a manutenção da nitidez do uniforme, a obrigatoriedade de utilizá-lo, a disciplina e o cuidado criterioso com o vestuário.

Tínhamos momentos de lazer mas os horários deveriam ser rigorosamente cumpridos. Podíamos tranquilamente tomar um sorvete na lanchonete e ir ao cinema, porém, dentro dos padrões de cumprimento de normas. Tínhamos que repassar a uniformização, e a fila para passar o uniforme era quase diária pois os uniformes deveriam estar limpos e impecáveis. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Para o público leigo, as roupas representam uma espécie de espelho para si mesmo. Sua simbologia varia entre culturas e traz a representação imagética do grupo de uma forma geral, implicitamente as vestimentas, trazem consigo marcas identitárias da sociedade em determinadas classes. (BARTHES, 2009).

Até a década de 1960, a formação profissional das estudantes da EEAN estava pautada na Lei nº 775/49 que predominava a assistência hospitalocêntrica. A prática dos estágios ocorria apenas nos hospitais de ensino, na época o HESFA era o espaço.

A discente vivenciou experiências significativas para a constituição da identidade profissional como as aulas teóricas ministradas por professoras competentes e estágios realizados no Hospital Escola São Francisco de Assis- HESFA com participação de equipes em cirurgias especiais.

A união da teoria e da prática foi um ponto essencial para a construção dos saberes que precisam ser mobilizados e por que são heterogêneos e plurais e precisam ser resignificados. O hospital posteriormente foi desativado e os corpos discente, docente e funcional transferiram-se para hospital inaugurado na Ilha do Fundão.

Célia sempre engajada nos estudos tornando indissociável a teoria da prática e sempre produzindo conhecimentos através das leituras sobre a sua profissão, refletindo sobre os estudos, foi escolhida como enfermeira modelo e participou de demonstração de técnicas de enfermagem que fizeram parte de um livro e filme lançados pelo Serviço Nacional de Comércio-SENAC.

A figura 59 caracteriza a aluna realizando as demonstrações dos procedimentos de enfermagem.

**Figura 58 A discente participando de evento do SENAC**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Ferreira**

As mudanças foram sempre positivas e gradativas à medida em que eu ia conhecendo as teorias e as técnicas em que eu me aprimorava. Saliento que esta identificação deu-se mais em algumas disciplinas do que em outras. Fui monitora do curso de técnico em Enfermagem e ser a oradora da turma em 1968 quando me formei foi umas das mais intensas experiências vivenciadas em minha vida profissional. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Na Escola havia uma hierarquia importante com relação às professoras e as alunas mais adiantadas, as alunas que já tinham recebido o broche e a touca atingiam um grau mais avançado. A fiscalização e a supervisão dos horários eram muito rígidas. A EEAN mantinha um regime disciplinar e autoritário na formação das estudantes com o reconhecimento de que estas ações se faziam necessárias para garantir a formação de profissionais competentes, disciplinadas, responsáveis e criteriosas.

As Instituições Educacionais são “celeiros” de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social. As reminiscências deste espaço são possíveis pela estrutura das suas rotinas e sua continuidade no tempo. Lembrar o espaço escolar é lembrar das normas, da hierarquia, das simbologias, práticas, desafios, conquistas. Como reflete Nora (1993) a materialidade consagra-se como lugar de memória nas Instituições Educacionais. Um manual, uma norma, uma prática configura-se como lugar de memória se for utilizado ritualmente.”

As normas salientadas na Escola tinham que ser cumpridas rigorosamente, os procedimentos eram realizados com critério. As professoras eram exigentes e supervisionavam as técnicas incansavelmente. Além da teoria ministrada no pavilhão, também aconteciam aulas práticas no laboratório. Os uniformes eram fiscalizados antes das alunas saírem para as aulas e estes deviam estar perfeitos.

Desde a higienização das mãos, aos cuidados com o leito, mobilização e banhos, além das técnicas de cateterismos e lavagens e administração de fármacos, todos estes procedimentos eram realizados com imenso critério. Tínhamos aulas teóricas (aulas inesquecíveis química, anatomia, fisiologia) no Pavilhão e técnicas no laboratório. Mantínhamos o lema de Economia, tempo, esforço e material. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

As bagagens de memória pessoal e social, rastreadas, se multiplicam em partilha e de acordo com Nunes (1997) apuram detalhes na narração, ganham foco caleidoscópico na associação(...) estas memórias se tornam muitas vezes sagradas”.

A narração das memórias e a escrita da história não podem ser monopólio da universidade mas instrumentos das mais diversas comunidades interpretativas para a produção de um discurso libertador que toma corpo ao incentivar que o sujeito se reconheça e torne-se capaz de envolver-se com o mundo, responsabilizando-se pelas trocas culturais. A educação pela memória conduz o sujeito para dentro e para fora de si mesmo em processo contínuo de percepção do outro. (NUNES, 1997, p. 14)

A professora Cleonice Vicente Ribeiro (formada pela Escola Ana Nery na classe de 1946) foi a patrona da turma de Célia e professora de fundamentos de enfermagem da EEAN, mas faleceu posteriormente em acidente automobilístico no Acre a serviço da Escola.

Lembro-me muito da professora Cleonice Vicente na enfermaria da clínica médica do HESFA. Era muito exigente e as alunas a temiam. Foi muito compreensiva com relação a horários pois que algumas alunas tinham muita dificuldade em cumpri-los. Fiz especialização com ela foi quando tive a oportunidade de supervisionar Maria Lígia Almendra na Santa Casa no estágio da disciplina. A professora Cleonice tinha um método extremamente rigoroso e fazia com que as alunas buscassem estudar muito. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Na figura 60, a docente de enfermagem da Escola Anna Nery, Cleonice Ribeiro, a primeira da direita para a esquerda, professora da discente, na época, Célia Costa Ferreira (a última na fotografia à esquerda) ministrando aula prática.

**Figura 59 Professora Cleonice com alunas de enfermagem**



**Fonte: Acervo pessoal da professora Ferreira**

A escola imprimia na formação da identidade das estudantes sentimento de orgulho, importância, honra. E se por um lado havia o enaltecimento da autoridade na obrigatoriedade da uniformização, tornava a estudante invisível em sua individualidade reforçando a igualdade do grupo. Havia o manual da aluna como uma contribuição para a formação pessoal, moral e social das discentes destacando a importância da convivência grupal.

A chefe da disciplina era a pessoa designada responsável pelas estudantes e atividades que desenvolviam na residência, no período de 6:30h às 22:30h. A ela deveria ser solicitada toda e qualquer autorização para saídas, faltas aulas ou serviço. A ela deveria ser feita qualquer comunicação tendo como finalidades gerais o cumprimento do regimento da escola, promover a assistência moral e social a todas as pessoas residentes. A falta ao Estágio deve ser comunicada imediatamente à chefe da residência, que notificará à Supervisora e tomará as providências requeridas. (Manual da EEAN, 1963, p. 14-15)

Maria Isabel Dantas, irmã de Maria do Carmo Dantas, ambas piauienses e formadas pela Escola Anna Nery, foi professora de Saúde Pública da discente Célia Ferreira. Na fotografia seguinte, a mestra Isabel Dantas ministrando aula na classe de 1968 no Pavilhão de aulas. No segundo plano, da esquerda para a direita: Rosa Orja Futurias Caballero, boliviana; Maria Lucia Furtado do Rego, Maria Soares e Elda Moreira de Oliveira. No primeiro plano, da esquerda para a direita Ondina Rosas Maciel, Daisy Tavares Duarte, Maria Lourdes Moreira, Edna Teixeira e Flor de Liz do Nascimento Almeida.

**Figura 60 Isabel Dantas, professora piauiense na Escola Anna Nery**



**Fonte: CEDOC/EEANNº Identificador 3.15.0798.1**

As cerimônias são descritas como atos de celebração formal, solene, nos quais são conferidas a autenticidade de determinado evento. Algumas cerimônias eram realizadas na EEAN como a recepção de toucas, imposição de insígnias, cerimônia da lâmpada, cerimônia de acender a lâmpada, premiação de dama da vela, dignidade acadêmica e a cerimônia de formatura.

Por ocasião da formatura de enfermagem da “Escola de Enfermeira Ana Nery” conforme consta no convite datado de 1968, as solenidades da formanda Célia Costa Ferreira iniciaram no dia 14 de dezembro desse ano. De acordo com a programação, a missa em ação de graças foi realizada na Capela São Pedro de Alcântara da Reitoria da UFRJ às 10 h e a colação de grau, na Escola Nacional de Música, realizou-se às 19h. Alguns professores homenageados, dentre eles, duas enfermeiras piauienses, professoras da Escola, Vilma de Carvalho e Maria do Carmo Dantas.

Foram 16 concludentes da turma de 1968. Ao centro, a professora Maria Dolores Lins de Andrade, diretora da EEAN e a enfermeira Regina Hulha, a paraninfa da Turma. A oradora da turma foi Célia Costa Ferreira e o juramento foi proferido por Deise Laura Ferreira de Freitas. A figura 62 evidencia as graduandas no palco da escola Nacional de Música onde foi celebrada a solenidade de formatura.

**Figura 61 Solenidade de formatura**

**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Costa**

Na ocasião, a dama da lâmpada foi a aluna Deise Laura Ferreira de Freitas. A cerimônia da lâmpada era um ritual realizado pelas Escolas de Enfermagem da época e é um evento que vem retornando em algumas universidades. É parte do cerimonial de formatura em que as formandas entregam uma lâmpada acesa para as alunas ingressantes e recomendam manter sempre acesa aquela chama ideal.

Na presença de Deus e desta assembleia, prometo: Praticar com fidelidade a minha profissão. Dedicar-me a promoção da saúde e bem estar do próximo. Abster-me de tudo quanto for pernicioso ou contrário ao meu dever. Não tomar, nem conscientemente ministrar drogas nocivas. Guardar o segredo profissional durante toda a minha vida. Colaborar com inteira lealdade com a equipe de saúde em seus trabalhos e pesquisas. Fazer tudo o que estiver em meu poder para manter e elevar os ideais de minha profissão. (Juramento da dama da lâmpada feito em 1968 por ocasião da formatura)

Na figura 63, em primeiro plano a formanda Deise Laura realizando o juramento, seguidas pelas colegas assim colocadas da esquerda para a direita, na fila de trás: Edinelza Ruth Oliveira da Mota, do Pará; Elda Moreira de Oliveira, da Paraíba; e Maria Soares de Sousa, do Maranhão. Na fila à frente, Célia Costa Ferreira, Maria de Lourdes Diniz, Maria Lúcia Furtado do Rego do Pará; e Rosa Orja Futurias Caballero, Boliviana; A realização deste ato solene conferia poder as estudantes de uma postura e um comportamento profissional específicos da EEAN e que deveriam ser apresentados e vivenciados ao longo de sua formação, constituindo a identidade da enfermeira.

**Figura 62 Solenidade de formatura**

**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Célia Costa**

O juramento é uma afirmação ou promessa solene, geralmente, de alto valor moral. Quem jura está a dar a sua palavra de honra, assegurando que aquilo que é afirmado corresponde à verdade (GUIMARÃES, CABRAL,2016)

O símbolo da Enfermagem é uma lâmpada e este simbolismo é uma homenagem a precursora da Enfermagem moderna Florence Nightingale(1820-1910), foi enfermeira, estatística, escritora. Durante a guerra da Criméia ela percorria os dormitórios com uma lâmpada a óleo para supervisionar os seus pacientes por isso ficou conhecida como a dama da lâmpada dando origem a esta cerimônia. O juramento Nightingale feito pelos novos enfermeiros foi nomeado em sua honra e o dia internacional da Enfermagem é comemorado no mundo inteiro no dia do seu nascimento, dia 12 de maio.

Os ritos têm estratégias de construção de identidade da enfermagem, valorizando a uniformização, dentre outros aspectos. Segundo Dubar (2005) Estes elementos eram constitutivos da formação da identidade profissional dos indivíduos em muitas instituições de ensino. A cerimônia da lâmpada consistia em acender a lâmpada. A enfermeira Célia Costa Ferreira acendendo a sua lâmpada no cerimonial simbolizando a importância da assistência de Enfermagem.

**Figura: 63 O ritual do acender da lâmpada**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Ferreira**

Finalizei o curso em quatro anos, o último ano era dedicado a especialização, era uma habilitação que podíamos fazer. Havia a oportunidade de escolher entre Saúde Coletiva ou obstetrícia (materno infantil). Lembro com muito carinho da minha formatura. Eu acendendo a lâmpada na cerimônia tradicional e simbólica relembrando a Florence Nightingale cuja história diz que percorria os leitos dos pacientes nos hospitais iluminado o espaço com uma lâmpada. Eu estava imensamente feliz no evento. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Os rituais e as cerimônias que envolviam as estudantes da Escola foram instituídos desde a primeira turma de enfermagem e repetidos anualmente. Nestas ocasiões as enfermeiras/professoras se apresentavam como profissionais respeitadas e muito preparadas, consequentemente conferindo visibilidade e status à profissão. (PORTO, SANTOS, 2009).

A formanda ao lado das duas professoras de Enfermagem da EEAN. Elvira de Felici Souza formada pela Escola na classe de 1945 e vice-diretora da Escola na época da formatura e Maria Dolores Lins de Andrade, diretora da Escola Ana Nery. Segundo a professora de fundamentos de enfermagem e vice-diretora Elvira de Felici a Enfermagem é uma profissão que reúne ciência e arte.

Quais seriam os atributos da enfermagem? É a aplicação dos conhecimentos dessa arte e dessa ciência. É a adaptação dos meios, a prática dos ensinamentos, o procedimento da enfermeira dentro do seu campo de ação, o uso dos métodos e o emprego correto das determinações, com absoluta observância de seus detalhes. (Elvira de Felici, 1958)

**Figura: 64 Célia com as professoras da EEAN**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Ferreira**

:

Depois da solenidade de Formatura, as alunas se reuniam no salão de honras da escola, ao A graduanda Célia Costa na fonte iconográfica seguinte entre as suas amigas também concludentes à esquerda Daisy Tavares Duarte e à direita Deise Laura Ferreira de Freitas, todas comemorando um dos eventos mais importantes de suas vidas.

**Figura 65 Formatura da EEAN em 1968**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Ferreira**

As concludentes eram de vários lugares do Brasil e as famílias eram convidadas para a solenidade no Rio de Janeiro, era um evento que costumava reunir muitos familiares e portanto, muito importante e esperado. As graduandas da esquerda para a direita Célia Costa Ferreira, Maria de Lourdes Diniz, Maria Lúcia Furtado do Rego e Rosa Futurias Caballero.

**Figura 66 Formatura da EEAN**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Célia Costa**

A enfermeira Célia Costa Ferreira no pátio interno da residência e no espaço do salão de festas, com uniforme de gala, localizado na avenida Rui Barbosa, 762, no Flamengo.

**Figura 67 e 68 Formanda com seu traje de gala**



**Fonte: Acervo pessoal da enfermeira Ferreira**

Célia Costa em seguida foi selecionada para fazer parte do Corpo Docente da Escola pela sua exímia competência e dedicação observados no decorrer do curso. A docente Cecília Monier Pecego Coelho, enfermeira formada na classe de 1945, pela Escola de Enfermagem Ana Nery, orientou que a mesma assumisse a disciplina de psiquiatria.

Fui escolhida para compor o corpo docente de enfermagem da EEAN em abril de 1969 iniciando a carreira do magistério como auxiliar de ensino

ministrando algumas disciplinas. Senti-me realizada pois sempre tive o sonho de ser docente e na área da enfermagem, minha amada profissão. Iniciei ministrando as disciplinas de microbiologia e parasitologia para alunas do curso técnico. Depois lecionei Fundamentos de Enfermagem em estágio no Hospital Escola São Francisco de Assis. Posteriormente estágio de enfermagem médico cirúrgica na Santa Casa de Misericórdia. Foi então que a professora Cecília Coelho determinou que eu fosse ministrar a disciplina Enfermagem Psiquiátrica. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

Foi a inserção da professora na equipe da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica que possibilitou a docente Célia Costa Ferreira ser encaminhada ao Piauí. O curso apenas fora implantado na Universidade Federal do Piauí em 1973 e havia a necessidade de reconhecimento do curso.

Posso dizer que minha inserção no processo de trabalho ocorreu pela oferta espontânea que veio de fora em minha direção e que aceitei prontamente pois queria servir, aceitei como oportunidade irrecusável e nunca me arrependi. Considero que o preparo profissional que obtive e que recebi no processo de minha formação foi o fator determinante na minha inserção no mercado de trabalho. A EEAN foi o sustentáculo na minha vida profissional, assim como a oportunidade de vir ministrar a disciplina de psiquiatria na UFPI. O curso de Enfermagem estava sem professora na disciplina e ainda não tinha sido reconhecido. E a oportunidade que me foi dada para lecionar Enfermagem Psiquiátrica para a primeira turma do curso foi uma experiência repetida por duas vezes mais em 1977 e 1978, culminando na minha opção por permanecer nesta Universidade. Maria José Moraes era a chefe do Departamento na época. (Depoimento oral da Enfermeira Ferreira, 2019)

A professora Célia Ferreira ministrou a disciplina de Enfermagem psiquiátrica pela primeira vez em julho de 1976 para a primeira turma de Enfermagem da UFPI. Na ocasião, o curso era coordenado pela professora Lidya Tolstenko Nogueira. As alunas da primeira turma concluíram o curso em 1977. A docente ministrou também esta disciplina para a segunda e terceira turma. Em 1977, foi contratada pela UFPI e então se mudou definitivamente para Teresina, em outubro de 1978.

Por ocasião da transferência da professora o departamento de Enfermagem era então chefiado por Maria José Rodrigues de Moraes. Sendo assim, a mesma foi pioneira na introdução do curso na Universidade Federal do Piauí (UFPI) visto que a disciplina por ela ministrada era essencial para a conclusão do curso pela primeira turma e pelas seguintes.

A docente exerceu o cargo de conselheira- Presidente do COREN, Piauí no período de 1987-1990 e de Conselheira COFEN de 1990-1992. Aposentou-se em junho de 1992 mas continuou trabalhando a convite de alguns municípios.

Trabalhou no Hospital Regional de São João do Piauí de 1997 a 1998 e coordenou o curso de Enfermagem na UNESC, além de realizar a elaboração de vários projetos de cursos de Enfermagem do Estado que estavam a ser inseridos.

Na figura 69, a presidente do Conselho Regional do Piauí (COREN) do Piauí, Maria do Rozário de Fátima Sampaio à esquerda ao lado da enfermeira docente Célia Costa Ferreira, recebendo homenagem do Conselho Regional de Enfermagem.

**Figura 69 Célia Ferreira recebendo homenagem do COREN**



**Fonte: Acervo pessoal da Enfermeira e professora Ferreira**

Uma história de vida se comunica com outras histórias, várias vidas são perpassadas por uma história mais abrangente caracterizando como a presença do coletivo se explica nos relacionamentos cotidianos, nas práticas sociais e emergem nas narrativas das professoras.

**Maria Trindade Ferreira Leite** nasceu em 23 de maio de 1950 no interior de Oeiras, filha de Raimundo Plácido Ferreira e de Júlia Joaquina Ferreira. O casal teve seis filhos e Maria Trindade foi a quinta filha. Nasceu de parto normal quando sua mãe tinha 43

anos. O pai de Trindade decidiu ir trabalhar no Maranhão onde adquiriu terras e permaneceu em uma localidade denominada Fortaleza dos Nogueiras próximo a Balsas.

Quando completei 9 anos eu decidi voltar para Oeiras, o meu irmão tinha ficado lá com o seu padrinho e eu fui cursar o primário no Grupo Escolar Costa Alvarenga. Meu irmão tornou-se sargento do exército e veio morar em Teresina. Por ocasião de umas férias, optei por ficar e fui estudar para o exame de admissão que se realizaria no Liceu Piauiense. A prova seria no mês de dezembro e eu decidi que iria passar. Estudava muito. Da manhã ao anoitecer eu estudava com afinco e seriedade as disciplinas de matemática, Geografia, história e então, fui aprovada em quarto lugar. (Depoimento da professora Leite, 2019)

Após o ginásio, a estudante iniciou o científico e ficou em dúvida qual profissão escolher. Existia a opção de Medicina, Odontologia, Direito, Filosofia. Surgiu a oportunidade de cursar Enfermagem. A Universidade Federal do Piauí ofereceu o curso com 20 vagas e foi aprovada, no ano de 1973.

Um dos pontos importantes para a ampliação dos cursos de enfermagem no Brasil foi a Reforma Universitária ocorrida a partir da Lei 5540/68 que incrementou o movimento de inserção da carreira dos enfermeiros nas universidades, impulsionando a criação de novas universidades, aumentando o número de vagas e conseqüentemente favorecendo a integração dos cursos existentes e a criação de novos cursos de enfermagem já integrados às universidades. (BATISTA; BARREIRA 1997)

Eu estava em dúvida sobre a minha escolha profissional. Fiz cursinho preparatório e eu estudava muito. Eu queria ter uma profissão a qual me dedicasse e me orgulhasse de estar inserida. Com a oportuna abertura de vagas para a primeira turma de enfermagem da UFPI me senti estimulada a realizar o vestibular. Fui aprovada para o curso de Enfermagem em 1973. Concorri com 25 pessoas por uma vaga. Consegui a tão sonhada aprovação. (Depoimento da professora Leite, 2019)

O cenário brasileiro é marcado neste marco temporal pelo rigor do regime político militar e demarcada pela extinção da formalidade do AI-5<sup>46</sup> caracterizando uma possibilidade de democratização da educação, focalizadas na ampliação de vagas, de cursos e em simultâneas providências para fomentar uma melhor qualidade no ensino superior e nas diversas áreas profissionais da saúde.

---

<sup>46</sup> O AI-5, foi emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em dezembro de 1968. Isso resultou na perda de mandatos de parlamentares contrários aos militares, intervenções ordenadas pelo presidente nos municípios e estados e também na suspensão de quaisquer garantias constitucionais que eventualmente resultaram na institucionalização da tortura, comumente usada como instrumento pelo Estado.

No início da década de 1970, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) registrava a enfermagem como a área do ensino superior que menos havia tido crescido entre os anos de 1953 a 1973;

Tais discussões esbarravam no quadro caótico de enfermeiros face ao pulsante aumento de habitantes no Brasil. Estimava-se 4,5 enfermeiros por dez mil habitantes. O Brasil tinha uma população estimada para 1980 de 125 milhões; sendo assim o Brasil não alcançaria a relação enfermeiro: habitante, proposta no Plano Decenal de Saúde das Américas. (Ministério de Educação e Cultura -MEC, 1971)

Algumas mudanças foram observadas em nossa capital na década de 1970. O governador do Piauí, Alberto Tavares Silva (1971-1975) e o prefeito Joel Ribeiro traçaram reformas importantes como a do Palácio de Karnak e da Praça Marechal Deodoro da Fonseca. A capital piauiense desenvolveu no imaginário coletivo a perspectiva de melhores condições de vida. Em 1972, com o incentivo para a criação de Escolas de Enfermagem e necessidade de um maior número de profissionais de enfermagem, a Universidade Federal do Piauí oferece o curso vinculado ao Departamento de Medicina Comunitária.

O curso oferecia o ciclo comum aos estudantes da área de saúde, mas o departamento encontrava-se sem coordenação e sem professoras habilitadas e contratadas para ministrar as disciplinas específicas do curso de Enfermagem. Como é abordado pela depoente a seguir:

No início do curso havia o ciclo das disciplinas básicas, cursávamos as disciplinas com outros acadêmicos da área de saúde. Lembro-me que muitos professores que eram do Liceu foram meus mestres na Universidade. A realização da matrícula era um transtorno e uma dificuldade. Tínhamos que chegar de madrugada e guardar as vagas. Então, tivemos um momento crucial: não havia mais o que cursar. Já havíamos cursado todas as disciplinas do básico e não tinham professores de enfermagem contratados para entrarmos nas disciplinas específicas para o curso (Depoimento da professora Leite, 2019)

As discentes, diante da problemática dos acontecimentos, se reuniram e foram falar com o Reitor, na época, José Camillo Silveira Filho<sup>47</sup> que as recebia e direcionava, porém, a problemática situacional não era sanada. As alunas foram orientadas, devido à ausência de

---

<sup>47</sup> Político, escritor e professor universitário brasileiro. Um dos maiores educadores da história do Piauí. Bacharel em direito. Exerceu o cargo de reitor e de secretário do Ensino Superior do Ministério da Educação (1987-1989) Foi eleito o piauiense do século XX na área da Educação.

professores para ministrar as disciplinas necessárias para o término do curso, a fazer uma denúncia para o MEC.

Lembro-me que não havia mais disciplinas para fazer. Eu fiz psicologia médica, anatomia II, no entanto, estávamos prejudicadas nas disciplinas específicas do curso de enfermagem. O curso estava vinculado ao Departamento de Medicina Comunitária. Várias vezes fomos convidadas a nos transferirmos para cursar Medicina mas nós queríamos ser enfermeiras. Depois da denúncia obtivemos êxito. Houve a contratação da primeira coordenadora do curso de Enfermagem da UFPI. (Depoimento da professora Leite, 2019)

A enfermeira Lidya Tolstenko Nogueira<sup>48</sup> assumiu a coordenação em 1975 e iniciou as contratações dos primeiros professores precursores de Enfermagem. A professora da Universidade Federal do Piauí, Carlota Lina Cardoso Melo, vinculada ao Departamento de Medicina Comunitária muito incentivou a luta pelo crescimento e desenvolvimento do curso de enfermagem.

As docentes seguintes também foram contratadas: Maria José Moraes, Maria Helena Luz, Inez Sampaio Nery, Maria do Amparo Barbosa. Filomena Etelvina Nogueira, Célia Costa Ferreira.

O curso de enfermagem que iniciara a primeira turma em janeiro de 1973, obteve a sua autorização para funcionamento em 1974, por meio do ato da reitoria nº198/74. Em 1978, o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação, através do parecer número 2137/78 do Conselho Federal de Educação.

A Colação de Grau da primeira turma foi realizada em agosto de 1977 no Centro de Convenções. O Reitor na época era José Camillo da Silveira e o patrono, José Natan Portela Nunes. Na figura 70, da esquerda para a direita, Maria Trindade Leite, Raimunda Silva, Maria Bruno de Carvalho, Maria do Carmo Messias.

---

<sup>48</sup> Enfermeira e docente, finalizou o curso na Escola Paulista e optou por fazer a especialização em saúde pública. Foi a primeira coordenadora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Piauí, após a sua inserção em 1973.

**Figura 70** Colação de grau da primeira turma de enfermagem/UFPI 1977



**Fonte:** Acervo pessoal da professora Trindade Leite

A festa de formatura aconteceu em um clube importante na época localizado na zona leste de Teresina, o Joquey Clube. Na fonte seguinte, as formandas Maria Trindade Ferreira Leite (ao centro) e à direita Maria Bruno de Carvalho na festa de formatura. A professora de Enfermagem Célia Ferreira Leite, docente da área de Psiquiatria, homenageou as graduandas com um lindo ramalhete de flores o que culminou em um dos momentos mais emocionantes do evento.

**Figura 71** Festa de formatura da primeira turma



**Fonte:** Acervo pessoal da docente Trindade Leite

Após a formatura que ocorreu em 1977, a turma pioneira tentou se reunir quando completaram quinze anos de formatura, porém, não houve o encontro por que algumas profissionais estavam morando fora do Estado e duas já tinham falecido. Porém, 25 anos após a formatura, aconteceu o maravilhoso reencontro. Reuniram as docentes da época para uma comemoração conjunta. Fizeram uma placa especial com a foto da época da formatura em 1977 com as 15 alunas que se formaram e com a turma atual que eram 12 alunas pois 3 já haviam falecido. Na placa, consta uma homenagem às três enfermeiras que não estavam mais presentes.

Foi um momento maravilhoso e inesquecível. Revivemos nossa época de estudantes. Sorrimos e choramos. Muito felizes estávamos por esta oportunidade e privilégio em nos reencontrarmos. Ficou gravado em nossas memórias os nossos 25 anos de formadas. O descerramento da placa foi um evento único pois na época da formatura não tivemos placa, mas na comemoração do reencontro após 25 anos, nossa placa estava ali sendo inserida na memória do departamento de enfermagem da nossa amada Universidade Federal do Piauí. (Depoimento da professora Leite, 2019)

**Figura 72 Encontro de 25 anos de formadas na UFPI**



**Fonte: Acervo pessoal da Professora Trindade Leite**

Na figura 73, em frente a placa de formatura dos 25 anos de comemoração da primeira turma de enfermagem da UFPI, Doutor Noé Mendes de Oliveira<sup>49</sup> e a professora Maria Trindade Leite.

**Figura 73** Noé Mendes e Maria Trindade na UFPI



**Fonte:** Arquivo pessoal da professora Trindade Leite

*Maria José Rodrigues de Moraes* nasceu em Luís Correia em 19 de março de 1931. Primeira filha de seis irmãos. Desde a infância manifestava o desejo de cuidar, queria ser enfermeira, em suas brincadeiras de criança era algo visível e dizível. Brincava com bonequinhas de pano e as colocava como profissionais de enfermagem:

Minha mãe Áurea sempre me contava que quando eu era pequenina com quatro anos eu brincava com as minhas bonecas de pano. Eu dizia que elas eram enfermeiras e estavam em um hospital. As brincadeiras eram voltadas para a área da saúde. Eu sempre soube no meu interior que eu seria enfermeira. Após finalizar os estudos em Parnaíba fui fazer a seleção para cursar enfermagem na Universidade Federal do Ceará. Lembro-me que busquei informações sobre as Escolas de Enfermagem. Havia dois lugares que eu poderia ir: Salvador e Fortaleza, decidi ir para a UFC por ser mais próximo. Eu tinha 17 anos e fui atrás do meu sonho. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

<sup>49</sup> Noé Mendes de Oliveira, historiador e folclorista piauiense, entusiasta da cultura, do patrimônio e seu registro de forma a garantir o direito à memória. Nascido aos 17 de janeiro de 1940, em Simplício Mendes, Piauí, diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em Filosofia e Teologia; cursou Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, e foi professor de História na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Finalizou os estudos (primário e ginásio) no Grupo Escolar João Cândido em Parnaíba e embora existissem algumas profissões como Direito e Medicina, bastante escolhidas, a depoente exprime o seu forte desejo, na época, pela profissão de enfermagem. Era um sonho e ela queria realizá-lo. A jovem dirigiu-se muito cedo para Fortaleza no Estado do Ceará para fazer a seleção para o curso de Enfermagem na Universidade Federal. Logrou êxito e ficou morando com as freiras cordimarianas que também eram enfermeiras e recebiam moças que não tinham condições financeiras de se manterem em Fortaleza.

Eu estava convicta de minha escolha profissional. Apenas não sabia como eu iria conseguir sobreviver em Fortaleza e estudar na Universidade. Tudo deu certo. As irmãs me receberam com enorme carinho. Cuidavam de mim e me orientavam. Adquiri ampla formação. Não apenas no curso de Enfermagem mas também aprendi muito com as irmãs de caridade. Eu estudava muito e era uma aluna mediana. Não fui a dama da lâmpada, porém, sou encantada pela minha profissão. Tinha uma caderneta no internato das irmãs e eu anotava todos os meses o que eu devia e eu sempre dizia que quando eu me formasse e passasse em um concurso eu iria pagar tudo e que iria arcar com todas as minhas despesas no ínterim do curso e assim aconteceu. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

Após a sua formatura, Maria José Moraes passou em seleção realizada pelo SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) e se identificou imensamente com esta área. Fez especialização fora do Estado e vários cursos de aperfeiçoamento e extensão.

Eu estudava muito, horas a fio, este concurso que eu passei precisava falar inglês, foi muito concorrido, eram dez pessoas para uma vaga. Quando assumi o concurso eu fiquei morando em Teresina, no pensionato da Ana Luísa, na Rua Areolino de Abreu, que domiciliavam muitas moças de fora (éramos sessenta moças). Eu comecei a ganhar o meu salário, era um salário bom, e então pedi para ficar em um quarto sozinha pois eu estudava e trabalhava e levava muitas coisas do trabalho para serem realizadas no pensionato. Na época, havia o lindo coreto, existiam as tertúlias e as moças não podiam sair sozinhas com os namorados, tinha que estar acompanhadas das outras moças, se passasse do horário das 21h e tocasse o alarme seríamos moças faladas. Então, seguíamos as normas da sociedade à risca. Tempo bom !!! (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

O Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) foi criado em 1942, a partir de acordo entre os governos brasileiro e norte-americano, tendo como funções, o saneamento de regiões produtoras de matérias-primas, como a borracha da região amazônica e o minério de ferro e mica do Vale do Rio Doce. O SESP se expandiu nas regiões rurais brasileiras, onde construiu redes de unidades de saúde locais, focalizando tanto a medicina preventiva como a

curativa, tendo como eixo principal, a educação sanitária nos mais variados espaços. No Nordeste, atuou em várias áreas, inclusive no Piauí.

A implantação do SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) foi realizado na época do presidente Kennedy que ficou impressionado com o número de casos de varíola. Este serviço funcionava de forma sistematizada e organizada. E eu tive a oportunidade de ser selecionada para trabalhar nesta ambiência. Pagavam muito bem a enfermagem. Eu era como uma supervisora na capital e no interior. Participamos de muitos aperfeiçoamentos na área da saúde pública. Eu fui me aperfeiçoar no Rio de Janeiro, em Pernambuco. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

A enfermeira assim que começou a trabalhar proporcionou que a mãe viajasse para Brasília com os seus irmãos em busca de crescimento profissional e para que a família tivesse mais oportunidades. A professora expressa grande felicidade por ter contribuído com a realização dos sonhos da família e hoje é visualizada pela família como a grande matriarca pois é amada, admirada e valorizada por todos.

Quando eu passei no concurso eu fui buscar minha amada mãe em Parnaíba. Ela tinha um sonho de morar em Brasília. E eu a enviei para Brasília com meus irmãos. Na época o mais novo era muito pequeno eu o levei de avião. Todos eles (os irmãos) estudaram e se formaram. Hoje meus sobrinhos me chamam de madrinha. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

O momento mais importante da minha vida foi o meu casamento, eu encontrei o amor da minha vida. O meu esposo foi tudo o que sempre sonhei. Ele faleceu agora há pouco tempo e sinto uma dor imensurável por tê-lo perdido, mas todo o tempo em que convivemos foram os mais importantes de minha existência. O nascimento de meus filhos, Aurea e Márcio foram momentos espetaculares. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

A docência foi inserida aos poucos na formação profissional da enfermeira. Com as experiências adquiridas no SESP ficou encantada com a possibilidade de realizar cursos e ensinar, no início recebeu várias propostas para atuar como professora mas não se sentia preparada, posteriormente, foi tendo afinidade com as disciplinas ministradas e encontrou-se na área da docência.

Eu recebi vários convites para ministrar aulas na Escola de Enfermagem Maria Antoinette Blanchot mas eu não me sentia preparada para exercer o magistério e também não queria ficar direto na área hospitalar e como eu amava orientar, repassar os conhecimentos que eu adquiria eu analisei que

deveria mesmo era me inserir na docência. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

No período do pós-guerra, o SESP expandiu-se para outros estados brasileiros, principalmente os da Região Nordeste, procurando construir redes de unidades de saúde locais, focalizando tanto a medicina preventiva como a curativa, tendo como eixo principal, a ambiência sanitária. Segundo Campos (2008), a expansão do SESP significou a ampliação da presença material nessas regiões mais “subdesenvolvidas” do país, em que os profissionais de saúde do SESP eram um dos contatos dessas áreas rurais com o governo federal. Depois da sua desativação, Maria José foi convidada para assumir o departamento de enfermagem da UFPI conforme evidencia a seguir:

O Magnífico Reitor José Camilo da Silveira (excelente gestor) e o Dr. Natan Portela Nunes me convidaram para estruturar o Campus de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Após a morte do Presidente John Kennedy houve a desativação do SESP e eu fiquei receosa em aceitar o convite pois eu não tinha experiência para aceitar um cargo de tamanha responsabilidade. Ele me disse não aceitaria recusa e que eu solicitasse o que precisava que ele providenciaria. Mandou chamar arquitetos de Brasília. Pediu que nós providenciássemos o laboratório e junto com o Departamento de Medicina começamos a organizar o âmbito prático (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

A professora Lidya Tolstenko Nogueira assumiu a coordenação de enfermagem em outubro de 1975 e permaneceu até janeiro de 1977 quando foi realizar o seu mestrado fora do Estado e foi substituída pela professora Maria José Moraes que coordenou do ano de 1977 ao início de 1982, quando a Professora Tolstenko retorna a Teresina e a assume até o ano de 1986. Após este período várias professoras enfermeiras engajaram-se na chefia, dentre elas: Carlota Lina Cardoso Melo, Maria Bruno de Carvalho, Maria do Rosário de Fátima Sampaio, Silvana Santiago da Rocha , Maria Helena Barros Luz , Maria José Viana Neves , Maria Aparecida Area Leão , Francinete Paula Dantas Avelino , Judite Oliveira Albuquerque , Maria do Socorro Galvão, Inez Sampaio Nery, dentre outras.

Quando assumi o departamento de Enfermagem, eu e as outras professoras tínhamos uma ligação muito afetiva, éramos uma irmandade. E eu sempre preocupada em que as docentes se aperfeiçoassem. Saíssem do Estado em prol de aquisição de conhecimentos e cursos de pós-graduação. Eram professoras dinâmicas e competentes. Tive oportunidade de conviver com pessoas fantásticas. A professora Célia Ferreira veio da Escola Anna Nery para ministrar a disciplina de Psiquiatria na UFPI e resolveu permanecer no

Piauí. Como é maravilhoso lembrar o passado e as emoções. (Depoimento da professora e enfermeira Moraes, 2019)

Como chefe de Departamento participou de várias lutas para a formação das primeiras turmas, incentivando as docentes ao aperfeiçoamento profissional e estruturando o campus e o âmbito laboratorial pois havia a necessidade de engajar os aspectos teóricos com a área prática. Na figura 74, a graduanda Trindade Leite ao lado da coordenadora de Enfermagem Maria José Moraes (à esquerda) que participou de todas as solenidades e que tanto contribuiu para que a colação de grau acontecesse.

**Figura 74 Maria José Moraes e Trindade Leite na festa de formatura**



**Fonte: Arquivo pessoal da professora Leite**

As vozes das professoras precisam ser ouvidas para que se possa extrair delas considerações que permitam compreender o entrelaçamento de suas histórias e trajetórias em diferentes espaços e tempos de sua vida pessoal e de sua prática docente. O entendimento da trajetória docente é fundamental para que os docentes se conheçam pois como relata Josso (2006) “conhecer-se biograficamente e autobiograficamente é caminhar para si e para que a história de vida seja como uma revisitação dos elos que nos habitam”.

A professora Maria José Moraes fez 80 anos em março. Tem dois filhos e dois netos. Ao lembrar o passado emocionou-se várias vezes. Em fonte seguinte a docente em foto atual:

**Figura 75 Maria José Moraes**

**Fonte: Acervo Pessoal da Enfermeira Moraes**

**Maria do Rozário de Fátima Borges Sampaio** nasceu em 23 de maio de 1954, no Município de União. É a quinta filha de nove irmãos. Desde cedo, descobriu uma afinidade marcante com os livros e sonhos maravilhosos, nos quais, estavam inseridos a perspectiva do cuidar. A menina Fátima brincava de bonecas e aquelas que estavam faltando um braço ou uma perna e que estava “doentinha” era encaminhada para o seu hospital com enfermarias e era cuidada até ter saúde. Em seus sonhos infantis habitavam já os seus objetivos da assistência e cuidado humano.

Iniciou os seus estudos no Ginásio Felinto Rego, na cidade de União, sendo aluna dedicada e inteligente, começou a ministrar aulas de matemática e português aos demais alunos devido a sua aptidão em ensinar, este fato aconteceu na ocasião do “quinto ano” devido aos exames de admissão. A memória não é uma espécie de “armazém de registros” mas funciona de forma seletiva como é evidenciado por Catroga (2010) em sua obra *Memória, História e Historiografia*. Os vácuos da memória são preenchidos e unificados pela necessidade de proporcionar “uma coerência de existência, miscigenando colorações éticas e estéticas”. Isso implica em não apenas evocar o passado mas também transformá-lo de modo a acabar o que ficou inacabado.

O Diretor do Ginásio à época era odontólogo, professor Antônio Martins da Rocha e extremamente rígido e intelectual, mas a aluna Fátima lembra que como fazia leituras várias sentia-se preparada para questioná-lo:

Eu lia bastante, estava sempre inteirada dos assuntos das disciplinas, então, sempre estava perguntando, analisando e discordando. Quando eu não concordava com algo, imediatamente, eu tecia comentários e este comportamento era diferente e fazia-me ser admirada por muitos dos meus colegas de sala e professores do Ginásio. (Depoimento oral da Enfermeira Sampaio, 2018)

A sua mãe, Minervina Borges de Sampaio, trabalhava neste Ginásio e era uma das orientadoras dos filhos estimulando-os a estudar muito e apoiando-os na vida acadêmica. Às filhas, ela propunha que fossem professoras e “enfermeiras Anna Nery” por influência de uma prima materna, Maria do Carmo Borges, que havia cursado Enfermagem na Instituição e teve uma vida profissional exemplar no Recife. O conceito da Escola Anna Nery que se localizava no Rio de Janeiro sustentava a enfermagem como profissão valorosa e digna com envoltório caritativo e religioso. O conteúdo da recordação é inseparável de traços e vestígios e seus campos de objetivação como linguagens, imagens, lugares, escritos desempenham a sua função simbolizando o “conteúdo mnemônico”.

Os pais de Fátima já lidavam com o cuidado. O pai tinha a experiência em realizar técnicas de retirar corpos estranhos, fazer pequenas suturas, administração de injeções e a mãe também era muito procurada para fazer as aplicações. Naquela época, existiam poucos profissionais aptos para a realização procedimental e assistencial, portanto, algumas pessoas eram capacitadas para fazê-los.

Vivenciando estes procedimentos, a adolescente foi aprendendo com os pais e identificando-se com estes cuidados, passou a realizá-los. Sentia-se imensamente realizada por cuidar e prestar assistência. Ela começou a administrar injeções aos 12 anos, não havia cursado nada especificamente, apenas com a posse do conhecimento empírico. Observando as ações procedimentais materna e paterna.

As mulheres têm uma memória familiar porque a sua esfera social é a da reprodução familiar, não por que são mulheres mas por que são responsáveis socialmente pela reprodução dos adultos e das crianças, pois são ou serão mães.

Segundo Halbwachs (1990) Assim como existem memórias públicas e privadas, existem as memórias concretas e abstratas, assim como as interiores e exteriores (memórias coletivas) pois a sacralidade da recordação estão presentes nos diversos lugares de memória.

Maria de Fátima, aos 15 anos, desejou ser freira e foi convidada ao noviciado mas os pais não acataram a sua decisão e ela, obediente, não seguiu o seu desejo. Ainda adolescente veio para Teresina morar com uma tia, Maria das Dores Borges de Almeida, técnica de enfermagem, que muito a incentivou a seguir o seu tão sonhado ideal. Quando chegou à capital tentou ingressar na Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, na época, referência no ensino médio. Como tinha apenas 16 anos não foi aceita na escola pois as normas eram claras e apenas a partir dos 17 anos as discentes estariam aptas a participarem da seleção e a se matricularem. O acesso à Escola Blanchot acontecia por meio de processo seletivo rigoroso.

A Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot funcionou durante alguns meses no Hospital Getúlio Vargas mas logo em seguida a Irmã Abrahide Alvarenga, diretora institucional na época, conseguiu um terreno para que fosse construída a sede da Escola, que entre as décadas de 1960 a 1980, foi a mais importante Instituição de Ensino Médio de Enfermagem, no Estado do Piauí.

A Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot foi a pioneira no ensino médio de Enfermagem no Estado do Piauí no final da década de 1950. O processo seletivo era realizado para avaliação das aptidões das discentes. A Escola Blanchot realizava uma avaliação com todos os candidatos que se candidatavam ao processo seletivo para averiguação da ortografia e conhecimentos sobre aplicações matemáticas. Após a aprovação na seleção, a prática assistencial era ensinada e aprendida no próprio Hospital Getúlio Vargas.

A Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot começou a funcionar em prédio próprio em 28 de junho de 1958. Nesta nova estrutura existiam dormitórios, refeitório, salas de aulas, laboratório para as práticas de Enfermagem, cozinha, capela, enfim um espaço destinado à admissão de alunas que queriam uma qualificação na área, algumas residiam na Escola em caráter de internato.

**Figura 76** Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinnete Blanchot



**Fonte:** Foto cedida Pelo Conselho Estadual de Educação

A aluna Fátima Sampaio não conseguiu ingressar nesta Escola devido às normas exigidas. Não tinha idade completa para ingressar. Decidiu fazer o pedagógico na Escola Normal, porém, em 1973, justamente no ano em que houve a inserção do ensino superior de enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI), logrou êxito na aprovação do vestibular para Licenciatura em Ciências. Fátima, então, passou a ter a vida muito atribulada, trabalhava como professora primária no Colégio Dom Severino, localizado na Vila Operária e simultaneamente, fez o científico obtendo êxito no vestibular de enfermagem para a UFPI em 1976, realizando o seu sonho.

Fiquei felicíssima, a minha mãe ficou eufórica e emocionada e o meu pai me questionou- filha, por que enfermagem se você poderia cursar medicina? (devido à pontuação da aluna que poderia ter entrado para o curso de medicina), mas eu queria era ser enfermeira, eu amo a minha profissão. Sou extremamente realizada, o meu sonho estava apenas começando e eu não imaginava o que viria pela frente. Hoje, tenho tudo o que pensei em conquistar... (emoção e lágrimas nos olhos da depoente). (Depoimento oral da Enfermeira Sampaio, 2018)

A professora, antes de iniciar o curso de enfermagem, ministrando aula após término do curso na Escola Normal. A figura 77 evidencia a docente com os seus alunos do Colégio Dom Severino:

**Figura 77 Professora Fátima com seus alunos no Colégio Dom Severino**



**Fonte: Arquivo pessoal da professora Fátima Sampaio**

Na década de 1970, em Teresina, observamos os primeiros movimentos da sociedade civil organizada para o engajamento das lutas por direitos sociais trabalhistas, condições de trabalho, principalmente nas Instituições públicas a serviço da Educação e da Saúde, um envolvimento significativo dos profissionais de saúde com a profissão e com as lutas inseridas e necessárias para o crescimento profissional.

Muitos profissionais foram cursar Enfermagem fora do Estado do Piauí, pois o curso na Universidade Federal do Piauí apenas teria início em 1973. A Prof<sup>a</sup> Lidya Tolstenko Nogueira foi a primeira coordenadora do Curso de Enfermagem. A coordenação era subordinada ao Departamento de Medicina Comunitária que funcionava no Hospital de Doenças Infecto Contagiosas (HDIC), hoje, Hospital Natan Portela.

As aulas para as alunas de Enfermagem foram iniciadas em março de 1973, estas cursaram no ciclo básico, as disciplinas nucleares comuns como Matemática, Português, Inglês, Introdução à Metodologia Científica e outras nucleares diversificadas, disciplinas direcionadas à área da saúde com Biologia, Química Geral e Física Básica. Do segundo ciclo, as disciplinas cursadas eram as pré-profissionais destinadas à formação profissional como

Anatomia, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Farmacologia, dentre outras que eram comuns aos alunos da área da Saúde. (NOGUEIRA, 1996)

Em 1974, a professora Carlota Lina era do quadro da UFPI, não era professora do Departamento de Enfermagem, mas do Departamento de Medicina Comunitária e foi quem direcionou e orientou a turma de Enfermagem, incentivou a luta pelo crescimento e aperfeiçoamento do curso de Enfermagem, inclusive fortalecendo e acompanhando os movimentos para o desenvolvimento da profissão, inclusive com repercussões midiáticas na época.

Todos os professores que tinham mestrado foram chamados a participar do quadro da UFPI. O acervo dos livros era reduzido e assim, dificultava o trabalho docente. Eram apostilas, não existiam livros específicos para a área de Enfermagem, eram mais livros direcionados à área médica. A única revista disponível era a Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), que já existia à época. A primeira turma, por ser excelente, foi direcionada à docência.

Durante a graduação em Enfermagem, a discente Maria de Fátima foi representante estudantil, frequentava o Colegiado do Curso, questionava muitas coisas na direção do Centro de Ciências da Saúde/CCS e exigia melhor aperfeiçoamento dos docentes de Enfermagem pois na época havia uma desarticulação curricular e poucos professores aptos a assumirem algumas disciplinas.

Ainda acadêmica, passou em processo seletivo para a realização de estágio no Hospital de doenças infecto- contagiosas- HDIC, atualmente, Hospital Natan Portela, depois de participar de um curso vinculado à disciplina de supervisão e treinamento. Permaneceu neste estágio até finalizar o curso, obtendo também muitas experiências em outro estágio realizado no Hospital Areolino de Abreu, na ambiência de Saúde Mental.

Na figura 78, a acadêmica quando cursava uma das disciplinas de laboratório da Universidade Federal do Piauí:

**Figura 78 Acadêmica Fátima Sampaio em laboratório na UFPI**



**Fonte: Foto cedida pela enfermeira Sampaio**

Enquanto acadêmica, na Gestão da professora Inez Sampaio Nery, na Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn, em conjunto com a enfermeira e também professora Clara Leal - uma das mais importantes enfermeiras gestoras do Estado, tendo sido Diretora do Hospital Getúlio Vargas por muitos anos assim como de outros Hospitais referências em Teresina - ministraram cursos na Clínica Batista. Na gestão da professora Maria do Livramento Figueiredo, após a sua graduação, atuou como coordenadora na divulgação e publicação em encontros de enfermagem no Nordeste.

A memória social e a memória histórica estão em permanente reconstrução e são ressignificadas. O olhar interior, abordagem realizada inicialmente por Santo Agostinho, como sendo a recordação e a saudade do futuro e o olhar exterior como dimensão social e coletiva coexistem, pois segundo Catroga (2015)“ Recordar é em si um ato de alteridade portanto não se limita a uma experiência individual, sendo a memória um processo relacional e inter-subjetivo.”

A formatura aconteceu em 1980, em 19 de dezembro às 20h, no Verdão, após a missa de ação de graças, realizada às 18h, na Igreja São Benedito. A aula da saudade foi no dia anterior com a participação da professora Lidya Tolstenko Nogueira, no dia 18 de dezembro.

A turma teve o nome da professora Inez de Sampaio Nery, o patrono foi o doutor Valdir Mendes Arcoverde e o paraninfo o professor Raimundo Wall Ferraz. A graduanda em missa de formatura, com a sua família, na Igreja São Benedito.

**Figura 79 Enfermeira Fátima Sampaio em missa de formatura**



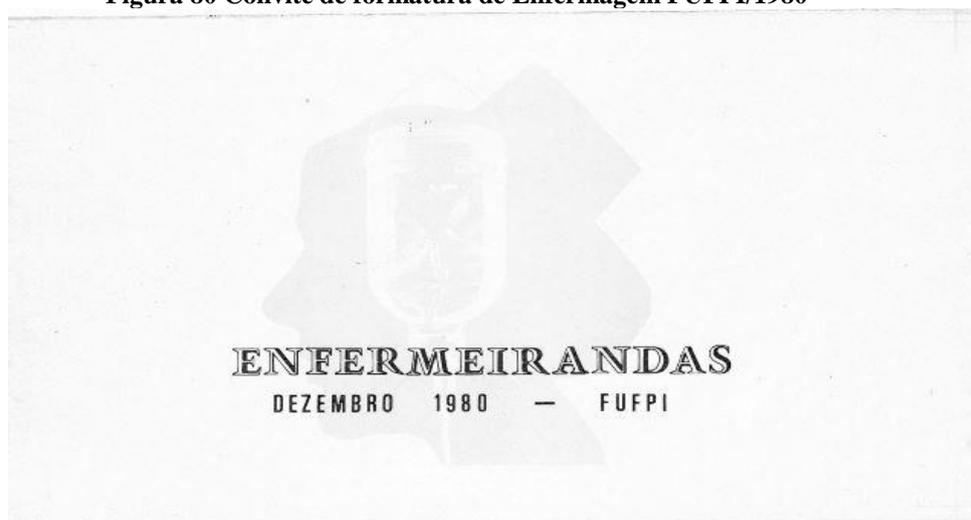
**Fonte: Foto cedida pela professora Sampaio**

No convite, consta a homenagem aos seguintes professores do curso de enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI): Aldir de Lima Sousa, Antônio Dib Tajra, José Nathan Portela Nunes, Maria José Rodrigues de Moraes, Maria da Trindade Ferreira Leite.

A enfermeira revela imensa emoção ao recordar-se das solenidades de sua formatura, ao lembrar da presença da sua família em eventos, da saudade que sentiu na época de sair da Universidade. Tem a recordação da expressão de felicidade na face das graduadas. Ainda guarda com extremo cuidado o convite de sua graduação.

A figura 80 representa o convite de formatura de 1980, da turma de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí:

**Figura 80 Convite de formatura de Enfermagem FUFPI/1980**



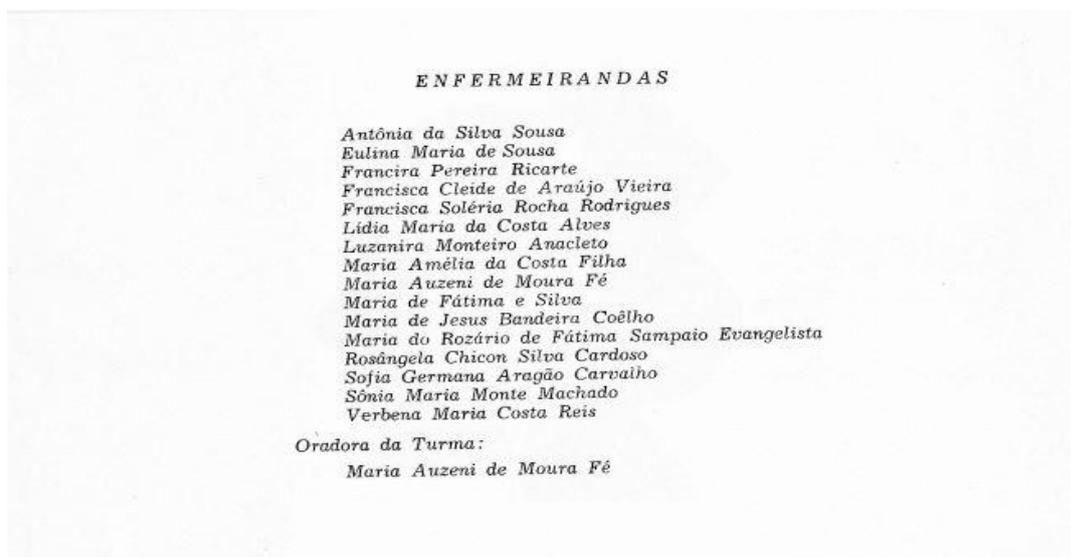
**Fonte: Foto cedida pela Enfermeira Sampaio**

Dentre as enfermeirandas : Antônia da Silva Sousa, Eulina Maria de Sousa, Francira Pereira Ricarte, Francisca Cleide de Araújo Vieira, Francisca Soléria Rocha Rodrigues, Lídia Maria da Costa Alves, Lizanira Monteiro Anacleto, Maria Amélia da Costa Filha, Maria Alzeni de Moura Fé, Maria de Fátima e Silva, Maria de Jesus Bandeira Coelho, Maria do Rozário de Fátima Sampaio, Rosângela Chicon Silva Cardoso, Sofia Germana Araújo Carvalho, Sônia Maria Monte Machado, Verbena Maria Costa Reis. Maria Alzeni de Moura Fé foi a oradora da turma de Enfermagem de 1980.

Eram dezessete graduadas realizando o sonho de formar-se, alcançando a concretude de obter uma formação superior. Concluíram o curso dezessete enfermeiras, o sexo feminino permeando a profissão na época. A mensagem de Florence Nightingale enaltecia o convite:

A enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer devoção exclusiva, um preparo rigoroso, que a obra de qualquer pintor pois o que é o tratar da tela morta ou do frio mármore comprado ao tratar do corpo vivo- o templo do espírito de Deus. É uma das artes; poder-se-ia dizer das mais belas das artes.

A turma era muito unida, ajudavam-se e estavam convictos de que tinham escolhido uma profissão belíssima a seguir. Na figura 81, o convite de formatura com as graduandas da Universidade Federal do Piauí em 1980.

**Figura 81 Convite de Enfermagem UFPI 1980- Enfermeirandas**

**Fonte: Foto cedida pela Enfermeira Sampaio**

Tentar analisar a questão dos modos como as mulheres lembram-se do passado e como há o processamento e funcionamento da memória feminina significa enfrentar uma série de desafios de ordem teórica e metodológica, contradições e ambiguidades, em que muitos questionamentos ainda não têm respostas. Este é um campo de pesquisa recente mas que se desenvolve de forma marcante em uma perspectiva histórica. A emergência das mulheres no cenário social viabiliza-se quando escutamos atentamente o que elas têm a dizer.

Recolher as suas palavras, os seus modos de dizer tornam-se um “ trabalho prioritário e a oralidade, o vetor privilegiado de sua história” As questões que envolvem o funcionamento da memória feminina, no pretérito e no presente, encontram-se intrinsecamente eixadas ao espaço em que a mulher ocupa e aos tipos de funções que ela desempenha na espacialidade social. (MIGNOT, CUNHA, 2003, p. 45)

Em suas lembranças, estão as constantes participações em Congressos no Estado e fora dele, adquirindo conhecimento e saberes inúmeros para a constituição de sua vida e evolução profissional como se identifica em fonte iconográfica na figura 82:

**Figura 82 Enfermeira Fátima Sampaio em Congresso de Psiquiatria**



**Fonte: Foto cedida pela enfermeira Sampaio**

Após a formatura, a enfermeira Maria do Rozário de Fátima Borges foi aprovada na residência do Hospital Sarah Kubitschek, na cidade de Brasília, em janeiro de 1981, local que a oportunizou realizar um curso intensivo de mais de duas mil horas. Com o objetivo de propiciar a Brasília um moderno Centro de Reabilitação, hoje Hospital Sarah Kubitschek, houve a fundação, em 21 de abril de 1960, desta instituição pelo presidente Juscelino Kubitschek, que homenageou a sua esposa, Sarah.

A professora retornou à Teresina, após o término do curso no Distrito Federal, e assumiu como docente na Universidade Federal do Piauí. A sua inserção aconteceu em abril de 1982 com a disciplina médico-cirúrgico fazendo toda a diferença no contexto do ensino pois a sua experiência na residência e a sua aptidão como docente cresceram indubitavelmente, ao curso de Enfermagem. Posteriormente, assumiu outras disciplinas como centro-cirúrgico, doenças transmissíveis e administração. Na década de 1980 surgiram novas propostas de saúde, visando uma melhor organização do sistema, trazendo os pressupostos de equidade, integralidade e universalidade como princípios norteadores das políticas no setor saúde exigindo profissionais com formação generalista, capazes de atuar em diferentes níveis de atenção à saúde.

Tem como pressuposto a educação como possibilidade de transformação, centrada no desenvolvimento da consciência crítica e levando o enfermeiro à reflexão sobre a prática profissional e ao compromisso com a sociedade.

A professora Fátima, por sua dedicação e exímia competência ficou responsável pela disciplina de fundamentos de enfermagem após a saída de uma das professoras e dedicou-se mais à área de sistematização da assistência, consulta e processo de enfermagem.

A partir daí passou a ser constantemente convidada a dar palestras e cursos e a participar como conferencista no Estado e fora dele, adquirindo experiências, habilidades e saberes plurais que estão sendo constantemente ressignificados e em permanente construção. A professora Maria do Rozário de Fátima Sampaio (a primeira da esquerda para a direita) durante uma solenidade de formatura de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI), na figura 83, referenciando a importância de sua formação com as demais docentes da área de Enfermagem Maria da Trindade Ferreira Leite, Maria Bruno de Carvalho, Gláucia Antônia de Azevedo, Silvana Santiago da Rocha e Judite Lima Albuquerque, respectivamente.

**Figura 83 Docentes de Enfermagem da UFPI em formatura**



**Fonte: Foto cedida pela professora Sampaio**

Como explicita Nóvoa, (1995, p. 34) “ A formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou técnicas, mas através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução de uma identidade pessoal. A importância do saber da experiência”

Os saberes da docência têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. Trata-se da necessidade de reinventar os saberes pedagógicos a partir da prática social da educação. A superação da tradicional fragmentação dos saberes da docência e considerar a prática social possibilitará uma ressignificação de saberes na formação de professores. (PIMENTA, 2010, p. 34)

A reflexão na e sobre a ação docente propicia reação individual e coletiva. Os saberes dos professores são temporais e plurais, heterogêneos e personalizados situados em um contexto histórico pois os saberes da formação inicial não são os únicos saberes utilizados na prática escolar.

Durante o seu percurso profissional a professora de enfermagem também atuou como diretora do Hospital de Lagoa Alegre e também como secretária de Saúde do Município de União, cidade em que nasceu. Foi atuante no Conselho Regional de Enfermagem na gestão da enfermeira Noélia Brandão, como tesoureira e depois assumiu a presidência do COREN sendo posteriormente conselheira federal do COFEN, atuando no âmbito estadual e federal.

A professora concluiu o mestrado em Enfermagem, um dos seus maiores sonhos realizados. O Mestrado foi realizado pela UFPI, houve uma turma inter-institucional em parceria com a Escola Anna Néri e posteriormente foi aberta outra turma para formar os professores de Enfermagem que ainda não eram mestres e que a própria Universidade os titulóu.

Na figura 84, a presença de várias professoras da Universidade Federal e algumas docentes oriundas de outras Instituições. Na fonte a seguir, como é evidenciado no registro fotográfico as seguintes professoras Maria da Trindade Ferreira Leite, Aldi Lima de Sousa, Maria Enóia Dantas, Lúcia Helena Rios Barbosa de Almeida, Maria Bruno de Carvalho, Judite Oliveira Lima Albuquerque.

**Figura 84 Professora Fátima Sampaio com amigas docentes**



**Fonte: Foto cedida pela professora Sampaio**

Os professores são atores que podem mobilizar, articular e produzir saberes especializados nas vivências da profissão sendo importante a análise do cotidiano do trabalho docente como um espaço que possibilita esta reconstrução e a ressignificação do aprender a ensinar e dos saberes docentes.

Os docentes aprendem nas situações formais, sistemáticas e organizadas mas também nas situações informais de modo autônomo. A autonomia profissional será alcançada à medida que se consolidar a autonomia social sendo pertinente a reflexão docente sobre o sentido de suas práticas e sobre a necessidade de construir criticamente um novo trabalho intelectual a serviço da transformação social. (TARDIF, 2009, p. 32)

O ápice da carreira profissional da professora Maria do Rozário de Fátima Sampaio culminou com o convite para ser delegada no Conselho de Representantes Nacionais de Entidades de Enfermagem Mundiais, em um Congresso internacional de Enfermeiros, que aconteceu em Barcelona, ocasião em que a professora representou o Piauí e o Brasil.

Foi um momento de grande emoção. Representar o meu Estado internacionalmente. Conquistei todos os meus sonhos. Fui além do que eu poderia imaginar. A satisfação pessoal, a realização e valorização profissional fizeram-me um ser humano melhor, feliz. Tenho quase quarenta anos de formada. Conquistei muitos amigos fora do país, no Uruguai, Argentina, Espanha, Portugal. Sou mãe de quatro filhos maravilhosos. E o que mais me honrou foi ser chamada de enfermeira de cabeceira pois me dediquei com afinco à assistência. Tudo o que sou desde a infância, a

relação com os meus, a experiência de vida, a minha história, a forma como aprendi a ser me fez esta pessoa que sou atualmente. Foi uma junção do meu ser, com a profissão e com o que ela me proporcionou. (Depoimento oral da Enfermeira Sampaio, 2018)

A professora Fátima é colecionadora de peças de porcelanas e o seu apartamento é repleto delas. Por todos os lugares por onde passou trouxe consigo um pouco da memória destes lugares pela necessidade de colecionar, guardar, olhar além, recordar, relembrar alegrias passadas em um processo de rememoração que ficaram em algum lugar do passado e que são constituídos como “pequenos museus da lembrança feminina”.

**Filomena Etelvina Nogueira** nasceu no dia 6 de novembro de 1947 em Corrente desde criança teve influências marcantes para cursar a área da saúde, na família, uma irmã médica obstetra e ginecologista e muitas primas, enfermeiras Anna Nery que cursaram enfermagem no Rio de Janeiro e em Salvador. Foi significativo e algo motivador para seguir a profissão. Iniciou o curso em Goiânia, no dia 2 de janeiro de 1977.

Quando eu saí de Corrente, tinha apenas o curso pedagógico, fui professora no Instituto Batista Correntista, com apenas 17 anos em 1968. Eu tinha uma ideia de mudar o mundo e fui para Goiânia, observei a Escola de Enfermagem da Universidade Católica de Goiás com aquelas alunas dedicadas, tão belas, com trajes de branco, determinadas ao belo direcionamento do cuidar e assistir, então, eu me visualizei ali, meus pais não optaram em minha escolha, eu decidi. Amo a minha profissão, fez-me um ser humano melhor. Fiquei encantada com o Hospital das Clínicas. O Curso de enfermagem era de altíssimo nível. (Depoimento oral da enfermeira Filomena Nogueira, 2018)

Filomena finalizou o curso de Enfermagem em Goiânia e a irmã insistiu para que a mesma viesse morar em Teresina. Foi uma decisão muito difícil, sair da cidade que já estava adaptada, com muitos amigos, amizades duradouras, muitos sentimentos como envoltório, já estava acostumada com as Instituições hospitalares, como evidenciou a depoente:

Eu amava Goiânia, os meus amigos, a cidade, os hospitais que estagiei, tenho lembranças maravilhosas de lá e tive muitos convites para permanecer em Goiânia mas decidi vir para o Piauí. Quem me fez o convite para vir foi a professora Lidya Tolstenko Nogueira, coordenadora na época do curso de enfermagem da UFPI e quando adentrei na Universidade já foi em tempo integral. (Depoimento oral da enfermeira Filomena Nogueira, 2018)

A enfermeira recém-formada assumiu a docência na UFPI, enfrentando muitas dificuldades. O pessoal era qualificado, os alunos tinham disciplinas com outros professores

mais experientes e sentiu necessidade de fazer uma especialização para ministrar com segurança as disciplinas que lhe foram ofertadas.

Na época, eram pouquíssimas professoras, a maioria das docentes eram oriundas da primeira turma de enfermagem da UFPI e não tinham experiência na docência.

A professora Maria José Moraes logo assumiu como subchefe e duas outras professoras do Departamento de Enfermagem, Maria Helena Luz e Maria Iris foram encaminhadas para realizar pós-graduação fora do Estado. E então, a professora Filomena Etelvina ficou com poucos membros docentes e a imensa responsabilidade em arcar com o compromisso de assumir as turmas e ministrar as diferentes disciplinas da matriz curricular. Lecionavam de Ética e deontologia, fundamentos de enfermagem, médico cirúrgico, assim como também emergências. Houve a oportunidade de ir a um Congresso em Fortaleza e a professora Maria José Moraes, nossa coordenadora e chefe do departamento de Enfermagem na época não poderia comparecer. Os medalhões da enfermagem estariam presentes.

Durante o Congresso em Fortaleza a professora Filomena decidiu transformar a sua vida profissional e foi para Teresina convencida e decidida a seguir para a Escola Paulista cursar especialização. Teve contatos importantes e excelentes durante a realização deste evento em Fortaleza. Conheceu pessoas da área da saúde que muito a estimularam a fazer a pós-graduação. Foi o I Encontro Nacional de Educação em Enfermagem, realizado no mês de abril de 1979.

O trabalho docente deve possibilitar a criação de um locus para enfatizar o pensamento crítico e a autonomia e caracterizar-se como atividade historicamente situada. Como evidencia Liberali( 2010) “ a formação de educadores não ocorre de forma automática mas como parte de um processo de autoconsciência, consciência do mundo ao redor e contínua transformação de si e dos demais”.

Na figura 85 , a professora Filomena na Escola Paulista com a sua professora Ruth Elizabeth Kietzman, na época estava sob a orientação da professora Doutora Mariana Augusto, que a incentivou muito a ingressar na pós graduação.

**Figura 85 Professora Filomena e sua professora de pós - graduação**



**Fonte: Foto cedida pela Professora Oliveira**

As diretrizes Curriculares Nacionais evidenciaram o contributo da reflexão crítica e da emancipação profissional de forma autônoma. O profissional ético conquistando a cada momento o seu espaço, com credibilidade e o respeito, em potencial. As conquistas adquiridas através da dignidade, valores morais e a realização de assistência com qualidade, conhecimentos, saberes plurais, habilidade e competência.

O paradigma tradicional, conservador e cartesiano que vislumbrava a reprodução do conhecimento e que tinha como princípio de racionalidade a eficiência, eficácia e produtividade vem sendo substituído por um paradigma emergencial que visa a aliança entre a visão sistêmica e holística buscando a superação da fragmentação do conhecimento enfatizando o ser humano em sua totalidade visando a transformação social , fazendo ser necessário o diálogo e a discussão coletiva e contemplando o ensino e a pesquisa com autonomia , espírito crítico e investigativo realizando a transição da reprodução para a produção do conhecimento.

A professora (a primeira da direita para a esquerda) com os outros partícipes, durante e realização do mestrado na Escola Paulista, como é evidenciado na figura 86:

**Figura 86 Professora Filomena com a Equipe de Mestrado na Escola Paulista**



**Fonte: Foto cedida pela professora Oliveira**

A professora aduz uma transformação essencial em sua evolução profissional, a ética, a coesão na assistência da Equipe Multiprofissional e a oportunidade de organizar de forma holística a sua assistência, com observância orgânica, psíquica, social, cultural e também, espiritual. A prática educativa também é uma forma de poder e por sua própria estrutura contem força reprodutora e transformadora. A manutenção e a transformação da cultura do grupo social são aspectos indissociáveis da prática educativa e cada educador precisará encontrar um equilíbrio entre a manutenção e a transmissão do conhecimento.

A prática educativa também é uma forma de poder e por sua própria estrutura contem força reprodutora e transformadora. A manutenção e a transformação da cultura do grupo social são aspectos indissociáveis da prática educativa e cada educador precisará encontrar um equilíbrio entre a manutenção e a transmissão do conhecimento.

Na ambiência da educação, esta prática educativa é multidimensional e a prática pedagógica e docente são modalidades da prática educativa. A prática educativa está inserida em um contexto determinado e constitui-se em situação histórica determinada sobre certas

condições econômicas, sociais e culturais. A prática docente é ação consciente e intencional do professor com a finalidade de intervir nas aprendizagens dos grupos com os quais trabalha. Toda prática educativa e pedagógica cumpre sempre uma função política.

Não é um procedimento mecanizado desenvolvido de maneira inconsciente, é atividade intencional pois saber ensinar não se resume a transferir conhecimento mas criar possibilidades para a sua própria construção e produção.

A prática educativa, prática pedagógica, e prática docente constituíram -se em práxis que é uma totalidade prático-social que adquire diferentes formas e níveis e é uma prática transformadora. (FREIRE, 1997). Posteriormente, a professora fez concurso público para a Estratégia Saúde da Família e obteve louvável aprovação em quarto lugar. Começou a trabalhar na Vila Bandeirantes e se envolvia tanto com o trabalho que era para trabalhar um turno mas ficava até tarde resolvendo as intercorrências. Como ela cita, em âmbito familiar:

Em toda a minha família quando se precisa de um tratamento de saúde, eu sou ouvida e isso me honra muito. Se alguém nasce, sou chamada para ir à Maternidade receber o recém nascido, se tem algum familiar que está precisando de assistência médica, eu vou ao seu encontro, acompanhá-lo. Acompanho procedimentos cirúrgicos e fico prontamente nos hospitais. Sinto que repasso segurança, capacitância e aperfeiçoamento. Sinto-me bem e faço com enorme prazer. Afinal, é a profissão que escolhi seguir. Profissão tão linda, bela, respeitada. A minha história de vida e formação contribuíram para esta realidade que vivencio hoje. Sou enfermeira e docente pois a vida assim me propiciou. (Depoimento oral da enfermeira Filomena Nogueira, 2018)

A professora exala doação, dedicação, sentimentos construídos com uma história de vida e formação profissional com sustentáculo na assistência e no cuidado humano. Habita como personagem altruísta e competente no coração dos discentes.

**Maria Aparecida Moreira Arêa Leão** nasceu no dia 8 de abril de 1949, em Bebedouro, São Paulo. Fez o curso pedagógico em sua cidade natal realizando também um curso chamado clássico (era um curso com conhecimentos múltiplos, dentre eles, conhecimentos filosóficos).

Minha família não teve interferências em minha escolha profissional. Queria fazer medicina, porém, fiquei em dúvidas entre fisioterapia, fonoaudiologia e enfermagem, decidi por enfermagem e fiz o curso na Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, 4 anos de curso mas com habilitação em Saúde Pública. Fiquei saudosos demais quando finalizou. Eu amava Ribeirão Preto. Antes de cursar enfermagem eu tinha uma visão que enfermeira existia apenas para auxiliar o médico mas depois da graduação compreendi que era um curso para aquisição de conhecimentos diversos. (Depoimento da enfermeira e professora Arêa Leão, 2018)

O percurso da formação da profissão docente é indiscutível para pensar a formação de professores em uma perspectiva crítica e reflexiva Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio como nos faz refletir Freire (2011) na educação como prática da liberdade.

A enfermeira Maria Aparecida casou em São Paulo e veio morar em Teresina e assim que chegou foi convidada para trabalhar na Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot em 1972, onde lecionou fundamentos de enfermagem, saúde pública, clínica médica e em 1976, entrou na Universidade Federal do Piauí (UFPI) lecionando também várias disciplinas. O curso não tinha sido reconhecido.

A primeira turma de Enfermagem finalizou o curso em 1977, as graduandas não podiam trabalhar pois não tinham recebido diploma. Depois da especialização em Saúde pública que era a habilitação pós-graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, a professora cursou outra especialização em Médico-cirúrgico e posteriormente em Auditoria. Ela dedicou grande parte de sua vida à docência.

Tornei-me especialista em médico- cirúrgico e depois tive a oportunidade de fazer outra especialização em auditoria quando fui trabalhar no Hospital São Paulo. Ministrei aulas durante 22 anos na UFPI. E a docência para mim foi uma das mais importantes experiências, fui homenageada em algumas turmas, eu lecionei durante muito tempo fundamentos de enfermagem, uma disciplina de extrema responsabilidade, uma das mais importantes disciplinas. Fui chefe de departamento durante 3 mandatos, quase seis anos e trabalhei muito com os aspectos burocráticos. Foi uma experiência importante para o meu crescimento profissional. A minha formação profissional contribuiu imensamente com o que me tornei, na constituição da

minha identidade profissional. Hoje, fico imensamente feliz quando vejo antigas alunas em destaque, excelentes enfermeiras e professoras. (Depoimento da enfermeira e professora Arêa Leão, 2018)

A contribuição da formação universitária merece destaque não só pela possibilidade da aquisição e desenvolvimento de competências e habilidades, mas também pelas interações sociais estabelecidas profissionalmente e pela formação de valores apreendidos, que os acompanham para além da inserção no mundo do trabalho.

O processo formativo superior é fundamental para o confronto que os sujeitos vão estabelecer com o mundo do trabalho ao saírem do sistema escola e, portanto, deve articular ensino, saberes e prática. Do mesmo modo, a prática cotidiana, as relações que se estabelecem no contexto de trabalho, as novas experiências e a busca por aprofundamento do conhecimento são essenciais para a construção da identidade profissional. (TARDIF, 2010)

Aprender a ensinar pressupõe a aprendizagem de estruturas muito complexas que requerem a análise do processo de formação do professor e do seu desenvolvimento profissional. Educar os professores como intelectuais críticos capazes de ratificar e praticar o discurso de liberdade e democracia. Além destes aspectos é importante que estejam aptos também à gestão pois muitas vezes são convidados a administrar devido ao currículo do curso de enfermagem ser dinâmico, havendo hoje, com a inserção das diretrizes curriculares nacionais novas exigências como a construção do ser profissional autônomo, crítico e reflexivo.

A escola não é uma ilha de pureza, no interior da qual as contradições e os antagonismos de classe não penetram. O protagonista da educação deve estar consciente de sua realidade e que seja capaz de agir e refletir. Utilizou a metáfora das águas pois não há como se comprometer sem mergulhar buscando compreender a realidade em sua totalidade. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. A educação tem caráter permanente, contínuo e o homem é um ser incompleto, deve estar sempre em formação, o homem é um ser de relações. (FREIRE, 1979, p. 19)

**Figura 87 Enfermeira Aparecida Moreira antes da formatura**



**Fonte: Foto cedida à pesquisadora pela professora Arêa Leão**

A professora, atualmente, trabalha na Secretaria de Saúde do Estado, é auditora do SUS e sente-me muito feliz por ter escolhido a sua profissão. A partir dela cresceu muito como ser humano. “ Eu tenho quatro filhos. Casei-me e decidi vir para Teresina. É uma cidade que hoje amo. Foi aqui que exerci a minha profissão. Teresina oportunizou-me isso. Sou feliz”.

O processo de reflexão é instaurador de uma ontologia da compreensão da existência humana, é através dele que encontramos a nossa identidade, nossa singularidade, unicidade e indivisibilidade. Por ele, nos damos conta da nossa corporeidade, sociabilidade e historicidade. (GHEDIN, 2010, p. 24)

A professora Maria Aparecida Moreira Arêa Leão era Chefe de Departamento de Enfermagem, na formatura de 1995, quando a discente de Enfermagem, na época, Anneth Cardoso Basílio da Silva concluiu o seu curso na Universidade Federal do Piauí. O magnífico Reitor era Charles Carvalho Camilo da Silveira e o vice-reitor Pedro Leopoldino Ferreira Filho.

A coordenadora do curso era a professora Maria Bruno de Carvalho. Foram graduados 27 enfermeiros, na ocasião. A aula da saudade foi realizada às 9 h do dia 13 de dezembro de 1995 no auditório Afonso Sena na UFPI. O descerramento da placa foi feito e declamado pela aluna Anneth Cardoso Basílio da Silva. A oradora da turma foi Francimauro de Moraes Gomes e a juramentista, Kátia Regina Batista. A missa foi celebrada na Igreja Nossa Senhora de Fátima no dia 14 de dezembro e a colação de grau realizou-se no auditório da OAB. A turma com o título “*Nossos pais: caminho à liberdade, discernimento e conhecimento*” realizou o sonho de galgar a formatura. Na figura 88, a graduanda com o seu pai, Armando Brito Basílio da Silva, recebendo o diploma de formatura em Enfermagem.

**Figura 88** A formanda Anneth Basílio com o seu pai, Armando



**Fonte:** Arquivo pessoal da Professora Anneth Basílio

O baile de formatura foi um evento inesquecível. Realizou-se no Jockey Clube do Piauí, no dia 16 de dezembro às 23 horas. A paraninfa da turma foi a professora Maria do Livramento Figueiredo e os professores homenageados se fizeram presentes nos eventos dentre eles: Benevina Maria Vilar Nunes, Carlota Lina Cardoso de Melo, Filomena Etelvina Cunha Nogueira, Francinete Paula Avelino, Maria Bruno de Carvalho, Maria Íris Mendes Sá, Maria do Rozário de Fátima Sampaio, Maria de Fátima Franco Batista.

Nas figuras 89 e 90, Anneth Cardoso Basílio, em seu baile de formatura, com o seu irmão Armando Brito Basílio da Silva Júnior e com as suas amigas de curso Eliane Macedo de Carvalho (à esquerda) e Kátia Regina de Souza Batista (à direita).

**Figura 89** Baile de formatura em dezembro de 1995



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

**Figura 90** Formandas do curso de enfermagem da UFPI



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora Anneth Basílio

Lembro-me de um momento em que decidi a minha escolha profissional, momento em que percebi o limiar entre a vida e a morte. Visitava um parente no Hospital Getúlio Vargas e vi um homem de mais ou menos cinquenta anos, pálido, gemente, saindo de dentro de um carro em frente ao Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas. Visualizei por instantes um de profissionais de branco que foram ajudá-lo. Lembro-me que um deles disse: é um infarto. Precisamos reanimá-lo. Preocupada, mas mais por curiosidade acompanhei “a equipe” sem saber que isso mudaria completamente a minha vida. Consegui ver alguns procedimentos desta reanimação: aparelhos, monitores, respiradores, tubos, sondas, acessos venosos, medicações e o senhor sobreviveu. Isso tornou-me uma pessoa melhor. Maravilhosa sensação a do encontro. Necessária ao acalento da alma humana. Fui aprovada na Universidade Federal do Piauí em 1988, para o curso de Enfermagem e sou enfermeira e professora com muito amor. (Depoimento de Anneth Basílio, 2019)

A profissão de Enfermagem proporciona, um voo sobre atividades que podem ser criadoras, diferentes, únicas, persistentes, participativas e efetivas. A Universidade ao consolidar a consistência curricular e qualificar o discente desenvolvendo estratégias, possibilitando uma visão futurista ao aluno, inserindo-o no contexto da biotecnologia, suas abordagens, conteúdos diferenciados, diversidade da visão futurística e aspectos ético-morais.

**Maria do Rosário de Fátima Franco** nasceu em Matias Olímpio, no dia 1 de maio de 1955, perto de Luzilândia. Oriunda de uma família de dez irmãos veio para Teresina com nove meses de idade. Quando começou a cursar o segundo grau sua mãe queria que se formasse professora e as irmãs também fizessem o pedagógico. Fátima fazia o científico a noite, pois sonhava em passar no vestibular e em ser assistente social. Mas quando finalizou o segundo grau não havia em Teresina o curso de Serviço Social. Passou no vestibular para o curso de enfermagem na Universidade Federal do Piauí - UFPI em 1973 para iniciá-lo em 1974. Na Universidade eram feitas as matrículas nas disciplinas por ordem de chegada pois as vagas eram poucas.

Tinha ocasião em que eu chegava duas horas da manhã para poder realizar a minha matrícula e cursar as disciplinas. O curso ainda não tinha sido reconhecido e nós queríamos homenagear a professora Maria José Moraes. Ela nos orientou a homenagear Petrônio Portela para que ele pudesse nos ajudar no reconhecimento do curso. Eu, Isabel, Maria de José Miranda fomos para o aeroporto esperar o senador, queríamos prestar uma homenagem a ele, mas ele se dispôs a dar os convites e então nós dissemos que queríamos mesmo pela sua influência era o reconhecimento do nosso curso. (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

A minha turma de enfermagem na UFPI era a segunda e nesta turma havia um único homem que era o Pedro de Alcântara, porém, ele faleceu, foi a óbito devido a um infarto agudo do miocárdio ainda no terceiro ano de curso. Nós fazíamos estágio perto do término do curso e na época da formatura enviamos convite para o senador Petrônio Portela e três dias antes da missa ele avisou que tinha acabado de ser aprovado o curso de enfermagem. (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

A comemoração da formatura foi realizada com um jantar no restaurante Vila Rica localizado na zona leste de Teresina e a entrega dos diplomas foi no Centro de convenções, após um almoço, ocasião em que foram reunidas as graduandas. O almoço foi oferecido pela mestre homenageada Maria José Moraes, chefe de departamento, como é evidenciado na figura 91, enfermeira Fátima Franco (terceira da direita para a esquerda):

**Figura 91 Enfermeira Fátima Franco em almoço de formatura**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Franco**

Terminei em julho de 1978. Nossa turma apenas tinha nove alunos e por ocasião da formatura organizamos um jantar em um restaurante chamado Vila Rica, na zona Leste de Teresina. Teve um almoço no Centro de convenções, no mesmo local recebemos o diploma. A chefe de Departamento esteve presente em todos os eventos e nos prestigiou imensamente. Foram solenidades muito emocionantes e vivenciamos estes momentos com uma alegria imensurável (Depoimento da enfermeira Franco, 2018)

**Figura 92 Jantar de formatura no Restaurante Vila Rica**



**Fonte: Fotografia disponibilizada pela enfermeira Franco**

Refletir criticamente significa colocar-se no contexto de uma ação, na história da situação, participar em uma atividade social e tomar postura ante os problemas. O saber docente não é formado apenas pela prática sendo também nutrido pelas teorias da educação. A teoria tem importância fundamental na formação docente pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada oferecendo perspectivas de análise para que os docentes compreendam os contextos culturais, históricos, sociais, econômicos, políticos. Os saberes da teoria articulam-se com os saberes da práticas e sendo por eles ressignificados. (PIMENTA, 2010)

A chefe do Departamento de Enfermagem Maria José Moraes observou a necessidade de aperfeiçoamento profissional a nível de pós-graduação. Convidou professoras de fora do Estado para ministrarem módulos de especialização em Teresina com o objetivo de aprimorar os conhecimentos dos docentes de enfermagem.

Maria José Moraes conseguiu professores de fora para lecionarem disciplinas de especialização para o curso de Enfermagem, Alba Lúcia (ministrou as disciplinas de UTI) e Rosa Maria Aparecida ( ministrou as disciplinas de médico-cirúrgico) foram professoras diletas. Eram 12 vagas e sobrou duas vagas. Abriam edital de seleção ao público e eu passei em primeiro lugar. (Depoimento oral da Enfermeira Franco)

Algumas disciplinas foram ministradas por professores de Teresina e outras por docentes de fora do Estado. A maioria dos docentes de Enfermagem vieram de fora. A professora estagiou no Hospital do Monte Castelo e estruturou e organizou o centro cirúrgico do hospital tendo a oportunidade de trabalhar na prefeitura de Teresina e assumir esta vaga,

assumindo de imediato mas teria que desistir do curso de especialização. Analisou a necessidade de se especializar e optou por realizá-la.

A professora retornou a Teresina e assim que chegou enviou uma carta para o Professor José Camillo da Silveira, na carta relatou a sua história profissional, sua evolução, o cursar das especializações, e que se encontrava pronta para assumir a docência. Na época, já trabalhava no Hospital Getúlio Vargas (HGV) e o médico José Nathan Portela (a pedido do professor Camillo) chamou a Professora Maria José Moraes (Chefe de Departamento de Enfermagem da Universidade Federal). E logo em seguida, teve a oportunidade de adentrar na Universidade Federal do Piauí.

Fui chamada para uma conversa e ele disse que era muito corajosa. Eu disse que não havia oportunidades de concurso então resolvi escrever a carta colocando-me à disposição. Quando adentrei na UFPI antes de um ano fui chamada para cursar o mestrado mas minha solicitação de afastamento foi indeferida pela coordenação da UFPI. Mas o doutor Zenon Rocha me convidou a ir para São Paulo fazer um curso na área de queimados e eu disse que infelizmente não teria condições de me sustentar lá com apenas o salário de 20 horas da universidade Federal e ele disse que me passaria para 40 horas e então, aceitei o convite, passei 6 meses no Heliópolis- Hospital de queimados posteriormente, passei 10 meses me especializando em UTI. Passei 3 meses no Albert Einstein, 3 meses no Hospital Sírio Libanês, 3 meses o Hospital nove de julho e 1 mês na Beneficência Portuguesa. (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

A identidade profissional do enfermeiro não é um dado imutável, é um processo de construção do sujeito historicamente situado. O conhecimento não é formado apenas na experiência concreta do sujeito em particular mas pode ser nutrido pela cultura objetiva. Para Freire (2011, p. 34) “o professor não é um técnico e nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos práticos preexistentes”, e desta forma o trabalho docente não é uma atividade técnica, mas situado historicamente e encontra-se influenciado pelas necessidades sociais, políticas e econômicas. Importante analisar se o enfermeiro professor, na construção de sua profissão é capaz de realizar reflexões, em nível crítico, acerca de seu trabalho, analisando-o como prática social pois a formação deve estimular uma perspectiva reflexivo- crítica.

Dei aula durante 22 anos na UFPI. Me aposentei com o intuito de não mais trabalhar pois tenho uma filha com síndrome de Down e eu decidi que iria me dedicar a ela. Mas fui convidada pela professora Lúcia Almeida para trabalhar no Hospital São Marcos na área de auditoria. O médico Alcenor Almeida ajustou o meu horário e fiquei trabalhando como auditora. Depois tive a oportunidade de fazer especialização em auditoria. No início pensei que não fosse acompanhar pois os professores a maioria franceses de alto

nível. A turma não estava acompanhando até vir para dar aula uma enfermeira e psicóloga... (...) não lembro o nome dela, mas ela nos deu um direcionamento importante e uma aula fantástica, finalizei o curso após dois anos, também tenho uma especialização em gestão. (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

O grande desafio na formação do enfermeiro é transpor o que é determinado pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais ao formar profissionais que superem o domínio teórico-prático exigido pelo mercado de trabalho, enquanto agentes inovadores e transformadores da realidade.

A professora Fátima Franco passou no concurso para a SESAPI em quinto lugar mas só estavam sendo oferecidas quatro vagas. Foi convidada pela coordenadora da Faculdade Uninovafapi, hoje Centro Universitário, para colaborar com a construção das grades curriculares do curso.

A professora Maria de Fátima recebeu uma medalha Edith Magalhães Fraenkel em Congresso Brasileiro de Enfermagem realizado em Brasília, em 1980, com o trabalho intitulado “Estudo sobre as causas que distanciam o enfermeiro da assistência direta ao paciente”, ocasião muito importante para a profissional que sentiu-se estimulada para a pesquisa e apta a produzir conhecimentos. Enfermeira Fátima ( figura 93 e 94) participando do Congresso (primeira da esquerda para a direita).

**Figura 93 Evento do recebimento da medalha**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Franco**

**Figura 94 Professora Fátima em Congresso em Brasília**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Franco**

A professora Maria de Fátima Franco dedicou vinte e dois (22 anos) de trabalho à docência e atualmente é auditora do Sistema Único de Saúde, exerce esta função há quatorze anos na Secretária de Saúde do Estado do Piauí.

***Maria do Amparo Barbosa*** nasceu em Teresina no dia 31 de agosto de 1936, filha de Raimundo Florêncio Barbosa e Eva Benvinda Barbosa, tornou-se filha única após o falecimento de três irmãos. Ficou órfã aos 11 anos e foi morar com os padrinhos de batismo. Muito católica, acompanhava a mãe às missas de domingo. Fez a sua primeira eucaristia em 1944, aos 8 anos de idade.

Lembra com exímia nitidez de suas vestes e do significativo momento do sacramento considerado pela depoente uma das lembranças mais importantes que tem de sua mãe, do seu carinho e atenção.

Meus pais biológicos se foram muito cedo. A minha mãe muito fez por mim. Lembro-me de seu sorriso e olhar meigo. Uma ternura incansável na minha educação. Eu frequentava a igreja todos os domingos e me recordo da minha primeira eucaristia. A roupa, o véu e o terço nas mãos. Foi um dia lindo de sol e eu estava muito feliz. (Depoimento da Enfermeira e professora Amparo Barbosa, 2018)

**Figura 95** Maria do Amparo em sua Eucaristia



**Fonte:** Fotografia cedida pela enfermeira Barbosa

A mãe morreu quando ela tinha 11 anos e os padrinhos de batismo a assumiram, sempre com dedicação e muito amor. Fez o primário no Colégio das Irmãs Capuchinhas com início em 1947, uma congregação criada pelo padre João Pedro que fundou a organização das irmãs missionárias, em 1903. Devota desde cedo de nossa senhora a menina Maria estudava com afinco compartilhando com a sua família uma infância feliz, da qual sente imensas saudades.

As irmãs sempre muito presentes na vida de Maria questionavam sobre o seu futuro, sobre qual a profissão que ela escolheria para seguir.

Elas me perguntavam sempre (as irmãs): O que você quer ser? Eu queria ser médica, cuidar das pessoas, achava belo o cuidado aos doentes, às pessoas vulneráveis, sempre tive o dom. Meu coração estava aberto. Eu sentia que iria trabalhar com a área da saúde. No primário usávamos a touca que fazia parte do uniforme, eu amava o meu uniforme, gostava muito da minha escola, naquele espaço muito aprendi. (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

**Figura 96** Maria do Amparo cursa o primário



**Fonte:** Foto disponibilizada pela Enfermeira Barbosa

Na História do Colégio das Irmãs verificamos a inserção da Congregação das Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena que iniciaram o externato em 1906 quando a sede ainda estava localizada à Rua Bela, hoje Teodoro Pacheco e, apenas em 1907, a sede do colégio passa a funcionar na Avenida Frei Serafim.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus tinha o objetivo não só de instruir as mulheres teresinenses, mas também de moldar os seus comportamentos, de criar uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos e exemplo de moral e virtude para a sociedade. O modelo a ser seguido era o das próprias freiras, que sempre estavam próximas e eram provas incontestáveis de abnegação, de virtudes, de sacrifícios em nome de um ideal maior. (CASTELO BRANCO, 1996, p)

Tanto as Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo, que prestavam assistência aos doentes nos Hospitais como aquelas que estavam envolvidas com o ensino eram imbuídas e permaneciam unidas no intuito de colaborar com a minimização do sofrimento de pessoas carentes e que precisavam de auxílio por ocasião de suas doenças. Os pais adotivos de Maria

do Amparo a matricularam no Colégio das Irmãs, Colégio Sagrado Coração de Jesus, para que ela cursasse o ginásio e o científico. A adolescente concluiu em 1955, com 19 anos. Na época já havia conversado com a sua madrinha que a orientou a fazer enfermagem.

**Figura 97** Concludentes do ano de 1955



**Fonte:** Foto cedida pela enfermeira Barbosa

Maria do Amparo foi aprovada no concurso da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e ganhou uma bolsa de estudos para cursar enfermagem na Escola de Enfermagem São Francisco em São Luís, no Maranhão. Na época o diretor da Divisão Materno Infantil Basílio Ribeiro Soares oportunizou esta experiência à estudante que iniciou o seu curso de Enfermagem em 1955.

Eu tinha sido selecionada para cursar enfermagem fora do Estado. Fiquei encantada com a Escola, com as amigas de turma e com o curso. A escola tinha normas rígidas e nós tínhamos que estudar muito. Fazíamos estágio no Hospital Escola e as professoras eram excelentes. Nas férias eu adorava viajar não apenas para conhecer lugares novos mas também para visitar hospitais e saber mais sobre a minha profissão, realizava cursos sempre me inteirando e aperfeiçoando na profissão. Tive uma intensa relação com a área da saúde. Queria cuidar e isso sempre foi na minha vida uma doação. (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

**Figura 98 Enfermeira Maria do Amparo Barbosa em solenidade de formatura**



**Fonte: Arquivo pessoal da enfermeira Maria do Amparo Barbosa**

A Escola de Enfermagem São Francisco foi criada em 18 de julho de 1948 pela Irmã Josefa Maria de Aquiraz, Superiora Geral das Irmãs Missionárias Capuchinhas. O Hospital Tarquínio Lopes Filho foi o berço da Escola nos primeiros anos. Em 1950, passou a funcionar à Rua Rio Branco, 308, centro. O curso foi reconhecido pelo decreto federal nº 30628 de 11 de março de 1952. A formatura aconteceu em maio de 1959, foram quatro anos de curso.

A minha formatura foi linda, teve entrega de broche, a missa foi realizada na matriz de São Luís, e a diplomação, um evento inesquecível. Formaram oito enfermeiras, naquela noite. Todas com a grande missão da assistência. E muitos sonhos ainda a serem realizados. (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

Um dos maiores sonhos da Enfermeira Maria do Amparo Barbosa era cursar pós-graduação ou residência fora do Estado mas para isso precisava trabalhar dois anos adquirindo

experiência para posteriormente realizar a seleção. Após a sua formatura em São Luís retornou ao Piauí para trabalhar na Legião Brasileira de Assistência (LBA), fundada em 1945 por Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas. Foi contemplada com uma bolsa para cursar pós-graduação na Universidade de São Paulo. (USP) na ambiência da pediatria.

Eu estudei dois anos e meio em São Paulo, na USP, uma experiência louvável, gratificante e enriquecedora. Eu sempre havia sonhado em trabalhar com crianças. Tive a oportunidade de fazer uma viagem aos Estados Unidos, onde visitei hospitais em New York. Quando voltei para Teresina, além de continuar trabalhando na LBA fui contratada para exercer minhas funções no Hospital Getúlio Vargas na área da pediatria. (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

Maria do Amparo Barbosa foi pioneira na área da enfermagem em Pediatria. Estruturou a clínica pediátrica hospitalar. Aperfeiçoou a assistência e equipou o espaço com a ajuda do Diretor do Hospital Getúlio Vargas, Gerardo Vasconcelos e do diretor da Clínica Pediatra, o doutor José Noronha que contribuíram para a organização do setor na época. A enfermeira morou durante muitos anos no Hospital Getúlio Vargas.

Eu morava no Hospital, nesta época havia a possibilidade de residir no setor hospitalar, as irmãs também habitavam lá, elas tinham dormitórios em um determinado local e eu tinha um espaço meu. Eu ficava praticamente todo o tempo no hospital. Eu saía para um aniversário e quando eu retornava se havia alguma criança na pediatria com vômitos, diarreia, desidratação, febre eu ficava na assistência até o amanhecer do dia. Fazia por amor, por doação, por comprometimento, por dedicação. (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

Em todo o Brasil, na época, na maioria das instituições de saúde os cuidados assistenciais na área de Enfermagem eram realizados pelas Irmãs de caridade. As irmãs que vieram para Teresina estruturar e aperfeiçoar esta assistência pertenciam à Congregação das filhas do Coração Imaculado de Maria, chamadas de Cordimarianas. Evento que marcou profundamente a vida religiosa à época era um hino belíssimo que era cantado por elas, além das orações da Ave Maria todos os dias às 18 h na Capela do Hospital Getúlio Vargas, como podemos observar em depoimento a seguir:

Era uma solenidade muito bonita, cheia de emoção que deixava um sentimento de grandeza interior muito forte, além de sermos levados a refletir, tínhamos a sensação de estar com Deus. As irmãs rezavam o terço e cantavam em francês o hino, todos os dias, às 18h, hora da Ave Maria. (RAMOS, 2003, p. 34)

As oportunidades para a aquisição de conhecimentos diferenciados eram através dos Congressos fora do Estado, Enfermeira Maria sempre focada na produção do conhecimento apresentava trabalhos científicos nos eventos de enfermagem. Como evidencia a fonte iconográfica seguinte, ela participando do XVI Congresso Brasileiro, em Salvador, na Bahia em julho de 1964.

**Figura 99 Maria do Amparo em Congresso / Salvador**



**Fonte: Fotografia cedida pela enfermeira Barbosa**

A implantação da UFPI tornou-se possível com a lei Federal 5.528 de 11 de novembro de 1968. No contexto da Reforma Universitária constatamos o aumento no número de vagas e a transformação do Ensino Superior decorrente da modernização tornando-se necessária a realização de uma revisão curricular nos cursos de graduação. O ensino de Enfermagem estava direcionado para a formação de um maior número de profissionais e também para uma reestruturação curricular com foco voltado para o modelo biologicista, individualista e hospitalocêntrico. (TEIXEIRA; VALE; FERNANDES; SORDI, 2006).

O Curso de Enfermagem da UFPI, criado em 1973, ficou vinculado ao Departamento de Medicina porque não implicaria em custos para a Universidade Federal, fator este que, desencadeou uma série de problemáticas no funcionamento e evolução do curso e principalmente, no que se refere à formação da primeira turma que ficou um período sem ter disciplinas específicas do curso de Enfermagem para serem cursadas, assim como professores habilitados que pudessem lecionar as disciplinas. A enfermeira Maria do Amparo diante deste contexto foi convidada para implantar e estruturar a área pediátrica assim como para ministrar

a disciplina devido a sua experiência como pioneira na área e trabalhando no Hospital Getúlio Vargas, contribuindo para a estruturação do ensino superior de enfermagem do Estado.

Fui presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) durante vários mandatos, fui a primeira presidente do Conselho Regional de Enfermagem ( COREn) , lutei muito para erguer tais entidades, éramos poucas, umas dez aproximadamente, Maria dos Aflitos Miranda, Nair Moita, Filomena Lélis, Ozirina Gracildes ,dentre outras. Na semana de Enfermagem visitávamos as Escolas para falarmos da importância da profissão de Enfermagem, o colégio das irmãs, o liceu piauiense, a escola normal. Os alunos ficavam encantados e muitos decidiam segui-la. Lembro-me bem de uma moça que se interessou, de imediato, Janet Freitas, e foi fazer o curso da Escola Anna Nery no Rio, formou-se e foi uma das melhores enfermeiras docentes de São Paulo (Depoimento da Enfermeira e professora Barbosa, 2018)

Amparo Barbosa recebeu inúmeras homenagens do Conselho Regional de Enfermagem por sua valiosa contribuição na evolução da assistência e do ensino de enfermagem. Configura-se na história da enfermagem piauiense como uma de nossas precursoras tendo dedicado a sua vida à enfermagem com doação e altruísmo, assim como com exímia abnegação.

**Figura 100 Maria do Amparo em missa de formatura**



**Fonte: Foto disponibilizada pela enfermeira Barbosa**

Os educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino. Grandes são os desafios postos à educação em um mundo cada vez mais multicultural.

O multiculturalismo e a pluriétnicidade são os verdadeiros pilares de uma integração social e democrática. Como evidencia Zeichner (1993) “assim como a experiência humana, todo ensino é intercultural, independente do contexto em que ocorre devido às múltiplas identidades dos discentes.” O referido autor afirma que “o objetivo dos programas de formação docente é preparar professores que tenham perspectivas críticas sobre as relações entre a escola e as desigualdades sociais e um compromisso moral para contribuir para a correção de tais desigualdades mediante as atividades docentes”.

Toda reflexão está sempre historicamente situada diante de circunstâncias concretas que estão ligadas no contexto social, político, econômico e histórico. Este modelo analisa o professor como intelectual crítico, no qual se apoiam os fundamentos filosóficos e os processos de reflexão crítica coerentes com o exercício profissional.

## SEÇÃO IV

### **PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ENFERMAGEM DOCENTE: IDENTIDADE PROFISSIONAL**

A evolução da enfermagem no contexto político, econômico, social e cultural ultrapassa largamente os propósitos com que emergiu de forma sistematizada em finais do século XIX. Por um lado, as transformações que se verificaram ao nível da sociedade em geral contribuíram para o crescimento científico profissional, por outro lado, sua organização política assumiu a luta pelo seu reconhecimento social e sua afirmação como profissão.

Os percursos identitários articulam-se às transformações sociais próprias do mundo contemporâneo resultantes do processo de globalização, como a revolução tecnológica e da informação e a reestruturação do capitalismo, as quais impactaram todas as esferas sociais no contexto mundial.

Na literatura, localiza-se a identidade como conceito complexo pois abrange dimensões interdisciplinares como a psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, dentre outras. Há uma diversidade de concepções e conceitos concernentes à identidade pelas múltiplas áreas que interferem na sua configuração (DUBAR, 2005)

O uso do conceito de identidade profissional de enfermeiros professores no processo de sua formação é elencada como um elemento essencial para a constituição da identidade profissional, tanto no ensino formal como informal. Dimensões éticas, científicas e sociais caracterizam-se como processos coletivos, complexos e dinâmicos, consolidados no âmbito social e de trabalho e que vai se constituindo através da trajetória acadêmica, internalização do corpo de conhecimentos de enfermagem, autonomia, valorização profissional.

Segundo Garcia (2009), o desenvolvimento profissional docente “ é um processo que vai se construindo à medida que os docentes adquirem experiência, sabedoria e consciência profissional; em que a identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros”

Imersos em um processo de globalização acelerada e de busca de identidades perdidas, entraram em fragmentação a ideologia, racionalidade histórica, sujeito histórico e tudo aquilo que foi conduzido à formação de modelos, arquétipos, paradigmas com o fim da modernidade. São três as concepções de identidade do ser humano:

O sujeito do iluminismo que é o sujeito centrado na razão; o sujeito sociológico, presente no mundo moderno mas que não é independente pois que é formado pela relação estabelecida com os outros e o sujeito pós moderno, que não possui uma identidade fixa promovendo um debate em torno da crise de identidade. ( HALL, 2004, p. 15 )

A sociedade moderna torna-se mais complexa, coletiva e social, em função das transformações políticas e econômicas, o ser humano também modifica a sua identidade, passando a ser visto mais como um ser definido no interior dessas novas estruturas da sociedade originando o sujeito sociológico.

Na obra- A identidade cultural da pós modernidade, Hall (2004) evidencia a necessidade de uma melhor compreensão sobre a identidade profissional que pode ser visualizada como a relação entre indivíduo e mundo social.

Segundo o autor supracitado “as identidades culturais são híbridas, movidas por mudanças, encontros e desencontros. As sociedades foram marcadas por transformações que influenciaram os modos de compreender os sujeitos e a sua cultura” Há a percepção que toda identidade é móvel e pode ser redirecionada indicando a possibilidade de utilização da expressão processo identitário para compreender as representações que transformam as culturas, os sujeitos e os espaços.

As conquistas femininas de acesso a direitos civis, políticos e sociais que durante muito tempo foram negados configuram-se como consequência direta de movimentos sociais que causaram impacto na sociedade levando as mulheres a assumirem novos papéis. Durante muito tempo, as mulheres foram objeto de um percurso histórico que as relegou a uma invisibilidade silenciosa:

São invisíveis pois a sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram nele. Elas são invisíveis pelo silêncio das fontes pois são pouco vistas em lugares públicos e pouco se falam sobre elas. São descritas, representadas e imaginadas mas são silenciadas. Mulheres comuns deixaram poucos vestígios materiais que pudessem ser consideradas fontes como correspondências, diários, autobiografias, declarações de amor e objetos pessoais. Os vestígios destas mulheres foram apagados, destruídos, desprezados. O silêncio mais profundo é o silêncio do relato. (PERROT, 2007, p.10)

O processo de constituição identitária tem ao longo dos anos se associado às lutas femininas em prol dos direitos sociais e políticos das mulheres em geral. Essas transformações sociais permitem o desvelar de identidades e admitem um processo de conscientização e reconstrução da personalidade. Assim, o feminismo, entendido como uma identidade coletiva tornou-se uma bandeira contra todas as causas da opressão feminina (CASTELLS, 2010).

Até o final do século XIX, o casamento continuava a ser para o sexo feminino uma garantia de posição social. O homem deveria sustentar e proteger a mulher que por sua vez deveria ser submissa dedicando-se à vida familiar e religiosa. Posteriormente com a emancipação feminina com a ambiência moderna começaram a conquistar o espaço público exercendo profissões como professora, enfermeira, parteira (BARREIRA, ROCHA, 1999, p. 37)

No decorrer da trajetória pessoal, os sujeitos experienciam inúmeros processos de socialização os quais refletem em sua interação com os outros em uma espacialidade social e cultural possibilitando compreender a concepção de identidade pois as formas identitárias são construídas e reconstruídas pelas relações sociais que são estabelecidas na família, na formação e no trabalho.

A identidade profissional situa-se na intersecção dos campos de trabalho-emprego-formação. A identidade é algo que é construído ao longo da vida, constrói-se e é transmitida estando relacionada com o contexto do trabalho, sendo estabelecida na complexidade das relações e interações à prática docente, ao longo da carreira, por meio de experiências. (DUBAR, 2005, p. 34)

A história de vida e formação profissional interfere na constituição identitária do enfermeiro docente? Como se compreende esta construção identitária? A vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como fonte de influência importante? Os professores de suas trajetórias formativas influenciaram na escolha em ser professor?

Como foi a inserção na docência? Como foi o início da trajetória do enfermeiro como professor? Atuam no ensino superior sem terem sido preparados para desempenhar a docência?

As questões acima são importantes pois durante a trajetória docente, este pode construir o seu modo próprio de ser professor e como sujeito ativo do seu conhecimento pois

como Burnier et al (2007) enfatizam “ Dar voz aos professores pelo relato de sua história de vida implica considerar seu percurso pessoal na construção de sentidos para a docência”

As pesquisas e os campos de atuação na enfermagem têm evoluído de forma significativa, hodiernamente, abrindo perspectivas de conhecimentos em múltiplas direções e espaços. A identidade profissional do enfermeiro professor é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo constituindo-se de elementos da trajetória biográfica dos sujeitos assim como das relações sociais e profissionais originadas no processo de formação.

#### **4.1 MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: REMINISCÊNCIAS MARCANTES**

As experiências vivenciadas durante a infância causam grande aprendizado e transformam a existência, compondo e constituindo a identidade dos docentes. O lócus familiar é essencial nestas mediações. A família e as pessoas significativas são sustentáculo de desenvoltura e influenciam na perspectiva da relação com o ensino e a formação.

Na modernidade, o núcleo de assunção em que se concretizou a herança memorial como norma foi o da família, a memória do eu é sempre, em primeira instância uma memória familiar, ou de pátria. Recordar-se o espírito de família pois faz-se necessário preiteá-lo, homenageá-lo, retransmiti-lo e reproduzi-lo, criando um sentimento de pertença. (CATROGA, 2015, p. 45)

A recordação da ambiência familiar refaz-se como herança memorial. Para os enfermeiros docentes a influência da família, principalmente a figura materna, foi evidenciada como um fator importante para o processo de construção da identidade docente. A identidade profissional docente encontra-se sustentada em experiências familiares.

Minha mãezinha era caridosa, dava assistência aos pobres, era abnegada, fazia doações, acolhia as crianças doentes, as mulheres gestantes, criava meninos, criou um menino ao qual batizou de Antônio Marques. Fui criada com muita humildade. Meu pai e minha mãe era a mãe cuidavam de doentes. Havia uma senhora chamada Dudu que minha mãe cuidava e eu também a ajudava muito. Eu amava cuidar e ajudar. Desde pequena sempre tive instinto cuidador. Minha família me ensinou a assistir e cuidar dos outros. Aprendi com eles o que era resignação e doação. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

A minha família foi muito importante para a minha escolha profissional. Eu subia em um banco e fazia a injeção do jeito certinho que a minha mãe me ensinara. Eu tinha um hospital de bonecas e fazia os procedimentos. Lembro-me de uma senhora que fazia tratamento de tuberculose com as injeções diárias e o local onde eram administrados os fármacos fechou, ficando minha mãe responsável pelas administrações injetáveis, em fazê-las. A minha mãe estava grávida do último filho e teve problemas de saúde uma insuficiência renal no período gestacional e não encontrou ninguém para dar continuidade ao tratamento e após a aquiescência da paciente, eu fiquei responsável em administrar as injeções. (Depoimento oral da Enfermeira Sampaio, 2018)

A identidade associa-se também aos espaços onde estão fixadas as lembranças e lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. Esta dimensão social da memória e da identidade explica também porque não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, como cita Félix (1998) “ a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação enquanto processo. A identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo”

Algumas pessoas da minha família achavam que eu não deveria cursar enfermagem por ser uma profissão imprópria. Eu tinha uma admiração imensa pela área. O “ser enfermeira”, para mim, era ser uma mulher dedicada ao cuidado do enfermo, era doar-se e ter empatia, assistir a criança, adulto, mulher, idoso com desvelo e atenção e minha identificação com a enfermagem quando ingressei foi plena pois eu iria atingir uma meta sonhada anos antes. A Escola Anna Nery tinha um padrão e uma estrutura fantástica com as adequações necessárias para o aprendizado teórico e prático, com normas e princípios enraizados em valores impecáveis. (Depoimento oral da enfermeira e professora Ferreira, 2019)

Nóvoa (1992) esclarece que formação é algo pertencente ao próprio sujeito e está inscrito no processo de ser: a vida e as experiências; o passado e o processo de ir, com os projetos e as ideias de futuro. É uma conquista alcançada de várias formas, com a ajuda dos mestres, das aulas, dos livros, mas depende de desenvolvimento pessoal. Ninguém forma ninguém. Cada um forma-se a si próprio.

Se me fosse perguntado o que eu queria ser hoje eu diria que seria tudo de novo. Faria as mesmas escolhas. Me dedicaria novamente com todo o meu coração. O meu passado construiu o meu presente. Os meus pais me estimularam muito ao estudar. Queria que eu aprendesse a ensinar. Sou feliz com o que fui, fui o que queria ser, sou grata por tudo o que vivi. Gostaria que os jovens amassem mais, cuidassem mais dos outros, abrissem

o seu coração para o amor, os olhos para um olhar além. (Depoimento da Enfermeira e Barbosa, 2018)

Tardif (2010) aduz que “os professores constroem saberes práticos baseados nas experiências cotidianas e são constituídos a partir de sua experiência individual e coletiva”, muitos docentes abordam a escolha de sua carreira por procederem de uma família de professores, pela valorização da profissão em seu meio. O ser professor, para muitos advém de inspirações familiares. Não houve um preparo sistemático e intencional para que se tornassem professores, porém, foi algo adquirido nos contextos vivenciais aos quais estavam inseridos.

Meus pais eram agentes voluntários e atendiam aquela população que habitava próximo a fazenda e eu observava a dedicação, o acolhimento, o respeito àqueles tão necessitados. Eu percebia a confiança daquelas pessoas que recebiam remédios e também administração de injeções e soros antiofídicos. Meus pais faziam estes procedimentos. Um senhor me relatou que meu pai havia deixado um relógio com ele para que ele não perdesse o horário da medicação. Meu pai fez uma imobilização no braço e um recém-nascido com “ tala de buriti” após a surpresa de uma gestação gemelar pois a parteira, acidentalmente, causara uma fratura de membro superior em um dos bebês. Eu brincava na fazenda de aplicar injeções nas minhas bonecas de pano. Eu achava tão belo e significativo quando colocavam as seringas de vidro em ebulição (fervidas no calor do fogo). (Depoimento oral Enfermeira Almendra, 2019)

## **4.2 INFLUÊNCIAS FORMATIVAS : MEMÓRIAS E HISTÓRIAS ESCOLARES**

O professor não é somente um sujeito epistêmico que se insere diante do mundo em uma relação estrita de conhecimento, porém, também é um sujeito existencial. Segundo Tardif (2014) “São as experiências escolares anteriores e as relações determinantes com docentes que contribuem para a constituição da identidade pessoal do professor e de seu conhecimento prático”

O professor é alguém com suas emoções, a sua linguagem e a sua relação consigo e com os outros. A formação está relacionada à trajetória de vida e aos percursos formativos de cada professor no decorrer de sua carreira docente. O professor é um ser holístico, em sua amplitude orgânica, psíquica, social, cultural e espiritual.

Sempre gostei muito de estudar. Eu tinha muita admiração por alguns professores. Depois que finalizei o curso normal e antes de me tornar enfermeira fui professora durante 1 ano e 6 meses no Grupo Escolar Godofredo Freire na Piçarra depois de finalizar o pedagógico. Depois comecei a estudar com amigas e amigos do Liceu e ficava pensando qual profissão eu seguiria e decidi ir fazer a seleção para a Escola Anna Neri. Optei pela Enfermagem pois fui escoteira durante determinado tempo e também tive a oportunidade de ver o parto de minha irmã realizado pela parteira Maria do Amparo Pereira. (Depoimento oral da enfermeira Almendra)

As propostas epistemológicas da forma de transmissão do conhecimento, pouco são questionadas, sendo essencial dar ênfase e importância ao conhecimento cultural, prático, contextual com os seus aspectos científicos, éticos, morais e políticos do educar, pois as adaptações que o professor realiza permeiam as suas ações. Qual a matriz cultural do professor? O professor pensa ou não conforme a sua matriz cultural, com os conhecimentos adquiridos ao longo da sua existência?

Para Sacristán (2000) “o professor não é um técnico e nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos práticos preexistentes”, encontra-se influenciado pelas necessidades sociais, políticas e econômicas, subsidiando a proposta de superar-se a identidade necessária dos professores de reflexivos para a de intelectuais, críticos e reflexivos.

Importante analisar se o enfermeiro professor, na construção de sua profissão é capaz de realizar reflexões, em nível crítico, acerca de seu trabalho, analisando-o como prática social pois a formação deve estimular uma perspectiva reflexivo- crítica:

O paradigma do saber-fazer não é uma derivação apenas do conhecimento, adquirido no processo de formação docente mas se deve à matriz cultural da qual provém o professor, deve-se considerar o *habitus*, pois além de significar cultura, costumes, é continuidade social e pode produzir outras práticas diferentes das existentes. Entre a teoria e a prática intervém a subjetividade, portadora de uma cultura subjetiva, alimentada pela cultura social objetivada. (SACRISTÁN, 2010, p. 17)

Alguns docentes são referências para seus alunos em atuações futuras na docência, e no início da carreira, os professores se inspiraram nos mestres em seu percurso formativo e que os marcaram positivamente. Pimenta (2000) aborda que as experiências como discentes, diante da experiência com docentes diferentes, são consideradas essenciais na construção dos saberes da docência.

As professoras da Escola Anna Nery sempre muito competentes, a maioria com pós-graduação realizada fora do país, geralmente nos Estados Unidos

(EUA), devido ao intercâmbio realizado pela Fundação Rockefeller. As mestras que mais me marcaram foram Dolores Lins de Andrade, Elvira de Fellicci Sousa, Ligya Paim, Waleska Paixão, Haydee Guanais Dourado (esteve no Piauí ministrando cursos para a formação de enfermeiras visitadoras), Ieda Barreira e Castro, Ana Jaguaribe da Silva Nava (professora de história da enfermagem e irmã de um escritor famoso, Pedro Nava, poeta). A maioria das professoras do quadro docente da EEAN foram egressas da Instituição. Foram referências para mim, para que eu me tornasse a profissional que sou. (Depoimento da enfermeira e professora Luz, 2018)

A reflexão e a preocupação sobre a própria atuação docente estão presentes nas vozes das memórias de quase todos os professores quando relatam a visão que têm de si mesmos como professores. É neste contexto que se contesta um certo tecnicismo na formação dos professores de enfermagem orientada por um positivismo pragmático o qual impõe uma razão técnica e um modelo epistemológico de conhecimento prático que negligencia o papel da interpretação teórica na compreensão da realidade e na prática formativa do docente.

Contreras (1997) chama à análise que a prática dos professores precisa ser analisada no sentido de que a sociedade é plural, no sentido da pluralidade dos saberes, mas também é desigual no âmbito das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas.

Como evidencia Pimenta (2010) faz-se necessário transpor o modelo prático-reflexivo para uma prática dialética que compreenda as razões de sua ação social. A profissão docente não é um ofício circunscrito apenas à cultura profissional mas implica a contribuição do âmbito social e cultural sendo necessário formar o professor na mudança e para a mudança.

Para a constituição do ser docente, exige-se a compreensão de que além da influência para a escolha da profissão de professor, há motivos para a opção pela ambiência da enfermagem, motivos que corroboram para a identidade profissional do ser enfermeira.

A trajetória escolar é entendida como uma experiência formativa que atravessa o sujeito, a partir da trajetória de si mesmo, vivida no ambiente escolar, refletindo-se na construção da identidade docente. (SOUZA, PASSEGGI, 2015)

### **4.3 CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR: UM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA**

Nóvoa (2000) evoca o percurso da formação da profissão docente para pensar a formação de professores e propõe a formação em uma perspectiva crítica e reflexiva e que forneça aos professores os meios de uma produção autônoma e que facilite as dinâmicas de uma formação autoparticipada “ considerando três processos na formação docente: produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal), produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional) e produzir a escola ( desenvolvimento organizacional).”

A interação entre as dimensões pessoal e profissional permite aos professores apropriarem-se de seus processos de formação dando-lhes um sentido em suas histórias de vida. A reflexão acerca da formação do enfermeiro docente é essencial devido a complexidade da prática profissional inserida na atividade da educação. A formação do professor envolve conhecimentos técnicos e científicos além do desenvolvimento de habilidades e competências implicando em contínuo aperfeiçoamento.

O ser humano é dotado de reflexividade e é fundado neste movimento contínuo e permanente do pensar fazendo-se e ao fazer-se pensante fundamentar-se historicamente no tempo e só esta historicidade possibilita e condiciona a emergência do vir a ser. Através do processo de reflexão que encontramos a nossa identidade, singularidade, indivisibilidade, Por ele nos damos conta de nossa corporeidade, sociabilidade, historicidade. ( PIMENTA; GHEDIN , 2010, p. 28).

A prática pedagógica do enfermeiro docente vem sendo reanalisada pois o redirecionamento na formação dos profissionais de enfermagem deve estar voltado para as transformações sociais e as propostas pedagógicas devem dialogar com estas transformações. Estas transformações nas estratégias pedagógicas estão respaldadas na Resolução N° 3 /2001 do Conselho Nacional de Educação que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem.

A compreensão do significado do conceito de identidade profissional de enfermeiros docentes direciona para a ampliação das bases do conhecimento de enfermagem, o desenvolvimento de conceitos no processo de formação, na prática profissional e na investigação científica.

Uma das competências específicas para a docência superior é o domínio na área pedagógica. Para isso torna-se essencial, segundo Masseto (2001) que “ o docente domine o conceito de ensino-aprendizagem, a concepção de currículo, compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo, e a teoria e a prática básicas da tecnologia educacional”. Para o enfermeiro assumir a função docente precisa possuir conhecimentos na área específica, assim como na ambiência do processo educativo. A formação profissional centrada na assistência nem sempre possibilita conhecer e compreender as especificidades do trabalho pedagógico.

Ser professor tem um significado mais abrangente do que a atividade de ensino. Para muitos docentes, tornar-se professor não foi a opção inicial, porém, a migração para a docência foi o desafio abordado pelos professores que se identificam mais com o seu curso de formação inicial.

A professora Maria José Moraes, coordenadora de enfermagem, na época, insistiu para que eu fosse me especializar e também participar de congressos. Para mim, era um desafio tornar-me professora. Eu queria ser enfermeira. Eu sentia falta da formação pedagógica no meu cotidiano. Nesta ocasião tive acesso à Doutora Mariana Augusta, um dos ícones da enfermagem fora do Estado que muito me motivou para que eu fizesse a especialização em pediatria e estava na fase de reconhecimento do curso. Percebi o quanto isso seria importante para mim e minha evolução profissional. (Depoimento oral da enfermeira Nogueira, 2018)

Não foi fácil. Eu me identifiquei com a área de estomatoterapia e resolvi me especializar. Era um desafio lecionar. Quando cheguei em Teresina senti a necessidade no Estado de algo específico nesta área e resolvi me dedicar. Tornei-me a pioneira na estomatoterapia e eu participei de vários congressos na área. Fui ao Hospital Heliópolis referência em São Paulo principalmente em ostomias, feridas, queimados. E fiquei procurando fazer especialização no Brasil nesta área, porém, tinha apenas fora do Brasil em Cleveland (grande e referenciado centro nos EUA). Tive um contato com Norma Guil em 1977(mãe da estomatoterapia), ela difundiu a especialidade em todo o mundo, em Congresso no Rio Grande do Sul. (Depoimento da Enfermeira Luz, 2018)

A missão da civilização para a era planetária, conforme cita Morin (2003) é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade composta por cidadãos conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária.

O desenvolvimento científico, técnico, econômico propiciam um devir comum para toda a humanidade. O planeta tem cada vez mais necessidade de espíritos aptos a

apreender seus problemas fundamentais e globais, a compreender sua complexidade, os sistemas de ensino precisam de uma reforma no pensamento, no conhecimento, no ensino. Morin (1993, 2003) aduz que “conhecimento não se reduz à informação pois conhecer significa trabalhar com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as”

Os saberes da docência têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. Trata-se da necessidade de reinventar os saberes pedagógicos a partir da prática social da educação. Superação da tradicional fragmentação dos saberes da docência e considerar a prática social possibilitará uma resignificação de saberes na formação de professores. (PIMENTA, 2010, p. 35)

A formação inicial tem grande repercussão sobre a construção de identidade docente. Na relação entre a teoria e a prática, exigem-se resignificações. Resignificar é proporcionar novas significações. A identidade profissional não é simplesmente um costume, um comportamento rotineiro, mas uma construção que remete aos atos de agentes ativos, capazes de justificar suas práticas e de dar coerência às suas escolhas. A formação do docente em enfermagem deve ser consolidada no domínio de conhecimentos científicos e na atuação investigativa no processo de ensino-aprendizagem, a prática docente deve superar o ato de transmitir informações, além da competência técnica e científica é indispensável uma formação com comprometimento político.

A construção da identidade docente dá-se a partir dos significados sociais da profissão e da reafirmação das práticas e desenvolvem-se com a adaptação ao contexto sociopolítico e histórico em que o professor está inserido (DUBAR , 2005)

Eu não trabalhei apenas na ambiência da vigilância mas com a assistência em geral pois os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de formação me propiciaram e oportunizaram inúmeras experiências multidisciplinares. Isso me ajudou a ser professora. Aprendi muito com a interação da teoria e a prática. Fiz várias especializações, dentre elas, Saúde Pública, Epidemiologia Geral que cursei em Belo Horizonte e em Epidemiologia Espacial que realizei em Fortaleza, conhecimentos que me propiciaram saberes, competências e habilidades para o ensino. Compreendi a essência do holismo. A minha trajetória de vida constituiu-me docente. Comecei a perceber a importância da pesquisa e o seu eixo com o ensino. (Depoimento oral da enfermeira e professora Costa, 2018)

Depois de minucioso processo decisório decidi que iria me qualificar. Fui para a Escola Paulista com as demais professoras: Maria de Jesus Lima, Maria Bruno de Carvalho e Maria da Trindade Leite. A professora Maria de

Jesus permaneceu comigo na especialização de Pediatria e no início foi muito difícil, ficávamos o dia inteiro assistindo aula, nos turnos manhã e tarde. Cursamos a especialização e o Mestrado e depois de 2 dois anos voltamos para assumir a universidade preparadas para dar a disciplina. O curso de Enfermagem já estava reconhecido e tudo começou a ter um direcionamento mais estruturado. Uma das mais importantes lições que recebi foi trabalhar com o ser holístico. Foi quando descobri o que era ser enfermeira e professora. (Depoimento oral da enfermeira Nogueira, 2018)

Neste processo situacional a profissão de enfermagem necessita articular os aspectos teóricos e práticos assim como as competências com evidências técnicas, científicas e relacionais direcionando para a representação social profissional. A identidade de uma profissão evolui no decorrer da história de vida e torna-se um constructo oriundo das escolhas e seus significados.

Por ter escolhido a profissão de Enfermagem e após a minha formação inicial procurei desenvolver ações de prevenção, diagnóstico e tratamento da doença possibilitando a inserção e difusão de nova terapêutica na área da tuberculose. As minhas ações foram ampliadas como o acompanhamento criterioso dos comunicantes e a visita domiciliária. Quando comecei a trabalhar no pavilhão de tuberculose, onde localiza-se hoje o Hospital Infantil Lucídio Portela, eu reorganizei toda a estrutura, entrevistava inúmeros pacientes e aperfeiçoei muitos atendentes. Participei ativamente da interiorização da tuberculose no Estado. Ministrei inúmeros cursos com o intuito de capacitar profissionais que iriam divulgar estas ações no interior do Piauí. Foi um trabalho árduo em que me dediquei imensamente. Participei de muitos Congressos e como eu era também responsável pela proliferação deste conhecimento precisei estar sempre participando de eventos que ressignificassem os aspectos teóricos e práticos de minha profissã.(Depoimento oral da Enfermeira e professora Vieira, 2018)

Optei por permanecer realizando o curso de especialização pois na época era muito difícil cursá-lo, devido ao aperfeiçoamento curricular. Eu queria me especializar. Galgar tudo o que sonhei na academia. Também queria adentrar no mundo do ensino. Quando terminei o curso de especialização, soube que teria uma seleção para mestrado na Escola Paulista. Fui selecionada e depois os outros módulos correspondiam a pesquisa. Eu estava terminando o curso de especialização e quando cheguei em São Paulo já havia começado e terminado o primeiro módulo mas fui bastante elogiada pois apresentei um trabalho e consegui prender a atenção de uma turma de quase cinquenta alunos. Acredito que tenha sido pelo sotaque diferente, nordestino (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

A identidade profissional do enfermeiro professor é produto de longo processo histórico influenciado por inúmeros contextos sociais. O modelo de ciência que tem como base a decisão do conhecimento em disciplinas, fragmentando o saber e estabelecendo

dicotomias entre a teoria e a praticidade, razão e emoção já não mais atende as necessidades da sociedade, destarte, a formação pedagógica do docente é um meio essencial de superação deste modelo tradicional de ensino.

Embora os saberes docentes estejam organizados e articulados de forma teórica e prática, são subjetivos e então, torna-se pertinente questionar qual a relação do docente de enfermagem com os saberes da sua profissão. Dentro desta dimensão, para alicerçar uma prática pedagógica que atenda um paradigma emergente torna-se essencial inter-relacionar várias correntes pedagógicas inovadoras e que, neste momento histórico, estabelece diretrizes para uma aliança entre a abordagem progressista, a abordagem sistêmica e a abordagem do ensino com a pesquisa.

Acredita-se que a organização histórica do processo metodológico assume duas dimensões. Um paradigma newtoniano-cartesiano que caracterizou um ensino fragmentado e conservador e que tem como foco central a reprodução do conhecimento. E a outra dimensão caracterizada como inovadora tem como eixo central a produção do conhecimento, sendo esta última caracterizada como o paradigma emergente e tem se baseado na visão sistêmica, propondo uma ciência que supere a fragmentação em busca do todo e que contemple as conexões, o contexto e as inter-relações dos sistemas que integram o planeta.( BEHRENS, 2010, p. 32)

Um novo paradigma que é emergente, com base na produção do conhecimento e na percepção totalitária do ser, com visão holística, hodiernamente valorizada e a importância da interdisciplinaridade são observadas no relato das professoras, além do sustentáculo ético extremamente necessário no âmbito da profissão:

Na formação da Equipe Multiprofissional é fundamental a ética e isso foi um grande contributo para o curso de enfermagem na UFPI. Na época o ponto alto foi o enfoque das disciplinas e seu eixo com o âmbito social. Antes, somente se pensava na sala de aula e na ambiência hospitalar. Estruturamos o posto da cidade satélite, oportunamente salvamos muitas vidas com os direcionamentos assistenciais, observávamos o paciente de uma forma globalizada. O holismo. Tínhamos que ver o paciente de forma total e não por partes. Não apenas a criança, mas a mãe, a família, a comunidade, os aspectos alimentares, higiênicos e de saneamento. A ausência de higiene levava a problemas sérios. Trabalhávamos a consulta de enfermagem e com anamnese diferenciada. Nos estágios de neonatologia enfatizávamos a humanização desta assistência, orientando a essência e positividade do aleitamento conjunto. (Depoimento oral da enfermeira Nogueira, 2018)

As novas Diretrizes Curriculares transformaram muito as bases curriculares. Ministrei aulas na disciplina Saúde do Adulto e Idoso. A docência me fez crescer muito profissionalmente, sempre gostei de me aperfeiçoar. Refletir sobre as atividades do professorado. Não temos que reproduzir, mas produzir

conhecimento, assim como refletir de forma coletiva. Tudo o que eu consegui foi através da enfermagem, sou oriunda de uma família de baixa renda e tudo o que conquistei advém da minha profissão. (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

No cenário educacional atual um conceito amplamente utilizado por formadores de professores, assim como as novas tendências de formação docente é a reflexão. A formação baseada na reflexão da prática constitui-se orientação prioritária para a formação do enfermeiro docente. Pimenta (1999) aduz que “a identidade profissional é construída pelo significado que cada professor confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes e anseios, do sentido que tem em sua vida: ser professor”.

Os saberes teóricos articulam-se com os saberes da prática, ao mesmo tempo, ressignificando-os e sendo por eles ressignificados. A reflexão é necessariamente um processo coletivo. O trabalho docente não é caracterizado por uma atividade meramente técnica mas como uma atividade historicamente situada e a formação deverá possibilitar o acesso tanto ao conhecimento profissional como criar espaços para que o mesmo possa executar o pensamento crítico e tomar decisões com autonomia pois os processos formativos necessitam contemplar a cultura profissional. (PIMENTA, 2010, p. 34)

As narrativas pontuaram que as reflexões sobre as experiências discentes ajudaram a discernir e compreender como as ações pedagógicas e a identidade docente foram se constituindo. Os docentes trazem consigo os saberes da experiência sobre o que é o ser professor, fundamentados em sua experiência como discentes através da reconstituição dos processos vividos em sua trajetória de vida.

As origens, os pressupostos, os fundamentos e as características dos conceitos de professor reflexivo e professor pesquisador no movimento de valorização da formação foram essenciais. O primeiro modelo da prática profissional caracterizou-se pela racionalidade técnica. (SCHON, 1990). Esta primeira reflexão é uma proposta para a epistemologia da práxis que é um conhecimento resultado de uma ação carregada de teoria que a fundamenta. Valorizando a experiência e a reflexão na experiência.

As novas tendências investigativas sobre a formação de professores valorizam o professor reflexivo opondo-se à racionalidade técnica. Nóvoa (1992) aponta para o triplo movimento de reflexão sugerido por Schon : reflexão na ação, sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação propondo a formação em uma perspectiva que denomina crítico-reflexiva.

O professor reflexivo tem como sustentáculo de sua prática um pensamento consciente capaz de reconstruir sua ação docente de forma ativa, autônoma e crítica. Um professor reflexivo não se limita apenas ao que aprendeu em sua formação inicial mas reexamina as suas práticas e os seus saberes. A reconstrução da identidade do professor ocorre ao longo da vida e de acordo com a experiência individual. Porém, a construção real do ser professor na profissão de enfermagem não se limita apenas a vivências individualizadas e sim, coletivas, sendo necessária a reflexão coletiva.

Zeichner (1993) aduz que o enfoque de Schon(1990) foi reducionista e limitante por ignorar o contexto institucional e pressupor a prática reflexiva de forma individual. A reflexão é necessariamente um processo coletivo. O profissional reflexivo percebe que faz parte da situação e busca desenvolver soluções por meio de tentativas para superar seus limites frente às situações de instabilidade.

Como caracteriza Tardif (2002) os saberes podem ser da formação profissional, transmitidos pelas instituições de formação de professores; disciplinares, que correspondem às diversas áreas do conhecimento; curriculares; e os experienciais, baseados no trabalho cotidiano e emergem das experiências.

Os saberes são temporais, adquiridos através do tempo, são plurais e heterogêneos, personalizados e situados, pois cada professor é diferente e suas ações carregam marcas dos contextos nos quais estão inseridos; carregam marcas do ser humano visto que o objeto do trabalho docente é o ser humano. A prática profissional não é vista como um simples campo de aplicação de teorias elaboradas fora dela, torna-se um espaço original e relativamente autônomo de aprendizagem e de formação, assim como um espaço de produção de saberes e de práticas inovadoras (TARDIF , 2002, p. 27)

A prática reflexiva é profícua na formação do enfermeiro docente e os saberes teóricos articulam-se com os saberes da prática ao mesmo tempo re-significando-os pois os professores necessitam compreender os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais.

Em Parnaíba, fui coordenadora do PACS<sup>50</sup> durante muito tempo, eu já tinha muitos anos de formada, fiz um bom trabalho com os agentes de saúde. Eu tinha que abordar os assuntos da teoria mas também aplicar a prática.

---

<sup>50</sup> O Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) foi criado em 1990, o Agente de Saúde caracteriza-se como um mediador social, sendo a voz da comunidade dentro dos serviços de saúde, portanto, houve a necessidade de aperfeiçoá-los para esta liderança e o Programa de Saúde da Família foi concebido em 1994 pelo Ministério da Saúde.

Refletia muito sobre como ensinar para que os meus agentes aprendessem. Depois disso fiz pós-graduação em Saúde Pública pela UNAERP e também pela FioCruz, aprendi tudo sobre sala de vacina, tuberculose, hanseníase. Sou chamada a mãe do PACS. Eu fiscalizava a zona urbana e rural. Todos os meus agentes me adoravam. Eu também fui secretária de saúde da Ilha Grande do Piauí. Trabalhei 10 anos em Araíozes como enfermeira da Estratégia da Saúde da Família. Eu fazia um pré-natal que era muito elogiado em Cocal, pedia exames, realizava consultas com as gestantes. Também fundei o PACS, em Buriti dos Lopes e depois fui convidada pela secretária de Saúde de Luís Correia, Maria do Socorro Candeiras para assumir o PROFAE<sup>51</sup> da zona rural toda e trabalhei cinco anos e cinco meses, eu tinha um número imenso de agentes comunitário. (Depoimento oral da Enfermeira Marques, 2018)

Nas dimensões da identidade, o emprego, determina a construção das identidades sociais pois o trabalho por sofrer inúmeras mudanças induz a transformações identitárias e a formação por acompanhar todas as modificações do processo de trabalho, intervém nos processos identitários. (DUBAR, 2005). A experiência do trabalho é fonte de conhecimentos e de aprendizagem levando a considerar a construção dos saberes profissionais no próprio decorrer da carreira profissional. A identidade do professor deverá ser construída no campo teórico do conhecimento, porém, com reconhecimento na prática social.

A concepção do professor como intelectual crítico e cuja reflexão é coletiva no sentido de incorporar a análise de contextos de formação faz-se pela transição de técnicas reprodutoras e reflexivas individuais para intelectuais, críticas e transformadoras.

Morávamos juntas, eu, e as outras professoras que estavam se especializando, cada uma de nós com especialidades diferentes e refletíamos muito sobre as nossas escolhas profissionais. A reflexão sempre estava presente em nossos questionamentos. Conversávamos muito. Não queríamos apenas realizar os procedimentos, precisávamos de uma integração de conhecimentos. Sabíamos que não deveríamos apenas ficar na forma de aprender e ensinar tradicional, que precisávamos ser mais críticas e refletir. Refletíamos coletivamente (Depoimento oral da Enfermeira Franco, 2018)

As possibilidades de superação do individualismo da reflexão, da ausência de critérios que potencialize uma reflexão crítica, a excessiva ênfase nas práticas, são críticas e acontecem na vida do professor. Importante enfatizar e refletir sobre as perspectivas seguintes e como relatam PIMENTA; GHEDIN (2010): Da perspectiva do professor reflexivo ao

---

<sup>51</sup> A enfermeira e professora Marques teve a oportunidade de atuação em várias áreas que culminaram tanto em sua experiência técnico-científica como na área educacional. Trabalhou também no Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) que objetivava obter significativa melhoria no campo destas funções. O PROFAE foi criado em 2000.

intelectual, crítico e reflexivo; Da epistemologia da prática à práxis, impregnada de ação; Da formação inicial e dos programas de formação contínua ao desenvolvimento profissional.

Zeichner (1993) afirma que o objetivo dos programas de formação docente enfatiza três aspectos fundamentais: aquisição por parte do docente de conteúdo cultural de orientação política, desenvolvimento de capacidades de reflexão crítica sobre a prática e desenvolvimento das atitudes que requeiram o compromisso político do docente como intelectual transformador.

A prática reflexiva deve ser centrada no exercício profissional dos professores e nas condições sociais, o reconhecimento dos professores de que seus atos são fundamentalmente políticos e que podem se direcionar a objetivos burocráticos emancipatórios é essencial. A prática reflexiva enquanto prática social só poderá ser realizada em coletivos pois as escolas precisam ser transformadas em comunidades de aprendizagem. (ZEICHNER, 1993, p. 22)

A evolução da profissão de enfermagem, além da busca pela produção e crescimento científico e profissional, encontra-se engajada na luta pelo reconhecimento social. A formação docente é um processo contínuo no qual o interesse do professor na formação continuada revela o repensar e a reflexão em sua prática pedagógica.

A identidade é multidimensional, instável, dinâmica, contraditória, fragmentada e inacabada. Para que haja um fortalecimento da mesma, o enfermeiro docente deve sempre buscar atualização e aperfeiçoamento profissional contínuo devido à constante transformação que se apresenta a identidade profissional. (SILVA, 2003)

A identidade profissional do enfermeiro professor é um processo histórico, complexo, coletivo que se constitui de elementos da trajetória biográfica dos atores sociais, assim como das relações e experiências profissionais oriundas no processo de formação.

A constituição da identidade profissional do enfermeiro docente está em constante reconstrução, é contextualizada nos âmbitos político, social e cultural e decorrem das influências geradas por sua história de vida, formação e experiências profissionais assim como pelas interações com os outros docentes no exercício da profissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo a interpretação de histórias de vida, formação profissional e identidade de enfermeiras professoras visando a preservação da história e memória do ensino de enfermagem no Piauí. No contexto atual, a formação docente e a constituição da identidade profissional da enfermeira docente encontram-se em permanente construção pois está influenciada político, social e culturalmente e decorre de influências geradas por suas histórias de vida, formação universitária e experiências profissionais.

Torna-se tão fundamental quão importante a contribuição das precursoras desta história, assim como as condições, diretrizes, desenvoltura e evolução deste ensino. A cultura material escolar faz-se através do conhecimento das instituições educacionais a partir de dentro de suas formas de organização e das ações realizadas pelos envolvidos. A identidade profissional da enfermagem docente é um processo histórico, complexo, multidimensional, coletivo constituindo-se de elementos da trajetória biográfica assim como das relações sociais e profissionais originadas no processo de formação.

A interpretação da história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições e a contribuição profissional de enfermeiras professoras para a Enfermagem Brasileira, a análise da implantação da enfermagem moderna e a evolução do seu ensino no Piauí, a contribuição das enfermeiras professoras precursoras do ensino superior público de enfermagem assim como a constituição da identidade profissional destas são construtos indispensáveis para a história e memória da profissão e do ensino de enfermagem.

As interlocutoras que fizeram parte da pesquisa foram quinze enfermeiras; seis enfermeiras que cursaram enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery e nove enfermeiras professoras que foram precursoras e atuaram inicialmente no ensino superior no âmbito público. O marco temporal da pesquisa, que teve por base a interpretação de histórias de vida, iniciou-se em 1949 com a aprovação de piauienses para cursar a Escola de Enfermagem Anna Nery e finalizou em 1980 com a formatura de enfermeiras pela Universidade Federal do Piauí que contribuiram para a evolução do ensino superior de enfermagem no Estado. Pela importância dos recuos e avanços no tempo, para a compreensão da inserção da história do ensino superior de enfermagem no Brasil, retomamos ao ano de 1923 com o estabelecimento do Decreto nº16. 300 de 31 de dezembro que criou oficialmente

a Escola Ana Néri -então Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública- já inaugurada em 19 de fevereiro do mesmo ano, com 15 alunas internas.

A Escola Anna Nery (EEAN) foi um marco fundamental na Enfermagem Brasileira pois a profissão passou a ter um reconhecimento importante caracterizando o valor e a essência da Enfermagem profissional ou Enfermagem moderna sendo organizada por parâmetros próprios produzindo e sistematizando os conhecimentos necessários para as suas atividades práticas e estabelecendo as normas que regulam o seu exercício profissional. No ano de 2013, a Escola de Enfermagem completou 90 anos de existência, constituiu-se como um monumento da Enfermagem Brasileira, por onde passaram ilustres mulheres, muitas piauienses, que se dedicaram à Enfermagem e os seus propósitos de luta voltaram-se ao desenvolvimento da saúde no país.

Neste nonagésimo aniversário, a EEAN, guarda uma inesgotável memória documental preservada em seu pavilhão de aulas em grande acervo que permite a realização de pesquisas sobre a História da Enfermagem Brasileira. A EEAN merece reconhecimento pela participação na construção de uma identidade de Educação Superior de Enfermagem, no âmbito da graduação e de pós-graduação.

A modernidade com o evoluir da urbanização e da industrialização promoveu o enfraquecimento do modelo de família patriarcal, a emancipação da mulher adquiriu um significado amplo e a classe não exigia apenas respeito, mas direito à educação e a desenvoltura em várias ambiências. Na extensão da esfera da vida privada para a pública, houve a caracterização do processo de profissionalização feminina e a configuração de sua presença no mundo do trabalho. Foi possível constatar o papel político, social e pedagógico da influência da EEAN no desenvolvimento do Ensino da Enfermagem Piauiense formando as pioneiras que herdaram ritos, assim como obter evidências de que as histórias de vida, formação universitária, experiências profissionais vivenciadas na Escola e as interações com os demais corroboraram para a construção do processo de constituição da identidade profissional.

A retrospectiva e a interpretação histórica da profissão de enfermagem no Brasil fizeram-se necessárias no decorrer da pesquisa pois a inserção, estruturação e desenvolvimento do ensino superior enfatizaram os aspectos históricos e sociais relatando a importância da trajetória da profissão e da implantação do seu ensino no Brasil. A inserção do ensino superior da enfermagem moderna no Estado do Piauí ocorreu tardiamente e a análise histórica da evolução do ensino superior de enfermagem no âmbito público no Estado tornou

possível a descrição da contribuição das enfermeiras professoras precursoras no processo de ensino da profissão enfatizando a importância de suas lutas pelos seus ideais pessoais e profissionais e das conquistas para a consecução de um espaço de maior significância para a profissão no Estado.

A interpretação das histórias de vida e formação profissional das enfermeiras professoras evidenciaram quão importantes foram a inserção e a evolução deste ensino superior fortalecendo a imagem destas profissionais permitindo o empoderamento e a constituição da genesis da profissão.

A história de vida trabalha com o relato de vida, ou seja, a história por quem a vivenciou. No relato de vida, o que interessa ao pesquisador é o ponto de vista do sujeito e o objetivo deste tipo de estudo é justamente apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator. Por meio de relato de histórias de vida individuais, podemos caracterizar a prática social de um grupo.

Neste âmbito, compreende-se que a memória é essencial para os indivíduos e que está extremamente relacionada ao seu acervo pessoal e coletivo, que juntos irão constituir a cultura de um povo. Como analisa Halbwachs (1990) “configura-se como uma representação seletiva do passado de um indivíduo inserido em um contexto de vida social em constante relação com os outros, assim, toda memória é coletiva”.

A memória individual está eixada à memória coletiva e qualquer que seja a forma assumida pela fonte oral baseia-se na memória e a memória é sempre uma reconstrução evocando o passado. A memória não é neutra e está sustentada por significados construídos a partir das experiências vivenciadas. Para que se possa recordar de um evento passado, não basta que ele seja evocado por outros para que possamos lembrá-lo. “É preciso que o indivíduo traga consigo uma espécie de semente de rememoração para que todos estes testemunhos exteriores se transformem em uma massa consistente de lembranças”.

A emoção, as lembranças, a percepção do conteúdo, a interpretação, solidificam as histórias e tais memórias passam a construir os aspectos vivenciados, e esta análise posterior pode implicar na redescoberta de detalhes esquecidos, não visualizados e que devem participar do presente, através do passado rememorado. A pesquisa historiográfica, segundo Reis (2010) possibilita ao historiador “vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo”

A interação entre as dimensões pessoal e profissional permite aos professores apropriarem-se de seus processos de formação dando-lhes um sentido em suas histórias de

vida. A reflexão acerca da formação do enfermeiro docente e constituição de sua identidade profissional é essencial pois envolve conhecimentos técnicos e científicos além do desenvolvimento de habilidades e competências implicando em contínuo aperfeiçoamento. Como reflete Pimenta (2010) “O ser humano é dotado de reflexividade e é fundado neste movimento contínuo e permanente do pensar fazendo-se e ao fazer-se pensante fundamentar-se historicamente no tempo”. Esta historicidade possibilita e condiciona a emergência do vir a ser. E é “através do processo de reflexão que encontramos a nossa identidade, singularidade, indivisibilidade, Por ele nos damos conta de nossa corporeidade, sociabilidade, historicidade”.

A visão da enfermagem docente como trabalho desperta na categoria a consciência política da enfermagem como produto do processo histórico, com concepções de mundo e contradições que passam a ser reveladoras quanto a um grande contingente de enfermeiros professores atuantes sem uma clara consciência teórica de suas ações, com a fundamental e necessária inserção da concepção crítica, oportunizando a construção de uma nova consciência intelectual e moral da enfermagem.

A desenvoltura desta pesquisa oportunizou grande crescimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional haja vista a pesquisa histórica ter sido realizada no Estado do Piauí com a contribuição de profissionais enfermeiras e professoras na área do ensino de enfermagem que descreveram a sua história de vida e formação, participaram de eventos históricos, enriquecendo os fatos com conteúdos mnemômicos essenciais. O empenho despendido na construção deste trabalho foi de grande significância pois propiciou o esclarecimento de questionamentos relacionados às causas e consequências do início tardio da implementação deste ensino superior e de como se processou a evolução deste no Estado.

O educador planta sementes para uma nova geração com sua contínua aspiração em aprimorar àqueles que buscam lapidar a alma, a mente, o ser. Uma união exímia com o crescer, vivenciando-o e enfatizando a sua essência vital em nossas vidas.

A profissão de Enfermagem proporciona, face à necessária e criteriosa observação no sistema de relações resultantes dos aspectos multidisciplinares, um eixo integrador entre as atividades que podem ser criadoras, diferentes, únicas, participativas e efetivas. Esta tese, resultado final deste processo, apresenta subsídios para melhor compreensão da história e memória da evolução do ensino superior de Enfermagem no Estado do Piauí.

## ENTREVISTAS

**Maria Savina de Souza Marques:** Entrevista realizada em novembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria Vieira de Moraes:** Entrevista realizada em dezembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria da Conceição Rodrigues dos Santos:** Entrevista realizada em junho de 2019 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Lígia Sepúlveda de Almendra:** Entrevista realizada em novembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria do Amparo Pereira Emérito por Maria de Fátima Emérito:** Entrevista realizada em abril de 2019 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria Helena Barros Araújo Luz:** Entrevista realizada em dezembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria Amélia Ferreira Costa:** Entrevista realizada em novembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Célia Costa Ferreira:** Entrevista realizada em julho de 2019 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria Trindade Ferreira Leite:** Entrevista realizada em agosto de 2019 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria José Rodrigues de Moraes:** Entrevista realizada em agosto de 2019 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria do Rozário de Fátima Sampaio:** Entrevista realizada em novembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Filomena Etelvina Nogueira:** Entrevista realizada em agosto de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria Aparecida Area Leão:** Entrevista realizada em agosto de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria de Fátima Franco:** Entrevista realizada em agosto de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

**Maria do Amparo Barbosa:** Entrevista realizada em setembro de 2018 pela pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. Teresina, Piauí

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS (APL). **Memória Acadêmica – Maria Eugênia Celso**. Disponível em: . Acesso em 30 de dezembro de 2015.

AGUINAGUA, H. **Hospital São Francisco de Assis – História. Companhia Brasileira de Artes Gráficas**. Rio de Janeiro, RJ. 1977. Acervo de obras raras CDOC/EEAN/UFRJ.

ALMEIDA, R. C. **Papel do vestuário na construção da identidade profissional da enfermeira de Saúde Pública da capital da República: décadas de 1930 e 1940**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 39p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). [Relatório parcial]. Faculdade de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: RJ, 2016.

ANDRADE, R. **A roupa como documento histórico**. Moda Brasil. 2001. Disponível em: . Acesso em 12 de novembro de 2015.

APERIBENSE, P. G. G. S. **A Escola Anna Nery e a formação de enfermeiras, assistentes sociais e nutricionistas na Universidade do Brasil nos anos 30/40 do século XX**. [tese]. Rio de Janeiro : UFRJ, 2009. 188f.

APERIBENSE, P. G. G. S; ALMEIDA, R. L. M; GONÇALVES, M. A. F; SANTOS, T. C. S; PERES, M. A. A. **Vestuário de alunas de uma Escola de Enfermagem Brasileira: Relações com a identidade profissional ( 1947-1965)**

APERIBENSE, P. G. G. S. **Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro**.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

AULETE, Francisco Julio de Caldas. Aulete Digital. Disponível em: Acesso em 15 de julho de 2019.

BAPTISTA, S.S, ALMEIDA FILHO, A.J., BARBOSA, T.S.C., XAVIER, M.L. **Nexos entre o contexto histórico e a expansão do número de cursos superiores de Enfermagem nas regiões sudeste e sul do Brasil**. Referência, v.1, 73-80, 2010.

BARREIRA, I.A; SANTOS, T. C. F. **A Escola de Enfermagem Anna Nery como centro difusor de tradições nativas. 1999**.

BARREIRA, I.A; MACHADO, C.A; MARTINS, A. L. T **Primeiras dissertações do curso de mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery, 2011**.

BARROS, J.A. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAPTISTA, S. S. **Avesso da Convivência: O estudante de Enfermagem no Ciclo Básico.** Tese (Livre Docência) UERJ. 1995

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. **Repercussões da Reforma Universitária de 1968 nas Escolas de Enfermagem Brasileiras.** Acta Paul.Enf. v12, n3, p.46-50, 1999.

BARREIRA, I. A. **A enfermeira- Ananéri no País do Futuro: a aventura da luta contra a tuberculose.** 335p. Tese de doutorado/UFRJ/EEAN. Rio de Janeiro. 1992.

BARREIRA, I. A. et al. **Primeira república: a implantação da Enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930).** In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: História de uma profissão.** São Caetano do Sul-SP: Difusão editora, 2011.

BARREIRA, I. A. **Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 1, p.161-176, jul.1997.

BARTHES, R. **Imagem e Moda.** Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, R. **O terceiro sentido.** In.: O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. **O prazer do texto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. **Sistema da Moda.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: Magia , técnica, arte e política.** São Paulo : Brasiliense , 1985.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.** Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

BRAUDEL, F. **Reflexões sobre a História.** São Paulo: Martins Fontes; 2002.

BRASIL. Decreto no 2359, de 25 de fevereiro de 1993. **Autoriza o funcionamento da Universidade Estadual do Piauí.** Diário oficial da União, Brasília, 26 fev 1993. Seção 1, p.2359. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_01/decretos/d2359.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_01/decretos/d2359.htm) Acesso em: 05 jul 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez 1996; Seção 1, p.27833-41. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em 18 ago 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996: estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, 1996, secção 1: 27.

BRASIL. MEC. Comissão de Especialistas do Ensino de Graduação em Enfermagem. **Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Enfermagem**. 1999: <HTTP://WWW.mec.gov.br/sesu/diretriz.htm>.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ :Vozes, 2010.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**. 3ª Ed. São PAULO: Companhia das Letras, 1994

BURKE, P. **A Escola dos Annales: a revolução francesa da história, 1929 – 1989**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Formação do corpo docente e valores na sociedade brasileira: a feminização da profissão. In: \_\_\_\_\_; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CARDOSO, C. F. **História e Conhecimento: uma abordagem epistemológica**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARVALHO, V. de. **Discurso de professor emérito: profissão de fé algumas confissões e agradecimentos**. Discurso proferido na Sessão Solene de Emerência da Professora Vilma de Carvalho, no Fórum de Ciência e Cultura – UFRL, Salão Pedro Calmom, em 20 de maio de 2003. CDOC/EEAN/UFRRJ. Localização: módulo G, Caixa 1, Origem: Diretora Vilma de Carvalho.

CARVALHO, V. Sobre a identidade profissional na enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.66, p.24-32, 2013.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CASTELO BRANCO, P. **Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na primeira República**. Teresina: PMT : Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CASTRO, H. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CATANI, D.B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CATROGA, F. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 2. Ed. Petrópolis: vozes, 2008.

COELHO, C.P. **A Escola Anna Nery: sua história, nossas memórias.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1997.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2012

CORAZZA, S.M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013

DAHER, D. V. **Por detrás da chama da Lâmpada: a identidade social do enfermeiro.** Niterói: EDUFF, 2000.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Título original: La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. **Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos.** Educ. Soc., Campinas, v.19, n. 62, p.13-30, 1998. Disponível em: 200

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ELIAS, N. **Os Estabelecidos e os outsiders.** 5 Ed. São Paulo: Cortez, 1988.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Partitura do Hino da Enfermeira. Localização: Módulo: s/identificação; Caixa 01, ano: s/d; origem: EEAN/UFRJ; Conteúdo: hino da enfermeira, a despedida do soldado, marcha para o Oeste, hino aviação. Descrição: partitura musical do Hino da Enfermeira. s/d.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. Regras para o uniforme das enfermeiras. Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ. Documento nº 176. Caixa: 33. Ano: 1931.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Manual da aluna- Ano 1950/1967** (Manual com 16 páginas para orientação dos direitos, deveres e condutas da aluna ingressante na EEAN, 1963)

FÉLIX, L.O. **História e Memória: A problemática da pesquisa.** Passo Fundo: Ediufp, 1998

FERNANDES, L.D; REBOUÇAS, L.C. Uma década de diretrizes curriculares nacionais para graduação em enfermagem: avanços e desafios. **Rev Bras Enferm.** Brasília, v. 66 n. esp, 95-101, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea13.pdf> Acesso em 15 jul 2018.

FERREIRA, S. **Buscando caminhos: uma metodologia para o ensino-aprendizagem de conceitos.** Brasília: Liber, 2009.

FERRO, M. A. B. **Educação e sociedade no Piauí Republicano.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRAGO, A. V. **Cultura Escolar : quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Rio de Janeiro: Revinter, 2001

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

FREITAS, M. T. A. **Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa, n. 116, p.21-39, julho/ 2002.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos.** 2ª Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

GEOVANINI, T. **História da Enfermagem: versões e interpretações.** 2ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

GIROUX, H.A **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES,T.O; ALMEIDA FILHO, A.J; BAPTISTA, S.S. **Enfermeiras religiosas na luta por espaço no campo da Enfermagem.** Revista Brasileira de Enfermagem, 2005;58(3):361-6ª

GOMES, V., MACHADO-TAYLOR, M.L., SARAIVA, E.V. **O ensino superior no Brasil: breve histórico e caracterização.** Ci & Tróp., v.42 n.1, 106-129, 2018. Disponível em <https://periodicos.fundaj.gov.br/article/download/1647/1373> Acesso em: 20 set 2018.

GUERRA,I.C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso.** 1ª Ed. Prortugal: Príncipe Editora, 2014.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vertice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p 103-133.

HUNT, L. **A Nova História Cultural**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS  
**ANÍSIO TEIXEIRA**. Relatório de Desempenho de Curso. Enfermagem – 2016. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <http://enadeies.inep.gov.br/enadeIes/enadeResultado/> Acesso em: 12 06 2018.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. São Paulo: Unifesp, 2001.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5 ed. Campinas (SP): Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, J.C. **As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação**. Disponível em <[www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/pdf)>

LIBERALI, F. C. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2010.

LOPES, E.M.S.T. **Território Plural: A pesquisa em História da Educação** 1ª Ed. São Paulo: ática, 2010.

LONZA, F. **História do uniforme na escola no Brasil**. Ministério da Cultura: Brasília, 2005.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Trad. Ana Luiza Dantas Borges Rio de Janeiro: Rocco, 1987

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MACIEL, R. M.; BARREIRA, I. A.; BAPTISTA, S. S. **O ensino dos fundamentos de enfermagem na Escola Anna Nery em meados do século XX**. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2009 jul/set; 17(3):344-9. Disponível em: Acesso em 13 de junho de 2019.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã:1998.

MEIHY, J.C.S.B., RIBEIRO, S.L.S. **Manual Prático de História Oral**. São Paulo: Ed. Contexto; 2011

MIGNOT, A.C.V.CUNHA, M. T.S. (Orgs) **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº196/96. Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos.

MORIN, E. **Educar na área planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.

NACIF, M. C. V. **O vestuário como princípio de leitura do mundo**. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. Disponível em: acesso em 14 de abril de 2019.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre Enfermagem: o que é e o eu não é**. São Paulo: Cortez, 1989.

NOGUEIRA, C. M. **A Feminização no mundo do trabalho : entre a emancipação e a precarização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA, L.T. **A Trajetória da Enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977**. Rio de Janeiro: EELAN/UFRJ, 1996. 217p. Tese de Doutorado em Enfermagem.

NORA, P. **Entre memória e história**, a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: (10), dez.1993.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissionais docentes**. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995 a.

\_\_\_\_\_. **Os professores e as suas histórias de vida**. In: \_\_\_\_\_. (Orgs) **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995 b. NÓVOA, A. (Coord)

NUNES, B.M.T. **Repensando a prática e construindo caminhos: uma análise crítica do ensino e aprendizagem no Curso de Enfermagem da UFPI**. Teresina: EDUFPI, 1988

\_\_\_\_\_. **Os primórdios do ensino da Enfermagem moderna no Piauí: Lutas e conquistas na Universidade 1973-1977**. Teresina: EDUFPI, 2004.

NUNES, C; CARVALHO, M. M. C. de. **Historiografia da educação e fontes**. **Cadernos ANPEd**, n. 5, p.7-64, set. 1993.

\_\_\_\_\_. **Memória e história da educação: entre práticas e representações**. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 131-145.

NUNES, Benevina M.V.T; SANTOS, Ana Maria R; MOURA, Eliete B; SILVA, Maria Enóia D.C; MONTEIRO, Claudete. F. S; CARVALHO, M.L. **Memória coletiva da Aben- Secção Piauí**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2007-jul-agos;60(4); 464-9

NUNES, Odilon. **Depoimentos históricos**. Teresina: COMEPI, 1981.

\_\_\_\_\_. **O Piauí: seu povoamento e seu desenvolvimento**. [S.l.: s.n], 1972.

\_\_\_\_\_. **Pesquisas para a história do Piauí**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 2.

OGUISSO, T. **Trajetória histórica e legal da Enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.

\_\_\_\_\_**História da Enfermagem: Instituições e práticas e Ensino e Assistência.** Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.

OLIVEIRA, A. J. B. (org.). **Universidade e lugares de memória.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

OLIVEIRA, B. G. R. B. **A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006; 15(1): 60-7.

OLIVEIRA, P. W. S. **Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho.** Revista LABOR, nº6, v.1, 2011, p.344-62.

PADILHA, M. I. C. S.; SOBRAL, V. R. S.; LEITE, L. M. R.; PERES, M. A. A.; ARAÚJO, A. C. **Enfermeira – a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século.** Rev. latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v.5, n. 4, p. 25-33, outubro 1997.

PERES, M. A. A. **Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 90 anos de sua criação.** Esc Anna Nery (impr.) jan –mar 16 (1): 7-9, 2013.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. **Significado dos uniformes nos primórdios da Enfermagem Moderna.** Esc. Anna Nery Rev. Enferm; 7(1):25-38, abr. 2003.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. **Trajatória do ensino da enfermagem psiquiátrica na EAN (1923-1978).** 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem. [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 25 Ago de 2016]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: Acesso em 18 de agosto de 2014.

PERES, M. A. A.; PADILHA, M. I. C. S. **Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931).** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 112- 121, Mar. 2014 . Disponível em: Acesso em 2 de abril de 2014.

PESAVENTO, S. J. **Correntes, campos temáticos e fontes na Nova História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem.** 5 ed.Rio de Janeiro, 1979.

PIMENTA, S.; GHEDIN,E. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: V 2 ,n .10: 1989.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p.200-212; 1992.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. **Rito e os emblemas na formatura das enfermeiras brasileiras no Distrito Federal (1924-1925).** Esc Anna Nery Rev Enferm, abr-jun; 13 (2): 249- 55; 2009.

PORTO, I.S. **Identidades de enfermeiros** em produções científicas no Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.8, p. 92-100, 2004.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

RAMOS, F. F. **Memorial do Hospital Getulio Vargas**: Contexto histórico- político, socio-econômico e cultural. Teresina: Gráfica do povo, 2003.

REIS, J. C. Os Annales: A renovação teórico-metodológica e utópica da história pela reconstrução do tempo histórico. In: SANFELICE, José Luís. **História e história da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010  
\_\_\_\_\_. **O Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, A.A.de A. A escolha profissional no imaginário social: enfermeiros brasileiros e peruanos. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.10, n 2, agosto.2006.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. L. P. **Comprender e transformar o ensino**.4 ed. Artmed, 2000.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. **O poder simbólico da enfermagem norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil**. Rio de Janeiro(RJ): EEAN/UFRJ; 2002

SANTOS, A. M. R. dos; NUNES, B. M. V. T; NOGUEIRA, L. T; MOURA, M. E. B; VASCONCELOS, M.R. **Atuação da irmã de caridade Abrahide Alvarenga no Piauí: uma história a ser contada**. Texto e contexto 2005: 14(4): 551-6.

SAVIANI, D; LOMBARDI, J..SANFELICE, J.L ( Org). **História e História da Educação**. 2 ed. Campinas, SP: Autores associados: HISTEDBR, 2000.

SAUTHIER, J. BARREIRA, I.A **As enfermeiras norte-americanas e o ensino de enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931**. Rio de Janeiro: EEAN/UFRJ;1999

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, B.N, BARREIRA, I. A. **O modelo de enfermagem do HSFA e o futuro desenvolvimento da enfermagem hospitalar na capital federal**. Relatório de bolsista de IC, 2001.

SILVA,A.L, ORLANDO,E, A.DANTAS, M.J. **Mulheres em Trânsito**: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. 1ª Ed. Curitiba,PR:CRV,2015.

SOARES, C. **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

SOUZA, M. C. C. C. de. **A memória e a escola**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

SOUZA, J. F. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: EDUFPE, 2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VASCONCELOS, G. **Memórias no plural**. Fortaleza, CE :lcr, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). Escola de Enfermagem Anna Nery – Regimento. Aprovado pelo Conselho Universitário em 13-07-1972. Rio de Janeiro: UFRJ, 1973.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola Nacional de Música. Órgão Tamburini. Disponível em: Acesso em 20 de julho de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Tipos de Diploma. Dignidade Acadêmica. Disponível em: . Acesso em 27 de agosto de 2019.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p 07-73.

WARDE, M. J. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. 2. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

VIEIRA, M. P.; PEIXOTO, M. do R. da C. e KHOURY, Y. M. A.. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

ZEICHNER, K. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: EDUCA, 1993.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO**  
**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE A – PARTICIPANTES DO ESTUDO**

<b>COLABORADORAS</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
MARIA SAVINA DE SOUZA MARQUES	ESCOLA ANNA NERY
MARIA VIEIRA DE MORAIS	ESCOLA ANNA NERY
MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES SANTOS	ESCOLA ANNA NERY
LÍGIA SEPÚLVEDA DE ALMENDRA	ESCOLA ANNA NERY
MARIA DE FÁTIMA EMÉRITO IN MEMORIAM/MARIA DO AMPARO EMÉRITO	ESCOLA ANNA NERY
MARIA HELENA BARROS ARAÚJO LUZ	ESCOLA ANNA NERY
MARIA AMÉLIA OLIVEIRA COSTA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CELIA COSTA FERREIRA	ESCOLA ANNA NERY
MARIA TRINDADE FERREIRA LEITE	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MARIA JOSÉ RODRIGUES DE MORAES	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MARIA DO ROZÁRIO DE FÁTIMA SAMPAIO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
FILOMENA ETELVINA NOGUEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO GOIÁS
MARIA DE FÁTIMA FRANCO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MARIA APARECIDA ARÊA LEÃO	ESCOLA PAULISTA -USP
MARIA DO AMPARO BARBOSA	ESCOLA DE ENFERMEGAM SÃO FRANCISCO/SÃO LUÍS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO  
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE B**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE  
ENFERMEIRAS PROFESSORAS**

Nome completo:

Data nascimento:

Local:

Procedência:

Estado civil:

Universidade em que se formou:

Ano de formação:

Instituição do primeiro ingresso no processo de trabalho:

Atividade atual:

1. Ao descrever a sua história de vida fale sobre a sua família; a sua infância e adolescência e fatos marcantes que ocorreram na época, como sua iniciação nos estudos; A vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como influência importante?

2. Porque a opção pelo curso de enfermagem e como foi o processo decisório para a inserção no Curso de Enfermagem?

3. Quais foram as repercussões sobre a sua opção em fazer o curso de enfermagem, na sua família, amigos e pessoas de sua convivência?

4. O que era “ser enfermeira” para você tinha antes de realizar a opção, como passou a ser percebida socialmente ao ingressar no curso de enfermagem?

5. Como foi a inserção na docência? Como foi a trajetória do enfermeiro como professor?

6. Os professores de sua formação influenciaram na escolha em ser professor?

7. Quais as experiências do seu processo de formação você considerou significativas para a constituição da sua identidade profissional?
8. Como foram desenvolvidas essas experiências?
9. Que outras lembranças, memórias do seu processo de formação, no que se refere a construção da identidade profissional você gostaria de mencionar?
10. Os professores estão preparados para enfrentar as novas demandas exigidas para este novo perfil profissional, após a inserção das novas Diretrizes Curriculares Nacionais?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO  
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFPI**

**Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga**

**Pró Reitoria de Pesquisa – PROPESQ**

**CEP: 64.049-550 – Teresina – PI**

**Telefone: (86) 3237-2332**

**E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa intitulado: “**HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE PROFESSORAS ENFERMEIRAS**”, desenvolvida por Aneth Cardoso Basílio da Silva e sua orientadora Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro que pretendo desenvolver e dela você poderá desistir, retirando o seu consentimento, a qualquer tempo, independente de justificativa. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e a outra ficará de posse com o participante da pesquisa. Neste sentido apresento os esclarecimentos para que você possa decidir se quer ou não participar desta pesquisa. Procure ler com atenção o que se segue, solicitando melhores esclarecimentos, caso tenha alguma dúvida. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. Este estudo se propõe a contribuir para a ampliação do conhecimento acadêmico na ambiência da história de vida e formação profissional dos docentes de enfermagem, na área da história do ensino de enfermagem e para a reconstituição desse passado educacional, assim

como dar ênfase à memória cidadã haja vista o alcance social do mesmo. As leituras assíduas e reflexivas acerca da história do ensino de enfermagem assim como as reflexões sobre o ensino médio e superior de enfermagem no Piauí também desenvolvidas no curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal perspectivou desvelar a história e a memória do ensino de enfermagem e os significados atribuídos pelos enfermeiros professores à atividade profissional. Entendo que reconstituir a história de vida e formação profissional dos enfermeiros professores contribui para a formação da identidade dos docentes, corroborando para a historicidade do ensino de enfermagem no Estado reorganizando-a em uma linearidade temporal.

2. A justificativa: O interesse na efetivação deste estudo é oriundo das diferentes experiências que venho vivenciando como docente do curso de enfermagem da Universidade Estadual do Piauí, além do desejo de continuar contribuindo com pesquisas sobre a história de vida, de formação profissional e do ensino superior de enfermagem deste Estado.

3. O objetivo geral deste estudo visamos reconstituir e interpretar a história de vida, formação profissional e identidade de enfermeiras professoras pioneiras e quanto aos objetivos específicos buscamos descrever e analisar a história do ensino de enfermagem nas primeiras Instituições, assim como a contribuição profissional de enfermeiras professoras precursoras para a Enfermagem Brasileira, analisar a implantação da enfermagem moderna e a evolução do seu ensino no Piauí, historiar a contribuição das enfermeiras professoras pioneiras no ensino superior público de enfermagem, assim como delinear a construção do perfil identitário profissional.

4. O estudo será feito por meio dos seguintes procedimentos: A participação nessa pesquisa consistirá em responder a entrevista semi-estruturada buscar informações oriundas das reminiscências e memórias desses entrevistados que auxiliem para a procura de respostas relacionadas à problemática, presente nesse projeto de pesquisa com perguntas voltadas ao tema, os quais depois de transcritos, retornarão aos entrevistados para revisão.

5. A sua participação será na seguinte etapa que consiste na promoção das entrevistas semi-estruturadas que serão entregues aos participantes. O tempo de duração da entrevista será de acordo com disponibilidade dos participantes. As entrevistas serão gravadas por aparelho MP4 ou similar e serão mantidas em arquivos de acesso somente à equipe de pesquisa e ao final da pesquisa guardados, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS 466/12 e orientações do CEP.

6. A coleta de dados começará em ABRIL de 2019 com a realização das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa e com a posterior transcrição de suas narrativas

para serem analisadas, e com os dados obtidos após as análises das entrevistas e das fontes documentais finalizando com a redação da tese de doutorado.

7. Essa pesquisa não apresenta riscos físicos aos participantes, os incômodos e possíveis riscos e danos psíquicos são: exaltação emocional, stress e constrangimento por se tratar de uma entrevista gravada. Para contornar esses riscos psíquicos serão tomadas as seguintes precauções: no momento prévio da entrevista verificar com antecedência se o participante possui alguma especificação ou restrição médica a respeito de não poder passar por fortes emoções e stress em situações de diálogos; verificar se o participante no momento das entrevistas esteja em local que assegure a privacidade, confortável e com estrutura para assegurar a segurança das informações prestadas pelo participante. Além disso, os pesquisadores garantiram o direito de desistir da pesquisa em quaisquer momentos e sem nenhum prejuízo, além de garantir também o anonimato do participante e da instituição envolvidas. Serão garantidos o sigilo das informações fornecidas e a suspensão da pesquisa em caso de ocorrer qualquer dano, conforme Resolução CNS 466/2012 e orientações do CEP UESPI, ou mesmo se a identidade do participante for revelada.

8. Você participante terá a garantia de plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem prejuízo algum. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

9. Você participante terá toda a garantia da manutenção do sigilo de sua identidade e de sua privacidade, durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa. Então as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto se houver sua autorização em sentido contrário, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização, resguardando assim seus direitos de privacidade e de sigilo absoluto sobre sua identificação.

10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. O estudo tem como benefícios indiretos a investigação e reconstituição da história de vida, formação profissional e identidade de professoras enfermeiras piauienses, dessa forma poderá fortalecer a história dos professores que constituíram a gênese dos cursos de

enfermagem no Estado. Diante disso além de ampliar a literatura na temática possibilitará fortalecimento da imagem desses profissionais e o empoderamento da profissão.

12. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

13. Você não será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa(nexo causal).

14. Você terá sempre quando for solicitado o acesso ao registro do consentimento que ficará arquivado pelo pesquisador.

15. Você vai assinar duas vias e receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo participante e o pesquisador responsável e a outra via ficará de posse do pesquisador responsável pela pesquisa. Caso aceite participar desta pesquisa, assine o documento intitulado Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Esse documento foi elaborado em duas vias, onde, uma ficará com o participante e a outra sob a responsabilidade do pesquisador responsável. Caso não aceite, por favor, não assine ao final deste documento. Devolva ao pesquisador responsável, tão logo tenha a oportunidade.

18. Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE PARA A PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_ Brasileiro(a), residente à  
rua \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, portador do RG  
nº \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_, concordo em

participar da pesquisa intitulada: “**HISTÓRIA DE VIDA , FORMAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE PROFESSORAS ENFERMEIRAS PIAUIENSES**”, desenvolvida por *Anneth Cardoso Basílio da Silva e sua orientadora Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro*, ficando claros, quais os propósitos da pesquisa, os prazos, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Portanto, concordo voluntariamente em participar da investigação, podendo retirar-me do processo de colaboração a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, o que não implica

em penalidades, perdas ou prejuízos de qualquer benefício que possa ter adquirido durante a pesquisa.

Teresina \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**Assinatura do participante**

**Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a participação neste estudo.**

Teresina \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador responsável

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI.**

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa – PROPESQ.

CEP: 64. 049-550 – Teresina – PI.

Telefone: (86) 3237-2332.

E-mail: [cep.ufpi@ufpi.edu.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.edu.br)

**Endereço d(os,as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição: Fundação Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/ UFPI.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga.

Complemento: Zona leste.

Cidade/CEP: Teresina – PI/ 64049-550.

Telefone: (86) 32155820.

Ponto de referência: Avenida Nossa Senhora de Fátima.

**Contato do Pesquisador Responsável:** Doutoranda Anneth Cardoso Basílio da Silva

Endereço: Rua Wilson Soares 890 Edifício Teresa Leão Apto : 202 Bairro : São Cristóvão

Cidade: Teresina – PI/

Telefone: (86) 995312012

Ponto de referência: Praça Vilmary

E-mail:

[annethbasilio@yahoo.com.br](mailto:annethbasilio@yahoo.com.br)

**Contato do orientador:** Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

Telefone: (86) 999811647

E-mail: [amparoferro@gmail.com](mailto:amparoferro@gmail.com)

**ATENÇÃO:** *O Comitê de Ética da UFPI analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.

CEP: 64.049-550 - Teresina – PI.

Telefone: (86) 3237-2332 Fax: (86) 3237-2332

E-mail: [cep.ufpi@ufpi.edu.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.edu.br)

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas

Nome e Assinatura do Pesquisador Responsável pelo estudo  
(Rubricar as demais páginas)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO**  
**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS**

Pelo presente documento, eu \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, RG n°  
 \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista,  
 gravada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, para a Universidade Federal do Piauí – UFPI e para a  
 Professora Anneth Cardoso Basílio da Silva para usá-la integralmente ou em partes, sem  
 restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o  
 uso de terceiros ouvi-la e usar citações, vinculando o controle à instituição Universidade  
 Federal do Piauí, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e meus descendentes, subscrevo o presente, que terá  
 minha firma reconhecida em cartório.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura

\_\_\_\_\_  
 Número da Identidade

\_\_\_\_\_  
 Pesquisador Responsável



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.MARIANO DA SILVA NETO**  
**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

CLASSE FORMATURA	<i>ENFERMEIRAS PIAUIENSES QUE CURSARAM ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY</i>
1943	Maria Otávia de Andrade Poti
1947	Isabel da Cunha Dantas
1947	Maria do Carmo Dantas
1952	Maria Savina Marques de Souza
1954	Vilma de Carvalho
1961	Maria Vieira de Moraes
1963	Alzira Monteiro Castelo Branco
1963	Dinalva Sepúlveda Almendra
1970	Maria da Conceição Barcelar Mota
1972	Maria da Conceição Rodrigues Santos
1973	Lígia Sepúlveda de Almendra
1973	Maria de Fátima Emérito
1975	Maria Helena Barros de Araújo Luz
	Dados retirados do documento em anexo que destaca todas as graduandas da turma de 1925 a 1970

## ANEXOS

- I. Volume I – Coleção Servir descrevendo o histórico da Escola de Enfermagem Anna Nery tendo como sustentáculo documentos arquivados na EEAN;
- II. Histórico da Associação de Ex-alunas, considerando a fundação, as finalidades, a estrutura, a organização, as comissões, as reuniões sociais, reuniões culturais, os destaques, as finanças, cursos de atualizações e ciclos de palestras, visitas ilustres, enfermeiras falecidas com dados colhidos do Livro de Assembleia da Universidade de Ex-alunas da Escola Anna Nery de 1942 até 1970.
- III. Nome de todas as discentes com o número da classe de formatura e suas respectivas matrículas do ano de 1925 a 1970.
- IV. Partitura do Hino da Enfermeira Anna Nery. Letra de Maria Eugênia Celso e melodia de Eduardo Souto